

Revista The Bard

Poesia, arte e música

Ano 5 - Nº 26 - Edição Julho e Agosto 2024

www.revistathebard.com

MATÉRIA DE CAPA

A Cultura Africana

ISSN 2764-9768

PARTICIPAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.



revista

THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

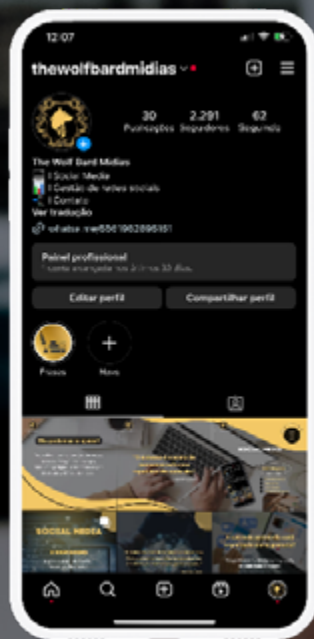


REVISTA THE BARD



Está sem tempo para administrar suas redes sociais?

Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital.

Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagens semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



Deseja anunciar na Revista?

INSTAGRAM



CONTATO



E-MAIL



Revista *The Bard*

Poesia, arte e música



2764-9768



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto literário e artístico gratuito e sem fins lucrativos. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente gratuita, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em trinta Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS





WOLF BARD
POESIAS, FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO



REVISTA



AGÊNCIA



TIKTOK



CANAL YOUTUBE



POETA J.B WOLF



SELO



Edições Ano 2024

ED. JUL/AGO 24



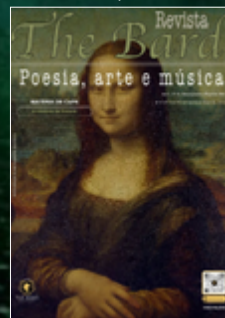
ED. MAI/JUN 24



ED. MAR/ABR 24



ED. JAN/FEV 24



Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23



ED. JUL/AGO 23



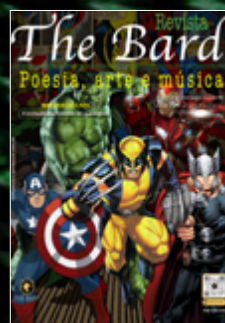
ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



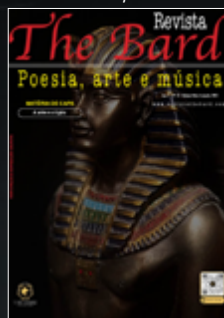
ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



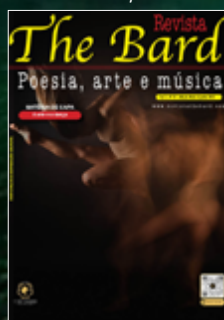
ED. SET/OUT 21



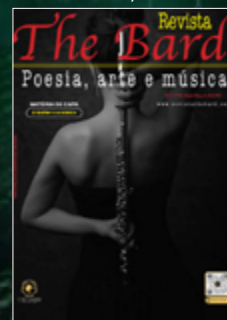
ED. JUL/AGO 21



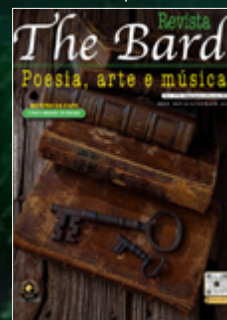
ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21

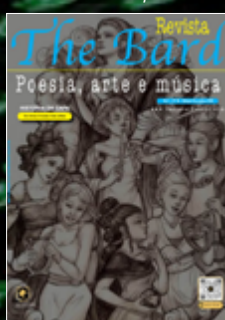


ED. JAN/FEV 21



Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Caros leitores, é com imenso prazer que damos as boas-vindas à 26ª edição da Revista Interativa The Bard. Um espaço dedicado à celebração da literatura, arte e poesia. Nossa missão é iluminar mentes, despertar emoções e inspirar a criatividade por meio das páginas desta revista.

Apresentamos o Selo litero-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

Espaço dedicado aos nossos apoiadores da Revista que adquiriram o Certificado Impresso de participação.

Nessa edição vem na Matéria de Capa com o tema “A cultura africana”, descrevendo como um mosaico de tradições, costumes e riquezas culturais, por J.B Wolf.

E na seção de Poesia, convidamos vocês a se perderem nas palavras, mergulhando em versos que tocam a alma, despertam reflexões e exploram a profundidade do sentir humano, com os mais variados Poetas e Poetisas do Brasil, como também da Angola, Portugal, Argentina, França, Costa Rica, México, Peru, Bolívia, Chile, Cabo Verde, Panamá, Rússia, Alemanha, Itália, Canadá e EUA;

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também “Frases e Pensamentos”, “Contos e Minicontos”, “Crônicas”, “Prosa”, “Pintura” e “Desenho”. Entrevistas com artistas do mundo todo e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Nossa revista conta com muitas novidades para nossos leitores, trazendo de volta algumas colunas como “Recita-me”, por Juliana Rossi, Crônicas Tons do Cotidiano, por Christiane Moraes, e com grande novidade a coluna Literatura de Cordel, por Beth Baltar.

Estamos apresentando aos nossos colaboradores e aos leitores da Revista The Bard, a nossa Agência de Marketing Digital, um projeto para trabalhar na gestão de redes sociais, site, design, tecnologia e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de “Vitrine The Bard”, prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.

Clique aqui

Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD
28ª Edição Nov/Dez 2024



Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em mais de 86 países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM



WHATSAPP





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



Jaque Alennear, natural de Aiuaba-CE, professora, pedagoga, escritora, poetisa, colunista da “Coluna Guia Literário - Revista The Bard”, onde também atua como Diretora de Operações. Graduada em Pedagogia, Letras – Português, pós-graduada em AEE, Curso de Design Gráfico. Atua como professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Andaraí-BA, cidade onde reside desde 2010. Acadêmica Internacional da FEBACLA. Autora da obra “Nosso Estranho Amor” e coautora em diversas antologias poéticas, se dedica à arte e à literatura, sendo esta última sua grande paixão. Seus versos de amor são uma constante em seus escritos, tendo Vinícius de Moraes, como uma de suas principais referências literárias.



"Nosso estranho amor" é uma coletânea de poemas que, como chamadas que ardem e dançam em nossos corações, retratam o amor em suas diversas formas: paixão, saudade, espera e mistério.

Cada poema é uma porta que se abre para um universo particular de emoções e sensações, envolvendo o leitor em um mundo de sonhos e desejos.

INSTAGRAM



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LU NASCIMENTO, nascida em São Paulo sob o manto da primavera de 1986, carrega a dualidade de ser paulista com raízes nordestinas. Unida em matrimônio, é uma entre as cinco filhas de Rose, matriarca cujo nome ressoa em Lu com orgulho. Profissionalmente, Lu é uma talentosa manicure e gestora de seu próprio salão, um oásis de beleza em seu bairro. Contudo, é na poesia que Lu encontra sua verdadeira essência. A paixão pelas letras brotou nas aulas de literatura do ensino fundamental, um universo onde poetas lhe sussurravam segredos literários. Foi ali, imersa em versos, que Lu descobriu sua voz poética. Sua trajetória literária se destaca com participações em antologias como "A poesia delas" e "Estação Primavera". Em 2021, iniciou um capítulo digital ao criar uma página no Facebook, onde seus poemas reverberam em almas sedentas por inspiração. Lu, uma sonhadora inabalável, acredita que sonhos devem ser perseguidos até se tornarem realidade palpável.



"O Pôr do Sol e Outras Coisas que se Parecem com Você" resplandece com a força de sua linguagem poética, capturando a complexidade das emoções humanas de forma magistral. A autora nos convida a explorar um universo onde o amor, a melancolia e a beleza das pequenas coisas da vida são dissecadas com uma sensibilidade aguda.

Por que esperar para mergulhar neste universo mágico criado por Lu Nascimento? Um mundo onde cada pôr do sol é um convite para sentir, para se perder e se encontrar nas entrelinhas de uma prosa poética que toca a alma com uma doce melancolia.

WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



JULIANA ROSSI, nascida em 1976, em São Caetano do Sul, SP. É auxiliar administrativa na saúde de Americana, Residente em Americana interior de São Paulo, estudante de pedagogia, poeta e escritora, começou a escrever para lidar com a dor, mas agora ama escrever sobre tudo, transformando sentimentos em poesia, e trazendo à tona pensamentos e reflexões da vida, da morte e de tudo ao nosso redor. Autora do Livro “Meu Baú de Poesias e pensamentos” e escritora nas redes sociais. Instagram e Facebook @escritorajulianarossi @meubaudepoesias e Administradora do coletivo @somostigris e diretora da equipe de Marketing da Revista The Bard.



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu! ”

INSTAGRAM



EDITORA
INVITRO

LIVRO COM SELO



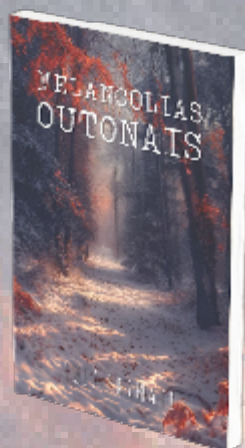


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LUIZ PRIMATI é escritor de vários gêneros literários, no entanto, seu primeiro livro foi infantil: "REVOLUÇÃO NA MATA", publicado pela Amazon/2018. Depois escreveu romances, crônicas e contos. Hoje é editor na Valleti Books. Em março lançou seu livro de Prosas Poéticas, "Melancolias Outonais" e o romance de suspense "Peter manda lembranças do paraíso".



Quando o outono desenha seu véu sobre a paisagem, transformando o verde em matizes de ouro e cobre, as árvores sussurram histórias de despedidas, vestindo o mundo com a beleza melancólica de suas folhas partindo. É nesse cenário que me vejo, navegante solitário de um mar de reflexões, onde as memórias do passado flutuam como folhas ao vento.

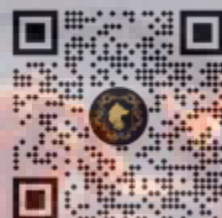
A visão das flores rendendo-se ao chão evoca uma solidão ancestral, ecoando a fragilidade das folhas arrancadas de seus ninhos, dispersas sem cerimônias pela brisa fria. Essa imagem me transporta para dias de infância, onde me encontrava isolado, um estranho em um mundo que parecia girar sem notar minha presença.

INSTAGRAM



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



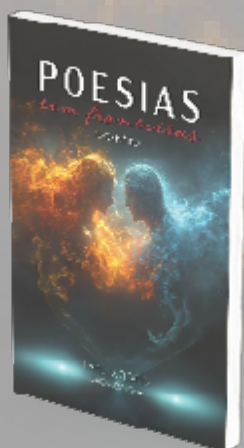
Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LAINE BOTTARO é uma escritora e poetisa brasileira, nascida em Lençóis Paulista, cidade localizada no interior de São Paulo. Formada em Artes Visuais e atualmente cursando Ciências Econômicas e Administração. Desde a infância, foi apaixonado por livros e histórias de aventura e fantasia, o que a levou a começar a escrever suas próprias histórias. Seus livros são marcados por uma narrativa envolvente, personagens cativantes e tramas cheias de reviravoltas. Além disso, possui uma habilidade única de criar poemas marcantes que tocam o coração de seus leitores. Sua sensibilidade para a escrita poética é evidente em suas obras, transmitindo emoções profundas e reflexões sobre a vida em versos belos e inspiradores.

Laine Bottaro também vem se destacando como coautora em diversas Antologias nacionais e internacionais, além de participar de inúmeras seleções literárias.



“Poesias sem fronteiras: Duetos Poéticos” é uma obra literária única e encantadora que reúne escritores de todo o mundo em uma composição de duetos poéticos. Neste livro, você terá a oportunidade de mergulhar em um universo de versos e sentimentos, onde cada poema é um diálogo entre diferentes culturas e perspectivas. Através dessas composições poéticas, as vozes dos escritores se entrelaçam em uma dança harmoniosa, criando uma sinfonia de palavras que ecoa nos corações dos leitores.

WHATSAPP



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



VALTER MOURA NETO, Engenheiro de Produção, natural de Salvador, Bahia, Brasil; nascido em 1985. Diagnosticado com Transtorno Bipolar Afetivo em 2016. Autor dos livros "Memórias Excêntricas" (2019) e "A Arte de Ressignificar" (2024), ambos da série "Cadernos Confessos". Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira e do Marketing e Divulgação da Revista The Bard.



"Memórias Excêntricas" trata-se de um romance cristão e LGBT na Bahia do Brasil. Em meio à bipolaridade, Leonardo busca compreensão e o amor divino numa sociedade intolerante. Uma jornada de autoconhecimento e transformação em busca de aceitação e amor próprio.

SITE



LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



VALTER MOURA NETO, Engenheiro de Produção, natural de Salvador, Bahia, Brasil; nascido em 1985. Diagnosticado com Transtorno Bipolar Afetivo em 2016. Autor dos livros "Memórias Excêntricas" (2019) e "A Arte de Ressignificar" (2024), ambos da série "Cadernos Confessos". Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira e do Marketing e Divulgação da Revista The Bard.



"A Arte de Ressignificar", mergulhe numa jornada de autodescoberta e transformação. Aprenda a fortalecer o amor próprio, expressar-se com clareza e cultivar a saúde mental. Descubra o poder da comunicação e floresça em todo seu potencial.

SITE



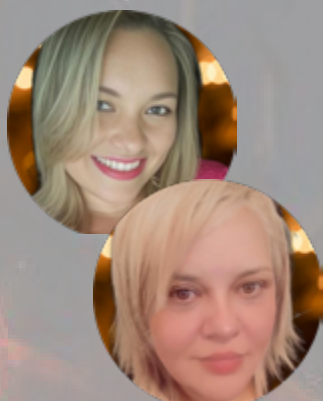
LIVRO COM SELO





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LUCÉLIA SANTOS é uma escritora e poetisa de Itabuna-Bahia, residindo atualmente em Brumado-Bahia. Desde os 13 anos, dedica-se à escrita para expressar seus pensamentos e sentimentos, com um forte toque de romantismo. Ela é graduanda em Terapias Integrativas Complementares e membro de várias academias literárias, incluindo a ALSPA e a AIBL.

GISLAINE KOCH, nascida em 1981 em Curitiba, é uma escritora multifacetada que atua como Ghost Writer, Beta Reader, poetisa, roteirista e prefaciadora. Desde a adolescência, tem uma paixão fervorosa pela escrita. Ela é membro ativo do Moto clube Lokas MC, um grupo filantrópico de motociclistas focados em ações sociais. Gislaine é membro imortal da Academia Internacional de Letras (AIBL) e da Academia Interamericana (AINTÉ)



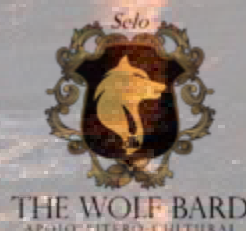
O livro "A Menina que Roubou o Amor", de Lucélia Santos e Gislaine Koch, é uma obra profunda e emocionante que explora as complexidades do amor por meio de uma narrativa poética e envolvente. Com um texto que flui como dois rios que se entrelaçam, o livro oferece uma visão única sobre o amor, desdobrando-se em um caminho repleto de solidão, melancolia e uma alegria que se confunde com a tristeza. Mais do que um livro de poesia, é um universo de sentimentos, onde cada emoção ligada ao amor é cuidadosamente explorada. A leitura promete ser intensa e capaz de roubar a atenção e o coração do leitor, deixando uma marca indelével de saudade e uma melancolia bela e tocante, desafiando o leitor a encarar o paradoxo de emoções que convivem dentro do espírito humano.

WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



SIMONE APARECIDA DA SILVA GONÇALVES (1979), "Simone Gonçalves" como nome de trabalho é poetisa / escritora, natural de Taubaté SP. Com participação em 17 Antologias. Uma das organizadoras da Copa de Poesias pela @cronopolisbr e colaboradora no blogsite / podcast da @valletibooks. Instagram: @apoetizar_se



"Poesias ao Luar - Confissões para a Lua" de Simone Gonçalves é uma obra que celebra o amor em suas diversas manifestações, evocando a sensação de ser um eterno amante das emoções, paixões e estações. Mediante um diálogo íntimo com a lua e as estrelas, Simone transmite a intensidade da paixão que aquece o coração e ilumina a alma. Este livro nos convida a explorar o amor e o romantismo em cada estação do ano, permitindo-nos sentir e expressar esses sentimentos sem hesitação. A autora usa o luar como metáfora de um trem que viaja através das estações, onde cada parada nos permite adquirir novas experiências e emoções leves, característica marcante da escrita envolvente de Simone. A obra é um tributo à lua, eternamente aclamada pelos apaixonados, e um convite para se deixar levar pela beleza do luar e pela poesia das confissões amorosas.

WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO

MEMÓRIAS AFETIVAS 1 e 2 Organizado por Luiz Primati Vários Autores

"Memórias Afetivas" é uma coletânea emocionante que reúne 24 autores em dois volumes, com um total de 12 contos em cada um e um conto adicional oculto no segundo volume. A obra é uma celebração da singularidade das experiências humanas, onde cada escritor compartilha fragmentos de suas vidas, criando um mosaico diversificado de recordações que variam da infância à idade adulta, abrangendo alegrias, tristezas e lições aprendidas. Esta antologia mergulha nas nuances das memórias que definem nossa existência, reconhecendo a importância desses momentos no conjunto de nossa identidade. Os leitores são convidados a uma jornada emocional que reflete sobre a doçura e amargura da vida, as intensas primeiras paixões, as decepções e a esperança eterna no amor verdadeiro. Através de suas páginas, "Memórias Afetivas" oferece não só histórias para aquecer o coração, mas também um convite para refletir sobre o rico mosaico das experiências humanas que conectam cada um de nós. Instagram: @valletibooks



WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO





Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO

AMOR PARA RECORDAR 2 Organizado por Lucélia Santos Vários Autores

“Amor para Recordar II” é uma coletânea que explora o amor em suas diversas formas através das vozes de 23 novos autores. Diferentemente do primeiro volume, este livro traz reflexões sobre amores infantis, platônicos, perdidos no tempo, proibidos, impossíveis, ternos e até mesmo ignorados. A obra aborda as complexidades do amor, que muitas vezes evoca lembranças melancólicas de depressão, tristeza, saudade, ódio e arrependimento, transportando-nos para uma solidão profunda. No entanto, mesmo diante da dor, emerge uma paixão vibrante que transcende gerações, trazendo alegria e inspiração. Ideal para aqueles que vivenciaram o amor em suas tempestades e calmaria, o livro oferece um refúgio e um espelho das próprias experiências amorosas. Com uma narrativa que incentiva a esperança e a crença no amor, os autores, eternos aprendizes, nos convidam a embarcar numa jornada emocionante de descoberta e reflexão sobre a natureza enigmática e transformadora do amor. Instagram: @poetisafalandodeamor



WHATSAPP



EDITORIA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO





26^a
EDIÇÃO



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

História de Natal:

"Como diferentes Culturas celebram esta data"

28^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

PERÍODO DE **11** DE AGOSTO À **04** DE OUTUBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.



Certificado Impressso

Da Revista Internacional The Bard

26ª edição



A CULTURA AFRICANA

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 26ª edição Julho e Agosto de 2024, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impresso Da 26ª Edição Da Revista Internacional The Bard

Eduardo Martínez

Eduardo Martínez nasceu no Rio de Janeiro, onde começou a se enveredar pela literatura com o romance "Despido de ilusões", em 2004, que figurou entre os mais lidos do acervo da biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil. Suas histórias, geralmente, se passam no Rio, em Brasília ou Porto Alegre, onde reside desde 2021. Seus contos e crônicas são utilizados por escolas no Rio e em Brasília. É cronista/contista de Notibras (<https://www.notibras.com/site/>) e Blog do menino Dudu (<https://blogdomeninodudu.blogspot.com/>).

BLOG



Contos

Denise Marinho

Denise Marinho é Poetisa, Escritora, Escritora Infanto-juvenil, Cronista, Contista, Servidora Pública e Bacharel em Arquivologia (Unirio). Reside no Rio de Janeiro onde sempre estudou em escola pública e fez amizades para toda vida, recebendo forte incentivo para expandir sua imaginação e criatividade. Sempre amou estudar e ler muitos livros, além de frequentar ambientes culturais como cinema, teatro, centros culturais e museus. É Membro Titular Imortal e Correspondente de renomadas Academias de Artes, Ciências e Letras.

INSTAGRAM



Poetas & Poetisas

Douglas Mateus

Douglas Tavares, apaixonado por tudo que é fantasia e cultura pop. Criei minha própria página de conteúdo para compartilhar essa paixão, mergulhando de cabeça em histórias de magia e aventuras épicas que me lembram desde os contos de Tolkien até as sagas intergalácticas de Star Wars. Sempre sonhei em transformar esse amor pela fantasia em minha carreira, trabalhando com literatura.

INSTAGRAM



Contos

Rute Ella Dominici

Rute Ella Dominici Escritora e Poetisa paulistana, odontóloga. Superior língua francesa. Civilization Écriture et Littérature/ Alliance Française. Livro Solo de Poemas 'Mar Germinal' lançado em 09/2023. Livro Solo de Poemas 'lava Incontida' a ser lançado au 'Salon du Livre à Genève', Membro da AMCL Academia Mundial de Cultura e Literatura, Membro imortal/ Cadeira 117/ Olga Savary, Membro Internacional da FEBACLA Cadeira 345/Amós Oz, Academia Virtual dos Poetas da Língua Portuguesa, Cadeira 113/ Miryam Fraga, Participação em Antologias Diversas.

INSTAGRAM



Poetas & Poetisas



Certificado Impressso Da 26ª Edição Da Revista Internacional The Bard

Márcia Regina Alves Campos

Psicóloga, poetisa e palestrante lúdica, curadora do "Poetizar é só Começar! Humanização do Ser através da Arte Literária", que acontece em espaços públicos de Belo Horizonte e virtualmente. Mãe de Yara e Lucas e avô de Miguel e Samuel. Amante da vida: 'Sou sol sou lua, montanhas a esquiar, neve a flutuar, mar a bailar, chuva a chorar, arco íris a pintar, sou manhã a gotejar, tarde a lamentar, noite a sonhar, sou mel que escorre da fruta, sou língua que lambe o fruto, sou flor que emana do caule, sou caule que ejacula da terra, sou fogo que copula'. Encontra na arte literária um instrumento libertário, contestador, transmutador e vivificador!

YOUTUBE



Ivete Rosa de Souza

Nascida em Santo André-SP no ano de 1955, leitora desde os 6, escritora por toda vida. Há pouco mais de quatro anos, lançou o primeiro livro de poesias Coração Adormecido, com poemas de amor e superação, segundo livro o Ainda dá tempo, convidando um vonvinte e a superação. Participando de mais de 130 Antologias físicas e ebooks, despertou outros rumos, crônicas e contos da fantasia ao sobrenatural. Em cada palavra uma história, uma rima, ou simplesmente o realto da vida.

FACEBOOK



Max Raposo

Max Raposo é médico e desde a infância teve um interesse natural pelas artes. Seu contato com os livros foi estimulado pelo habito da leitura de seu avô, e depois, aos 8 anos, quando ganhou de seu pai A volta ao mundo em 80 dias, de Júlio Verne. Atualmente tem muitos projetos em andamento, incluindo livros de poesias, contos e uma série de romances.

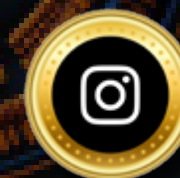
INSTAGRAM



Beatriz Clarinda da Silva Santos

Mulher preta, pernambucana, graduanda em Letras pela Universidade Federal de São Paulo, integrante do Coletivo As Yalodês, educadora, escritora e autora publicada no Prêmio Poetize 2024 e na antologia poética Correio Feminino. Tem sensibilidade com estudos interseccionais em educação decolonial, letramento literário e variações linguísticas. Sua escrita dá voz à ancestralidade de suas vivências.

INSTAGRAM





Certificado Impressso Da 26ª Edição Da Revista Internacional The Bard

Damião Nascimento

Publicitário, engenheiro civil e escritor. Apaixonado pelas artes e pela escrita, desenvolve ensaios literários desde os 14 anos, por vezes crônicas do cotidiano, em outros momentos com o filtro voltado a poesias, contos e romances. Já participou de algumas antologias literárias, possui duas premiações em concursos de poesias: Poesia em movimento (2013) e Arte à Flor da Pele 2 (2021) e um livro publicado intitulado: O Enigma dos Santucci (2008).

INSTAGRAM



Alexandre Alves Cotas

Autor dos livros "Vida" publicado em 2017 pela Editora CBJE e "Minha Casa" publicado em 2023 pela editora Albatroz, ambos de poesia.

FACEBOOK



Victor de Souza Maurício

É apaixonado por história e filosofia; e até cursou História até o quarto período; mas preferiu migrar para a área que já vinha trabalhando em aptidões : Letras. Formou-se em Língua Inglesa pela Universidade Federal da Paraíba e participou de alguns projetos de extensão ligados a leitura, literatura, idioma sem fronteiras e legendagem. Mora em Guarabira, Paraíba, e faz pós graduação em tecnologia, outra de suas paixões. Foi voluntário por um bom tempo de um fansub (fãs que legendam séries sem tradução) de Kdrama, Cdrama e Jdrama. Aprendeu a legendar; e a partir daí, enquanto legendava, ria e chorava com os vilões e mocinhos aprendeu sobre jornada do herói; estudou roteiro, técnicas de escrita de cinema e literatura posteriormente e começou a escrever suas próprias histórias baseada em mídias e literaturas que consumia por anos.

INSTAGRAM



Aline Canuto de Abreu Santana

Aline Abreu Santana, Comendadora do Brasil, é natural de São Paulo, Brasil. Atua como Professora de Línguas e suas Literaturas tanto no ensino básico quanto no ensino universitário e é escritora de livros didáticos e paradidáticos. Além disso, ela é Embaixadora da Academia Francesa "Divine Académie" em Paris. Aline possui uma formação acadêmica sólida, que inclui o título de Mestra em "Science in Emergent Technologies in Education" pela MUST University em Miami, FL, EUA, especialista e pós-graduada em Língua Portuguesa e suas Literaturas, com especializações em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica, e é graduada em Letras pela UnifMU-SP.

INSTAGRAM





Certificado Impressso

Da Revista Internacional The Bard

25ª edição



A CULTURA MILENAR CHINESA

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 25ª edição Maio e Junho de 2024, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impressso Da 25ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Neri Luiz Cappellari

Neri Luiz Cappellari é natural de Santa Rosa, Rio Grande do Sul (RS). É graduado em Arquitetura pela Unisinos, RS. Lançou seu primeiro livro de poesias "Fragmentos" em 2012. É membro efetivo da Academia de Escritores do Litoral Norte (AELN); membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências (ALPAS 21); membro correspondente do Instituto Cultural Português.

FACEBOOK



Renato Moura

Eduardo Martínez nasceu no Rio de Janeiro, onde começou a se enveredar Renato Moura, Tem 65 anos, é Doutor em Educação e Prof. Titular aposentado da UFRJ. Como Renato Massari publicou os romances "Três Marias" (2023), "Similitudes" (2022) e "Barca das Lembranças" (2020) e tem contos e poesias publicados nas revistas virtuais LitteraLivre, Fluxos e Mar de Lá. Foi classificado em primeiro lugar no Prêmio VIP Literatura 2022, com o conto "Filmagens".

FACEBOOK



Juliana Denise Silva

Natural de Arapiraca/AL. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), é pós-graduada em Neuropsicologia Clínica Geral, Análise do Comportamento, Terapia Cognitivo Comportamental e Neurociências. É mestra em Psicologia da Saúde, pela Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) e doutoranda em Psicologia. Está aprimorando seus conhecimentos sobre escrita e crítica literária através de formações na área. Atua como Psicóloga e Neuropsicóloga clínica em Alagoas, além de ser professora de disciplinas relacionadas as suas especializações e é formadora na área de educação especial e inclusiva voltada para os Transtornos do Neurodesenvolvimento!

INSTAGRAM



Sônia Carolina de Andrade

Sônia Carolina é Poeta, Escritora, Pintora e psicanalista. Tem Ilustrações, Poesias, Crônicas, Contos e ensaios publicados em Revistas Literárias e Antologias. Publicou Falando de Amor, Prêmio Master de Literatura, Metamorfose Poesias e Confidências no Espelho Contos e Crônicas.

INSTAGRAM





Certificado Impressso Da Revista Internacional The Bard

23ª edição

24ª edição



Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o CERTIFICADO da 23ª edição Janeiro e Fevereiro e da 24ª edição Março e Abril de 2024, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da Revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos

J.B WOLF

Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard



Certificado Impressso Da 23ª Edição
Da Revista Internacional The Bard



Denise Marinho

Denise Marinho é Poetisa, Escritora, Escritora Infanto-juvenil, Cronista, Contista, Servidora Pública e Bacharel em Arquivologia (Unirio). Reside no Rio de Janeiro onde sempre estudou em escola pública e fez amizades para toda vida, recebendo forte incentivo para expandir sua imaginação e criatividade. Sempre amou estudar e ler muitos livros, além de frequentar ambientes culturais como cinema, teatro, centros culturais e museus. É Membro Titular Imortal e Correspondente de renomadas Academias de Artes, Ciências e Letras.

INSTAGRAM



Poetas & Poetisas



Eduardo Martínez

Eduardo Martínez nasceu no Rio de Janeiro, onde começou a se envolver pela literatura com o romance "Despido de ilusões", em 2004, que figurou entre os mais lidos do acervo da biblioteca do Centro Cultural do Banco do Brasil. Suas histórias, geralmente, se passam no Rio, em Brasília ou Porto Alegre, onde reside desde 2021. Seus contos e crônicas são utilizados por escolas no Rio e em Brasília. É cronista/contista de Notibras (<https://www.notibras.com/site/>) e Blog do menino Dudu (<https://blogdomeninodudu.blogspot.com/>).

BLOG


CRÔNICAS

Peri Luiz Cappellari

Neri Luiz Cappellari é natural de Santa Rosa, Rio Grande do Sul (RS). É graduado em Arquitetura pela Unisinos, RS. Lançou seu primeiro livro de poesias "Fragmentos" em 2012. É membro efetivo da Academia de Escritores do Litoral Norte (AELN); membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências (ALPAS 21); membro correspondente do Instituto Cultural Português.

FACEBOOK


CRÔNICAS

André Ferreira

[illegible]

INSTAGRAM



Poetas & Poetisas



Certificado Impressso Da 24ª Edição Da Revista Internacional The Bard

Stella Gaspar



Stella Gaspar nasceu em João Pessoa, na Paraíba. Professora Universitária, Mestre, Doutora com Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Pesquisadora, escritora e poetisa. Ama escrever, aprecia as belas palavras e suas poéticas. Lançou seu primeiro livro de poesias, em 2016: "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Também é autora de livros Técnicos nas áreas das Ciências Humanas. Coautora em várias Antologias. Atualmente escreve no Blog, Antologias e Coletâneas da Editora Valleti Books. Colunista, pesquisadora e escritora da Coluna "Auto-poiese & Narrativas", na Revista Internacional The Bard.

INSTAGRAM



Coluna
Auto-poiese & Narrativas

Lyvia P. M.



Lyvia P. M. é estudante de Psicologia e autora independente apaixonada pela escrita. Participou do Concurso Conto Inesquecível Amazon, publicando seu primeiro conto em ebook, "Caminhos que se cruzam e sussurram segredos ao amanhecer". Além disso, foi uma das ganhadoras do 2º Concurso de Dramaturgia do Conservatório de Tatuí, com seu projeto "Falsos Crimes não Comovem Olhares".

INSTAGRAM



Prosa

Neri Luiz Cappellari



Neri Luiz Cappellari é natural de Santa Rosa, Rio Grande do Sul (RS). É graduado em Arquitetura pela Unisinos, RS. Lançou seu primeiro livro de poesias "Fragmentos" em 2012. É membro efetivo da Academia de Escritores do Litoral Norte (AELN); membro correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências (ALPAS 21); membro correspondente do Instituto Cultural Português.

FACEBOOK



Contos

Maria Auxiliadora



Apaixonada por Literatura, atualmente estudo letras, curso que mim ajudou a realizar meu grande sonho: escrever poesias e romances. Minha vida me inspira, e minha escrita reflete acontecimentos, reflexões e aprendizados que carrego comigo.

INSTAGRAM



Poetas & Poetisas



Certificado Impressso Da 24ª Edição Da Revista Internacional The Bard

Arcadio Geobanny



Sou médico venezuelano, formado em Cuba, vivendo no Brasil desde 2014, onde me estabeleci e naturalizei. Desde criança senti a atração pelas artes, tendo destaque na escritura, desenho e pintura. Cena bíblica é um conto curto, baseado em um sonho. Espero que tenha conseguido transmitir com palavras aquela atmosfera enrrarecida do mundo onírico e levá-los a se fazer a mesma pergunta pragmática.

BLOG



Antonio Anderson



Antonio Anderson da Silva Beserra é um aspirante a escritor cearense da cidade de Ipuéiras. Formado em licenciatura em Letras com habilitação em Língua portuguesa, atua como professor de Língua Portuguesa, Redação e Arte na Rede Estadual do Ensino Médio no município de Nova Russas – CE.

INSTAGRAM



Maurício Claudio



*Graduado curso de letras (Licenciatura), pela faculdade Estácio de Sá, servidor público municipal na cidade de Contagem – Minas Gerais, poeta e escritor por paixão. Nascido em Belo Horizonte – Minas Gerias, em 1970, sempre se encantou com as palavras e com as histórias que elas formavam. Escreveu o primeiro livro de poesias Versos e Paixões (disponível na Amazon) de forma independente em 2018.

INSTAGRAM



Lara Denise



Lara Denise Góes da Costa, nascida em Niterói, professora e pesquisadora na área de ciências humanas. Como característica literária a autora se debruça sobre a criação de personagens cotidianos em seus contos, priorizando situações que provoquem reflexão sobre a automação e o absurdo. Possui como heterônimo "Theodora de Castro".

INSTAGRAM



Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA

Matéria de Capa
J.B. WOLF



ACESSE A COLUNA

Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI



ACESSE A COLUNA

Grandes Autores
VANINA SIGRIST



ACESSE A COLUNA

Autopoesia & Narrativas
STELLA GASPAR



ACESSE A COLUNA

Frases & Pensamentos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



ACESSE A COLUNA

Vida de Autor
LILIAN STOCCO



ACESSE A COLUNA

Recita-me
JULIANA ROSSI



ACESSE A COLUNA

Música & Literatura em Diálogo
EIVIRA DRUMMOND



ACESSE A COLUNA

Nossa Literatura - Vistas Poéticas
MARCIA NEVES



ACESSE A COLUNA

Prosa Poética
JEANE TERTULIANO



ACESSE A COLUNA

Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA



ACESSE A COLUNA

Dialética
CLAYTON ZOCARATO



ACESSE A COLUNA

Tons do Cotidiano
CHRISTIANE MORAES



ACESSE A COLUNA

HumanLitterar
SUELI LOPES



ACESSE A COLUNA

As Cores da Sociedade
ELKE LUBITZ



ACESSE A COLUNA

Nau Literária - Entrevistas
MAGNA ASPÁSIA



ACESSE A COLUNA

Recanto das Culturas tradicionais
EDNA BRENNAND



ACESSE A COLUNA

Florescendo em Pensamentos
CRISTINA GOMES



ACESSE A COLUNA

Literatura de Cordel
BETH BALTAR

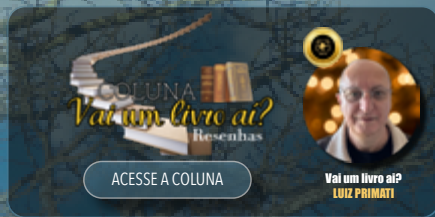


ACESSE A COLUNA

Raizes de Moçambique
DANY AMADO

Colunas & Colunistas

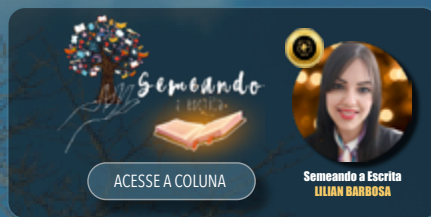
ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



COLUNA
Vai um livro aí?
Resenhas

ACESSE A COLUNA

Vai um livro aí?
LUÍZ PRIMATI



Semeando
a Escrita

ACESSE A COLUNA

Semeando a Escrita
LILIAN BARBOSA



RESILIENTE MENTE

ACESSE A COLUNA

ResilienteMENTE
ADRIANA STRELLA



Caldeirão Cultural

ACESSE A COLUNA

Caldeirão Cultural
PATRICIA NASCIMENTO



DESNUDA
em Palavras

ACESSE A COLUNA

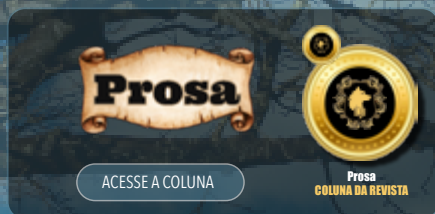
Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA



ARTIGOS

ACESSE A COLUNA

Artigos
COLUNA DA REVISTA



Prosa

ACESSE A COLUNA

Prosa
COLUNA DA REVISTA



Poetas & Poetisas

ACESSE A COLUNA

Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



COLUNA
Pintura

ACESSE A COLUNA

Desenho Digital
COLUNA DA REVISTA



MINI
Contos

ACESSE A COLUNA

MiniContos
COLUNA DA REVISTA



Contos

ACESSE A COLUNA

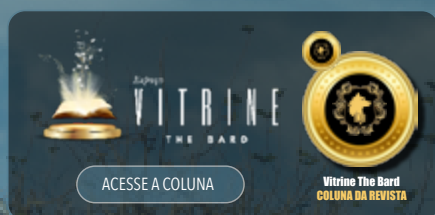
Contos
COLUNA DA REVISTA



CRÔNICAS

ACESSE A COLUNA

Crônicas
COLUNA DA REVISTA



Vitrine
THE BARD

ACESSE A COLUNA

Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA



Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



JULIANA ROSSI
Escritora
Americana – São Paulo
Diretora da Equipe de Marketing



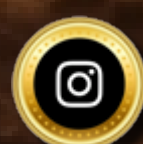
SIDNEI MANOEL FERREIRA
Poeta
Florianópolis – Santa Catarina
Redator de Marketing



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
São Luiz – Maranhão
Divulgadora



ANDRÉ FERREIRA
Escritor
Teófilo Otoni – Minas Gerais
Divulgador



NICE VELOSO
Escritora
Salvador – Bahia
Divulgadora



LARISSA RESENDE
Escritora
Juiz de fora – Minas Gerais
Divulgadora



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Rio de Janeiro – RJ
Divulgadora



MARIA HADDAD
Poetisa
Ottawa – Canadá
Divulgadora



VALTER MOURA NETO
Poeta e Escritor
Salvador – Bahia
Divulgador



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard





Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



STELLA GASPAR
Escritora e Professora
João Pessoa - Paraíba
Coordenadora



BETÂNIA PEREIRA
Historiadora e Escritora
Buriti Bravo - Maranhão
Revisora



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
São Paulo - São Paulo
Revisora



MÁRCIA NEVES
Escritora e Educadora
São Paulo - São Paulo
Revisora



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Mogi das Cruzes - São Paulo
Pesquisadora



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Tauá - Ceará
Pesquisadora



CAROLINE VALENTE
Escritora/Poetisa
Salvador - Bahia
Pesquisadora



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



VAGO

SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



A Cultura Africana: Um Mosaico de Tradições, Costumes e Riquezas Culturais

Por J.B Wolf

Introdução

A cultura africana é uma das mais ricas e diversas do mundo, marcada por uma vasta gama de tradições, idiomas, costumes e expressões artísticas. Compreender essa cultura é essencial para valorizar as contribuições históricas e contemporâneas da África à civilização global. Neste artigo, exploraremos a fundo as diferentes dimensões da cultura africana, desde suas origens ancestrais até suas manifestações modernas. Veremos como as tradições africanas, sua arte, música, religião e sistemas de crença são expressões vivas de uma herança cultural milenar, que continua a influenciar a vida de milhões de pessoas ao redor do mundo.

A Diversidade Cultural Africana

A cultura africana não é uma entidade monolítica; ela é composta por uma miríade de culturas, cada uma com suas próprias tradições, idiomas e costumes. Com 54 países e mais de 1.500 línguas faladas, a África é um continente extremamente diverso. Cada região africana — Norte, Leste, Oeste, Central e Sul — apresenta suas particularidades culturais que refletem a história, a geografia e as influências externas que moldaram essas sociedades ao longo dos séculos.

Por exemplo, no norte da África, encontramos uma influência significativa da cultura árabe e islâmica, resultante de séculos de interação comer-

cial e colonial. No oeste da África, as tradições orais e os reinos antigos, como o império Mali, deixaram um legado duradouro na música, dança e literatura oral. Na África Austral, as tradições dos povos Bantu e as práticas espirituais dos Zulus ilustram a riqueza das culturas indígenas.



Imagem de Freepik

As Línguas Africanas: Um Patrimônio Imaterial

A riqueza cultural da África também se reflete em sua diversidade linguística. As línguas africanas são agrupadas em várias famílias linguísticas, sendo as principais as Afro-Asiáticas, Nilo-Saarianas, Níger-Congo e Khoisan. Cada uma dessas famílias linguísticas abrange uma ampla gama de idiomas, muitos dos quais são falados por milhões de pessoas.

Uma característica importante da cultura africana é a tradição oral, que tem sido o principal meio de transmissão de conhecimento, história e valores culturais ao longo das gerações. Contadores de histórias, conhecidos como griots na África Ocidental, desempenham um papel crucial na preservação e disseminação das histórias e lendas dos povos africanos. Essa tradição oral tem influenciado significativamente a literatura africana moderna, que muitas vezes combina elementos tradicionais com formas literárias ocidentais.

Arte e Expressão Cultural na África

A arte africana é uma das expressões mais poderosas da cultura do continente, rica em simbolismo e espiritualidade. Ela inclui uma ampla variedade de formas, desde esculturas, máscaras e pinturas até tecidos, cerâmicas e joias. Cada peça de arte africana tem um significado profundo, muitas vezes relacionado a práticas religiosas, cerimônias e celebrações.

As máscaras africanas, por exemplo, são usadas em rituais religiosos e cerimoniais para representar espíritos, antepassados ou seres mitológicos. Estas máscaras não são apenas objetos artísticos, mas também são consideradas portadoras de poder espiritual. Elas desempenham um papel central nas danças rituais, que são realizadas para invocar espíritos ou para marcar eventos importantes na vida da comunidade, como casamentos, nascimentos e funerais.



Imagem de Freepik

A Música Africana: Ritmo e Melodia do Cotidiano

A música africana é outro aspecto fundamental da cultura do continente. Ela desempenha um papel central na vida cotidiana das pessoas, estando presente em todas as ocasiões importantes, desde festas e celebrações até cerimônias religiosas e ritos de passagem. A música africana é caracterizada por ritmos complexos, percussão intensa e uso de instrumentos tradicionais, como tambores, kalimbas, kora e xilofones.

A música e a dança são muitas vezes inseparáveis na cultura africana, refletindo uma visão de mundo em que o corpo e o espírito estão em constante interação. A dança africana, com seus movimentos vigorosos e expressivos, é uma forma de comunicação e uma maneira de expressar emoções e contar histórias. Em muitas culturas africanas, as danças são realizadas em grupo, reforçando o senso de comunidade e pertencimento.



Imagem de Nino3 por Freepik

Cada etnia ou grupo religioso na África tem seus próprios deuses, espíritos e práticas de adoração. Os rituais religiosos incluem sacrifícios, oferendas e celebrações para honrar os antepassados e garantir a prosperidade e o bem-estar da comunidade. Estes rituais são muitas vezes acompanhados por música, dança e arte, que servem para reforçar a



coesão social e a identidade cultural.

Cristianismo e Islamismo na África

Com a colonização e o comércio, o cristianismo e o islamismo se tornaram as duas maiores religiões na África. O islamismo é predominante no norte e em partes do oeste da África, enquanto o cristianismo é a principal religião no sul, leste e algumas partes do oeste do continente.

O cristianismo na África é diverso, variando desde igrejas católicas e protestantes estabelecidas até denominações locais e sincretismos que combinam crenças cristãs com práticas tradicionais africanas. De forma semelhante, o islamismo africano é profundamente enraizado nas culturas locais, com práticas que refletem tanto a doutrina islâmica quanto as tradições ancestrais africanas.

A Influência da Cultura Africana no Mundo

A cultura africana teve um impacto profundo na cultura global, especialmente nas Américas, Europa e Caribe, onde as diásporas africanas levaram consigo suas tradições, música, dança e espiritualidade. O legado da cultura africana pode ser visto na música afro-americana, como o jazz, o blues e o hip-hop, assim como em formas artísticas como a capoeira brasileira e o samba.

Além disso, o cinema, a literatura e a moda africana têm ganhado destaque global, com artistas africanos sendo reconhecidos e celebrados em todo o mundo. A moda africana, em particular, tem influenciado estilistas internacionais com suas cores vibrantes, padrões geométricos e técnicas de tecelagem tradicionais.

Desafios e Oportunidades para a Cultura Africana

Apesar da rica herança cultural, a África enfrenta desafios significativos na preservação e promoção de suas culturas tradicionais. A globalização, a urbanização e as mudanças sociais e econômicas têm colocado pressão sobre as culturas tradicionais, muitas vezes levando à sua erosão ou à sua transformação.

No entanto, há também oportunidades significativas para a cultura africana florescer na era moderna. Movimentos de renascimento cultural, a valorização do patrimônio imaterial e o uso de novas tecnologias estão ajudando a preservar e revitalizar as tradições culturais africanas. As indústrias criativas, como a música, o cinema e a moda, estão se tornando importantes motores de desenvolvimento econômico e cultural no continente.



Imagem Cleardesigner por Freepik

Conclusão

A cultura africana é um tesouro de diversidade e riqueza, refletindo a história, as crenças e as aspirações de um continente. Compreender essa cultura é essencial para apreciar as contribuições da



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

África ao mundo e para valorizar as tradições que continuam a influenciar a vida de milhões de pessoas. Ao explorarmos a arte, a música, a religião e as expressões culturais africanas, reconhecemos a resiliência e a criatividade dos povos africanos, que continuam a moldar a cultura global de maneiras profundas e duradouras.



Imagem de Freepik

INSTAGRAM



POST NO SITE



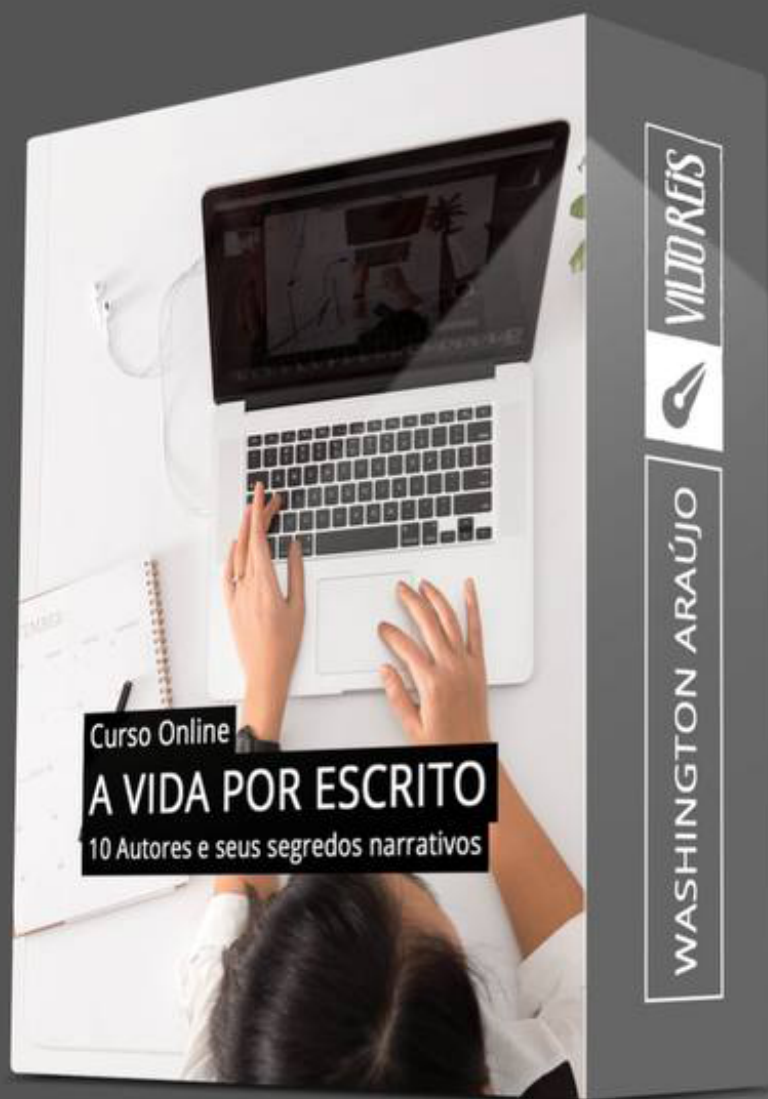


THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Conheça o Curso

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus
segredos narrativos



CLIQUE AQUI



Escreva contos e **torne-se** um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



Acesse aqui





Revista Interativa THE BARD
Ed. Julho & Agosto 2024

- 8 Boas-vindas
Revista Mês Jul & Ago - Lu Ferreira
- 9 Símbolos & Funções
Saiba como funciona os ícones da Revista
- 10 Parceria Vip Selo Litero-Cultural The Wolf Bard
- 26 Espaço reservado aos Apoia-
dores da Revista que adquiri-
ram o Certificado Impresso
- 36 Colunas & Colunistas
Links ativos para as colunas
- 38 Marketing & Divulgação
Segue a rede social de nossos
colaboradores
- 40 Matéria de Capa
A cultura africana, por J.B Wolf
- 48 Ficha Técnica
Processo editorial, colunistas, colaboradores
e representantes internacionais
- 50 Tudo Sobre Cinema
Por Claudia Faggi
- 58 Grandes Autores
Esta sou eu: uma literatura de luta por me-
mória, reconhecimento e representação,
Por Vanina Sigrist
- 64 Autopoiese & Narrativas
O percurso do projeto africanidades
Por Stella Gaspar
- 72 Frases & Pensamentos
Frases e seus autores

- 74 História das Artes
A cultura africana
por Betânia Pereira
- 80 Vida de Autor
Vida de Autor
por Lilian Stocco
- 84 Recita-me
por Juliana Rossi e poetas conidados:
• Poetisa Juliana Rossi
• Poetisa Maria Haddad
• Poetisa Rilnete Melo
• Poetisa Zeni Maria
• Poetisa Ana Kelly
- 90 Música e Literatura
em Diálogo
As trovas no cancionero folclórico infantil
Por Elvira Drummond
- 98 Nossa Literatura -
Virtudes Poéticas
Na falta do rosto, fica o desejo de
representá-lo
Por Márcia Neves
- 104 Prosa Poética
• Artigo Jeane Tertuliano
• Prosa de Clarice Lispector
• Prosadora Jeane Tertuliano
• Prosadora Anelize Camila
• Prosadora Cacá Matos
• Prosadora Eliane Manieski
• Prosadora Giselli Duarte
• Prosadora Josiane Firão
- 112 Mitologias & Crônicas
• Artigo "Mama África"
Por Ladylene Aparecida
- 118 Coluna Dialética
• Artigo "Schopenhauer, Nietzsche e Sartre:
Pessimismo e Arte"
Por Clayton Zocarato
- 126 Crônicas Tons do Cotidiano
Por Christiane Moraes
• Convidada: Escritora Lilian Barbosa
- 132 Humaniliterar 
• Artigo "Um grito que atravessou séculos:
Deixe meu povo ir",
Por Sueli Lopes
- 136 As cores da sociedade
• Artigo "Diversidade cultural no continente
africano",
Por Elke Lubitz
- 140 Nau Literária
• Convidada: Poeta e Escritora Vera Pina
Por Magna Aspásia



40



64



112



136



150 Recanto das Culturas Tradicionais

Artigo: "A tapeçaria vibrante e multifacetada da cultura africana"
Por Edna Brennand

156 Florescendo em Pensamentos

• Artigo "Questão de cor"
Por Cris Gomes

158 Literatura de Cordel

• Apresentação
• Convidado: Diretor teatral Fábio Mozart
Por Beth Baltar

164 Raízes de Moçambique



Artigo: "Marrabenta"
Por Dany Amado Vasco e Chabir Tadeu
Entrevista: Félix Taiob

• Convidados: Escritor Leslie Sultane
Escritor Finório Tovo
Escritora Hélia Francisca
Escritora Eunice Joshua
Escritora Filomena Nhancale

176 Vai um livro aí?

Resenhas de Livros, Por Luiz Primati

180 Semeando a escrita

Artigo: "A quem escrevo?"
Por Patrícia Nascimento

• Convidados: Professor e escritor César Fontana
e o escritor centenário: Arnaldo Júlio Barbosa

192 ResilienteMente



• Artigo "Cultivando uma mentalidade de sucesso"
Por Adriana Strella

194 Caldeirão Cultural

• Artigo "Um lugar chamado África"
Por Patrícia Nascimento

196 Desnuda em Palavras - Erótico

Grandes autores: Anne Cécile Desclos
Por Tônia Lavínia

Entrevistado: Escritor Rodrigo Fuster

214 Artigos

- Escritor Alberto Arecchi

218 Prosa

- Poeta Douglas Gomes
- Poetisa Stella Gaspar
- Poetisa Beatriz Santos

222 À Poesia

Países participantes na Revista The Bard

224 Poetas & Poetisas

Apresentação Por Edna Lessa

254 Pintura

Por Beatriz Santos

256 Minicontos

- Escritor Stella Gaspar
- Escritora Adna Teixeira
- Escritor Caio Carmo
- Escritor Lailton Garcia

260 Contos

- Escritora Elisabete Leite
- Escritor Dorgival de Andrade
- Escritor Victor de Sousa
- Escritor Francisco Wagner
- Escritora Joana Palha
- Escritor Eduardo Martínez
- Escritor Luís Amorim
- Escritora Beatriz Santos
- Escritor Douglas Mateus

280 Crônicas

• Cronista Ivete Rosa
• Cronista Márcia Regina
• Cronista Neri Cappellari
• Cronista Tatiana Monteiro
• Cronista Stella Gaspar
• Cronista Elisabete Leite

324 Agência The Wolf Bard

Gestão e Marketing de Redes Sociais

310 Vitrine The Bard

Prestígio os escritores Nacionais



158



180



192



194





Expediente

Revista The Bard
Ano 5, Nº 26, Julho e Agosto 2024
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, Twitter, Wattpad, Pinterest
YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Paparelli

Webposter: Edna Lessa

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Stella Gaspar, Betânia Pereira,
Cristina Gomes, Márcia Neves

Representantes Internacionais:

- Representante autorizado em Angola
Alegría Mauro
- Representante autorizada no Chile
Andrea Ríos
- Representante autorizado em Moçambique
Dany Amado Vasco



Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - J.B Wolf
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Grandes Autores - Vanina Sigrist
- Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
- História das Artes - Betânia Pereira
- Vida de Autor - Lillian Stocco
- Recita-me - Juliana Rossi
- Música e Literatura em diálogo - Elvira Drummond
- Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
- Coluna Prosa Poética - Jeane Tertuliano
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Crônica Tons do Cotidiano - Christiane Moraes
- Coluna Humaniliterar - Sueli Lopes
- As Cores da Sociedade - Elke Lubitz
- Nau Literária - Magna Aspásia
- Recanto das Culturas Tradicionais - Edna Brennand
- Florescendo em Pensamentos - Cris Gomes
- Literatura de Cordel - Beth Baltar
- Coluna Raízes de Moçambique - Dany Amado Vasco
- Vai um livro aí? - Luiz Primati
- Semeando a Escrita - Lillian Barbosa
- ResilienteMente - Adriana Strella
- Caldeirão Cultural - Patrícia Nascimento
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavinia
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Editorial: Equipe de Colaboradores
páginas 38 e 39

Artes de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf

Revista The Bard

Poesia, arte e música





14



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte.

A vida imita a arte ou a arte imita a vida?



Caros leitores, bem-vindos à 26ª Edição de da Revista Internacional The Bard! Nesta edição, preparei uma seleção imperdível de filmes e séries que vão enriquecer seus dias com entretenimento de qualidade, histórias cativantes e performances inesquecíveis.

Espero que aproveitem nossas indicações e se deixem envolver por essas incríveis produções. Acompanhe-nos nesta jornada cinematográfica e não se esqueça de compartilhar suas opiniões e sugestões. Até a próxima edição, onde traremos mais novidades e análises para os apaixonados por cinema e séries.

Apresento as minhas indicações para esta Edição de Julho e Agosto.

Boas sessões e até logo!

INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE

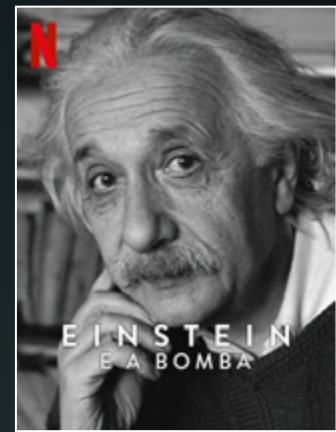




POST NO SITE



POST NO SITE



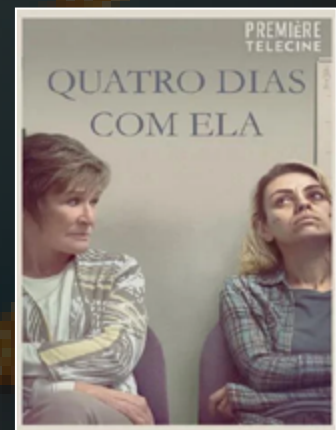
POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE

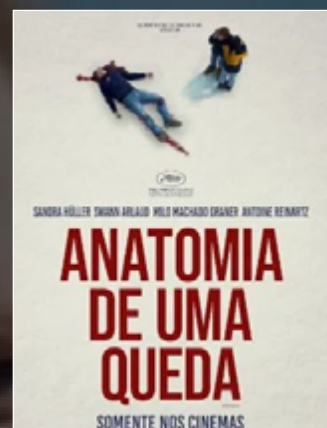


POST NO SITE





ANATOMIA DE UMA QUEDA



O filósofo francês Michel Foucault se dedicou na leitura das instituições modernas, consequentemente estudou com detalhes seus discursos e tudo que se sabe sobre ela. Muito além dos discursos vem a construção de verdades e o impacto disso na sociedade e na vida das pessoas. Uma das instituições que mais foi estudada por Michel Foucault foi a Justiça, principalmente quando pensamos em sua obra "Vigiar e Punir".

Para o filósofo, antes do crime e do criminoso, há o texto da lei e a construção da verdade, o estudo da pessoa e a narrativa que envolve todo acontecimento. E é praticamente isso que ocorre em Anatomia de uma queda.

Anatomia de Uma Queda é o vencedor do Oscar de Melhor Roteiro Original e dirigido pela cineasta Justine Triet, tem como ponto de partida a morte de Samuel, marido de Sandra, que é encontrada pelo filho do casal. A partir daí, todo o trâmite jurídico-policial tem início e a mulher, que é uma escritora bem-sucedida, é tratada como principal suspeita.

Sandra passa então a enfrentar uma batalha jurídica e, desde o início, afirma que é inocente. Porém, aos olhos da Justiça, ela é culpada. Mas de que maneira a esfera judiciária vai construir tal culpa? Obviamente, o que passa a ser julgado é o modo de vida da escritora e não o crime em si.

O roteiro de "Anatomia de Uma Queda" trabalha de maneira magistral as teses em torno da ordem do discurso e das verdades produzidas pela Justiça a partir da vida daqueles que estão na mira dos tribunais.

A trama é sensacional, mas, o que mais me chamou a atenção foram os diálogos inteligentes e viscerais.

Anatomia de uma queda está na Amazon e o filme é imperdível!

Beijos

Claudia Faggi



[Clique aqui](#)



JOVENS ADULTOS

A realidade é que não dá para escolher onde você nasceu. Mas a sorte é que na juventude, as pessoas podem escolher o que farão de suas vidas e inclusive onde desejam se estabelecer.

Principalmente nos Estados Unidos e nós podemos observar isso em muitos filmes a faculdade longe de casa é a desculpa perfeita para ficar longe da cidade onde moram os pais, fugir da sua essência e reiniciar a vida.

É esta a história de Mavis Gary em Jovens Adultos vivida pela lindíssima Charlize Theron. Uma mulher que saiu de sua cidadezinha, no interior de Minnesota em direção à Minneapolis e trabalha como escritora de uma série de livros para adolescentes cuja febre já passou e foi cancelada. Resta apenas a publicação do último volume e o editor está no seu pé para que ela entregue logo o desfecho da história.

Enquanto enrola, ao invés de escrever, Mavis abre seu e-mail e vê que recebeu uma mensagem de seu antigo namorado do colégio. Ele acabou de ganhar uma filha e a convida para o batismo da menina.

O convite é genérico e certamente foi enviado para várias pessoas, mas ela encara aquilo como algo pessoal.

Mavis pega a estrada e vai em direção à sua cidade natal com uma única missão: reatar a relação dos dias em que ela era a Rainha do Baile e ele o quarterback do time da escola.

Mas a história vai muito além disso, Jovens Adultos fala sobre imaturidade, egoísmo, egocentrismo e principalmente de que crescer é muito difícil para muitos, apesar da idade.

Jovens Adultos está na Netflix e é uma super dica para refletir a forma que interpretamos o mundo!

Beijos

Claudia Faggi

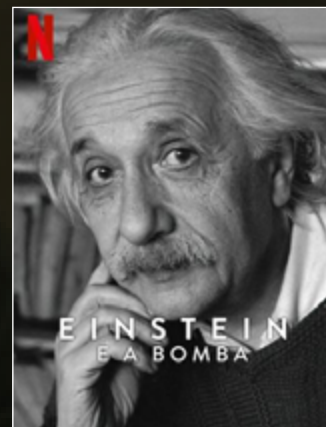


[Clique aqui](#)





EINSTEIN E A BOMBA



O documentário *Einstein e a Bomba* está na Netflix e com certeza veio para agradar os fãs de temática histórica.

O filme retrata o conflito moral sofrido pelo cientista alemão Albert Einstein ao se envolver com a criação da bomba atômica. A arma de destruição em massa foi usada pelos Estados Unidos contra o Japão durante a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945).

A produção conta com a direção de Anthony Philipson e o ator Aidan McArdle no papel de Einstein.

Além de momentos encenados por McArdle e outros atores, o documentário também apresenta imagens de arquivo e citações ditas pelo próprio cientista alemão, e é exatamente isso que faz toda a diferença nesta produção!

Em 1933, Albert Einstein já era o cientista mais famoso do mundo, mesmo assim se viu ameaçado pela perseguição sistemática de judeus que começava em seu país. Ele decide se refugiar em uma cabana na Inglaterra.

A relação do cientista com o Projeto Manhattan e com o criador da bomba, Robert Oppenheimer, já foi abordada pelo filme de Christopher Nolan “*Oppenheimer*” que levou o Oscar de 2024 de melhor filme entre outras premiações.

O documentário aprofunda as razões e os arrependimentos de Einstein na época, em uma mescla de imagens de arquivo e recriações.

A carta assinada por Einstein

A beira da Segunda Guerra, a descoberta da divisão do átomo fez com que a comunidade científica percebesse o potencial devastador da tecnologia nuclear.

Em 1938, Albert Einstein e Leo Szilard, um físico húngaro radicado na Alemanha, enviaram uma carta ao então presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, para alertar sobre o potencial militar dessa descoberta e a possibilidade de

que a Alemanha nazista conseguisse desenvolver uma bomba atômica.

Os dois cientistas haviam saído da Alemanha após a ascensão do nazismo e atualmente trabalhavam em universidades americanas. Seu alerta fez com que o governo americano tomasse medidas: em outubro do mesmo ano, os Estados Unidos passaram a destinar os primeiros fundos para pesquisas nucleares com fins militares.

Tais pesquisas dariam origem ao Projeto Manhattan e, conseqüentemente, à devastação de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, matando mais de 110.000 pessoas.

Se você assistiu *Oppenheimer*, assistir *Einstein e a Bomba* oferece um plus a mais no conhecimento histórico do que realmente aconteceu na época.

Vale cada segundo!

Beijos

Claudia Faggi



[Clique aqui](#)



EXPATRIADAS

A série *Expatriadas* está na Amazon Prime e a cada dia conquista por sua capacidade de transferir emoções, é isso... doses de emoção distribuídas em seis episódios.

A expectativa para a segunda temporada é quase uma imposição.

A grande questão da série é a maternidade. Não importa em que século estamos vivendo, não importa a modernidade, a pressão que existe para se ter filhos na hora certa, na hora imposta pelo corpo e pela sociedade é iminente.

Em *Expatriadas* tem um fato interessante, uma mulher de uma família hindu onde a mãe, por ter apenas uma filha, foi punida a vida inteira pelo marido com maus-tratos. Este é apenas um exemplo.

A série também carrega a difícil missão de fazer a sociedade entender que engravidar é uma opção, afinal a pílula e outros anticoncepcionais já existem há muito tempo, embora muitas mulheres prefiram não ter responsabilidades sobre isto e deixar ao acaso.

A ambientação em Hong Kong é assertiva e a direção da criadora Lulu Wang mostra um olhar atento e sensível sobre os personagens.

Nicole Kidman está presente no elenco e na produção. O seu personagem cria aquela ve-

rossimilhança que todas as mães se identificam na criação de seus filhos, onde não existe o certo ou errado, apenas aquilo que somos ou aprendemos como ser.

Expatriadas explora situações e sentimentos de mães, futuras mães e a mulher que se sente completa sem ser mãe, e são essas experiências que tornam a série humana.

Assiste e depois me conta tudo!

Beijos cheios de empatia em cada coração!



Clique aqui





MILAGRES NO PARAÍSO

É na Netflix que você encontra um filme inspirador chamado Milagres no Paraíso. A película é baseada em fatos reais, com uma história sobre uma família normal que passa por momentos difíceis e que juntos lutam em nome de um bem maior, aliás o maior de todos, a busca da cura de sua filha.

Os Beam eram uma família americana feliz. As três filhas eram amadas e bem cuidadas pelos pais que viviam um bom casamento. Tudo ia bem, até uma nova descoberta deixar todos em choque: Annabelle, a filha do meio, passou a ter dores fortes na barriga e seu estômago não estava digerindo os alimentos de forma adequada, sendo diagnosticada com uma síndrome sem cura.

Depois de muita luta e sofrimento, algo espetacular e inexplicável para a medicina aconteceria.

Quantas vezes somos colocados à prova e questionamos a nossa fé? Quantas vezes tivemos dúvidas e medos sobre as nossas decisões em relação aos nossos filhos?

É disso que se trata Milagres no Paraíso... amor, fé, paciência e confiança de que tudo acontece por um motivo.



A história dos Beam é real e foi relatada no livro Milagres do Paraíso, escrito pela mãe de Annabelle. O sucesso da história fez com que ela se tornasse um filme, levando a produção de um dos maiores sucessos do cinema religioso moderno.

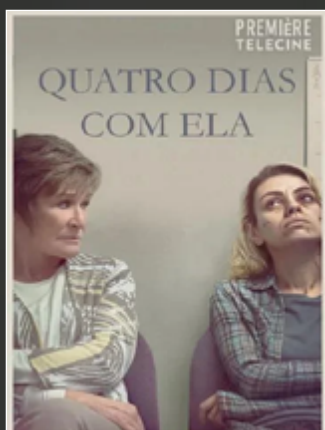
E você não pode perder!

Beijos

Claudia Faggi



[Clique aqui](#)



QUATRO DIAS COM ELA

Disponível no catálogo da Netflix, Quatro Dias Com Ela é um filme carregado de drama que conta a história de Molly vivida pela incrível Milla Kunis.

Molly é uma mulher que tenta se livrar de um vício em drogas e que só pode contar com a ajuda de sua mãe, nada mais, nada menos que Glenn Close, nossa eterna assassina de coelhos em Atração Fatal.

Apesar dos laços de sangue que unem as personagens, logo descobrimos que a convivência entre elas não é pacífica graças a uma série de episódios traumáticos. Durante 1h40 de duração do filme, vemos como elas tentam reparar pontes que foram queimadas e a importância de ter um apoio quando precisamos de uma nova chance na vida.

O filme é inspirado na história real de Amanda Wendler. O roteiro foi inspirado em um artigo do Washington Post publicado em 2016 sob o nome "Como está Amanda? Uma história de verdade, mentiras e vício americano".

O texto do jornal ganhou o Prêmio Pulitzer, por tratar de temas considerados sensíveis, como o vício em opioides que tem destruído os Estados Unidos. Ele revela que, assim como no filme, Amanda recorreu à ajuda de sua mãe para conseguir ficar uma semana sóbria enquanto se preparava para entrar na reabilitação.

O artigo revela que a jovem desenvolveu seu vício quando, na infância, acabou sofrendo uma lesão. O tratamento recomendado foi uma dose de 120 comprimidos de Vicodin, um remédio para dor conhecido por sua alta eficiência, mas também por ser extremamente viciante.

O filme é uma linda história de vida e amor!

Beijos e bom filme

Claudia Faggi



COLUNAS E COLUNISTAS



[Clique aqui](#)





Vanina Sigrist 

Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, professora em cursos de graduação, autora do livro infantil "De quem é a rua?" (2021) e criadora da Casa na Arte (com canal no YouTube). Adoro ser mãe, cuidar de plantas, comer bem, meditar e curtir amigos, artes e livros.

Esta sou eu: uma literatura de luta por memória, reconhecimento e representação

Por Vanina Sigrist

Minha experiência com literatura africana é tardia. Fui conhecer alguns de seus autores e principalmente autoras quando já na universidade. Antes disso, na escola ou em casa, de estrangeiros lia nomes das Américas ou da Europa. Sinto que esse era um reflexo não só das minhas influências literárias diretas (mãe e professores), mas também do cenário editorial e acadêmico brasileiro, que não comprava, traduzia e debatia livros africanos como hoje.

No curso de Letras, há mais de duas décadas, meu repertório expandiu-se, evidentemente. Ali soube da existência de especialistas exclusivos nessa tradição. Ainda assim, curiosamente, inaugurei minha vivência na literatura africana por intermédio de um olhar europeu, o que nesse contexto imediatamente significa colonizador. Em minhas leituras dos ensaios e artigos de imprensa de Italo Calvino descobri mais da cultura oral e do patrimônio das fábulas, não só africanas, mas também. Um italiano, vejam

só, foi quem de modo mais detido me inseriu numa África da sabedoria popular, dos sabores dialetais, da rusticidade narrativa. E é essa a África mais genuína que até hoje devemos urgentemente conhecer e reconhecer.

As mídias sociais, dentre outras coisas, se prestam muito a reproduzir citações literárias com referências mínimas às fontes. Quase diariamente leio "provérbios africanos" sem nunca ter a certeza de que realmente o sejam (o que me angustia). Como respeito muitíssimo o trabalho arqueológico daqueles que por anos se empenham em localizar as narrativas genuínas de um povo, assegurando origens, intertextualidades e etimologias, ainda por influência do projeto de Calvino com as fábulas populares de seu país, incomoda-me a irresponsabilidade de atribuir apressadamente uma autoria a meia dúzia de palavras entre aspas como muitos fazem nas redes sociais digitais.



Imagem IA por Freepik

Ganhamos mais se nos valemos de uma coletânea de achados com fundamentação histórica e bibliométrica, que realmente nos permita conhecer a cultura e a identidade desse continente tão gigante e diversificado, cuja história repleta de dores, conflitos, costumes, idiomas, peculiaridades determina os provérbios e as fábulas de muitos séculos atrás bem como os títulos modernos ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura.

Aliás, já era o momento de citá-los. Wole Soyinka foi o primeiro africano a receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1986. Dramaturgo, poeta e ensaísta nigeriano, Soyinka enfrentou temas de opressão, injustiça e corrupção política em suas obras, como na peça "A Dança da Floresta" (A Dance of the Forest) e em "O Leão e a Joia" (The Lion and the Jewel). Ambos os títulos me arremessam inevitavelmente para o universo dos contos e histórias populares, pelo cenário e pelos animais simbólicos.



Imagem "Wole Soyinka" por Jornal Grande Bahia

Durante a guerra civil de Biafra, foi preso por 22 meses quando apelou por um cessar-fogo. Em sua solitária escreveu "O homem morreu: notas da prisão de Wole Soyinka" (The Man Died: Prison Notes of Wole Soyinka) em rolos de papel higiênico. Lamentável, mas muito curioso o fato de um autor tão relevante no cenário revolucionário como ele redigir sua autobiografia dessa maneira e nessas condições.

Depois de Soyinka, foram premiados o egípcio Naguib Mahfuz, em 1988; os sul-africanos Nadine Gordimer, em 1991, e John Maxwell Coetzee, em 2003; e mais recentemente, em 2021, Abdulrazak Gurnah, voltando-se assim a condecorar com o Nobel um autor da África Negra (todos os outros eram brancos). A relevância de sua obra está, à semelhança da de seu precursor, na capacidade de expor realidades complexas de uma parte da África marcada por colonialismos, tráfico de escravizados e dificuldade de superar tal legado. Seu romance mais recente é "Sobrevidas" (Afterlives, sob tradução de Caetano Galindo pela Companhia das Letras).

Na minha percepção, porém, mais importante do que tais premiações – que já são um passo rumo ao reconhecimento de nações e comunidades que desde sempre precisam, antes de qualquer coisa, provar que existem, mostrar quem são e exigir o mesmo espaço que o das sociedades colonizadoras centrais – é a presença africana nas vitrinas nas livrarias, nos materiais didáticos, nos cursos acadêmicos, nos debates formais e informais, nos palcos de visibilidade, inclusive no Brasil. E mais importante ainda, a movimentação de autoras africanas por muitos países que têm em seu DNA fortes traços desse continente, insuficientes, todavia, para subsistir com um cruel racismo estrutural, como o nosso.

Peço licença para destacar aqui, caros leitores, dois nomes. O da escritora franco-ruandesa Scholastique Mukasonga, que realça o embate entre as tradições culturais preservadas pela mãe e a Bíblia lida pelo pai todas as noites para os filhos antes de dormir, em "Kibogo subiu ao céu" (Kibogo climbed to the sky, já traduzido por Larissa Esperança pela editora Nós). O Kibogo do título é nome de um príncipe que teria se sacrificado para trazer de volta



a chuva a Ruanda, assolado por um período difícil de extrema fome na década de 1940.



Imagem de "Scholastique Mukasonga" por DCM

Mukasonga evidencia o quanto a leitura catolicista dessa carestia tornou-se arma colonialista. A autora não só marcou presença na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) em 2017, como teve dois títulos seus dentre os mais vendidos do evento, e retornou em outras ocasiões ao Brasil, inclusive neste ano, em Bienais do Livro e unidades do Sesc, para fazer ouvir a sua voz.

Chimamanda Ngozi Adichie nasceu na Nigéria e, aos dezenove anos, mudou-se para os Estados Unidos, onde se formou em comunicação e ciências políticas, prosseguindo até o mestrado de artes em estudos africanos. É autora dos romances "Hibisco roxo" (Purple Hibiscus), "Meio sol amarelo" (Half of a Yellow Sun) e "Americanah" (idem) publicados no Brasil. Além deles, aqui e em outros países ficaram também conhecidos seu livro de contos, "No seu pescoço" (The Thing Around Your Neck), e suas conferências do TED: "Sejamos todos feministas", "Para educar crianças feministas" e "O perigo de uma história única", escritas e proferidas de 2009 para cá. Adichie conseguiu a proeza de conquistar muita proeminência sendo uma mulher negra ainda jovem num mundo que mais radicalmente asfixia esse perfil em particular. Tem sido vista e ouvida em círculos políticos, midiáticos e acadêmicos, o que muito deveria nos orgulhar, principalmente a nós, mulheres.

Termino minha reflexão como tradicionalmente faço na The Bard: com um nome da literatura

infanto-juvenil africana, porque acredito muito no papel transformador das histórias para esse público. Nokugcina Elsie Mhlophe, ou simplesmente Gcina Mhlophe, é uma ativista antiapartheid sul-africana, atriz, contadora de histórias, poetisa, dramaturga, diretora e autora. Uma das poucas mulheres contadoras de histórias em um país até hoje dominado por homens, faz seu trabalho por meio de performances carismáticas, com o intuito de preservar a narrativa como um meio de manter a história viva e incentivar as crianças sul-africanas a ler.

Conta suas histórias em quatro línguas da África do Sul: inglês, africâner, zulu e xhosa, o que merece destaque aqui, já que os demais autores que recordei publicaram seus livros em inglês, o que facilitou a visibilidade mundial que alcançaram. As histórias de Mhlophe misturam folclore, assuntos atuais, música e idioma, a fim de desenvolver jovens talentos para levar adiante o trabalho de contar histórias por meio da Iniciativa Zanendaba ("traga-me uma história", criada em 2002 em colaboração com o Market Theatre e uma organização nacional de alfabetização).



Imagem IA por Freepik

Meu desejo é de que meu filho e tantas outras crianças possam usufruir da literatura africana bem mais cedo do que eu, vendo nela toda a riqueza e potência que tem e que por tanto tempo tentaram calar.

Até a próxima!

*Esta sou eu: uma literatura de luta por memória,
reconhecimento e representação*

Por Vanina Sigrist



COLUNAS E COLUNISTAS

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE





26^a
EDIÇÃO



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

História de Natal:

"Como diferentes Culturas celebram esta data"

28^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

PERÍODO DE **11** DE AGOSTO À **04** DE OUTUBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

Clique
Aqui

A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

14



Stella Gaspar



Stella Gaspar nasceu em João Pessoa, na Paraíba. Professora Universitária. Mestre, Doutora com Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Pesquisadora, escritora e poetisa. Ama escrever, aprecia as belas palavras e suas poéticas. Busca com seus escritos desvelar as belezas da alma. Lançou seu primeiro livro de poesias, em 2016: "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Também é autora de livros Técnicos nas áreas das Ciências Humanas. Coautora em várias Antologias. Atualmente escreve textos e poesias com diferentes temas no Blog da Editora Valleti Books. Colunista, pesquisadora e escritora da Coluna "Autopoiese & Narrativas", na Revista Internacional The Bard.

CAROS LEITORES,

Sejam bem-vindos, aos nossos escritos na 26ª edição, da "Revista Internacional The Bard". Pretendemos lhes oferecer narrativas que irão descrever a nossa oportunidade em ter tido o prazer de desenvolver um trabalho educativo, em Cabo Verde, envolvendo professores africanos no âmbito da Pedagogia Social (Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Porto Príncipe). Uma boa e autêntica satisfação em trocas humanas, marcadas por pontos emotivos e intelectuais, produzindo resultados fantásticos.

Pretendemos deixar aqui, uma amostra do melhor e dos melhores momentos, de nossa memória afetiva, na vivência africana. Desta maneira, os educadores africanos, estiveram envolvidos e comprometidos com o autodesenvolvimento e a relevância social, da qualidade de vida de sua comunidade, onde residem e prestam seus serviços. Assim, a otimização no seu processo de formação educativa, para o mundo globalizado, implicou em conquistas da autonomia para a construção do próprio caminho. Na nova trajetória transformacional, bem como iniciativas educacionais que valorizem a diversidade; e ainda, em participação efetiva nos relacionamentos interpessoais, não só em espaços escolares, como também, em espaços não escolares. Lembrando Guimarães Rosa. "O real não está nem na chegada, nem na saída, ele se dispõe para gente é no meio

da travessia". Fazamos dessa travessia a descoberta de novos horizontes.

Com essa introdução, destacamos algumas argumentações das ideias, sugestões, em que procurei desenvolver uma prática significativa para o momento pedagógico- formativo, na (Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Porto Príncipe). Buscando fazer parte da melhoria na educação, bem como da alegria e do prazer de motivar professores africanos formados, com matrizes próprias e seus sentimentos, integrados à ação educativa.

A docência foi, assim, percebida na formação continuada dos professores africanos, como a descoberta de potencialidades inatas que, quando desenvolvidas, possibilitam a formação de um novo homem, de uma nova sociedade, de um novo mundo. Nessa direção, nosso olhar voltou-se para professores e educandos como pessoas, que aprendem na dimensão desse movimento; "educar e educar-se", como uma atividade cognitiva, afetiva e social, carregada de intenções teóricas e práticas, com possibilidades transformadoras.

Diante desses construtos, lembramos que o ensino deve ser um privilégio e um direito de cada cidadão africano. Deixo então, para vocês, a narrativa dessa exitosa experiência.

Stella Gaspar

1. O percurso do projeto africanidades

O que é ser professor autor e autônomo em uma pedagogia social?

Podemos dizer que este professor vive num processo dinâmico e interativo de (re)encantamentos que busca, na sua condição humana, o conhecer-se no cotidiano de sua prática pedagógica. Identificamos características desse perfil docente, no momento em que este apossa-se de sua liberdade, usufruindo e abrindo-se às possibilidades de vivenciar experiências desejadas. Então, caminhar na direção de uma educação capaz de, como tão bem coloca Assmann (2001), acender esperanças e sensibilidades, deve-a ser possível compreender melhor o outro, suas incertezas, suas razões e atitudes e entender que vivemos em um mundo sistêmico e a partir dele. Pelos caminhos encontrados, conseguiremos reconhecer a importância de nossa existência, enquanto seres pensantes e profissionais.

Grande foi o início, o momento e a continuidade da experiência, dia a dia. De maneira livre os professores africanos em formação, mostravam-se encantados com as suas autorias e autonomias, com a possibilidade de sonhar aprendendo a vida inteira e por todas as formas de viver. Assim sendo, descobrir caminhos novos requer responsabilizar-se pela construção destes.

“Grande coisa é haver recebido do céu uma partícula da sabedoria, o dom de achar as relações das coisas, a faculdade de as amparar e o talento de as concluir.”

Machado de Assis

A importância da Pedagogia social proposta no curso formativo por mim, ministrado, buscou uma alternativa de educação, nos espaços escolares não formais, visando incluir socialmente todos que a educação formal não alcança capazes de aproximar com as práticas educativas o educando, jovens e

adultos aos projetos flexíveis e construções conceituais, que ofereçam a cada um oportunidades para si e, no coletivo, de se perceber interagindo, crescendo e se desenvolvendo com conhecimentos humanos e intelectual. Ou seja, um educador aberto a estas novas visões, com muitas janelas para o mundo. Não importa se a educação não aconteça em uma sala de aula, o fundamental é o reconhecimento de espaços no qual o educando possa construir uma relação dialética entre mundo e conhecimento, por meio das interações sociais que ali se constroem em situações educativas informais.

A formação continuada, para os professores africanos, numa proposta de uma pedagogia socioeducativa, precisa implementar espaços para instigar elaborações que os levem ao crescimento pessoal e profissional, abrindo portas e caminhos para uma ação pedagógica que não comporte apenas matrizes técnicas e teóricas, mas o despertar para a questão de que o que está sendo ensinado pode ser referência para a construção de novas histórias educativas e profissionais, vividas na escola ou fora dela. Com isso, o professor, quando em atuação, pode passar a ter possibilidades para aprender, fazendo dos sonhos docentes, textos visíveis e possíveis. Logo, podemos dizer que a experiência educativa significativa é aquela que nos permite integrá-la a nossa história pessoal e cultural, isto é, de forma dialógica numa ação conjunta. (Stella Gaspar, 2013).



Professores africanos (Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Porto Príncipe) em formação continuada. Gaspar, Stella, 2013.



2. A essência de uma experiência

“Reviver novamente um tempo, suas emoções e seus legados, é como um poema amado de se ler, é como lavar o rosto pela manhã; e se vê feliz, por estar renascendo para um novo dia.”

Stella Gaspar

Nossos momentos, como professora formadora de professores em Cabo Verde, foram nutridos pela abertura do coração, pois sabemos que não adianta uma mente técnica e um coração vazio. Buscamos tecer um olhar mais sensível e solidário, mais humano e compreensivo, por todos os que ali estavam, encantados com a possibilidade de se reencontrarem com suas atividades.

O ambiente educativo, sempre esteve provocador de reflexões, a partir da caminhada concreta de cada um. Foi para mim, motivo de alegria e satisfação. Juntos estivemos nas dúvidas, conflitos cognitivos como também, com suas produções e sugestões, o que nos permitirá criar diálogos cada vez mais significativos.

Dessa forma, reconhecemos a interdependência entre o ambiente, o ser humano, o pensamento e os processos de desenvolvimento e sua evolução, na existência de uma cooperação coletiva e protagonista. Assim, os professores em formação, foram vistos como seres de inteirezas, com suas vidas integradas às suas emoções, intuições, desejos e afetos, com suas histórias de vida.

Nessa direção, destacamos a dinâmica nas elaborações de saberes, lançando desafios para que os professores se definissem como aqueles que sentem, amam e que precisam de liberdade para produzir seus próprios caminhos.

Destacamos outro aspecto importante desenvolvido na experiência aqui narrada. Trata-se das

“autorias pedagógicas”, gerando novas percepções, nas quais novas ideias fomentavam novos projetos e possibilidades pedagógicas nos diferentes movimentos humanos.

Por isto, mesmo, acreditamos que a pedagogia da autonomia de Paulo Freire, entendida por nós como proposta formativa, pode desencadear os fundamentos teórico-práticos na prática educativa de professores autores que atuam na Pedagogia Social, em seus modos de agir, pensar e ser.

É preciso entender, que o processo de formação profissional envolve transformações ao longo da vida, revelando-se a cada instante nesse sentido, a nossa incompletude e faltas fazem brotar a semente do desejo.

Assim, os desejos de produzir, podem impulsionar os professores para a busca de superações e transformações da prática pedagógica formal e informal no âmbito da pedagogia social.

Sentimo-nos, às vezes, como se estivéssemos enroscados(as) num emaranhado de teias e por sermos possuidores de conhecimentos, discernimentos, sensibilidades e disponibilidades, encontramos alternativas para alcançarmos liberdade de compartilhar com nossos pares a aventura de educar.



Professores africanos (Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Porto Príncipe) em formação continuada. Gaspar, Stella, 2013.



Professores africanos (Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Porto Príncipe) em formação continuada. Gaspar, Stella, 2013.

3. Um luzeiro de africanidades

Corpo-África De Juliana Costa

Meu corpo é uma África
e o mundo, um navio negreiro.
Enquanto cantos que não entendo
oscilam dentro de mim,
eu vejo as atrocidades que ainda não tiveram fim.
“Vivemos tempos de Lei Áurea” – assim nos dizem
enquanto socialmente nos constroem
pelo cabelo crespo que adoramos
pela coroa simbólica que levantamos
e se ofendem quando nos amamos.
Meu corpo é uma África
que ainda grita
todos os crimes contra sua terra
e contra sua gente.
O racismo de nossa era
vem com uma boca sorridente
que dissimula
e tudo que é negro anula
como contribuição social.
Meu corpo é uma África
Meu mundo vive comigo a resistir
Já que não podemos mais permitir
o silêncio a nos chicotear,
nem os discursos com outros termos a inferiorizar o
que somos.

Os cadernos negros n. 39 – (p. 194)

Ao aceitarmos a legitimidade do outro, estamos propondo à reflexão sobre o desenvolvimento de sua autonomia, sua criatividade e capacidade crítica. Sendo assim, abrindo um espaço sem fronteiras, reconhecendo e acolhendo-o em sua legitimidade.

Muitas são as exigências advindas da sociedade, para com o professor, como, por exemplo, formar-se e continuar se qualificando, inovando métodos e técnicas pedagógicas, dominar o uso das tecnologias e o uso de suas linguagens, adotar uma prática pedagógica integrada a interdisciplinaridade, flexibilidade, transversalidade e contextualização, ser criativo, criar estratégias de ensino que contagie os alunos com suas ideias. Esse cenário desafiador impulsionaram os profissionais da educação africana, em buscar meios para dar respostas às demandas que requerem transformações, tanto nas práticas educativas, quanto na produção de conhecimentos. Nesta busca, destacamos o mundo complexo da profissão docente, que tem, por expectativa, uma aprendizagem formativa não linear de modo que possa provocar mudanças na postura docente.

Portanto, devemos buscar processos formativos ousados, criativos e ressignificados, que gerem em nós sentimentos de reconhecimento de que as ações pedagógicas são mutantes e se articulam aos contextos sistêmicos, que, ao longo de vivências, na trajetória de vida pessoal e profissional, vão se materializando. Assim, torna-se evidente que o espaço da ação educativa, envolva aprendizagens para o “ser, sentir e agir”.

Para isso, entendemos que o processo de ensino informal utilizado na realidade africana, aquele que pode ser vivenciado fora da sala de aula, é também um espaço de aprendizagem e que pode potencializar a formação de jovens e adultos num ambiente dialógico tecido em conjunto com os professores em suas singularidades, isto é, em reciprocidade.

A educação de jovens e adultos na África, é uma modalidade educativa que necessita ser olhada de perto, com um olhar de encantamento, porque talvez, o que importa seja uma nova forma de olhar, que modifique a ótica de ver a função educativa. Por-



tanto, uma educação dialógica comprometida com a leitura crítica da realidade, para, a partir daí, juntos buscarmos novas formas de relações com o mundo.



Arquivo fotográfico (África) Gaspar, Stella, 2013.

4. O educador e a arte de educar

Significa ser aquele que aprende ensinando com a sua práxis, afirmando que aprender precede ensinar, porque se dilui na experiência do aprender. Lembramos o sentido etimológico da palavra 'ensinar', que vem do latim "insignare", significando marcar com um sinal, indicar um caminho, um sentido. Todo conhecimento humano é, na sua origem o desenvolvimento, inseparável da ação; assim como "todo conhecimento cerebral, elabora e utiliza estratégias para resolver os problemas postos pela incerteza e a incompletude do saber" (Morin, 1996, p. 192).

É preciso integrar a educação, escola e vida, razão e emoção, matéria e espírito, indivíduo e meio ambiente, hemisférios cerebrais esquerdo e direito e tantas outras questões, porque cada ser humano carrega, dentro de si, o mundo em que vive e que pretende viver.

Nessa linha de entendimento, entendemos que o processo de formação da profissão docente torna-se uma busca do professor de si, de sua função em um mundo que demanda consistência pessoal para o enfrentamento dos desafios que deverão ser encarados na sociedade atual.



Arquivo fotográfico (África). Gaspar, Stella, 2013.

A arte de educar, precisa formar seres humanos para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais, e elementos definidores de sonhos de felicidade individual e social.

Acreditamos que o agir pedagógico, quando realizado em um lugar cheio de encantos, de criatividades e alegrias, pode representar uma fonte que proporciona a transformação do professor em um profissional de (re)encantamentos numa rede de conhecimentos que se cruzam e dialogam com as condições de vida da população. A atuação pedagógica pode, então, resultar a descoberta de potencialidades inatas que, quando desenvolvidas, geram bem-estar na atuação docente.

"Para aprender é importante estarmos abertos para acolher o novo, e o que pode ser transformado. É voar com a imaginação, escrever e se surpreender, com a sinfonia dos conhecimentos adquiridos, é captar a paisagem e sentir a beleza das ausências. Aprender, é ter um flash de luz entre mundos e culturas, traduzindo sonhos, imagens em movimentos."

Stella Gaspar



Vegetação africana. Gaspar, Stella, 2013.

5. O desejo de se conectar



Alunos africanos encantados com o computador. Gaspar, Stella, 2013.

Na experiência vivida, nosso objetivo foi também levar as oportunidades interativas no campo virtual, interativo on-line. Podemos destacar nessa direção, os múltiplos dispositivos midiáticos, trabalhados nas aulas com os educadores africanos: os fotologs (sites que permitem que se coloquem fotos na Internet com facilidade e rapidez), as conversas em MSN (dispositivo on-line que permitem em tempo real trocar informações com amigos e familiares) e os e-mails.

A comunicação, compreendida como troca de conhecimentos, possui dimensões educativas que devem ser levadas em conta, como as possibilidades da rádio escola, como uma proposta que foi desenvolvida. O equipamento simples e de fácil manuseio como: microfones, mesa de som, aparelho de som com gravador, CD e rádio AM-FM e um amplificador. Esse equipamento foi de fácil obtenção e uso na realidade da África, naquele momento. Vale recordar que cada professor ganhou o seu Notebook, dado pelo projeto do curso, em convênio com a UFPB (Universidade Federal da Paraíba) para trabalhar com seus alunos, desenvolver suas atividades, entre outras.

Fica a reflexão

Para nós, é importante renovar estratégias, adequar metodologias e instrumentos de trabalho, com aprendizagens formativas que podem estar nos desenhos, colagens, produções, na voz, no corpo.

Lembramos que, cada aprendente, mesmo em se tratando de professores, tem uma necessidade de estímulo no exercício do pensar para transformar, porque, quando um prazer de uma realização é experimentado por nós, fica difícil desistir dele.

A formação profissional passa também pelo aspecto pessoal e, por isso, as ações que favorecem um trabalho sobre si, devem servir de referência e produzir maneiras de ser e estar com o outro, pressupondo a participação e articulação com as múltiplas interações, no processo de aprendizagem continuada.

Nossa experiência didático-pedagógica, tratou de pensar o que nos fazem sentir mais felizes e encantados na profissão docente e, com isso, poder superar o sentido limitado, muitas vezes dado ao fazer educativo.

As ideias aqui tecidas não se esgotam em si mesmas, podendo ser espelho para novas autorias, estas poderão ser fontes de estímulos para o nosso (re)encantamento como educadores. Em síntese, desejamos, incentivar as autorias profissionais na educação, oportunizando o reconhecimento de nossa capacidade de sermos autores do nosso “pensar, agir, criar, ousar”.



Momento de finalização do curso. Gaspar, Stella, 2013.



Encontro

A cada encontro: o imprevisível.
A cada interrupção da rotina: algo inusitado.
A cada elemento novo: surpresas.
A cada elemento já conhecido: desconhecimento.
A cada encontro: um novo desafio, mesmo que supostamente já vivido.
A cada tempo: novo parto, novo compromisso.
A cada conflito: nova faceta insuspeitável.
A cada aula: descobrimento de terras ainda não esbravejadas.
A cada aula uma aventura.
A cada aula uma revelação.
A cada aula uma perplexidade.
Cada aula um caminho na busca de mim mesma.
Cada aula um nascimento com o outro.
Madalena Freire (2008, p. 154).



Imagem de Emmanuel Ikwuegbu por Pexels

Agradecimentos

Agradeço ao apoio de todos os envolvidos, nessa valorosa interlocução entre o Brasil e a África. Essa interação foi decisiva em todas as etapas de realização do projeto “Africanidade”.

Agradeço também aos leitores da “Revista Internacional The Bard”, e a todos que amam o “Coração afetuoso, chamado África”.

Agradeço, pela paixão da escrita compartilhada.

Espero que gostem.



Imagem de Emmanuel Ikwuegbu por Pexels



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

INSTAGRAM



POST NO SITE



FRASES E PENSAMENTOS

O amor salva-nos da guerra mas,
há muitas guerras que dele nascem.

Beatriz Santos

A reza até cura a alma, mas é a caminhada
que faz o milagre acontecer.

Neri Cappellari

Dedique-se a cada disciplina que as áreas do ensino
lhe oferecem,
Pois, cada uma é uma mina de ouro,
E em uma delas pode estar o seu tesouro
onde você revelará a sua vocação,
O seu dom e desenvolverá sua nobre profissão.

Francisco Martins

Em mil poesias nos encontremos nas esquinas de
cada sílaba, nos ventos de cada advérbio, para escutar o
sujeito em seus discursos e infinitos predicados... Mas
furte-nos sempre, de nossos pontos finais.

J.B Wolf

Tem dias que o céu é aqui e a gente nem nota.

Guilherme Fischer

Torna-se

O tonar-se há de dar sentidos ao estar.

Herena Reis

Amadurecer na fé é compreender que todo
ser humano é suscetível as intempéries

Betânia Pereira

A existência se desenrola entre ciclos finitos que
compõem o Infinito.

Naira Pereira

Apoemar

Amar é verbo. Amor é expressão.
Eu, poeta, amo. Eu, poesia, faço amor.

Beatriz Clarinda

Em dias difíceis olho para o céu e encontro
as estrelas. Em dias felizes, idem!

Edna Lessa

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUNISTAS

Inteligibilidade no olhar é, no amor,
a mais absoluta libertação.

Renato Cresppo

Que o amor pelo próximo vire moda
e a empatia se padronize.

Iracelma Patrícia

“A alegria das flores, deixa a felicidade em sentir a
ausência do amor distante, tão perto da nossa paixão,
como rosas se abrindo”.

Stella Gaspar

“Amor amorável, querençoso,
a sua poesia não está nos versos,
está no meu coração, que ao sentir-te,
compreende o que é o verdadeiro amor.”

Stella Gaspar

“SUA FRASE AQUI”

Vejo no profissional da educação a mais célebre
das missões! Um país de bons educadores é
privilegiado. Eles elevam a dignidade da nação!

Francisco Martins Silva

Nem tudo que aparenta ser ruim,
acaba com um final triste.

Sidnei Capella

Amor

“O amor escorre feito cachoeira, quando torrente de
empatia cai na alma formando turbilhão.”

Rilnete Melo

Só o silêncio faz escutar o som da inspiração
da vida!
Sonhe, não acorde...
Acredite e crie mil mundos perfeitos dentro de
cada lágrima que jaz em um dia.

J.B Wolf

Vá atrás dos seus objetivos, mas aproveite a
caminhada. O trajeto é tão importante
quanto o destino final.

Rafaela Navas





História das Artes

18



Betânia Pereira



Historiadora/Enfermeira
Funcionaria Publica Estadual.
Pós-Graduada Em: Historia Do Brasil(Uema);
Saude Da Familia (Faesf);Terapia Intensiva (Facema).

A cultura africana

Bem vindo (a) a esta coluna! Que alegria ter você por aqui!

Vamos a mais uma aventura pela história das artes de povos que são significativos para a humanidade, sobretudo nessa edição, sobre a cultura africana, povos que contribuíram para a nossa cultura em uma enormidade de aspectos: dança, música, religião, culinária e idioma.

O que um povo produz lingüística, religiosa, artística, científica etc., compõe moralmente o seu conjunto de produção cultural. Esse conjunto tende a seguir certos padrões dentro de sociedades, o que cria um aspecto identitário para as culturas de determinadas agrupamentos. Dá ideia de pertencimento. Se questione qual momento você se sentiu pertencente a sua cultura?

A África é o território habitado há mais tempo no planeta, segundo estudos arqueológicos. Resultando na profusão de idiomas com mais de mil línguas, religiões, regimes políticos, condições materiais de habitação e atividades econômicas. E é fato conhecido que a história africana foi escrita e

contada pelos colonizadores europeus. Os viajantes, missionários e dirigentes coloniais foram os responsáveis pelos primeiros relatos acerca da cultura dos povos africanos. Assim, além de serem capturados para alimentarem a escravidão colonial, estes povos foram usurpados em todos os seus direitos, incluindo o de contar a própria história. O “Etnocentrismo” e o “Eurocentrismo” nas ciências europeias durante o século XIX são os responsáveis pela concepção das culturas africanas.

A combinação dos fatores migratórios, da colonização europeia e da diversidade étnica no interior do continente fez com que a África seja atualmente um continente em que se fala vários idiomas e cultuam-se várias religiões e que se caracteriza por ser pluricultural. Há uma grande parcela da população do sul da África que mantém as suas raízes e cultua as religiões tradicionais, mas também há um número expressivo de muçulmanos e cristãos vivendo na região, o que causa conflitos religiosos oriundos do preconceito e da intolerância. Na atualidade, o continente africano ocupa um quinto da Terra, com mais de 50 países e quase 1 bilhão de habitantes.

A cultura africana

Por Betânia Pereira

A Cultura africana, se considerada como um vasto conjunto de hábitos, costumes, religiões e artes do continente africano, têm uma origem diversificada e rica em elementos; vasta e diversificada, dotada de uma enorme riqueza imaterial, fator que se explica tanto pela diversidade de etnias presentes na África quanto pela influência de povos do Oriente Médio e europeus que tiveram contato com os africanos ao longo da história.

Já os povos do sul têm uma cultura mais vasta e, conseqüentemente, mais diversificada. Em alguns lugares, predomina-se a cultura cristã, sobretudo nos que a colonização estabeleceu-se com maior força, como a África do Sul. Já em outros, como o Congo, Moçambique, Serra Leoa, Somália e Quênia, a prevalência do modo de vida tribal nos interiores ainda é marcante, o que nos remete às religiões politeístas nativas ainda existentes.

Artes plásticas

Os povos africanos do sul desenvolveram diversas formas artísticas ligadas, principalmente, às suas religiões. Trata-se de artefatos, como máscaras, trançados de corda, estatuetas e outros, esculpidos em madeira, pedra ou confeccionados com tecidos. O simbolismo dessas formas artísticas remete às divindades ou a elementos do cotidiano e têm significados diferentes para cada povo, representando o sagrado, o profano ou ações que fazem parte da cultura, como a guerra e a coleta de alimentos (a maioria das tribos subsaarianas possuía uma vida nômade, baseada na caça e na coleta, antes da chegada dos europeus ao continente).



Imagem de Agnali por Pixabay



Imagem de Hansuan_Fabregas por Pixabay

Dentre as tradições culturais, podemos destacar algumas como mais marcantes e disseminadas:

Hábitos e costumes

Dentre os povos do norte do continente, destacam-se os hábitos e costumes tradicionalmente islâmicos, pois essa denominação religiosa é predominante por lá. É comum nas sociedades, sobretudo a egípcia e a marroquina, a prevalência do uso do véu para as mulheres muçulmanas e a instituição de um modelo patriarcal de família, baseado nos costumes do islamismo.

As máscaras são elementos da cultura africana que unem as artes plásticas e a religiosidade. As esculturas em marfim dos povos Bakongo evidenciam a tradicional caça de elefantes, animais que já foram abundantes em alguns lugares da África, para a alimentação. As presas desses animais são feitas de um material denso e calcificado, o marfim, e eram utilizadas para fazer esculturas e adornos, como colares.





Imagem de GDJ por Pixabay

Os povos que habitavam as regiões de Savana (bioma presente em grande parte da África subsaariana) conheciam a metalurgia, fundindo metais para fabricar armas de caça e de guerra, além de artefatos de decoração.

Música e dança

A música e a dança fazem parte das culturas tribais africanas. Embaladas por um ritmo marcado por instrumentos de percussão, as danças africanas geralmente têm ritmo e compasso rápidos, o que permite variações e movimentos diferentes.



Imagem de Jennifer Enujiugha por Pixabay

Ambas as artes, muitas vezes, possuem conotações religiosas e são utilizadas para marcar cultos tradicionais, sendo elementos que atraem e agradam os orixás (ou os bons espíritos) e afastam os maus espíritos. A música e a dança também são utilizadas nas tribos em comemorações e festivais, sendo praticadas por todos os integrantes.

Alguns ritmos de origem africana são a capoeira (uma mistura de arte marcial com dança), o batuque, o lundu e o coco. Muitos ritmos musicais ocidentais originaram-se com base na música africana, como o samba, o axé e o maracatu no Brasil; o reggae na Jamaica; e o jazz nos Estados Unidos. São instrumentos típicos da cultura africana para a composição da música:

Atabaque: um instrumento de percussão fabricado com madeira e couro de animais, geralmente tocado com as mãos, também pode ser tocado com baquetas finas de madeira. É utilizado hoje na capoeira, no samba, no axé e no maracatu, entre outros ritmos. O atabaque é um instrumento muito utiliza-



COLUNAS E COLUNISTAS

A cultura africana

Por Betânia Pereira

do em jogos de capoeira, cerimônias religiosas e em outros contextos.



Imagem de Raffguitar por Pixabay

Berimbau: instrumento de origem angolana composto por um arco de madeira, uma corda de arame e uma caixa de cabaça, que amplifica o som que resulta da vibração da corda. O berimbau é tocado com uma vareta, feita de algum graveto de madeira resistente, e normalmente é acompanhado por um chocalho, que movimenta a vareta, e uma pedra, que segura o berimbau e serve para interromper a vibração da corda. Em Angola, o berimbau é conhecido como m'bolumbumba. O instrumento é utilizado, desde a sua criação, na capoeira, para produzir os sons típicos que entoam a dança dos capoeiristas.

Agogô: é um instrumento de metal que possui duas ou mais campânulas (parte de fora de um

sino sem a campainha, que é o pêndulo interno) de metal e de tamanhos diferentes, presas por uma haste também de metal. Uma baqueta de metal ou de madeira é utilizada para vibrar as campânulas, que produzem o som.

Afoxé: é uma espécie de chocalho feito com uma cabaça e uma rede trançada com linhas e sementes. A rede cobre a cabaça, mas fica solta, de modo a permitir um atrito entre as sementes e a cabaça quando movimentadas, o que gera o som amplificado pela cabaça.

Os povos africanos são extremamente diversos e ricos culturalmente apesar de toda a generalização que o termo "africanos" carrega, passando uma falsa sensação de que esses povos são todos semelhantes. O presente artigo não tem caráter elucidativo, procurou-se enfatizar a importância da diversidade cultural africana para todos os continentes e o papel importante que ela teve na formação da identidade cultural afro-brasileira, presente nas festas, como no Carnaval, no Dia de Iemanjá etc.; a religião, a umbanda e o candomblé, na língua, influenciando o vocabulário, gramática e pronúncia do português brasileiro. Portanto a cultura africana no contexto brasileiro tem de ser tratada como questão educacional e também social; pois é ela fonte de subsídios para o misto cultural que o Brasil faz parte.

Ate à próxima, avante!

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM

BLOG

LINKS

POST NO SITE





**Quer aprender tudo
sobre Literatura?**

A JORNADA DO



ESCRITOR

O seu livro na mão do seu leitor

CLIQUE AQUI



Escreva contos e **torne-se** um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



Acesse aqui



COLUNA

Vida de Autor

16



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 5 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários — SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca.

Vida de autor

Nosso mercado editorial, cresceu muito nos últimos anos e a quantidade de formas de publicação não ficou atrás. As oportunidades que são ofertadas no mercado, abrem uma gama de possibilidades para o autor que deseja publicar sua obra, tanto de forma patrocinada, como de forma independente. Me acompanhem. Vamos desvendar os mistérios dos bastidores da escrita nacional juntos!

Quero publicar e agora?

Quando você autor chega nessa etapa da construção de um novo livro, temos uma vasta gama de oportunidades para você escolher. Mas com tantas opções como saber qual se encaixará melhor para a sua publicação? Essa pergunta será fundamental para o sucesso do lançamento do seu livro. Para lhe ajudar a escolher e a conhecer os tipos mais procurados no mercado, vamos listar algumas formas de você autor nacional realizar essa escolha de forma consciente. Para isso vamos dividir em dois blocos nossas sugestões.

Formatos para publicação independente

1 - Editoras Independentes

Com essas editoras você pode realizar a publicação e o lançamento do seu livro, com uma pequena divulgação, pequenas tiragens, com participação nas vendas pela editora e pagamento de porcentagem de valor de capa. Algumas editoras podem pedir uma pequena porcentagem da tiragem para venda em site ou loja física, já outras deixam as vendas sob responsabilidade do autor. Vai depender do que você irá negociar com a editora.

Geralmente o valor da publicação que envolve, análise da obra, correções, capa, diagramação e impressão são custeados quase que integralmente pelo autor.

Prós:

O lucro da venda pode ser totalmente do autor ou pode ter uma parte para a editora; Sua publicação acontecerá em torno de 3 meses;

Autonomia para decidir a capa e todo o projeto gráfico; Entrega rápida do livro para o autor.

Contras:

A responsabilidade da venda é do autor na grande maioria; O marketing será dividido entre o autor e a editora; O autor cuidará do estoque e distribuição.

2- Auto publicação

Aqui você é responsável por todas as partes do seu projeto. E pode ser subdividida em:

2.1 - Com seu próprio dinheiro

Tenho um projeto, disponho do valor correspondente para publicação, contrato uma equipe para fazer toda a produção e divulgação, publico, imprimo e vendo sem preocupações.

2.2 - Por crowdfunding ou financiamento coletivo

Aqui você autor vai utilizar todos que se interessam pela sua escrita e irá convidá-los para contribuir com seu projeto de publicação, dando recompensas para cada tipo de contribuição que podem ser desde entrega do livro digital, até a entrega de livro físico com capa especial e camiseta. Aqui vai da sua criatividade e da quantidade de pessoas que seguem a sua arte da escrita.

Todo o projeto gráfico pode ser feito por uma editora independente, pois nesse caso você terá ao final o valor completo para lançar seu livro.

2.3 - Gratuito, sendo digital ou impressa sob demanda

Você autor escolha a plataforma, escreve seu livro, corrige, diagrama, publica seguindo as orienta-

ções da plataforma escolhida, divulga, a plataforma vende e te repassa uma parte do valor.

Prós:

Você escolhe cada parte do projeto de publicação; Quem contrata quem irá fazer é você; Você será seu chefe, pois administrará todo o processo.

Contras:

Não ter o conhecimento adequado do mercado editorial; Correções, após a publicação do livro; Ter de vender todos os livros;

Precisar fazer o marketing sozinho ou contratar um profissional; Cuidar do estoque e da distribuição.

3- Plataformas digitais (como Wattpad, Sweek ou Spirit)

Você autor, escreve e convida o pessoal para acompanhar seu percurso, correções, alterações da história até o lançamento final. Tem a possibilidade de criar um público cativo que se identifica com a sua escrita e deseja receber mais conteúdos de você.

Prós:

Não tem nenhum valor para pagar; As plataformas divulgam seu trabalho; É só escrever e publicar.

Contras:

É necessário tempo e disciplina para escrever constantemente e conversar com seu público leitor;

Os textos são crus, ou seja, sem nenhuma revisão e isso pode causar um mal impacto no leitor;

Precisa de muitos leitores para ser reconhecido.





Formatos para publicações patrocinadas

1 - Editoras Tradicionais

Você autor envia seu original para as editoras que publicam o nicho da sua história e aguarda o retorno se está dentro dos próximos lançamentos ou não. Se estiver dentro do que a editora necessita eles irão te pagar para publicar seu livro.

Prós:

Todos os riscos são das editoras;

Todos os projetos é por conta da editora;

Cuida do estoque e da distribuição.

Contras:

O autor recebe muito pouco por livro vendido;

O autor perde a autonomia de escolher o projeto do livro; Dificuldade de chegar até essas editoras.

2- Concursos Literários

Você autor escreve a obra e se inscreve no concurso literário, se você for selecionado e ganhar terá sua obra publicada e divulgada, além de receber um prêmio para isso.

Prós:

Não tem custo para o autor;

Tem prêmio em dinheiro;

Será publicado com tudo pago;

Publicidade espontânea por ter ganhado o concurso.

Contras:

São muito demorados o processo todo;

Você terá que encaixar seu original no curso.

3- Revistas Literárias

Você autor inscreve seu texto para avaliação de uma revista literária, como a The Bard por exemplo e será publicado sem custo nenhum, com uma ótima publicidade.

Prós:

Não existe custos para o autor; Ótima visibilidade com os leitores;

Reconhecimento por ter seu texto escolhido para a revista;

Mesmo sem pagar, recebe um tratamento profissional no seu texto.

Contras:

Tem que esperar e ver o resultado se seu texto foi selecionado ou não.

Ou seja, oportunidades não faltam. E aí já sabem qual formato publicar? Ainda não? Então vou deixar alguns links para vocês acessarem e conhecerem melhor as formas de publicação.

Plataformas:

Catarse (<https://www.catarse.me/>)

Apoia-se (<https://apoia.se/>)

Vakinha (<https://www.vakinha.com.br/>)

Kickstarter (<https://www.kickstarter.com/>)

Amazon (<https://www.amazon.com.br/>)

Clube de Autores (<https://clubedeautores.com.br/>)

Uniclap (<https://uiclap.com/>)

Kindle (https://kdp.amazon.com/pt_BR/?ie=UTF8&language=pt_BR)

Wattpad (https://www.wattpad.com/?locale=pt_PT)

Spirit (<https://www.spiritfanfiction.com/?locale=pt>)

Vida de autor

Por Lilian Stocco



COLUNAS E COLUNISTAS

Premios:

Premio Kindle de Literatura (<https://www.amazon.com.br/b/?ie=UTF8&node=17004394011>)

Revistas:

<https://revistathebard.com/>
<https://www.instagram.com/historiasdelugarnenhum/>
<https://mafagaforevista.com.br/>
<https://trasgo.com.br/>
<https://www.eitamagazine.com/>
<https://jornalrelevo.com/>
<https://www.revistaserrote.com.br/>
<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido>

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

E aí? Gostaram das dicas? Isso é só o começo, mas na próxima matéria podemos continuar falando mais sobre a vida de autor.

Aguardo vocês na nossa próxima edição!

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES

FOTOGRAFIA

DESIGN

INSTAGRAM

POST NO SITE



Recita-me

01



Juliana Rossi



Escritora e poeta, nascida em 23 de outubro de 1976, residente em Americana, interior de São Paulo a mais de 22 anos, sou auxiliar administrativa estou concluindo o curso de pedagogia, comecei a escrever para lidar com a dor, mas agora escrevo sobre tudo, transformando sentimentos em poesia, e trazendo à tona pensamentos e reflexões da vida e morte e de tudo ao nosso redor. Sou a escritora do livro Meu Baú de poesias participei de diversas antologias literárias; também sou diretora da equipe de marketing da Revista de Bard, e agora estarei assumindo esta belíssima coluna, Recita-me.

A proposta desta coluna é trazer poetas trovadores, para recitar e dar voz e vida a sua poesia!

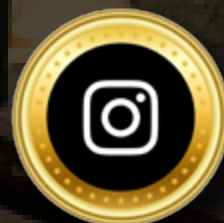
Trago aqui um dos meus trabalhos, que foi inclusive premiado pela Prefeitura Municipal de Americana, organizado pelo Conselho Municipal de Cultura, em terceiro lugar!

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



BRUXA

Eu, Bruxa?
Não uso só preto
Até gosto de cor de rosa
E gatos? Amo de todas as cores.
Ervas? Adoro, para um bom chá, remédios ou temperos!
E é claro, o aroma de um bom incenso.
Se sou má?
Depende de você!
Sou espelho que te reflete
Sou empática com quem merece
Se nasci assim?
Não meu bem.
Nasci fada encantada
Fui de princesa a primeira Dama.
Mas meu coração foi maltratado e arrancado
Pelo patriarcado
Que precisa de uma mulher atrás deles para guia-los
E quando aclamados esquecem de quem
esteve ao seu lado
A mulher é só um troféu, enquanto é jovem e bela
Mas se ela abrir a boca e dizer o que pensa
Não serve mais é esquecida ou intitulada de malvada
Não é submissa? É Bruxa!!!
Assim me refiz

A Princesa descartada
Agora é a Bruxa mal falada.
Ah ah ah ah ah ah ah ah ah
Mas aceito como elogio
Pois como essas mulheres se libertaram
Por meio de suas artes
Eu também encontrei voz
Na Arte...
“A arte como base da democracia e transformação
da sociedade”
Encontrei espaço e acolhimento
E posso exigir meus direitos
Inclusive me opor ao Patriarcado
Dar voz aos menos privilegiados
Pois na arte as vidas valem
Não tem raça, cor ou credo
Nem classe social ou sexo
A Arte é totalmente funcional e original
E como uma boa Bruxa ou melhor
Como uma bruxa boa
Quero fazer valer para todos
A igualdade e a equidade
E abrir portas de oportunidades
Para os até então, esquecidos pela sociedade.

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE



Recita-me

Maria L. Haddad



Poetisa



POESIA

Se faz com as BaTiDaS dO cOrAção...

Se faz também com a ALMA

E com a CALMA.

Se faz com as batidas da PALMA

E com as palavras

que nelas contenham ALMA:

acALMA, desALMA, vivALMA...

Dentre todas as rimas e métricas,

A ALMA se desfaz em versos

Quando as BaTiDaS dO cOrAção

Ditam ritmos intensos

Em minh'ALMA...

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE





Rilnete Melo



Poetisa



FEMINICÍDIO

Matam em casa
todo dia uma mulher.
a voz sufocada
pincelada de sangue
reside nas paredes

ecoa na sala o noticiário
agredindo os tímpanos
na surdez da lei

tudo é corriqueiro
mas, a dor velada das Marias
rasga a minha pele

do meu verso perplexo
arranco o silêncio enterrado no sexo
e grito na poesia.

Basta! O machismo já fede!

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE





Recita-me



Zeni Maria



Poetisa

MAR

Teu perfume
preenche meus vãos.
Eu inspiro e expiro
movimento das ondas,
neste processo
minha alma apazigua.
Na tua profundidade
me perco
e por um instante
flutuo na tua
imensidão.
No silêncio cristalino
dentro de mim
encontro outro
que beija o mar
e sorri para o vento!

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE





Ana Kelly



Poetisa



DAMA DA NOITE

Nas entranhas da noite sombria
Enquanto se recolhia
A ouviu chamar seu nome

Loucura?
Pode ser,
Quem sabe?!

Mas como recusar o chamado da Dama da Noite?

Sua foice longa destrói todo o sofrimento carnal
Enquanto nos embala, em sua dança,
Para um refúgio imaginário

Ir a seu encontro talvez seja como se jogar de braços abertos ao inferno.
Mas também é alimentar a alma,
Com ilusória cura.

Se recolher?
Certeza.
Mas, nos braços da morte,
Ou para dentro de meu coração vazio?

INSTAGRAM

RECITA-ME

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





10



Elvira Drummond



Prof. da Universidade Federal do Ceará e do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Sua formação abraça as áreas de Música e de Literatura, sendo licenciada em Artes, bacharel em piano e mestre em Literatura. Autora de vários livros publicados em ambas as áreas, além de premiada em vários concursos de poesia, trova e crônica.

AS TROVAS NO CANCIONEIRO FOLCLÓRICO INFANTIL

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

A trova, muito provavelmente, é o primeiro gênero poético vivenciado por incontáveis gerações. Nosso cancionero folclórico infantil é constituído, sobretudo, de trovas, indo desde os acalantos (canções de berço), passando pelas cantigas de roda (folguedos praticados em círculos e em marchas), e abraçando, também, os cânticos religiosos que integram o repertório tradicional infantil.

A concisão semântica da trova, cujo formato expõe em apenas quatro versos heptassílabos um enredo completo, comunga perfeitamente com os anseios e expectativas das crianças, afeitas às mensagens curtas, fantasiosas e poéticas.

A carga de lirismo e poeticidade faz parte do imaginário infantil que costuma vestir as cenas do cotidiano com sua natureza de poeta. Carlos Drummond de Andrade reconhece o talento natural das crianças para a poesia e, em seu artigo “A educação do ser poético”, questiona: “Por que motivo as crianças de modo geral são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo?”. (Apud. BORDINI, 1986: 55).

A trova tem sua origem na Idade Média, com os trovadores e menestréis que a usavam, sobretudo, em estribilhos destacados de maneira enfática, por vezes, suscitando e oportunizando a participação da plateia.

Esse formato foi cristalizado no tempo e se faz presente em boa parte do repertório das cantigas de roda. O refrão é significativo, nos brinquedos infantis cantados, consagrando um padrão que permeia desde

o folclore ao repertório erudito, em que a orquestra alterna momentos de "solo e Tutti" (denominações italianas para designar trechos de destaque individual e trechos em que todos executam abrilhantando o refrão).

Segismundo Spina, em seu estudo intitulado "Na madrugada das formas poéticas", sugere ser a repetição o principal elemento, nas artes fonéticas. O texto poético, uma vez vinculado à melodia, era denominado de poesia estrófica, e exigia, por determinação do canto, absoluta regularidade métrica, mantendo a divisão dos versos em grupos com a mesma contagem silábica, retornando com frequência ao ponto inicial — razão pela qual o conjunto de versos se chamou estrofe (do grego "strophê", que significa ação de voltar).

A métrica frequente nesse padrão de agrupamento estrófico era a redondilha (maior ou menor). Segundo Spina, *"O redondilho da poesia Ibérica é a forma de verso mais espontânea de toda versificação peninsular. É o metro que corresponde à melodia natural das línguas hispânicas (o português, o galego e o espanhol)"*. (SPINA, 1982: 62).

Convém salientar que as trovas presentes nas cantigas de roda adotam o esquema rímico simples, ou seja ABCB, em que o 2º verso rima com o 4º (dispensando a rima entre 1º e 3º verso). Esse padrão de rima simples é plenamente justificável e compatível, em se tratando da comunhão letra e melodia, como ocorre no cancioneiro infantil, cabendo, aqui, maior esclarecimento quanto ao discurso musical que muito se assemelha ao discurso literário.

Do mesmo modo que um conjunto de frases forma um período na linguagem literária, no texto musical, a cada duas frases, temos um período completo; portanto, uma estrofe de quatro versos apresenta duas frases musicais, em que cada frase se divide ao meio, sendo suas metades denominadas de semifrase. Exemplificando, segue a acomodação das frases, na conhecida canção "As mentiras da barata":

A barata diz que tem (1ª semifrase da frase A)
sete saias de filó, (2ª semifrase da frase A)
é mentira da barata, (1ª semifrase da frase B)
ela tem é uma só. (2ª semifrase da frase B)

Fica claro que a trova, uma vez musicada, segue o fraseio da melodia, utilizando a rima como meio de pontuar os finais de frases, e não os finais de versos. A divisão da frase em sua metade, formatando o tecido musical em subdivisões binárias, tem origem remota, mantendo as raízes na cultura da Antiguidade Clássica. A comunhão das três linguagens — música, poesia e dança — foi o farol que iluminou a arte desse período da história, em que os gregos apresentam uma visão holística, mostrando que a arte nasceu do abraço que envolve diversas manifestações do espírito humano.

A música, cuja denominação tem origem no termo "arte das musas", sempre foi o fio condutor para as demais linguagens: um convite à dança, um apoio ao texto literário e um apelo à expressão dramática. Essa dimensão acolhedora (própria da linha melódica) justifica plenamente a configuração das cantigas de roda, que aglutina em seu discurso a linguagem melódica, a linguagem textual e a linguagem gestual.

Vale aqui salientar o papel fundamental da dança, no entrelace das artes, visto que toda movimentação corporal era mediada em binário, de maneira totalmente simétrica. De modo que dois passos para a direita eram seguidos de dois para a esquerda; se quatro passos para a direita, obrigatoriamente teríamos quatro para a esquerda, estabelecendo uma correspondência perfeita de todos os gestos da dinâmica corporal.



Essa equivalência simétrica com base na medida binária é denominada de quadratura musical. Conforme o Dicionário de Música, denominamos de *"quadratura musical o princípio que estabelece a simetria da frase musical mediante a divisão desta em fragmentos de igual duração"*. (BORBA; GRAÇA, 1962: 417).

A partir da denominação "quadratura musical" fica fácil compreender a associação com o termo "quadra" ou "quadrinha", conforme a trova é nomeada em Portugal. Aqui, no Brasil, conhecemos as quadrinhas portuguesas como trovas, lembrando que, para nós, toda trova é uma quadrinha, mas nem toda quadrinha é uma trova. Isso porque podemos ter quadrinhas com metros que fogem ao padrão da redondilha maior — condição "sine qua non" para a quadra ser classificada como trova.

Com base na análise do conjunto de cantigas coletadas ao longo do tempo, considerando o registro de diversos pesquisadores, podemos apontar três diferentes fontes de onde parece surgir o grande corpus das cantigas de roda. Esse tripé nos permite rastrear uma espécie de árvore genealógica das cantigas em questão. Mapeamos, portanto, três vertentes de onde provém o vasto repertório de nossas cantigas de roda, ou seja, os três vieses que assinalam seu nascedouro: *a narrativa, a dança e o jogo*.

2. A NARRATIVA NAS TROVAS DO CANCIONEIRO

Na Idade Média, denominava-se "romance" o gênero que caracterizava as narrativas cantadas por trovadores e menestrelis. Tais narrativas circulavam nas cortes e saraus medievais, migrando, por vezes, para feiras e praças com o intuito de divertir o povo.

Com o tempo, boa parte desses relatos cantados foram se perdendo, ficando apenas fragmentos de tais romances que sobrevivem entre nós em forma de cantiga de roda. Várias canções são moldadas com base nesse padrão, a exemplo de: "A linda rosa juvenil", "Onde está a Margarida?", "La Condessa", dentre outras.

Nesse grupo, uma das mais conhecidas, de ponta a ponta do país, é "Terezinha de Jesus" — canção de caráter narrativo que, logo em sua primeira estrofe, enumera o elenco masculino significativo na vida de toda menina: o pai, o irmão e o escolhido para casar. As três figuras masculinas, inevitavelmente, terão papéis expressivos, norteando e intervindo nas várias etapas da vida de toda menina.

Altamar Pimentel, cuja vasta pesquisa tem importância relevante no estudo do folclore brasileiro, sobretudo, nos gêneros contos e cantos, menciona essa ronda apontando sua significância:

"Trata-se de uma das rondas mais conhecidas e amadas em todo o Brasil. Preferência que corrobora, com muita clareza, com o significado desses cantos na formação da criança, pois eles revelam didaticamente à menina todo o processo evolutivo por que passará até tornar-se moça e casar-se". (PIMENTEL; PIMENTEL. 2004: 19).

A personagem Terezinha de Jesus, acudida por três cavalheiros, cuja cortesia e educação fica evidenciada pela atitude do "chapéu na mão" (gesto que sinaliza respeito), porta-se de modo bastante conveniente: dispensa a ajuda do pai e do irmão, de quem já conquistou o afeto, e estende a mão para aquele com quem deseja criar laços, com possibilidade de ser seu futuro pretendente.

"Terezinha de Jesus" pertence ao ciclo amoroso — temática preponderante no cancionero tradicional — trata-se de uma narrativa contada e cantada em trovas de rima simples (o padrão usual, nas cantigas de roda). O registro a seguir faz parte das minhas memórias de infância, sendo exatamente o mesmo encontrado em inúmeras coletâneas:

TEREZINHA DE JESUS (folclore brasileiro)

I.
Terezinha de Jesus,
De uma queda foi ao chão.
Acudiu três cavalheiros,
Todos três chapéu na mão.

II.
O primeiro foi seu pai,
O segundo, seu irmão.
O terceiro foi aquele
Que a Tereza deu a mão.

III.
Terezinha levantou-se,
Levantou-se lá do chão.
E sorrindo, disse ao noivo:
Eu te dou meu coração!

IV.
Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão.
Tanto sangue derramado
Dentro do meu coração.

V.
Da laranja quero um gomo,
Do limão quero um pedaço.
Da menina mais bonita
Quero um beijo e um abraço.



3. A DANÇA NAS TROVAS DO CANCIONEIRO

Nosso cancioneiro tradicional sinaliza outra forte procedência: a dança que, assim como o romanceiro, veio transferida da cultura adulta para a infantil.

Inúmeras são as canções do nosso repertório folclórico que se caracterizam como o gênero dança, em que os participantes da roda realizam requebros e meneios corporais, destacando células rítmicas com batimentos de pés e de mãos. Podemos exemplificar, citando: "Samba-lê", "Fui à Espanha", "Sai, piaba", "Vai, abóbora", dentre outras...

Vale aqui destacar "Caranguejo" — uma das mais difundidas cantigas de roda, que provém de antigos bailados. Saída dos salões, em que adultos cantavam e dançavam como forma de lazer até meados do século XIX, veio para espaços abertos, fortalecida com as cores da infância, na categoria de brinquedo cantado.



Segundo Veríssimo de Melo, "Caranguejo" é uma chula. Sobre a chula, nos fala Renato de Almeida:

"As chulas são canções coreográficas, em modo maior e compasso binário, dançada por par solto, com estalos de dedos. (...) A melodia é viva e langorosa, o ritmo perfeitamente negro, cadenciado, servindo para a dança..." (Apud. MELO. 1985: 228).

Assim como "Caranguejo", diversas são as melodias provenientes de antigas danças, que se perpetuaram nas rodas das cirandas infantis. Elas insinuam e sinalizam o caráter dançante, uma vez que solicitam, no próprio texto verbal, movimentos corporais e marcações rítmicas destacadas com batimentos corporais.

A cantiga "Caranguejo" consiste em um conjunto de trovas acompanhadas de gestos e batimentos corporais, enfatizando o aspecto rítmico da canção. O registro a seguir faz parte das minhas memórias de infância, sendo coletado com pequenas variações por diversos pesquisadores. Vale salientar que a primeira trova é recorrente na grande maioria das versões, praticamente invariável:

CARANGUEJO (folclore brasileiro)

Caranguejo não é peixe,
Caranguejo peixe é.
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré.

Bate palma, palma, palma.
Bate o pé, o pé, o pé.
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré.

Caranguejo é presidente,
Goiamum é capitão.
Aratu por mais pequeno,
Inspetor de quartirão.

Ca - ran - gue - jo não é pei - xe, ca - ran - gue - jo pei - xe é. Ca - ran -
pal - ma, pal - ma, pal - ma. Ba - te o pé, o pé. Ca - ran -
gue - jo é pre - si - den - te, Goi - a - mum é ca - pi - tão. A - ra -

gue - jo só é pei - xe na en - chen - te da ma - ré. Ba - te
gue - jo só é pei - xe na - en - chen - te da ma - ré. Ca - ran -
tã, por mais pe - que - no, ins - pe - tor do quar - tei - rão.

PS. Convém salientar alguns desdobramentos silábicos comuns à melodia, a exemplo do 4º verso da primeira e da segunda estrofe, em que a elisão natural "Na en-" não é feita pela força da estrutura melódica.

4. O JOGO NAS TROVAS DO CANCEINEIRO

Além do romancista e das danças, as cantigas de roda, por vezes, derivam de jogos — desafios praticados por adultos, no passado, e que caíram no gosto infantil. Ao migrar para o território da infância, o jogo adquire característica própria, assimilado e adaptado conforme a conveniência dos pequenos...

O poeta, sociólogo e ensaísta literário português Teófilo Braga — grande estudioso da cultura popular — comenta em sua obra "Jogos Populares Infantis":

"Os jogos infantis têm dupla origem; uns são atos tradicionais, que se praticam pela persistência dos costumes, quando já não correspondem efetivamente ao estado social que os produzira: tais são os símbolos e certas cerimônias que acompanham ainda os casamentos; outros são a imitação de atos que se praticaram e que se repetem para glorificação ou para perpetuar a memória. É por isso que os jogos populares semelham batalhas, assaltos de pontes, ataques contra grandes monstros, paradas triunfais..." (BRAGA. 1881: 343).

As cantigas de roda aparentadas de jogos infantis preservam o caráter de jogo através do tom de desafio. São elas brincadeiras cantadas que testam algum tipo de habilidade, seja a destreza motora, a capacidade de percepção visual (com o intuito de detectar algo) ou, até mesmo, jogos de sorte, que independe de qualquer atenção ou empenho.

Inúmeras canções de roda destacam um elemento do grupo, o qual será posto à prova; uma vez vencendo o desafio, apontará um substituto para ocupar sua função na brincadeira. Caso contrário, será punido "pagando uma prenda", que consiste em uma prova de habilidade secundária, isto é, o elemento destacado deverá executar uma tarefa como cantar, dançar, recitar um verso — uma chance de se redimir com o grupo.

O brinquedo do limão classifica-se como jogo cantado, uma vez que tem como objetivo desafiar o elemento que está no centro da roda. O jogo consiste em desafiá-lo a apontar com quem está o limão, à medida que a canção é cantada e que o limão circula na roda, mudando de dono. Para isso, conta-se com a habilidade do grupo em passar o objeto (de preferência, um limão mesmo) sem que o elemento do centro da roda perceba; ao final da melodia, ele dará seu palpite, tendo direito a três tentativas. Caso erre as três, pagará uma prenda.

O LIMÃO (folclore brasileiro)

O limão entrou na roda
e passa de mão em mão...
ele ainda não chegou
lá no meio do salão!



5. O ENCANTAMENTO POÉTICO DAS TROVAS EM NOSSO CANCIONEIRO

Embora o esquema rímico usual das trovas cantadas (considerando o repertório folclórico) seja o padrão de rima simples (2º e 4º versos), há algumas exceções, em que a rima dupla aparece, como no exemplo a seguir (muito embora, entre o 1º e 3º versos haja diferença quanto ao número: plural / singular):

MEIAS DE LUZ (folclore brasileiro)

Nossa Senhora faz meias,
a linha é feita de luz;
o novelo é a lua cheia,
as meias são pra Jesus.



É admirável a carga poética dessa trova repleta de imagens metafóricas, aludindo o raio de luz à linha e a lua (provavelmente, cheia) ao novelo... O texto primoroso traz a presença de Nossa Senhora — modelo de mãe — e Seu bebê: o próprio Menino Jesus.

A delicadeza da linha melódica funciona como um envolvente manto de ternura em compasso binário — um compasso afeito ao movimento de balanceio — bastante apropriado para embalar um bebê, uma vez que o remete à vida uterina, quando vivenciava o mesmo movimento, por ocasião do caminhar da mãe.

A poeticidade dos versos, uma vez somada à atmosfera sublime da melodia, consolida uma aliança de especial qualidade estética.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As trovas literárias são naturalmente apreciadas por seu alto grau de lirismo e poeticidade ou, claro, pelo fino humor. A engenhosidade fica por conta do elevado poder de concisão que exalta, de modo especial, o caráter da trova, seja ela lírica ou humorística. O poeta conta apenas com quatro versos para expor seu lirismo ou sua capacidade de contar uma piada (categoria de humor).

Neste breve artigo, as trovas são apresentadas com outro viés, ou seja, viram brinquedos para se cantar contando histórias, dançando ou propondo desafios aos companheiros.

É notória a importância e a presença da trova na história cultural de nosso povo, que a vivencia desde os primeiros anos de vida, o que nos leva a acreditar que todos nós trazemos a trova na alma...

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. ARAUJO, Alceu de Maynard; ARICÓ, Júnior. Cem Melodias folclóricas — Documentário Musical Nordeste. São Paulo: Ricordi, 1957.
2. BORBA, Tomás & GRAÇA, Fernando L. Dicionário de Música. Lisboa: Cosmos, 1962.
3. BORDINI, Maria da Glória. Poesia Infantil. São Paulo: Ática, 1986.
4. BRAGA, Teófilo. Os jogos populares e infantis. Era nova — Revista do Movimento Contemporâneo. Lisboa: 1980-1981.
5. BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. São Paulo: Cortez, 2001.
6. CASCUDO, Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
7. CASTRO, Zaide Maciel de. Jogos e Rondas Infantis. Serviço Social da Indústria (SESI), 1967.
8. DRUMMOND, Elvira. Cantigas de Roda — sem prazo de validade, com selo de eternidade. Fortaleza: LMiranda, 2020.
9. FERNANDES, Florestan. Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo. São Paulo: Anhembi, 1961.
10. HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 1993.
11. MELO, Veríssimo de. Folclore Infantil. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.
12. NERO, Carlos del. Acalantos e cantigas de um folclore tenebroso. São Paulo: Revista dos Arquivos Municipal, vol. 171 — separata [s/d].
13. NETTI, Paul. La música e la danza. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1945.
14. NOVAES, Iris Costa. Brincando de Roda. Rio de Janeiro: Liv. Agir, 1960.
15. PIMENTEL, Altamar de Alencar; PIMENTEL, Cleide Rocha de Alencar. Esquindô-lê-lê — cantigas de roda. João Pessoa: UFPB, 2004.
16. SPINA. Segismundo. Na Madrugada das Formas Poéticas. São Paulo: Ática, 1982.
17. RODARI, Gianni. Gramática da fantasia. São Paulo: Summus, 1982.
18. STEWART, R. J. Música e psique. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.
19. VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
20. WILLEMS, Edgar. As bases psicológicas da educação musical. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
21. WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. Cantigas de ninar de todo o mundo. Porto Alegre: Ed. Magister, 1995.
22. ZIRALDO. Acalantos. Rio de Janeiro: EMC, 1998.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS

04



MÁRCIA NEVES



Professora, escritora, poeta, baiana, vive no litoral de São Paulo há mais de vinte anos. Graduada em Letras e Pós-graduada em Alfabetização e Letramento. Multiplicadora do EducaMídia e autora de livros como "Grades de liberdade" (Poemas reflexivos) e "Poesia - o lugar encantado das crianças" (Conto infanto-juvenil). Possui contos, crônicas, poemas e haicais publicados em diversas antologias e revistas, com mais de cem publicações no site Recanto das Letras. Agitadora cultural, incentivadora da leitura e da escrita, atua na área da educação, rede pública e privada, e é colunista da Revista Internacional The Bard.

Na falta do rosto, fica o desejo de representa-lo

Na falta do rosto, fica o desejo de representá-lo

*Cujos movimentos da boca
Que fala sem sentir*

*Ecoam palavras jogadas ao vento
Que chegam nem sei como*

*Ao coração do homem
Que goza a paz que nunca tivera
E traça seu rosto
No corpo que conheceu
Através de sua história.*

Márcia Neves



Imagem gerada por IA

Querido leitor,

Gosto de dizer que a escrita é para mim o movimento mais eminente da descoberta e do prazer, além de ser o meu modo de não exclusão do mundo. A 26ª edição da Revista Internacional The Bard é um convite a uma imersão cultural, concomitante ao reconhecimento do que somos diante da nossa própria narrativa, a história do mundo. Nesta edição, minhas palavras se comprimem em dimensões sem fuga de nossa própria história. Retratar a Cultura Africana, mesmo que panoramicamente nesta coluna, é abrir diálogo, sem abrir mão de nenhum segundo do nosso tempo para estarmos juntos por meio da linguagem também literária, em reconhecimento do que, de fato, mantém viva uma nação: sua história, sua cultura.

E mais uma vez, reitero o poder universal da literatura, com seus arranjos humildes e inclusivos, de poder atender em todas as linguagens, inquietações de toda a gente, incluindo as nossas, oferecendo-nos condições precisas para isso. A poesia, ademais, é uma dessas condições, já que é um sinal visível e atemporal de nossas percepções, nas quais se incluem nossos sentimentos.

Com o coração agradecido pela oportunidade de, mais uma vez, colaborar para a Revista Interna-

cional The Bard, convido você a embarcar comigo nessa viagem reflexiva, cuja arte literária se encarrega de lhe conceder total liberdade de contemplação e desfecho.

Vamos nessa!

Adeus à hora da largada

*Minha Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis
Mas a vida matou em mim essa mística esperança
Eu já não espero
sou aquele por quem se espera
Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida
Hoje somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco e temer o rico
somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz elétrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens
nós mesmos
Amanhã entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura
Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as mães negras cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida.*





Imagem do Google

Agostinho Neto – in *Sagrada esperança* - Poeta, escritor e líder político, foi um dos fundadores da poesia moderna angolana na segunda metade do século XX, ao lado de autores como Ruy Duarte de Carvalho e Arlindo Barbeitos, e também foi um dos responsáveis pela criação do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) e o primeiro presidente do país após a sua independência de Portugal.

*Tao verdade, quanto real e a
literatura de um povo*



Imagem gerada por IA

Eminentemente marcada pela trajetória de um povo que buscava sobreviver ao caos instalado pelo colonialismo e aos mais variados problemas de ordem social, e consequentemente, certa independência, A Literatura Africana, principalmente nos países de língua portuguesa – a começar por Angola e Moçambique, onde primeiramente essa literatura se instaurou - surge como voz ou vozes, meio de construção e também, de resgate de uma identidade e compreensão de sua própria narrativa.

A literatura, como de praxe, sem fronteiras, nem etnias (como entendo que deveria ser), protagoniza o processo de fala, organização e reorganização da humanidade, sem restrições, em todos os tempos e em qualquer época, embora sempre tenha sido motivo de recusa por parte de todos que se contrapunham a ela (eurocêtricos, por exemplo), convertendo-a tão bem em um teste de resistência – já que era preciso resistir a ela mesma, uma vez que relutava contra a literatura da bajulação e dos aplausos ao medíocre - senão em instrumento no exercício da cidadania (busca de reconhecimento e respeito a todos as riquezas naturais, socioculturais, históricas, etc.), e até de reparação e retratação históricas.

O termo “pós-colonial” é uma expressão que surgiu somente após a Segunda Guerra mundial e passou a ser referência de identificação dos países que, a grosso modo, haviam se independizado, e de época entre os historiadores e literatos. Com isso, a literatura segue celebrando a vida e servindo de mecanismo e projeção entre o antes, o durante e o depois da colonização, como uma verdadeira ponte que permite ao povo desbravar um relevo completo de superfícies que entregam e reparam seu modo de estar no mundo.

Devido à falta de liberdade e independência pela qual passou o continente africano, percebe-se a proeminência da cultura popular, uma vez que surge como recurso-base e necessário e também, por ser, naturalmente, código de convivência (o que, de fato, é uma riqueza nas relações humanas); mas, concomitantemente, nos leva a refletir sobre o quanto uma sociedade se restringe ao ter impedido o seu direito de ser, de conquistar/construir sua identidade e de enxergar e explorar, naturalmente, suas riquezas.

Em contrapartida e infelizmente, a literatura, durante séculos, também foi palco de representação de classes, tendo em vista que, quem tinha acesso a ela eram as pessoas “elitizadas” ou “privilegiadas”, a começar pelo acesso à leitura que nem todos possuíam, muito menos as mulheres (quando ainda eram objetivadas à submissão), e o homem protagonizava esse “posto de poder”, como bem ilustram os romances românticos, seguidos do Romantismo como escola literária que, a grosso modo, desperta na mulher o desejo de conquistar autonomia e a percepção de que é necessária a sua participação nesse ínterim.

O racismo (também resultante da visão etnocêntrica) – um dos problemas incutidos nos de maior dimensão contra os africanos – sempre foi válvula de menosprezo, diminuição, desvalorização de tudo e de qualquer coisa que fizesse parte de sua cultura e sua história, inclusive por serem negros (vide poema seguinte), etc. e por não “pertencerem” aos europeus. Logo, todos os pensamentos deveriam estar voltados a eles.

VELHO NEGRO

Agostinho Neto

Vendido e transportado nas galeras
vergado pelos homens
linchado nas grandes cidades
esbulhado até ao último tostão
humilhado até ao pó
sempre sempre vencido
É forçado a obedecer
a Deus e aos homens perdeu -se
Perdeu a pátria e a noção de ser

Reduzido a farrapo
macaquearam seus gestos e a sua alma
diferente

Velho farrapo negro
perdido no tempo
e dividido no espaço!

Ao passar de tanga
com o espírito bem escondido
no silêncio das frases côncavas
murmuram eles: Pobre negro!
E os poetas dizem que são seus irmãos.

Tendo em vista a força da cultura popular e a necessidade do processo de reconquista da humanidade dos africanos, vários grupos literários, formados por gerações mais novas, foram surgindo, criando novos e atuais modelos e conceitos literários, capazes de, não só manifestar sua história, mas de romper com estruturas fixas, tradicionais e “restritivas”, e de repaginar e servir às necessidades reais do povo. Porém, segundo (COUTO, 2005, P.61) a reconquista da liberdade e os novos modelos literários não podem isentar totalmente a Europa, em prol de uma “limpeza cultural”, sabendo que qualquer repaginação que se faça, por mais distante que pareça, dialoga em diversidade com ela.

Embora não haja fuga total dos “opressores”, é injusto manter uma sociedade invizibilizada pela “diversidade vencida pela ganância” do que ou de quem violou a cidadania e a humanidade de um povo, por mais que se apresente impossível, partindo do pressuposto de que nações foram tomadas por ideologias manipuladoras e interesseiras, como o que aconteceu também no Brasil fazendo referência ao processo de “embelezamento” dos “índios”, a grosso modo.

Segundo Mía Couto, pseudônimo de António Emílio Leite Couto, escritor moçambicano, para a Revista Pazes em 2018, em seu artigo “**São demais pobres os nossos ricos**”, “*A maior desgraça de uma nação pobre é que, em vez de produzir riqueza, produz ricos. Mas ricos sem riqueza. Aquilo que têm, não detêm.*” Para a Folha de São Paulo em 11 de junho de 2022, ao falar da escravidão africana, Mía Couto diz:

Africanos não foram só vítimas da colonização. É preciso olhar para a África com sua complexidade, inclusive na margem de culpa que pessoas daquele continente tiveram na história da própria colonização. A simplificação do continente pode ter ajudado quando era preciso afirmar que África tinha cultura e história. Nós próprios africanos falávamos de uma África. Mas depois construímos identidades e vozes diferenciadas, somos plurais desde sempre. Até porque, pode-se reconhecer que a colonização, além do material, é um processo simbólico, sob o prisma de que ações giram em torno não só da economia, mas da luta por sobrevivência, tendo em vista suas memórias e modos de representação de to-



dos (cada um defendendo seus interesses, enquanto também, são submetidos a intenções alheias), dito de outra forma, nenhuma colonização esteve isenta do trabalho, de ideologias e culturas.

SOU UM MISTÉRIO

(Agostinho Neto)

Vivo as mil mortes
que todos os dias

morro
fatalmente.

Por todo o mundo
o meu corpo retalhado
foi espalhado aos pedaços
em explosões de ódio
e ambição
e cobiça de glória.
Perto e longe
continuam massacrando-me a carne
sempre viva e crente
no raiar dum dia
que há séculos espero.

Um dia
que não seja angústia
nem morte
nem já esperança.

Dia
dum eu-realidade.

Eis, então, a literatura em seus tradicionais e novos moldes, com todas suas nuances, sendo voz em um processo de (re)conquista, ou melhor, demarcação de vida em todos os territórios culturais, linguísticos, biológicos e epistêmicos, por parte de escritores que buscaram traçar versões reais de sua gente, recriando visões pessimistas que foram projetadas sobre a África, mas longe de romantizar o continente, e mais próximo da tentativa de combater racismo e preceitos eurocêntricos, ou ao menos, amenizar a dor dos oprimidos. Evidencia-se, portanto, o papel social da literatura: fortalecer e disseminar culturas, em qualquer um de seus idiomas, restaurando sua humanidade e universalizando narrativas que se unem por questões históricas e se distanciam por questões políticas e também, religiosas.



Imagem gerada por IA

DE NORTE A SUL

Márcia Neves

Berço da humanidade
Tão vasta e tão bela
Terra de fauna e flora
Singelas

Resistência por lema
Tradição de luta
Pura e dolorosa
Contra o colonialismo
E a ambição do invasor

De uma história de exploração
Com crenças fecundas
Aos laços antepassados
De raízes que brilham
E versos que se fundam

Despertar de consciências
Com nuances eurocêntricas
Em direção a verdades
Profundas

Sem perder de vista
Origens e essências
A liberdade perdida
Nas lutas de classes
Se converte em poesia
Literatura respira
Em vida a arte
De norte a sul de toda parte



COLUNAS E COLUNISTAS

“Que nunca, nunca, nunca mais esta bela terra experimente novamente a opressão de um pelo outro e sofra a indignidade de ser a escória do mundo. Que a liberdade reine!”

Nelson Mandela

Fontes consultadas

<https://diplomatique.org.br/o-papel-social-da-literatura-africana/#:~:text=A%20literatura%20africana%20fez%20e,%2C%20sociais%2C%20lingu%C3%ADsticas%20e%20epistemol%C3%B3gicas.>

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm.

DUARTE, Zuleide. A tradição oral na África. Estudos de Sociologia, Recife, v. 15, n. 2, p. 181-189, 2009. <https://www.cartacapital.com.br/opiniaoparaconheceraliteraturaaficana/>

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 33ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Final-Artigo (unifap.br)
[ea3b542a9f72d89e25d6b18c746adcd7.pdf](https://www.unifap.br/ea3b542a9f72d89e25d6b18c746adcd7.pdf) (cecierj.edu.br)

SITE



INSTAGRAM



INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA *Prosa* Poética

16



Jeane Tertuliano - Natural de São Miguel dos Campos e residente de Campo Alegre, Alagoas. É graduada em Letras (Uneal), pós-graduada em Linguística, Literatura Africana, Indígena e Latina (Faculeste) e D. H. C. Em Educação (Febacla). Professora de Inglês-Português e Vice-presidenta do Conselho Municipal de Políticas Culturais, é mediadora do clube de leitura Leia Mulheres e colunista na Revista Internacional The Bard. Em 2022, foi agraciada com a 1ª colocação no Prêmio Destaques Literários Focus Brasil – New York, na categoria Crônicas e Contos. No ano corrente, alcançou o 1º lugar no 38º Concurso Internacional de Poesias, Contos e Crônicas, na categoria Poesia. Também foi honrada com o Título de Notório Saber em Literatura devido o seu percurso enquanto profissional da área. Atualmente, é autora de doze livros, coautora em cerca de cem coletâneas poéticas e organizadora de dezoito projetos antológicos.

A Prosa Poética

Escrever prosa poética é um desafio aos prosadores e poetas, pois conciliar prosa e verso nem sempre é uma tarefa fácil. Clarice Lispector, a autora brasileira mais traduzida no exterior, foi uma exímia prosadora que soprou, quase que cirurgicamente, características poéticas às suas criações. Eu costumo dizer que ser mulher é um ato de coragem, e se reconhecer como tal, é para poucas. A dona Lispector se reconhecia e, sendo mais poesia que mulher, trouxe para a sua arte a essência inegável do seu ser admirável.

Ao escrever uma prosa poética, o artista das letras precisará se inteirar acerca dos elementos que compõem o gênero literário poesia e somente depois poderá escrever com propriedade uma prosa que se encaixe no entremeio da construção prosaica embebida na lira ritmada, ou não, fica a critério de cada prosador agregar rimas ao seu escrito.

Levando em consideração que não temos o poema metrificado como padrão (soneto), a rima não é exigência na prosa poética. Entretanto, tornar o texto sonoro é um fator relevante visto que, cantada, a produção tende a embalar com mais facilidade o leitor dado a sensibilidade do versejar. Figuras de linguagem tais como assonância e aliteração contribuem demasiado para o efeito musicalizado.

Àqueles que não são achegados ao ritmo, que preferem algo mais conciso, há outras figuras que despertam o traço poético: analogia, antítese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, personificação e sinestesia. É evidente que a língua portuguesa fornece vasta riqueza e a serve numa bandeja ao escritor. Poeta ou prosador que souber se ater ao seu florescer, garantindo: não irá se arrepender! A arte de escrever dá sentido ao existir, possibilitando, assim, a proeza do viver.

INSTAGRAM



POST NO SITE



A surpresa

Clarice Lispector

Olhar-se ao espelho e dizer-se deslumbrada: Como sou misteriosa. Sou tão delicada e forte. E a curva dos lábios manteve a inocência. Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundo a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo.





Jeane Tertuliano
Feminista, Literata e Professora

O retrato da solidão poética

Em um quarto silencioso, onde as sombras dançam ao ritmo das velas tremeluzentes, a poeta se encontra imersa na essência solitária que é sua companheira mais constante. Seus pensamentos fluem como um rio incessante, navegando pelas águas turvas da introspecção.

Às vezes, a solidão se assemelha a um manto pesado, envolvendo-a em seu abraço frio, sufocando-a com a ausência de vozes e presenças. No entanto, é nesse silêncio profundo que suas palavras ganham vida, dançando livremente nas linhas de seus versos.

Ela observa o mundo através da janela da alma, absorvendo cada nuance, cada suspiro, cada raio de luz que penetra nas brechas da escuridão. Seus olhos são testemunhas de histórias não contadas, de emoções não expressas, de sonhos não realizados.

Nesse isolamento, as palavras se tornam sua única companhia, tecendo um intrincado tapete de significados e sentimentos. Cada verso é um eco de sua alma, uma tentativa de capturar a essência fugidia da existência humana.

Às vezes, ela se perde nos labirintos de sua própria mente, navegando por caminhos tortuosos e sombrios. Contudo, mesmo nas profundezas desse retiro, há uma centelha de esperança, uma crença inabalável no poder transformador da arte.

Sem titubear, a poeta persiste, navegando pelos mares turbulentos da vida, guiada pela luz tênue de sua própria inspiração. Pois nessa eterna jornada entre a luz e a escuridão, sua alma encontra uma verdadeira morada.

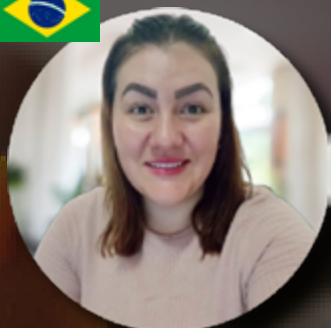
INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA *Prosa* Poética



Anelize Camila Stallbaum
Professora, Bióloga e Escritora

Uma poesia imensa

O sol já anuncia a chegada de um novo dia, pela janela entreaberta do meu quarto é possível ver os movimentos de tudo o que é vivo e corre lá fora.

Os pássaros voando livres entre os galhos, as folhas que dançam suave ao toque do vento, as borboletas que alegram o jardim com suas cores, as flores que dão um toque de vida àquele pequeno grande mundo de coisas bonitas.

Eu observo com cuidado essas pequenezas que são tão normais aos olhos insensíveis do mundo, mas não aos meus olhos de poeta. A esses, nunca.

Eu vejo poesia nascendo em cada detalhe que atravessa minha retina e chega suave ao meu coração. Escrevo um pouco aqui, outro tanto acolá, construo minha casa toda feita de palavras e linhas e frases, com sentimento que saltita feliz entre as páginas de quem me tornei.

A poesia que hoje atravessa meu peito feito pólvora e acende meu espírito em chamas, é a mesma poesia que caminha leve por entre seus olhos e dorme serena nos recantos do teu coração.

Todo poeta é assim, inquieto de si, mas paciente com o mundo. Temeroso com a tristeza, mas esperançoso pelo amor. O choro do poeta rega as palavras que brotam no jardim desse mundo e que florescem, aos poucos, no solo fértil de muitos corações.

A poesia é tão viva em mim quanto o vento que balança suave as folhas das árvores, ou o cantar dos pássaros logo pela manhã, em plena primavera. Eu passo a existir em cada frase solta, em cada página que abriga feliz um esboço de esperança quando nascem as palavras mais bonitas, os sentimentos mais sinceros e a amplidão passa a ser minha morada.

E então, nesse momento, a imensidão passa a ser parte de mim e de quem sou enquanto escrevo.

– Me liberto em cada palavra que ganha vida nesse papel.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA *Prosa* Poética



Cacá Matos

Empoderada, Poeta e Prosadora

Desarmada

Tudo está vazio. Não vejo nada. Não sinto nada. Somente há dor e desamor. Não escrevo mais como antes. As feridas da vida comprometeram minha escrita. A ansiedade me consome e desgasta meu coração. Ainda há muito o que fazer. Há muito para viver, eu sei. Mas não posso saber até onde conseguirei chegar. Estou cansada e saturada do mal que me cerca. Meus olhos choram e minha alma sangra com o caráter corrupto e maleável do bicho homem.

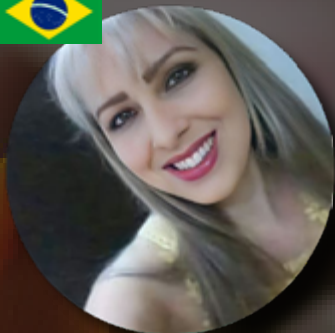
Não sei mais o que dizer. Minhas linhas não falam mais de amor. Falam de dor e das tristezas que invadem minha mente exausta. É hora de dormir e tentar pensar que amanhã será melhor que hoje e que haverá esperança para um dia próspero e que há pessoas dispostas a lutarem pelo caminho do bem. Carrego minha espada e escudo. Luto dia pós dia, mas agora aposento a caneta e guardo os papéis na gaveta. Estou cansada demais para qualquer coisa...

INSTAGRAM



POST NO SITE





Eliane Manieski

Mulher, escritora e psicoterapeuta

Renascimento Perene

Na jornada da vida, como as estações que dançam no ciclo eterno, encontramos o outono, onde as folhas caem em despedida, e o inverno, onde o frio nos faz tremer. Mas em cada nevoeiro, em cada ventania, há a promessa do renascimento.

É no inverno que aprendemos a resistir, a enfrentar as tempestades que tentam nos abater. É quando a chuva bate forte contra a janela que descobrimos a força interior que nos impulsiona a prosseguir.

E quando o sol tímido da primavera desponta, sentimos a esperança florescer dentro de nós. É o momento de semear os sonhos, de regar com lágrimas de determinação cada broto de desejo e ambição.

Assim, como as flores desabrocham ao calor do verão, nós também florescemos, irradiando coragem e perseverança. E quando o vento sopra, levando consigo os medos e as incertezas, voamos alto, desafiando os limites impostos pelo destino.

Cada estação, com sua beleza singular, nos ensina a arte da superação. Não importa quão árduo seja o caminho, enquanto houver o brilho do sol, a suavidade da chuva, o sussurro do vento e a renovação da primavera, não desistiremos. Pois somos feitos da mesma matéria das estrelas, e nossa jornada é tecida pela determinação de nunca nos rendermos ao infortúnio.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA *Prosa* Poética



Giselli Duarte
Mulher, Poeta e Yogini

Busca de si

Fazer no palco da vida, o ser humano se encontra, navegante de águas profundas, buscando a própria essência, entre véus de ilusão e o brilho da verdade, avança. No caminho interior, na busca do autoconhecimento, a ciência.

Como um rio serpenteando pelas terras do coração, o eu mergulha em suas próprias correntezas, descobrindo cada curva, cada sinuosidade, em comunhão com o eco dos seus suspiros, suas alegrias e tristezas.

Nos labirintos da alma, encontra-se o espelho oculto, refletindo as sombras e as luzes de cada escolha, desvendando mistérios, decifrando o tumulto do ser que se desdobra em sua busca, em sua folha.

No silêncio das meditações, na contemplação do ser, desponta a consciência, como um sol radiante, iluminando caminhos, fazendo o desconhecido florescer na dança eterna da existência, em constante mutação pulsante.

O autoconhecimento, como uma estrela-guia a brilhar, norteia passos, clareia sombras, revela a própria essência. É caminho e destino, é mergulho no mar da infinitude do ser, na sua busca pela transcendência.

Assim, no palco da vida, o ser humano se descobre, entre risos e lágrimas, entre sonhos e desencantos, no eterno fluxo do ser, no ciclo que se renova e redescobre, o autoconhecimento é a chave, o portal dos encantos.

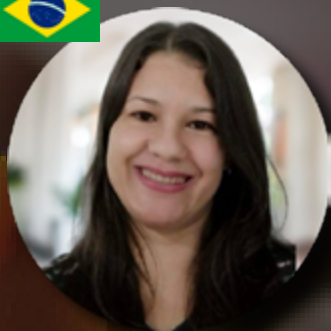
INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA *Prosa* Poética



Josiane Firão

Professora, Leitora e Escritora

A arte cura

É distante e ao mesmo tempo perto. É brilhante e assustador. Controla toda ação do ser humano. Percebe-se, portanto, que possui várias facetas. Muitos fazem bom uso, ao passo que outros, não. Tem o poder de fazer com que nos sintamos bem, realizados, felizes, completos e invencíveis. Por outro lado, também faz com que nos sintamos mal, insatisfeitos, tristes, incompletos, medrosos e impotentes.

Cada pessoa (e consequentemente suas ações) reflete como é afetada por sua influência, talvez a maioria nem pense nisso, tampouco percebem. Se deixam levar, acreditando que é normal (tenho quase certeza disso!).

Parar para meditar em como as pessoas podem usar mal esse surpreendente "ser" é assustador. Na verdade, há várias coisas das quais as pessoas têm medo: animais, objetos, altura, escuridão...

Entretanto, se me perguntassem do que tenho medo, com certeza responderia: DO PENSAMENTO HUMANO!

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



14



MITOLOGIAS CRÔNICAS

Ladylene Aparecida



Tem 34 anos, formada em Gestão de Recursos humanos, mas atualmente trabalha como empregada doméstica. Negra, mineira, nascida e criada na periferia, presenciei os horrores de ter nascido preta, contudo digo com orgulho que sou mais uma sobrevivente. Encontrou na escrita e na literatura o apoio que precisava para encarar a sua realidade. Desde o ano de 2021, vem se encorajando a mostrar para as pessoas os seus escritos e a postá-los em seu Instagram literário (@ladyleneap.escritora); desde o início de 2022 atua como colunista e cronista na Revista Internacional interativa The Bard Wolf, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes. Também atua como redatora e criadora de conteúdo.

Mama África

Querido leitor, é uma honra está mais uma vez junto com você, desbravando as histórias de nosso passado e dos nossos ancestrais.

Em mais uma edição incrível, a The Bard nos dá a missão de falar de uma cultura tão rica e com tanta sabedoria que é a cultura africana. A África, para muitos é considerada o berço da humanidade, uma das civilizações mais antigas de nosso planeta.

Então, é com muito orgulho e prazer que venho falar de minha ancestralidade, de Reis e Rainhas que governaram suas terras tão sabiamente. Já foi comprovado que durante milênios a Mama África foi lar de grandes médicos, navegantes, líderes e estudiosos. O berço da medicina, arquitetura, ciências, filosofia e tantos outros conhecimentos da idade moderna.

Mas também, é o lar de muitos mitos e lendas, seu folclore é tão rico quanto o do Brasil, ou até mais, já que herdamos muito dessas lendas, religião, culinária e muitas outras coisas, essa essência não está presente apenas na nossa cultura, mas no nosso DNA, e são essas histórias que quero compartilhar com você!

Então se aconchegue, se sirva da sua bebida favorita e vamos de história...

Mama África: O berço da Civilização

A África é considerada o berço da humanidade devido às evidências arqueológicas e paleontológicas que sugerem que os primeiros hominídeos, ancestrais dos seres humanos modernos, surgiram neste continente há milhares de anos. Fósseis de hominídeos, como o famoso Australopithecus (mais conhecida como Lucy) encontrados na África.

A África é o lar de algumas das civilizações mais antigas e avançadas da humanidade. Temos Exemplo do Egito, que foi lar dos mais poderosos Faraós, reino de Kush, hoje conhecido como Núbia, Meroé, capital do Reino Kush, foi um importante centro comercial e político, conhecido por sua riqueza e pelo comércio de ouro.

Axum (Etiópia) Localizado hoje, entre o norte da Etiópia e na Eritreia, foi uma potência regional entre os séculos I e VII d.C. Axum foi um importante centro de comércio ligando ao Mar Mediterrâneo ao sul da África e a Índia. O Reino de Gana, que hoje ocupa parte do Senegal, Mauritânia e Mali, foi uma das primeiras grandes civilizações da África ocidental. Embora não tenha sido um império, Gana controlava uma vasta rede de rotas comerciais e exercia influência sobre muitos estados vizinhos.

tumes dos povos que habitam o continente, que possui cerca de 1,1 bilhão de pessoas. Por isso é certo afirmar que a África não é feita apenas de uma cultura, mas de várias culturas.

Na África existem cerca de 490 etnias diferentes, muitas delas convivem no mesmo país. Só na África do sul, há 11 idiomas e diversos grupos étnicos, dentre eles os povos Zulus, os Xhosas, os Pedis, os Sothos e os Tswanas.

Um aspecto fundamental da cultura tradicional africana é a oralidade. As crenças, os rituais, os costumes, a sabedoria ancestral – tudo isso sempre foi transmitido de geração para geração através da linguagem oral. A tradição oral permitiu com que africanos de muitas gerações aprendessem desde técnicas agrícolas a rituais religiosos.



Imagem de Educezimbra por Google

Nessa cultura de oralidade é importante ressaltar a importância dos griots, pessoas que cumprem a função de transmitir a tradição através da fala. Os griots são guardiões da memória na África Ocidental, além de excelentes oradores e contadores de histórias.



Imagem de IconO por Pexels

Cultura, Mitos e Lendas

Para ser bem didática a cultura africana é um conjunto de conhecimentos, crenças, valores e cos-

Cultura

Como já falado algumas vezes, a cultura africana é bem vasta por isso vou citar apenas algumas tradições que achei mais interessante.



Ritual de beleza das mulheres Mursi: Um dos rituais de beleza das mulheres dessa tribo que vive no vale do rio O'mo, na Etiópia, é a aplicação de um disco no lábio inferior, que pode medir vários centímetros. O ornamento faz lembrar os botoques, dos índios da etnia brasileira caiapó.

A dança de cura do San: A dança de cura é um ritual africano tradicional da tribo de San, originária da Namíbia, Botswana e Angola. Ela é considerada por esse povo, sagrada e consiste em os curandeiros e anciãos, dançarem e controlar a respiração, para atingirem um estado de transe para se comunicarem com o plano espiritual e poderem curar todos os tipos de doenças.



Imagem de Rhinofra por Google

O core vermelho do Himba: O core vermelho é uma pasta caseira, feita de manteiga, gordura e ocre vermelho, conhecida como otijze. Essa mistura faz parte da tradição de Himba, na Namíbia. O produto é usado tanto no corpo como nos cabelos, dando um tom avermelhado ao povo que segue essa tradição. Dizem que a prática é realizada para proteger a pele e os cabelos do sol e de insetos, mas para as mulheres é considerado um ritual de beleza, feito todas as manhãs.

O som de clique para se comunicar: A tribo Xhosa da África de sul, tem uma forma muito peculiar de se comunicar. Eles usam produzem alguns ru-

ídos de clique como parte de sua língua falada. Sua linguagem, isixhosa, incorpora uma variedade de sons de cliques. Esses ruídos servem como consoantes nas palavras e podem ser combinados com outros sons da fala para transmitir uma ampla gama de significados.

Curiosidade: Os linguistas estimam que existam aproximadamente 30 sons de clique diferentes usados em várias línguas africanas.

Confira um pouco desse dialeto:



[Clique aqui para assistir](#)

Me'em os homens barrigudos da Etiópia: Para muitas culturas o "belo" é ter um corpo "sarado", músculos definidos e barriga "chapada", para a tribo Me'em na Etiópia isso é quase um insulto. Para eles quanto maior for a barriga de um homem, mais ele é considerado por sua comunidade.

Eles têm um costume chamado cerimônia do Ka'el, que acontece em junho, e onde cada família deve indicar, seis meses antes, um homem solteiro para ingressar no concurso que elege o mais gordo da tribo. Para conseguirem engordar, eles bebem leite de vaca misturado com sangue, praticamente o dia todo. Quando o homem mais gordo é escolhido, a cerimônia termina. É feito uma celebração onde um boi é sacrificado e o sangue é usado para revelar o futuro do ganhador, por um dos anciões da tribo.

Mitos e Lendas

As lendas e mitos, são geralmente formas lúdicas de contar uma história verdadeira ou ensinar algo importante para os mais jovens. E na cultura africana isso não poderia ser diferente, ainda mais por ser uma cultura tão rica e antiga.

Culto aos Antepassados

Em muitas culturas africanas, acredita-se que os antepassados continuam a influenciar o mundo dos vivos, por isso os espíritos dos ancestrais são honrados através de rituais, oferendas e festivais. Eles são vistos como guardiões e protetores da família e da comunidade. Os antepassados são considerados como uma ponte, mediadores, entre o mundo espiritual e o mundo físico.

Outra prática de honrar os entes queridos, são as oferendas, que podem incluir: comidas, bebidas ou objetos de valor, essas iguarias são colocadas em altares ou locais sagrados e são vistos como forma de alimentar e agradar os espíritos dos antepassados.

Na cultura Yorubá (Nigeria e Benin); os antepassados são venerados através de cerimônias, conhecida como “Egungum” é uma máscara ancestral usada durante festival para representar e honrar os espíritos mortos.



Imagem de Ileaxoxolufaniwin por Google

Para algumas tribos, como os Zulus; após um ano de falecimento de um ente, o espírito do morto é convidado para regressar ao lar através de um ritual, onde ramas são usadas para arrastar o familiar para dentro de casa onde é oferecido bebidas aos mortos, Foi daí que surgiu a tradição de alguns brasileiros que bebem bebidas alcoólicas jogar um pouco no chão e oferecer ao “santo” na verdade é uma prática do povo Zulu para honrar a memória de sua ancestralidade.

Lendas Heroicas: Shanka Zulu (Reino Zulu)

Shanka foi um líder militar que transformou o reino Zulu em uma potência no sul da África. A lenda destaca suas habilidades estratégicas, força e determinação em unir tribos dispersas em um único reino poderoso. A vida de Shanka Zulu mistura fatos históricos e mitos, tornando-o um personagem fascinante.

Shanka nasceu por volta de 1787, filho ilegítimo de Senzangakhona, chefe dos Zulus, e Nandi, uma mulher da tribo vizinha. Por ser considerado um bastardo, Shanka e sua mãe enfrentaram muitos desafios e humilhações, por isso foram forçados a buscar refúgio com a tribo Mthathwa.

Após a morte de seu pai biológico, Shanka Zulu retorna a sua terra natal, para assumir a tribo Zulu, onde iniciou uma série de reformas militares, já que se tornou o melhor entre os melhores, enquanto estava no exílio com sua mãe.

Alguns de seus feitos foi reformar as armas, as projetando para serem mais letais em um combate corpo a corpo, também melhorou os escudos para que fossem mais resistentes. Aperfeiçoou as estratégias e táticas militares para serem mais eficientes durante a guerra, dividindo as tropas de forma que



todos os lados do inimigo sejam atingidos. Também implementou um sistema rigoroso de treinamento, conhecido como Impi, onde a lealdade e a obediência eram estritamente reforçadas para que se tornassem um exército forte e obediente.

Com o tempo, sob a liderança de Shanka, o reino Zulu expandindo o seu reinado, conquistando tribos vizinhas. Além da expansão militar, Shanka também teve conquistas políticas e sociais.



Imagem de Africanopano por Google

Shanka Zulu criou um reino poderoso e influente, perpetuando o seu legado muito além de sua morte. Entretanto em 1828, Shanka foi assassinado pelo seu irmão Dingane Mhlangana, que temiam o seu crescente poder. Após sua morte Dingane assumiu o Reino Zulu.

A lenda de Anansi, O deus das histórias Africanas

As lendas de Anansi, também conhecida como Ananse ou Kwake, são originárias do povo akan, nativos de Gana. No início dos tempos, Nyame (principal deus dos Akan) guardava todas as histórias para si e não compartilhava com seus adoradores. Anansi, curioso, pergunta para Nyame, porque, ele não dividia aquelas histórias com o povo. O deus,

orgulhoso respondeu que a sabedoria só pertencia a ele, mas se Anansi quisesse dividir aquela sabedoria com os humanos um preço teria que ser pago.

Se sentindo desafiado, a esperta aranha pergunta qual era o preço, mais que de pressa Nyame responde que trouxesse até ele a Píton, o Leopardo e a Vespa. Com sua astúcia e artimanhas, a pequena aranha consegue capturar os três animais e com isso ele conseguiu trazer as histórias do céu para a humanidade e transmitir sua sabedoria.

Suas histórias eram tão profundas que até hoje elas são disseminadas, principalmente na África Ocidental, ensinando sobre bondade, honestidade, coragem e sabedoria.

Em alguns povos africanos, Anansi é retratado como uma aranha e em outras, como sua representação na série American Gods, baseado no livro de Neil Gaiman, atualmente exibida pelo streaming Prime Vídeo, ele é um homem que foi aclamado e adorado pelos homens e mulheres escravizados que veio da África para as américas, trazendo consigo o dom de contar histórias e propagar a cultura e o conhecimento africano.

A Lenda de Ubuntu

A lenda de Ubuntu é uma narrativa poderosa que encapsula a essência do conceito filosófico e cultural. Essa lenda aborda sobre valores, cooperação, igualdade e respeito.

A palavra “Ubuntu”, tem origem na língua bantu, do sul da África. Ubuntu pode ser traduzida como “eu sou, porque nós somos” ou “humanidade para com os outros”. É uma crença central em muitas culturas africanas, que enfatiza a interconexão entre todos os seres humanos e a importância da comunidade, compaixão e empatia.

Certa vez nessa aldeia na África do sul, um



antropólogo curioso sobre o modo de vida harmoniosa daquele povo, foi fazer uma visita para saber mais sobre os costumes daquele povo. Passado alguns dias estudando a aldeia e cada vez mais intrigado sobre o Ubuntu, o antropólogo propôs um desafio as crianças da comunidade.

Ele colocou embaixo de uma árvore uma cesta cheia de frutas suculentas e guloseimas nunca vista antes pelas crianças da aldeia, depois disto chamou todas elas e propôs um desafio, quem chegasse primeiro a cesta de frutas era o vencedor e poderia ficar com as frutas só para si. Ao dá a largada o experiente antropólogo ficou abismado com o que aconteceu, seus olhos não acreditava no que via.

As crianças quando ouviram o sinal para correr, elas se olharam, e se percebia um brilho diferente nos olhos daqueles pequeninos, todos eles deram as mãos uns para os outros de forma que todos chegassem juntos à cesta de gostosuras. Quando chegaram foi uma festa, as crianças se sentaram em volta da cesta e dividiam igualmente todo o seu conteúdo. O Estudioso confuso com aquela cena pergunta por que fizeram aquilo se apenas um poderia ganhar tudo.

Foi rindo da expressão de surpresa do ho-

mem que as crianças explicaram por que fizeram aquilo: “Como uma de nós poderia ficar feliz, se todas as outras ficariam tristes? Isso que significa Ubuntu, pensamos sempre no coletivo, a igualdade de deveres e direitos é o que realmente importa.”

O antropólogo ficou maravilhado com o que testemunhou e imaginou como as relações humanas poderia ser diferente se todos pensassem no coletivo. O Ubuntu, enfatiza a importância da solidariedade e da empatia. Compartilhar e cuidar dos outros não é apenas um dever moral, mas também uma fonte de verdadeira felicidade e satisfação.

Acima de tudo, o Ubuntu, promove valores comunitários: como respeito; compaixão, a valorização das relações humanas e que a verdadeira está nas conexões humanas e no apoio mútuo.

A lenda de Ubuntu é uma narrativa poderosa que encapsula a essência de um dos princípios mais significativos das culturas Africanas. Ela nos ensina que a verdadeira humanidade é encontrada no cuidado e no apoio mútuo, e que a felicidade individual está profundamente ligada à felicidade coletiva. Ao viver de acordo com de Ubuntu, podemos criar comunidades mais harmoniosas e um mundo mais compassivo.

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM



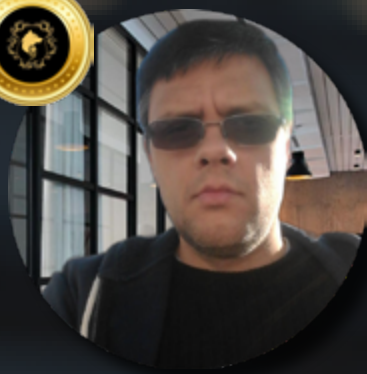
POST NO SITE



COLUNA *Dialética*



13



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP com ênfase em Filosofia-Política e Formação e Consolidação de Governos Totalitários, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP, Especialista em Ensino de Filosofia, pela Universidade Federal de São Carlos (2015) - Ufscar - SP, Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Fundepe

Schopenhauer, Nietzsche e Sartre: Pessimismo e Arte

Os pensadores Schopenhauer, Nietzsche e Sartre, se entrelaçam na questão de submeter às vontades humanas, como um plano de formação de uma ética, a unir corpo e mente, defronte a não ficar em um personalismo que fique peso unicamente a imagística do olhar, levando a uma fenomenologia de saber auspiciados a fazer do outro um caminho para explosões de conhecimentos humanísticos, que envolvem tanto a própria filosofia, relacionando se com a história, sociologia, psicologia e política.

Outro fator importante, é que diretamente esses pensadores, estão intrinsecamente, submetido a uma linhagem epistemologicamente em comum, “o existencialismo”, já que Schopenhauer exclama, princípios a uma individuação permutada nas exé-

quias, a submeter as vontades aos auspícios da mente, todavia que isso não fique no sentido unívoco, e sim proporcione, diretrizes para gnose metodológica dentro do próprio antrope de uma teoria do questionar, e que serviu como base para Nietzsche esgarçar seus prognósticos na óptica de uma arte, voltado para despertar gerar argumentos em torno de ma condição humana que não fique presa aos ídolos, como apresenta forte crítica dentro ensaios filosóficos contemporâneos.

Já Sartre dentro de um espírito de consciência crítica eu envolva, compenetrar novos sentidos para uma ontologia, em torno de sublevações do existir somente por existir, o que salienta uma vilania, de outorgar desejos em concatenar a mente humana, com ma motricidade a fazer da informação não um

Schopenhauer, Nietzsche e Sartre: Pessimismo e Arte

Por Clayton Zocarato

cabido de sensibilidade para ativar a inteligência, e sim um cunho de fazer o ato de questionar, revertido a um autoconhecimento dos limites e atitudes, voltamos para um sublime anseio da emancipação da consciência crítica com respeito pelo próximo.

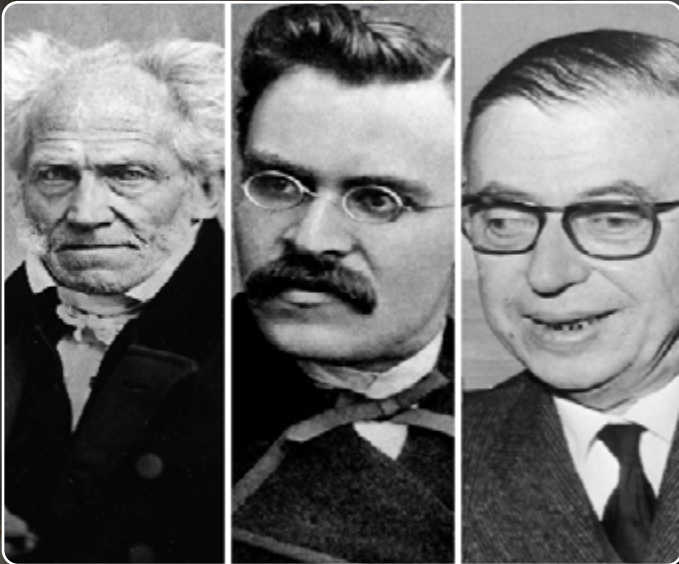


Imagem do Google

O conceito de individuação em Schopenhauer submete a análises em tangenciar lutas incessantes entre o bem e o mal, preconizando a busca do homem por um sentido em sua vida, não ficando atrelado aos prognósticos de verdades eternas, que caminhem para ofuscar sua dialética perante o desconhecido.

É próprio do *“Idealismo Alemão”*, indelével resquícios a uma estética de entendimento científico esgarçando o *“ser”*, como subterfúgio as realizações mentais que estejam no conluio entre a emoção e razão, exalando sucintos bojos, entre a vida e morte, sendo o elemento humano um turbilhão de sacrilégios a vaticinar, ditames de práxis filosóficas, almejando a buscando incessantes conhecimentos entre a sociedade e o indivíduo bem como a *“individuação”* que propicie a educação como nicho de suntuosidades a meandros de uma *“ética da compaixão”* extenuados nas virtudes humanas, que possam compreender tanto o sentido de pulsões a psicologismos, anunciando catarsis em compreender ações, tanto para o bem quanto para o mal, no diacrônico preâmbulo de melindrar a vida como placebo a nuanças de *“mentalismos”*, engajados a ovacionarem cunhos de entendimentos a descon-

trução gnosiológica de crítica do homem, as *“palas”* de coordenar conduções pensativas, que fujam as premissas schopenhauerianas, da *“vontade e representação”* (SP, 1997).

Quanto aos princípios da *“representação”*, o pensador coloca que fugir do *“germine transcendental”*, (Claretiano, 2014), no dualismo entre conclamar artifícios a um “objeto de conhecimento” que venha oferecer escopos de individuação acalantando heurísticas, ao pensamento que conclua clarividentes de subjetividades que idolatrem o pensamento nas ipseidades de linguagens florescidas, as normas de sujeição verborrágicas dos sentidos a estagnação de engrenagens cognitivas, de uma filosofia da mente *“auscultado ao conceito de Maya”*, a ilusão tem um papel bajulador de sair da inferioridade das ânsias corporais, para profiláticas diálises de prerrogativas, em levar a matéria a multiplicidades de rizomas, ao jugo arquitetônico em inteligências que fujam do senso-comum em relação à estruturação filosófica distante de falácias de conhecimentos.

Compele o espaço da dissertação filosófica que outorgue ao leitor semblantes de miscelâneas a estereótipos receptivos de seus detrimientos teóricos, no ciclo do indivíduo está à mercê de andrógenos ciclos dependentes de situações e instituições que venham a pronunciar sua individuação, nos presságios contingentes de conhecimentos e informações realizando ontologias prevaricadoras, endossando resplandecentes adágios à morte de lapidações mentais, que venham a valorizar atividades e conhecimentos, debelando regozijos a individuação concisa dos pensamentos filosóficos.

A individuação ganha gradativos embasamentos teóricos, perspicazes nas narrativas do terror evolucionista em vivências tétricas de supras tendências nos quesitos da humanidade amorosa entre seus membros, sendo frutos minados aos oriundos equívocos nas aprendizagens distantes nas compreensões de planteis ligados no *“pathos”* sincrônico em limites destinados aos nominalismos entre reticências e preenchimentos de vácuos retóricos e escritos ideológicos na produção de expressionismos compêndios na individuação moral, em ações de lógica, caminhando labutas análogas na teatralidade dos relacionamentos humanos, valorizados em sua grande proporcionalidade no egoísmo das ações e concretizações pessoais.



Friedrich Nietzsche (1844 - 1900)

Em torno da obra trágica do pensador alemão Friedrich Nietzsche, e suas concepções sobre o belo dentro das formas poéticas, realçados principalmente nas premissas do escritor grego Eurípedes.

Não vou deter minha análise a fazer uma métrica do poeta, e sim a prontificar a singularizar a importância de elucidar uma estética literária focada para a contemplação da escrita clássica, assim como em aguçar o espírito crítico do leitor que detiver sobre essas linhas.

Vejamos que o artigo contém uma base metodológica engendrada nas dicotomias de prontificar a tragédia, como um baluarte de estereótipo comportamental perante as ações humanas, diante, por exemplo, dos tabus impostos pelo helenismo, como a total submissão da mulher as diatribes masculinas, a busca do racionalismo como uma maneira suportar o tédio diário, salientando a importância de Sócrates e sua maiêutica, a consolidação da filosofia como arma de fuga da realidade existencial, enaltecendo a metafísica e o abstrato como macula para formação de uma condição profícua de conhecimento intelectual.

O pensador alemão busca alcunhar segunda autora, uma junção da época trágica dos gregos, com o cenário social e moral ao qual estava vivendo, fazendo do um artífice de vida para amenizar suas *“tragédias pessoais”*, já que, todavia em suas metáforas, deixou arestas de pessimismo em relação ao destino do homem como um *“ser”* apto a viver em sociedade, condenado por natureza a subjugar próximo e assim elevar sua subjetividade defronte as vontades de existenciais do outro.

O artigo entre mixórdias de consolidar uma estética, no simulacro de uma recepção de conhecimento crítico e prático da razão deixa lacunas, se o que Nietzsche propunha era uma volatilidade de ação do pensamento grego como aditivo discursivo da capacidade de abstração de informações por diferentes pessoas, ou se fazia um enaltecimento das ações humanas no sentido de balbuciar a arte para jugos de construção de igualdades de sociabilidades.

Na conjectura de análises de “O Nascimento da Tragédia”, ela está vilipendiada em dois pontos: na “estética apolínea e na estética dionisíaca”, valorizando tanto a necessidade de “saciar o corpo com a festa carnal e os prazeres amorosos do Deus Dionísio, como a virtude e a prudência de Apolo, o Deus do Sol”.

Nessa tessitura metafísica, o artigo faz uma síncope de pronunciar um sentido de prudência para arte, de ratificar-se como distração ou alegoria e sim em pronunciar a necessidade da prudência perante os bojos de divertimentos, e promulgando um idealismo estético atrelado aos afazeres diários das maiorias das pessoas.

Não é de fato que para um bom leitor com princípios psíquicos de conhecimentos da cultura grega, o texto possua uma envergadura tanto filosófica como histórica, já que é declamado que o cotidiano da polis, estava laureado a um ponto de dialéticas de relações humanas, e que muitos pensadores gregos como o próprio Eurípedes assim como Platão e Epicuro, meneiam a arte como uma fuga da realidade para grande parcela das pessoas, daí o fato a idealização de ninfas, e lutas e fugas imaginárias e mitológicas do “senso comum”, escritas por escritores como Homero, que fizeram a literatura grega ser um arcabouço para compreensão e formulação de um cânone literário enraizado de alegorias fantásticas, ao qual Nietzsche propicia como um vetor para o estudo do desenvolvimento mental da humanidade, e de inserir o tédio da vida, dentro de uma cosmovisão de literatura adornada na imaginação e individualização do ser.



Imagem de Platão por Google

Medeia faz uma apologia a um tipo de apresentação teatral ao qual de forma intrínseca, estrutura uma arte como instrumento de fortalecimento opinativo e filosófico, e que não esteja somente atrelado ao papel da diversão, e sim que possa se constituir, como uma permuta em profiláticos sabujos de intelectualidades no sentido, de tornear a arte dramática, em um artefato de elucidação do entendimento da realidade vivente, de forma assimétrica, esmiuçando paradigmas de ilações de um “eu crítico”, expressado através do sentimento trágico da vida, e de suas agastadas situações de pessimismo e desilusão.

Deixa também lampejos em encabeçar classes de gêneros libidos e espirituais, tanto como protagonistas de enredos teatrais, como no preceito de esclarecer um profundo sentimento de subjugação da feminilidade, ao qual dentro da cultura helenística, promove uma abrupta imagem de submissão do “sexo frágil”, fazendo narrativas, da beleza e da estética como uma sintomatologia vieses de construção de identidade focalizada no corpo.

O que podemos dizer de passagem ganharia uma forte atenuação com Epicuro como já foi citado anteriormente, nas conjugações sobre a satisfação dos desejos, em um pleito de unir a mente e o corpo no estrito senso de vaticinar o prazer como um andrajo de satisfação dos desejos carnis, para se chegar à consciência filosófica, algo ao qual Nietzsche, declama como um divisor para se satisfazer humanamente, a um êxtase de intelectualidade, colocando assim um questionamento de conduta de como racionalismo grego foi distorcido, com o conservadorismo das doutrinas cristãs, limitando o florescimento de mentalidades que caminhassem em uma sintonia de progresso científico, artístico e lógico, que não pontuassem gamas de preconceitos e limitações estagnadas pelos Dogmas, e pelo controle dos corpos pelo medo da condenação e perda da paz celestial, deixando uma cartasis de exuberância de prazeres reprimidos, minando a consciência crítica. .

Em suma o artigo trata de uma polissemia de assuntos ligados a uma “desconstrução” do conhecimento, e em separar preconceitos de um estereótipo de saber principiado ao universo masculino como espaço filosófico.

Medéia de Eurípedes como foco central desse artigo, traça na concepção trágica de Nietzsche ao anseio de esgarçar um conhecimento artístico que não propusesse taciturnos nichos pensamento dirigido de procedimentos metodológicos e práticos concatenados por alguma classe social ou política e por não dizer método hermético de opiniões e interpretações, ou a imposição da vontade de uma vertente filosófica como primor de formação intelectual, extenuando a necessidade de uma arte livre de amaras preconceituosas, e que possibilitem o despertar analítico de quem se proponha a analisar seus desatinos de provocação estética, fazendo uma união de estilísticas auspiciando antagônicos simulacros estéticos em torno de contemplação e assimilação intelectual em torno do “belo”.

De certa forma Nietzsche vê em Eurípedes uma união entre teatro, sociedade e povo, dentro de um contexto de ação existencial em comum, e também um rompimento com a “força dionisiaca” em escriturar uma estética de apresentação artística no perjúrio de ostentação de divindades, fazendo uma arte voltada, como disse anteriormente para terrenos sociais, colocando o público como parte de uma sinopse de ação voltada para os entendimentos e sociabilidades em torno dos setores menos favorecidos.

Nesse ponto a arte ganha alabastros de denuncia social, exalando de certa maneira uma crítica ao gênero épico, como no caso de Homero, dando um sínodo de humanidade e realidade para ações artísticas não se quedando somente ao fictício e fantasioso, fugindo de uma candura de análise e construção estéticas, voltado para o fantástico, fazendo um poliedro de realidade humanística perante os flagelados da polis, chegando à similitude de ação socrática, fazendo a filosofia e o conhecimento dramático como uma arma de ascensão material e alvorecer de intelectualidade.

Nietzsche vê na tragédia grega, a partir de Eurípedes, uma tentativa de junção entre a beleza da escrita e da ação literária e filosófica, com perjúrios de alojar o homem-comum dentro dos contingentes artísticos da arte grega, e que Eurípedes possui em suas influências, uma vinculação aos princípios de simplicidade e admoestação do método racionalista socrático, fazendo do rude, um estrito de lapidação e formação de novos placebos de maiêutica.



Todavia, não deixa de prescrever que arte tem como um de seus fundamentos epistemológicos, livrar as “pessoas simples”, de estarem suplantados ao prazer extremo e desnaturado, e sim em pronunciar uma arte que possa possibilitar a entrada de “pathos cognitivos”, em prevaricar uma higiene de conhecimento em busca do belo, e de conhecimento as similitudes do corpo e da mente, precavendo a estética como silvos de disseminação de informação e interpretação intelectual.



Imagem de merlinlightpainting por Pixabay

Jean Paul Sartre (1905 - 1980)

De certa forma, a liberdade já condena o homem como diria Jean Paul Sartre, **“o homem está condenado a ser livre”**, (2012, SP), ou bem seja ele está condenado a procurar a levar uma vida em subverter meios para que sua existência possa de fato, ser acomodada por auspícios de grandes acontecimentos, não se dando conta dos pequenos afazeres do cotidiano.

Nesse ponto, Sartre traça dentro do seu conceito do **“homem-rude”**, uma levedura em colocar as pessoas simples, num balbuciar de suas liberdades em grandes acontecimentos, olvidando-se a viverem o estado psíquico do espaço vivente e teleológico de suas ideias, **“dicionando o ser, para sínodos de utopias e de ser escravo da sua própria existência”**, (2012, SP).

A essa existência em adornar um esteio de personalidade, a atividades que orquestram magnitudes de acontecimentos, como sabujos de validades para existência intelectual, a liberdade se torna

utópica, sendo que para prevaricar um trabalho de esgarçar um direcionamento para suas vontades, o homem vai com uma forte ferocidade buscar superar suas desilusões, em propensos pleitos materialistas, ou no sentido de indignação do trabalho intelectual na defesa dos espoliados.

Vejamos que um bom exemplo disso está na literatura pessimista de Dostoevsky, e Sartre coloca a liberdade, como um torpor que diretamente condena o ser - humano, a lutar para que essa dádiva possa ter algum sentido.

Lutamos para nascer, lutamos para crescer, lutamos por algum lugar na sociedade, lutamos por nossos desejos e vontades, lutamos por uma vida digna, lutamos para não ficarmos conformistas, lutamos para sairmos do tédio, em suma lutamos por dialógicos prismas de condutas humanas, que levem a uma unificação do nosso “ser”, seja em sua atemporalidade do termo “lutar”, fazendo adágios pejorativos, seja no campo político, econômico, ou social.

A luta por liberdade é uns dos grandes ciclos em torno de subsidiar uma filosofia que possa levar **“a alguma atividade cerebral, outorgada a alguma condição mental mais aprimorada de equilíbrio em relação a seus semelhantes”**, nas palavras de **Sigmund Freud, (1975, SP)**.

Quanto à questão dos métodos em projetarem espiritualidades do homem nos primados a levarem subjetividades que possam delimitar graus de comedirem raios de unificações das liberdades, culmina isso, levando a princípios psicanalíticos, pois a liberdade é uma condição transcendida na mentalidade de cada pessoa, muito aquém de valores, ou imposição de posturas comportamentais, ou de leis que venham limitar a capacidade do indivíduo de ir e vir defronte as vontades de um poder estatal.

Em uma teodicéia de estruturar uma regulação das dimensões para as vontades humanas, devemos salientar, que esses procedimentos encontram-se guarnecidos em suas boas parcelas a organizações e detratores de opiniões e comportamentos que engendram suas atividades, exaurindo paralaxes de ações de condutas, em movimentos psicológicos e sociológicos, destinados a um controle mental dos indivíduos, gerando falácias de pro-

Schopenhauer, Nietzsche e Sartre: Pessimismo e Arte

Por Clayton Zocarato

gressos das inteligências em prelos de labutar lutas por melhores qualidades de vida.

Nesse quesito, Hannah Arendt prioriza com base no helenismo, uma **“estética da liberdade”** (2005, SP), em que a precariedade do **“ser humano”**, encontra-se na sua necessidade em deter-se a algum poder ao qual possa subverter seus momentos de adversidade, o que iria consolidar nessas premissas com o surgimento do Nazismo e do Bolchevismo, com a arregimentação das massas, no sentido de colocar a política, como uma univocidade de possibilidade de ascensão moral e material para os mais necessitados da sociedade.

Em suma, o homem tem a capacidade criar suas liberdades, mas ao mesmo tempo, está condenado a procura incessante de novos protagonistas de ação que possam lhe propiciar satisfação e prazer, diante das agruras de uma modernidade que produz nichos cadavéricos sentimentalismos de importâncias pelo **“outro”**, cada vez mais preconceituosos e violentos.



Imagem de Engin Akyurt por Pexels

A luta por liberdade e ética para todos, coaduna um sentimento de banalização do individualismo, com o temor de não ser aceito por um grupo, partido, sociedade ou política, o próprio cunho genalógico da liberdade, fornece um controle em arquitetar, irascíveis placebos controladores para a criatividade, em novos andrajos de sujeitos filosóficos e críticos, levando a uma antropologia comportamental, em que as liberdades sobrepõem acerca das demais condições de ação da psique humana, tanto como reguladores de condutas, como em uma figura de linguagem para emoldurar e identificar, as ações de pensamentos, no sentido de lutar por igualdades, como em justificar possíveis atos de rebeldia diante

de tal período ou momento histórico vigente.

Se pensarmos em concepções teóricas, Sartre busca transpor a visão de que a mente, está focada somente aos recursos, que ela mesma possa produzir.

Estamos diante de concepções, paradoxais a entrever, fatores caminhando, para as opiniões em fazer da inteligência, preâmbulos teóricos, que possam enfocar equalizações, de fatores temporais no quesito a estornar elementos em fazer do **“eu”** um artífice do seu próprio saber.

A consciência eleva contrapontos do que pode ou não vim a ser considerado, como real ou irreal, também devemos nos ater, que Sartre escama pressupostos, que venham a realizarem conjecturas **“posteriori”**, aos primeiros sentidos que são captados, por nossos aparelhos psíquicos.

Porém, não deixa expor que estamos, no sínodo de convivências a normas sociais, delimitando o que pode ou não classificar-se como certo ou errado, dentro de uma visão de consciência focada na transgressão de pressupostos, que contenham valores de verdade, exauridos na busca de um **“ser”**, que possua utensílios planejados a jurisprudências psicológicas que contenham acádios de formalizar reflexões sobre o próprio ato de pensar.

John Dewey adere a postulados **“que venham, a produzir uma ética do pensamento”** (SP, 1977), refazendo similitudes lúgubres a pontos resplandecentes, docilidades em como, levar atividades de pensamento, que possam tanto enaltecem uma educação alusiva aos modelos tecnicistas que promovam aglutinações de ideias, porém valorizando princípios, suplantando diretrizes na bajulação em estruturar uma teoria do pensamento realizando afirmações acerca da sua própria capacidade de arguir fontes questionadoras nos princípios a formação de uma mente saudável de conhecimento.

Descartes, procura em seu **“método-cartesiano”**, produzir, caminhos de rupturas entre o tradicional e a modernidade, sibilando extremidades argumentativas a uma estilística de produção de conhecimento, que contenha não somente estágios filosóficos voltados para a formação do profissional específico da **“filosofia”**, arquitetando resquícios,



que venham a caminhar, no lançamento de nuances, a uma metafísica, prevaricando construções de sabujos teóricos nítidos de *“enteléquia”*, no quesito, a emergir bases de informação e interpretação, de um *“saber”* que esteja em comum com as atividades filosóficas, sintonizadas em atitudes, a mudanças sócio-históricas, e de comportamento, ligadas a boa parcela de pessoas.

Nesse escopo, reluzindo flexibilidades entre o ato de pensar e uma consciência de que não cabe unicamente à inteligência humana, reproduzir informações já existentes, sem deter penumbras em lançar, sinuosidades, proliferando ideias decodificadores a embrutecimentos tecnicistas, Sartre ceifa romper postulados ao *“existencialismo de um falso conhecimento, quando não é produzido, um questionamento sobre o próprio ato de buscar do saber”* (SP, 1987), ao qual Martin Heidegger, delonga a base de sua obra magna *“O Ser e O Tempo”*, transfigurando uma imagem da filosofia enfocada a questionar o próprio prolongamento do saber dentro de suas diretrizes teóricas, ao qual Sartre possui uma visão cética, relativizando quimeras opiniões, sem conter lastros e posições críticas e teóricas claras, no sentido *“a fazer do ser, um caminho para um prolongamento da inteligência, transpassando posicionamentos materialistas”* (SP, 2005).

Nessas visões deificadas entre prontificar uma questão do espaço-tempo, diacrônica no escrutínio, a taxar jactâncias teóricas em melhorar ações éticas, de conciliar a liberdade de criação com o respeito às fontes primárias, surge à exegese de buscar caminhos para uma reorientação e construção de novos sumos de saberes, que contenham sabores dialéticos, centralizados na busca do bem comum.

Outro fator de importante a continuidade em engrandecer premissas, de buscar na consciência, um forte fator a fazer esclarecimentos, entre o *“saber”*, lançando ramificações que contenham donatários teóricos que promovam listos remediando irrupções em episternes, que possam tanto prescindir alcunhas de construir subjetividades que modelam o espaço do abstrato, no sentido a criar gamas de influências de pensamentos, disseminando paradigmas, que possam tanto produzir conhecimento, bem como a levar, uma maiêutica estagnada em caminhar, nas adjacentes de saberes, voltado para a organicidade da produção filosófica.

Tanto nos conscritos semblantes metodológicos, como nos ditames evocando comprometimentos a uma filosofia, que não direcione somente métricas conservadoras, em reducionismos de substanciações teóricas, que circulem prognósticos, nas percas em endurecer pontos de pseudo-conhecimentos, que venham a produzir, situações reflexivas e de crítica, não possuindo paralelos em incidir, participações de consciência filosófica, voltada para chafurdar, novos augúrios para prática de conhecimento, não levando unicamente premissas esfaceladas, de ancoradouro embasamentos metodológicos e práticos ligados, a diâmetros do senso-comum.



Imagem de Kellepics por Pixabay

Outrora deixem expostos, que quando falamos no quesito do senso-comum, estamos arrefecidos, na busca sustentáculos argumentativos, que venham tanto ligar diferentes nichos de saberes, bem como a reprodução de atitudes nos adereços mentais, vaticinados, acerca da própria reflexão crítico filosófica, em produzir conhecimento.

A consciência volta si mesmo, no sentido a reluzir novas interfaces de saberes, que perfilhem prodígios de escaldantes potencialidades em circunscrever pensamentos, possibilitando substancialidades entre o *“abstrato e o concreto”*, deixando espasmos que possam tanto amortecer taxas no crescimento a baluartes maléficos de equidade filosófica, minando a criatividade, bem como a lançar bases, nas tonificações de altruísmos em gerar de conhecimentos, que contenham devaneios, tanto a formar uma mente humana para as diversidades de convivência com outro, bem como a ver nele um jugo, de afeto e produção de saberes e conhecimento.

Wilhelm Reich lança em seu *“organum sexual”*, (SP, 1978), como um alerta aos prazeres do corpo sublevarem a mente como forma de conhecimento,

Schopenhauer, Nietzsche e Sartre: Pessimismo e Arte

Por Clayton Zocarato



COLUMNAS E COLUMNISTAS

e também a projeções de uma filosofia que possa limiar atividades, para uma tipologia de ética que possa tanto oferecer ângulos, para não deixar o senso-comum da mente estereotipados em levar comparativos de atividades intelectuais, que venham tanto a projetar espaços, de salientarem e levarem a protestos a fuga de semblantes estéticos que não produzam doravantes temáticas, a arremeterem quixotescos, espasmos de conciliar arquejantes sistemas da reflexão das atividades mentais, em torno do seu grau de ascensão existencial, ao mesmo tempo em que o “ser” é detentor de suas vontades, projetando destrezas encíclicas, ao suplicio dialético de ações teóricas que possam modificar seu espaço social ao qual esteja alojado.

Dentro dessa comparativa teóricas com outros autores, questão sartreana no alargamento das formas de atividades da consciência sobre si mesmo, no escrutínio a uma coabitação, entre diferentes fatores que possam oferecer, diretrizes para que mente ofereça, reflexões sobre atos nas assertivas de consciência crítica de seu frutos como também de seus resultados perante substancialidades que venham tanto registrar crescimentos morais, nos sentidos de filosofias mediadas tanto bem comum ao bem subjetivista, que contenham caminhos para, cunhos de pensamentos que estejam tanto para a reflexão acadêmica, como escolar, mas oferecendo um crescimento de pensamento a formação mental, jubilada

ao bem-comum da maioria das pessoas, produzindo uma psicologia de grupo, onde todos venham a refletir acerca do seu própria ato de gerir pensamento.

Bibliografia

- ARENDT, H. A Condição Humana. São Paulo: Companhia das Letras 2005
- DEWEY, J. Como Pensamos? Editora Companhia Nacional, 1979.
- FREUD, S. Mal-Estar da Civilização / Psicopatologia da Vida Cotidiana. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.
- HEIDEGGER, M. O Ser e o Tempo. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1987.
- REICH, W. Psicologia de Massas do Fascismo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1978.
- ROSIM, D,A. CRESPT, L.F KRASTANOV, V,S . História da Filosofia Contemporânea II. Batatais – SP: Claretiano 2013.
- SARTRE, J.P. O Ser e o Nada. São Paulo: Editora Vozes, 2005.
- SCHOPENHAUER, A. O Mundo como Vontade e Representação. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

Clayton Alexandre Zocarato

FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE



Crônicas TONS DO COTIDIANO

01

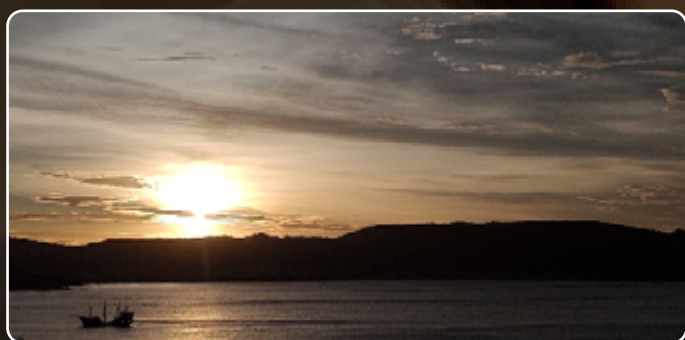


CHRISTIANE MORAES



Christiane Moraes, nascida em Brasília/DF em 1988, onde atualmente reside. Farmacêutica, pós-graduada em Vigilância Sanitária e cursando MBA em Gestão, Empreendedorismo e Desenvolvimento de Negócios. É também leitora, amante de uma boa música e de viagens. Após um longo período em que esteve adormecida, a escrita voltou aos holofotes dessa escritora com textos publicados em seu Instagram e, em um desafio que a deixa muito honrada, como Colunista na Coluna CRÔNICAS - TONS DO COTIDIANO, da Revista Interativa The Bard.

Apresentação



Fonte: Arquivo pessoal

tanto ansiosa, principalmente por ter uma mente que não para nunca.

Por sempre estar pensando em algo, tenho vários planos, várias ideias e vontades, mas por algum motivo que não consigo definir totalmente (preguiça, procrastinação, cansaço acumulado, falta de energia, desânimo ou tudo isso junto), não me permiti tirar praticamente nada do que pensei nos últimos tempos do papel... Até hoje!

Hoje resolvi dar o 1º passo em algo novo, por incentivo de uma colega da época de escola que talvez nem saiba o tanto que ela me influencia: @amagoreflexivo.

Em uma conversa que tivemos há bastante tempo no Instagram, ela disse que lembrava que eu gostava de escrever, algo que nem eu lembrava mais, algo que estava bastante adormecido.

Eu sempre fui a Chris leitora, não a Chris escritora.

Mas lembrando sobre essa conversa nos últimos tempos e juntando ao fato de ter uma mente que nunca para de pensar, imaginar, refletir, cheguei à conclusão: e se eu colocar no “papel”, e se eu escrever o que vem à minha mente?

Não tenho nada a perder e nem espero que

Sobre a Colunista (texto publicado originalmente no Instagram da autora em 03/06/2024)

Prazer, sou a Christiane Moraes.

Para quem já me conhece, sabe que sou brasileira, nascida em Brasília/DF, espírita, leonina, vascaína (sim, sofro, mas não mudo de time! rsrsrs...), farmacêutica com atuação na área de Assuntos Regulatórios de Dispositivos Médicos e atualmente desbravando a parte comercial (e que desafio!), leitora (não tão assídua quanto antes) e amante de uma boa música e de viagens.

Para quem me conhece mais ainda, sabe que por trás da aparência tranquila há uma mulher um

tenha algo a ganhar... Decidi que vou apenas me divertir nesse processo: agora sou também a Christiane aspirante a escritora!

O que esperar da Coluna CRÔNICAS - TONS DO COTIDIANO

A coluna contará com crônicas escritas pela colunista e por convidados e/ou textos de escritores já consagrados, abordando temas atuais, do nosso cotidiano, e que nos façam refletir.

Nesta edição da revista, o tema abordado é O PODER DO INCENTIVO.

O PODER DO INCENTIVO



Fonte: Arquivo pessoal

Ao longo de nossas vidas, inúmeras são as situações em que nos encontramos paralisados, em dúvida sobre qual caminho seguir ou ainda com medo de tomar alguma atitude a qual poderemos nos arrepender no futuro.

Nesses momentos, a maior dádiva que podemos ter é a de poder contar com alguém que queira o nosso bem, alguém que nos apoie, nos aconselhe, nos incentive. Infelizmente, nem todos têm esse alguém. Se tiver, você pode se considerar uma pessoa de sorte. Agradeça pela presença do incentivador na sua vida!

Muitos podem pensar que o incentivo é uma tarefa difícil, mas ele pode surgir de tantas manei-

ras: por meio de palavras escritas, uma mensagem de voz, uma ligação, uma conversa sincera, um compartilhamento de alguma publicação nas redes sociais, uma propaganda gratuita que você faz sobre algum empreendimento ou ainda por meio de investimento financeiro.

O poder do incentivo é tão grande que não importa de qual maneira você escolha incentivar alguém, ele vai fazer a diferença na vida de quem está sendo incentivado.

E muitas vezes você pode até não perceber que incentivou alguém, mas no mundo existe alguma pessoa que agradece por ter cruzado o seu caminho, por ter te conhecido.

O incentivo tem o poder de dar confiança para quem não confia em si mesmo, tem o poder de mostrar que você está no caminho certo e pode continuar a trilhá-lo com a certeza de que será recompensado.

O incentivo pode ser capaz de fazer com que alguém faça algo que jamais imaginou ser capaz, ele pode mudar caminhos e destinos.

Na minha vida, fui abençoada com muitos incentivadores, que me ajudaram a moldar meu caminho! Eu sou grata a cada um deles e espero conseguir retribuir pelo menos uma parte do bem que me fizeram.

Mas eu não quero apenas retribuir, eu quero incentivar outras pessoas também, quero que elas enxerguem o potencial que possuem!

Para finalizar fica a reflexão: você tem incentivadores em sua vida? De que forma te incentivam ou te incentivaram? E por outro lado, você também incentiva alguém? Qual o seu modo preferido de incentivar?

INSTAGRAM



POST NO SITE





Lilian Barbosa



É natural de Brasília-DF. Mãe, esposa, advogada, pós-graduada em Direito Público Licitatório e concursada em uma Autarquia Federal. Participante de várias Antologias, inclusive como Prefaciadora e Autora Convidada. Colunista na Revista Internacional The Bard na Coluna “Semeando a Escrita”. Bisneta do Poeta Centenário Arnaldo Júlio Barbosa (@arnaldojulio Barbosa), do qual se orgulha imensamente.

Lilian Barbosa é uma escritora muito talentosa e que, além de nos agraciar com seus belos textos no seu Instagram, é Colunista na Revista Internacional The Bard na Coluna “Semeando a Escrita”. E não poderia haver melhor escritora para ser a convidada da minha 1ª publicação como colunista da Revista Internacional The Bard: em 03/09/2021, em uma desprestenciosa conversa no Instagram, Lilian me lembrou do meu gosto adormecido por escrever. Nesse momento, ela plantou a sementinha que demorou bastante para germinar, mas que quase 3 anos depois, criou raízes e está começando a florescer.

E se não bastasse o trabalho da sementeira, Lilian foi além, pois segue me incentivando, dando ideias, me apoiando, divulgando a minha escrita e acreditando mais em mim do que eu mesma: se estou hoje publicando a minha 1ª coluna, a “culpa” é toda dela, que viu um potencial que eu não via e buscou essa oportunidade para mim.

E, apesar de todo o trabalho que já possui, da correria do dia a dia, ela foi mais além: aceitou ser minha convidada na Coluna, com um prazo muito curto para entrega do texto. Um baita desafio que ela aceitou encarar comigo!

Lilian, eu agradeço imensamente por todo o carinho e incentivo e torço para que o seu dom de semear colha sempre lindas flores e frutos durante sua jornada!

ESPAÇO DO CONVIDADO

A ESCRIVANINHA DA SALA

O relógio marca 16:03 horas deste domingo à tarde. Após um dia bem cheio, aceito de bom grado o convite do sofá para assistir um pouco de TV.

A casa já está limpa - a sala impecável - coisa rara de acontecer diante de dias tão corridos entre trabalho e demais obrigações pessoais e familiares.

Olho ao redor antes de começar a assistir uma série da Netflix e admiro a decoração da sala. É satisfatório admirar, sobretudo depois de um bom tempo almejando finalizá-la. Sofá, poltrona, rack, painel, parede, piso... Tudo nos exatos tons e harmonia que eu queria. Ah, e aquele lindo quadro adquirido em um leilão beneficente há alguns anos foi a cereja do bolo! Compôs perfeitamente o espaço vago da parede lateral. Ficou lindo!

Viro a cabeça e detenho o meu olhar ao lado direito, o qual propositalmente desconsidere como parte decorativa da sala de estar. Logo ao lado da porta de entrada, uma escrivaninha perdida no espaço, sem qualquer sentido à primeira vista... Meus devaneios se iniciam às 16:05 horas, quando me pongo a pensar sobre a origem de seu paradeiro naquele cantinho.

Há menos de dois anos, mudei-me de residência com a minha família. Saímos de um apartamento para uma espaçosa e sonhada casa. Tendo um filho pequeno e três cachorrinhos, pareceu a mim e ao meu marido que uma casa fosse a melhor escolha.

Não tem sido fácil. Financiamento, reforma, mobiliário, dívidas esperadas e não esperadas... Ainda há muito a ser feito, mas, tivemos a satisfação de finalizar a sala de estar em sua completude. Dá gosto de ver (ainda que o restante da casa esteja incompleto ou revirado)!

Porém, há um detalhe na sala que destoa de toda a decoração: sim, a escrivaninha! Cheguei à razão de sua origem.

Meu filho de seis anos recém completados desenvolveu um forte gosto pelo desenho. Desde os três aninhos desenha diariamente. É parte de sua diversão infantil. Desde essa tenra idade, solicita papel para os seus rabiscos nos horários e ocasiões mais distintos e improváveis. A cada novo desenho, uma nova história por ele criada ou uma versão reformulada/adaptada para situações já existentes. Molequinho inteligente!

Antes de renovarmos a mobília da sala, resolvemos comprar uma simples escrivaninha e uma cadeira para ele desenhar por ali mesmo, enquanto estivesse conosco em frente à TV. Tínhamos a pretensão de trocar os móveis em breve. Não seria problema manter a escrivaninha por lá “temporariamente”.

Antes, meu filho colocava o papel no chão ou no braço do sofá para desenhar enquanto estava assistindo aos seus desenhos animados na sala de estar. A partir da aquisição de sua “mesinha”, sentiu-se maravilhado! Tinha à sua disposição uma superfície livre para colocar vários desenhos e lápis de cor, uma cadeira para se acomodar e um gavetão para guardar seus materiais.

Ao nosso ver, não poderia haver melhor aquisição! Ele passou a desenhar cada vez mais. Os traços dos desenhos foram aperfeiçoados. Sua criatividade tem sido constantemente aprimorada. Até mesmo jogos e desafios são inventados quando dispõe de um lápis e um papel.

Ainda no sofá, a olhar a escrivaninha, pus-me a pensar como um pequeno empurrãozinho (até sem grandes pretensões) trouxe tantos resultados! O talento dele é evidente, mas as suas habilidades têm sido esmeradamente trabalhadas ali, debruçado sobre aquele simples mobiliário. Inclusive na escola, seus trabalhos se destacam pela qualidade e originalidade. Sem falar na alegria incontestável que ele manifesta ao fazer seus desenhos em sua mesinha. Tudo isso decorrente de um acréscimo “temporário” à decoração da sala.

Conversando com o meu marido, chegamos a um consenso: hoje o mobiliário que mais faz sentido e combina com a sala de estar é aquela escrivaninha que destoa de tudo da decoração. Chega a ser paradoxal, mas, de algum modo, a mágica do incentivo às habilidades de nosso pequeno garotinho é externada por meio da utilização desse grotesco item de madeira presente no ambiente.

Olho para o relógio do celular: 16:10 horas. Opto por protelar o início da série que eu almejava assistir para estender um pouco mais o meu olhar fixo sobre aquela escrivaninha e seus instigantes poderes de trazer mais alegria e estimular o constante desenvolvimento das aptidões do meu filho. Fico sorrindo sozinha quando constato que aquela escrivaninha se tornou o mais belo e essencial mobiliário a compor a minha sala de estar.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





26^a
EDIÇÃO



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

História de Natal:

"Como diferentes Culturas celebram esta data"

28^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

PERÍODO DE **11** DE AGOSTO À **04** DE OUTUBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.



LITERAR

Humani

04



SUELI LOPES



É Dr^a h. c. em Literatura; Acadêmica Internacional da FEBACLA e Embaixadora da Paz. É autora, escritora, cronista, colunista internacional e Mentora Literária. Efetiva da Academia Internacional de Literatura Brasileira, NY e CEO do Grupo Internacional de Escritores Vozes da Diáspora, Londres. Pós-graduada pela Universidade de Salamanca. Lecionou Língua Portuguesa e Linguística nas Universidades PUC e Federal de Goiás. Até o momento, possui seis livros solo, sendo um em inglês. A coletânea Sementes de Paz, por ela organizada e lançada no Consulado do Brasil em Londres, faz parte do acervo do Instituto Guimarães Rosa, Brasil. Como CEO do Grupo Internacional Vozes da Diáspora, em Londres, promove workshops, organiza coletâneas, lançamento de livros e tours literários/culturais no Reino Unido, criando pontes culturais entre as culturas britânica e lusófonas.

UM GRITO QUE ATRAVESSOU SÉCULOS: DEIXE MEU POVO IR!

*"A África é uma página em branco, um continente que ainda está à procura de seus contadores de histórias".
(Luandino Vieira)*

A cultura africana é um universo vibrante e diversificado, rico em tradições, histórias e expressões artísticas que atravessam séculos. Esse artigo dá ênfase à literatura e música africanas, vozes poderosas que ecoam os sons e as cores do continente, transmitindo sua essência e sua alma ao mundo.

Entre os muitos escritores africanos que deram voz à sua terra natal, Luandino Vieira se destaca como um apaixonado defensor da África e de suas histórias. Vale destacar uma de suas citações: "A África é uma página em branco, um continente que ainda está à procura de seus contadores de histórias". Ainda bem que as obras de Luandino e de muitos outros ressaltam a importância de preservar e celebrar as narrativas africanas, que são uma parte

fundamental da identidade do continente.

Vieira, nascido em Angola, se dedicou com fervor à escrita sobre a realidade africana, abordando questões sociais, políticas e culturais com uma sensibilidade única. Sua obra reflete o amor profundo que ele sentia pela África e seu povo: "Eu amo minha terra, eu a amo com todas as suas contradições, com todas as suas desordens, com toda a sua beleza".

Além de Luandino Vieira, outros escritores africanos deixaram um legado duradouro na literatura mundial. Chinua Achebe, autor de *Coisas Despedaçadas*, uma obra-prima que oferece uma visão profunda da vida na Nigéria colonial, traz uma das mais belas citações literárias de todos os tempos: "Até que os leões tenham seus próprios historiadores".

res, as histórias de caçadas continuarão glorificando o caçador".

Achebe estava certo! É primordial que conheçamos a história da África a partir da perspectiva africana, sem distorções ou estereótipos coloniais. Ele e outros escritores africanos desempenharam um papel crucial na construção dessa narrativa autêntica, reivindicando a voz e a identidade do continente.



Imagem de Žaneta Mišutová por Pexels

A literatura africana é uma ponte que conecta o passado ao presente, celebrando a riqueza de sua cultura e desafiando as narrativas dominantes. Afinal, como o escritor nigeriano Wole Soyinka disse: "A literatura africana é a casa do espírito humano, a casa do espírito africano, que flui de maneiras muito diferentes, mas ainda assim, de maneiras conectadas".

Portanto, ao explorarmos a cultura africana, somos convidados a respeitar e nos conectar com suas histórias, suas tradições e sua humanidade. As obras literárias africanas, por sua vez, nos lembram da beleza e da complexidade do continente, inspirando-nos a celebrar sua diversidade e a valorizar suas contribuições para o mundo. É através dessas histórias que a África se torna viva, pulsante e inesquecível.

Outro exemplo artístico que exprime a força e a resiliência da cultura africana é a música "Let my People go" (Deixe Meu Povo Ir). Trata-se de uma canção espiritual afro-americana que ganhou proeminência durante o movimento dos direitos civis nos Estados Unidos. Uma poesia musical, associada ao gênero do gospel e do jazz. Um lamento da alma, como o próprio jazz exprime.

"Let my People go" faz alusão à história do êxodo dos israelitas do Egito, como relatado no Livro do Êxodo da Bíblia. A frase "Let my people go" é um grito de libertação, que ressoa com a luta dos afro-americanos por igualdade e liberdade. A analogia entre a história bíblica e a experiência dos afro-americanos é uma característica marcante das canções espirituais negras que trouxeram muita cor, vida e senso de humanização ao mundo.



Imagem de Askar Abayev por Pexels

Com um ritmo contagiante, "Let My People go" transmite esperança e resistência. Sua batida de jazz e harmonias de gospel criam uma atmosfera poderosa, que captura a energia e a determinação do movimento dos direitos civis. Não por acaso, Brooklyn se tornou um dos maiores cartões postais do mundo e o jazz é um dos maiores influenciadores dessa atração.



Muito mais do que uma linda canção, “Deixe Meu Povo Ir” é um exemplo vivo da resistência da cultura africana e afro-americana. Ela representa a capacidade do povo negroafro-descendente de transformar sua dor em arte, sua opressão em expressão e sua luta em música. Os afro-americanos encontraram uma maneira de manter viva sua identidade, resistir à injustiça e inspirar outros a se unirem em busca da liberdade e da igualdade através do ritmo do saxofone, e isso ficou registrado na História da Humanidade.



Imagem de Djaya por Freepik

O jazz, de certa forma, é uma expressão de fé e esperança. Nele, há a mensagem de que, apesar das dificuldades e adversidades, há uma promessa de libertação e redenção. Essa mensagem transcendente ressoa não apenas na comunidade afro-americana, mas em todos os que lutam por justiça e dignidade. A paixão africana por tudo o que luta é contagiante.

“Let my People go” é muito mais do que uma linda canção. É um hino de resistência, uma expressão de fé e uma lembrança da resiliência do povo africano e afro-americano. Sua música e literatura continuam a ecoar em todo o mundo, inspirando aqueles que leem ou ouvem a nunca desistir da luta por um mundo mais justo e igualitário. Sem autor específico, faz parte das canções espirituais afro-americanas que, muitas vezes foram criadas e trans-

mitidas de forma oral ao longo do tempo, com letras e melodias sendo modificadas e adaptadas por diferentes comunidades ao longo dos anos.



Imagem de Christian Alemu por Pexels

Minha voz se une a essa oralidade que sobreviveu há séculos, a esse grito universal pela igualdade e pela justiça. Em nome de todos os africanos e de todos aqueles que lutam por um mundo mais justo, repito:

-Deixe meu povo ir!

Viva a África!

**Um grito que atravessou séculos:
Deixe meu povo ir!**

Por Sueli Lopes



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

Colunista Sueli Lopes

FACEBOOK



INSTAGRAM



INSTAGRAM



POST NO SITE





03



ELKE LUBITZ



Elke Lubitz Lautert é Catarinense natural de Rio do Sul, radicada em Jacareí (SP) há 40 anos. Formada em Pedagogia e pós graduada em Orientação Educacional e Pedagógica pelo Instituto Adventista de Ensino atual UNASP. É poeta, tendo seu trabalho publicado em dezenas de antologias no Brasil e pelo intercâmbio Brasil-Portugal. Possui um livro solo publicado em 2019 e o segundo livro terá seu lançamento em junho de 2024. Acredita no poder transformador da leitura.

Diversidade cultural no continente africano

A diversidade cultural do continente africano evidencia uma riqueza inenarrável nas artes, crenças expressões culturais e artísticas que ressaltam a conexão com a história do continente, línguas e modo de vida deste povo.

Dança, escultura, pintura, música e literatura são pontes que unem o passado ancestral ao mundo contemporâneo.

Vibrantes ritmos, vibrantes cores e movimentos traduzem a alegria genuína dos africanos, é inspirador observar as nuances artísticas que desvelam ao sábio observador, toda a riqueza cultural deste continente.

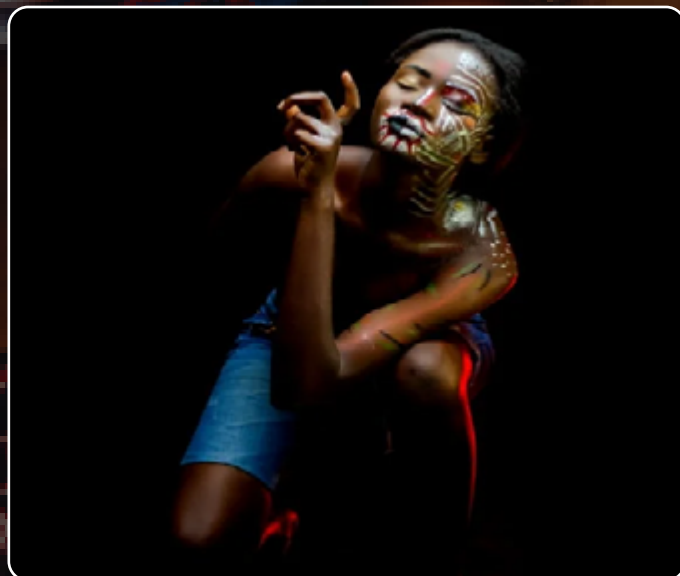


Imagem de Bestbe Models por Pexels

Diversidade cultural no continente africano

Por Elke Lubitz

Tradições e Costumes

Rituais

Cerimônias e rituais ancestrais marcam importantes eventos na vida dos indivíduos da comunidade, como nascimentos, casamentos e funerais.

Vestimentas

A identidade cultural de cada região é caracterizada pelas vestimentas elaboradas com tecidos coloridos e roupas tradicionais.

Estrutura Social

Muitas sociedades africanas são estruturadas em hierarquias ancestrais, tendo papéis específicos bem definidos e divididos para cada grupo tribal.

Nas áreas urbanas, a estrutura social pode ser mais influenciada pelos sistemas ocidentais, com famílias nucleares e uma maior ênfase na individualidade.



Imagem de Tope A. Asokere por Pexels

Literatura

A literatura contemporânea no continente africano tem se destacado no cenário mundial.

Deixo aqui alguns exemplos:

Chimamanda Ngozi Adichie (Nigéria)

Adichie é uma escritora africana de grande projeção em nível mundial. Trata em seus romances, questões políticas, de identidade e gênero e colonialismo.

Ngũgĩ wa Thiong'o (Quênia)

Ngũgĩ é um proeminente escritor ativista. Suas obras abordam temas como a descolonização, a identidade africana e a história do Quênia.

Yaa Gyasi (Gana)

Gyasi se destacou abordando a história e o impacto da escravidão.

Esses são apenas alguns exemplos de autores africanos contemporâneos que alcançaram renome no cenário mundial. A lista é ampla e não há como destacar os inúmeros talentos africanos que se projetam mundialmente.

Tem alcançado multidões com a sua escrita poética, o escritor Mia Couto (Moçambique) do qual gostaria de deixar alguns fragmentos textuais:

*"O importante não é a casa onde moramos.
Mas onde, em nós, a casa mora".
"Só me pertence o que não abraço.
Eis como eterno me condeno:
Amo o que não tem despedida".*

*"Na barriga da mãe, não se tece apenas
um outro corpo.
Fabrica-se a alma".*



As Cores que vibram no continente

A música e a dança são elementos vitais na cultura africana. Cada etnia mostra seu estilo próprio com seu ritmo diferenciado e movimentos graciosos. Essas expressões artísticas são meios de celebração em variadas ocasiões, como casamentos, nascimentos e funerais.

Através delas conta-se a história de um povo, bem como a transmissão oral de lendas, mitos e contos populares. Desse modo segue viva a tradição de um povo.

Cores e movimentos vibrantes compõem a magnífica história cultural e a natureza deste continente que devemos admirar e compreender melhor.



Imagem de Godisable Jacob por Pexels

Diversidade cultural no continente africano

Por Elke Lubitz



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

INSTAGRAM



FACEBOOK



POST NO SITE





11

POR MAGNA ASPÁSIA



Magna Aspásia Fontenelle, natural de Carolina-MA residente em Uberaba-MG, professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I. Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.), autora e coautora de vários artigos científicos, livros, coletâneas, antologias e revistas publicados em periódicos nacionais e (inter) nacionais num total de 15 obras. Membro Fundadora Imortal e presidente da Academia de Letras do Brasil Seccional Uberaba-MG. Membro fundadora da Academia Alternativa Pegasiane Brasil. Delegada Cultural da FEBACLA-RJ para o Triângulo Mineiro. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira-FOCUS Brasil New York. Agraciada com título de Cidadania Uberabense; recebida como hóspede oficial da Estância Turística Paraguaçu Paulista-(SP) e também, com várias honrarias (inter)nacionais.



A coluna Nau Literária, Entrevistas tem por missão proporcionar uma interação e divulgação das expressões e talentos de diversas áreas e origens. Ao incluir contribuições de escritores, poetas, artistas plásticos e cientistas sociais, a coluna não apenas celebra a diversidade cultural, mas também promove um diálogo intercultural rico e significativo, vital para o fortalecimento das identidades culturais e para a promoção da união dos povos através da troca universal de saberes. Cultivar e divulgar nossas culturas e línguas é um ato de preservação e valorização da humanidade, essencial para o desenvolvimento de uma sociedade global mais equitativa e respeitosa.

Nesta edição, tratamos do tema África, destacando a honrosa entrevista com a escritora africana, ex-Ministra da Educação e Desembargadora de Cabo Verde, Vera Pina, que oferece uma perspectiva única e valiosa sobre a contribuição africana para o patrimônio cultural e intelectual da humanidade, reafirmando a importância de cultivar e divulgar nossas culturas e línguas para um futuro mais inclusivo e harmonioso.

Historicamente, a África é o berço da humanidade. Evidências arqueológicas sugerem que os primeiros seres humanos modernos surgiram na

África há cerca de 200.000 anos. Ao longo dos milênios, o continente foi palco de grandes civilizações, como o Egito Antigo, o Reino de Axum, o Império Mali e o Grande Zimbábue. Cada uma dessas civilizações contribuiu significativamente para a história global através de inovações em áreas como a escrita, a arquitetura, a astronomia e a medicina.

A riqueza cultural e histórica da África continua a influenciar e enriquecer o mundo contemporâneo. É fundamental reconhecer e celebrar essa herança para fortalecer as identidades culturais e promover uma união global baseada no respeito e na valorização da diversidade.

Leiam, comente.

Abraços literários!

Magna Aspásia Fontenelle

POST NO SITE





Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina, nasceu no Mindelo, S. Vicente, Cabo Verde. É Juíza Desembargadora, poeta e ficcionista. Membro das Academias Caboverdiana de Letras, de Ciências de Lisboa, Gloriense de Letras e dos Municípios Cearenses, ALMECE. Integra a World Poetry Movement, WPM, Unión Hispanomundial de Escritores- UHE, União de Escritores de Língua Portuguesa. É investigadora correspondente do Centro de Humanidades/CHAM da Universidade Nova de Lisboa e do Institut for African Women in Law.

Foi Ministra de Educação e Ensino Superior, Presidente da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania, Conselheira do Presidente da República e Juíza Conselheira do Supremo Tribunal de Justiça. Integrou organizações como Centro Norte-Sul do Conselho da Europa, Comissão Internacional de Juristas, Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos, Associação Caboverdiana de Mulheres Juristas e Federação Internacional de Mulheres de Carreira Jurídica, entre outros.

Tem dezoito títulos publicados e mais de uma centena de colaboração nacional e internacional em jornais, revistas, antologias e outras obras coletivas.

Prof^a. Magna Aspásia Fontenele, entrevista a escritora africana Dra. Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina, Ministra da Educação e Conselheira Presidente da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania, Conselheira do Presidente da República e Juíza Conselheira do Supremo Tribunal de Justiça de Cabo Verde-África.

1



REVISTA THE BARD — Gostaríamos que a senhora compartilhasse um pouco sobre sua trajetória, sua infância, família, formação acadêmica e política de seu país.



VERA VALENTINA - A minha mãe disse-me que fui sempre uma menina algo especial porque nasci com a cabeça dentro do saco amniótico e, por isso, era uma criança buteada. Assim, ou seria uma pessoa especial ou sofreria de atraso mental. Ainda eu bebê, era magrinha e frágil. Um dia escapei dos braços da minha mãe e rolei pela escada de cimento, que tinha uns trinta degraus. Ela ficou paralisada a gritar: A minha filha morreu! Vieram ter dela e encontraram-me no último degrau com um sorriso no rosto. Posteriormente estive para morrer, pois tive uma doença que me tirou toda a vontade de comer.

Pacientemente a minha mãe obrigava-me a comer enquanto eu lhe pedia que parasse, pois só tinha uma boca e precisava dela também para falar e cantar. Quando toda a gente me dava por morta eu sobrevivi e até hoje cá estou neste planeta Terra. Mas foi uma infância feliz, cheia de brincadeiras ao ar livre.

Do lado materno a minha família é de origem judaica, de um certo Isaac Benrós que veio de Marrocos para Cabo Verde, passando por Gibraltar. Do casamento de Isaac Benrós com Gertrudes Felicidade Silva, de origem europeia, veio uma descendência que chegou à minha mãe Eufémia Filipa Benrós de Melo Duarte. Esta ascendência determinou o meu porvir, mas sobretudo marcou a minha infância. A minha família materna era anticlerical e por isso os meus pais não se casaram pela Igreja Católica, maioritária no Arquipélago, nenhum dos seus filhos foi batizado e não frequentamos a igreja matriz que, por



coincidência curiosa, ficava na nossa rua, em cuja Pracinha de Igreja muitas vezes íamos brincar e éramos mimados pelo poeta Jorge Barbosa, que adorava ver-nos a brincar.

O meu pai, Domingos António Duarte, que fora ajudante de sacristão na sua ilha natal de São Nicolau, ao casar-se com a minha mãe, passou a frequentar a Igreja Nazareno e nós, as crianças, íamos à igreja dominical. Ali comecei a experimentar o gosto pela poesia, pois não só aprendi a dizer poemas que declamávamos nas festividades natalícias, como também éramos estimuladas a escrever poemas.

Enquanto criança e adolescente -e estou a falar das décadas de 50 e 60 do século XX- não tinha consciência da situação da colonização. Mas na década de 60 comecei a notar algo que se prendia de alguma forma ao racismo, pois o meu pai, que era um self made man e se tornou num abastado comerciante, após ter sido um ótimo marceneiro, apesar de ser um nativo das ilhas, mestiço escuro, foi admitido como sócio da principal agremiação da ilha, o Grémio Recreativo do Mindelo, onde a maior parte dos sócios eram de pele clara, senão mesmo portugueses vindos da metrópole.

Por aí comecei a tomar a vaga consciência de que havia gente rica e gente pobre, gente branca e gente preta, e nós, apesar de mestiços, por sermos abastados, fazíamos parte da média e alta burguesia da ilha.

Quanto a mim, apesar de ser mulher e mestiça, nunca aceitei nem assumi o lugar de inferioridade que vi as mulheres ocuparem, não só porque os meus pais já tinham uma mente aberta e tratavam todos os filhos, rapazes e meninas, de forma igual, como por minha própria índole libertária. Pesquisando depois, descobri que o facto de a cultura judaica dar um lugar privilegiado às mulheres, de alguma forma, ainda que inconscientemente, terá estimulado a minha postura.

Porque sempre fui boa aluna, aos 14 anos já fazia retiros em grupo na ilha de Santo Antão, e aos 15 anos fui escolhida para fazer um retiro no norte de Portugal, no Minho, com moças de todas as então chamadas províncias ultramarinas. Nessa altura estava a começar a ter não só consciência da situação de colônia como da existência de estratificação social com base no sexo, nas posses, na cor da pele e na formação intelectual. Também nessa altura, em

1968, porque o Liceu Gil Eanes de São Vicente, que eu sempre frequentara, não tinha previsto a alínea e) para o 6.º e o 7.º ano, que dava acesso ao curso de Direito, fiquei logo em Portugal, como interna no Colégio das Doroteias em Lisboa. Desde os 10 anos de idade, que tinha dito que ia ser advogada e, nunca desisti de tal intento.

Em resumo, tive uma infância alegre e bonita, com oito irmãos e inúmeros primos, amigos, companheiros de brincadeiras ao ar livre, e com a presença permanente de uma mãe e um pai amantíssimos e cuidadores. Sem esquecer que da janela da minha casa via o mar e a baía do Mindelo com toda a sua beleza esplendorosa. Não posso deixar de registrar que foi no Liceu Gil Eanes que conheci e passei a admirar grandes nomes da nossa literatura como Baltazar Lopes, António Aurélio Gonçalves, Jorge Barbosa e Manuel Lopes, entre outros, cujas obras lia na estante de livros da casa de meus pais e na biblioteca municipal.

Poderia ainda ressaltar alguns momentos marcantes da minha infância: Aos 7 anos tive a minha primeira participação pública, ao declamar um poema durante a noite de Natal nas comemorações da Igreja Nazareno, em São Vicente. Aos 10 anos fui a única na minha sala de aulas a responder à pergunta da professora sobre o que queríamos ser quando fôssemos grandes, e respondi “advogada”. Aos 14 anos pertenci à primeira classe de ginástica feminina a ter lugar no Liceu Gil Eanes - e talvez em todo o Cabo Verde-, orientada pela professora Norma Miranda, jovem alemã casada com o cabo-verdiano Rui Miranda, que nos transmitiu muitas ideias em prol da emancipação da mulher. Aos 15 anos fui escolhida para fazer a intervenção de encerramento do 2º ciclo -5º ano dos liceus-, que até hoje guardo. Aos 15 anos também fui para Portugal fazer o 6º e o 7º ano dos liceus, para poder ingressar no curso de Direito.

Em outubro de 1970 eu entrava gloriosamente para a Faculdade de Direito de Lisboa, única menina de Cabo Verde no meio de vários rapazes.

E que ano esse!

Vindo na sequência de movimentos extremamente disruptivos como o maio de 68 em França e o maio de 69 em Coimbra, a Faculdade de Direito fervilhava de energia revolucionária. Em setembro de 1970 tinha sido criado o MRPP e a Faculdade de



Direito de Lisboa tornou-se praticamente o quartel general desse movimento.

Eu já vinha de Cabo Verde com ideias ditas “revolucionárias”, pois circulava no meu sangue as leituras mais subversivas e era, convictamente de esquerda. Por isso integrei naturalmente o grupo de alunos da Faculdade de Direito que estava próximo ao MRPP e passei a participar em tudo quanto foi ação e subversão levado à cabo por esse movimento como pichagem de paredes, comícios, manifestações, boicotes, ocupações.

Estava alinhada com a malta de esquerda e os meus amigos portugueses ou vindos de África eram todos da mesma linha. Não havia assim entre nós racismo ou quaisquer outros sentimentos discriminatórios, que se constatavam em outros grupos.

E como nunca confundi o povo português com o regime colonial fascista de Portugal, estávamos todos do mesmo lado das barricadas. Entretanto já vivia com intensidade a luta clandestina do PAIGC e com outros colegas de Cabo Verde, fazia regularmente a rota da CUF, Lisnave e da JPimenta para a alfabetização dos operários cabo-verdianos em Lisboa e participava nos encontros da Casa de Estudantes das Colónias, CEC.

Estava no 4º ano de Direito, tinha uma vida intelectual intensa, e participava em todos os movimentos contestatários.

Lia imenso tudo o que me ajudava a abrir os olhos e o coração para uma vida mais digna e empo-

derada. Cultivava todos os “ismos” a que tinha direito e devorei poesia magistral, surrealista, encantatória, com momentos de absoluta transcendência;

O assassinato de Amílcar Cabral, a declaração da independência da Guiné Bissau, a existência de zonas libertadas, o decorrer da guerra colonial e o estertor do regime colonial fascista me motivavam.

Entretanto aconteceu o 25 de Abril de 1974 e a sua revolução dos cravos. Imediatamente interrompi o curso e regresssei a Cabo Verde para vir trabalhar na Reconstrução Nacional. Embora no primeiro ano tivesse sido professora das disciplinas de Política e Português, no Liceu Ludgero Lima, já no ano seguinte, em 1975, fui convidada para trabalhar no Gabinete de Estudos de Legislação e Documentação do Ministério da Justiça na cidade da Praia.

A 5 de julho de 1975 a Assembleia Nacional proclamou solenemente Cabo Verde como Estado Independente e Soberano e dotou-o de uma lei de organização política do Estado LOPE, que em apenas 23 artigos lançou as bases para a nova República.

Eu nasci na época colonial, mas tive o privilégio de participar ativamente na luta contra o colonialismo e o fascismo e de viver intensamente o 25 de abril, a independência e a reconstrução nacional. Acredito que foi um processo que me enriqueceu como ser humano e do qual procurei sempre partilhar com os outros, na busca de algo melhor para todos. um mundo cada vez mais distópico, era importante manter a fé no futuro.



2



REVISTA THE BARD – Como Ministra de Educação e Ensino Superior, qual é a sua opinião sobre a reforma ortográfica?



VERA VALENTINA - Entendo que a reforma ortográfica de 1990 vem permitir uma maior aproximação na escrita do português entre os 9 países que o tem como língua oficial. Assim pese embora alguns aspetos sem dúvida mais polémicos, concordei com a reforma, e foi enquanto Ministra da Educação e Ensino Superior que o conselho de ministros aprovou a reforma e decretou a sua entrada em vigor aqui em Cabo Verde.



3



REVISTA THE BARD – De que maneira a literatura entrou na sua vida? Qual foi seu trabalho que marcou o início de sua trajetória como escritoras e quantas obras a senhora escreveu?



VERA VALENTINA - Desde a casa dos meus avós à casa dos meus pais sempre fui incentivada a leitura e sempre gostei de ler, apesar de ser míope desde criança nada me demoveu da leitura.

Desde os livros de quadrinhos aos caprichos, desde os contos infantis e juvenis dos irmãos Grimm, aos romances para adolescentes de Júlio Dinis, desde os romances proibidos de Eça de Queirós a todos os grandes escritores consagrados quer em prosa, quer em verso.

A escola dominical da Igreja do Nazareno, as histórias contadas ao entardecer na parte de trás da casa dos meus pais pelas cozinheiras, os filmes que a saudosa Teresinha sem saber ler nem escrever nos contava tim tim por tim tim, a enorme estante de livro que habitava soberana o pátio da nossa casa na rua da Luz em Mindelo, o convívio com os professores, Nho Baltas, Nho Roque e os amigos de meus pais Jorge Barbosa e Manuel Lopes, tudo me motivava.

A belíssima e aconchegante biblioteca municipal que ficava atrás da Câmara e perto da minha casa, foram fatores fundamentais na criação do meu gosto pela leitura, sem esquecer as seletas literárias que foram os verdadeiros ex-libris pois me abriram as portas a todos os autores.

A minha primeira obra escrita e publicada em 1993 é o livro de poemas Amanhã Amadrigada que marcou indelevelmente a minha trajetória como escritora.

Tenho 18 livros publicados e participação em mais de uma centena de obras coletivas.



4

6

**REVISTA THE BARD** – O que te inspira a escrever?

VERA VALENTINA - O que me leva a escrever são as emoções que determinados factos ou acontecimentos em mim provocam. Podem ser factos importantes ou trivialidades. Podem ser fenómenos naturais, tragédias ou alegrias. O que interessa é que desencadeiam em mim a vontade imperiosa de cumplicizar na folha de papel as reflexões e emoções que me inspiram.

A escrita permite-me fazer a catarse das frustrações, expandir alegrias, manifestar posições e sentimentos, avançando no processo do autoconhecimento e autoestima e no conhecimento do mundo e das formas de o transformar a favor da mulher. Tenho hoje plena certeza de que foi fundamentalmente através da palavra escrita que a mulher cabo-verdiana, à semelhança de outras mulheres das mais diversas latitudes, conseguiu superar a sua posição tradicional de “ser inferior” que a história sempre lhe reservou. Embora a batalha pela emancipação da mulher tenha tido e continue tendo várias frentes, a frente da escrita parece-me ser uma das mais fundamentais.

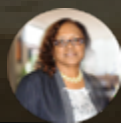
5

**REVISTA THE BARD** – Tem sonhos literários? Quais?

VERA VALENTINA - Tenho sonho de inscrever a escrita de mulheres cada vez com mais fulgor no universo literário cabo-verdiano e não só.



REVISTA THE BARD – No Preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948. “Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”. Como a senhora vê essas questões nos dias atuais?



VERA VALENTINA - Em Cabo Verde, país que ascendeu à independência em 1975, portanto no início da Década das Nações Unidas para a igualdade da mulher, devo dizer que todo o ordenamento jurídico nacional, vem sendo criado sob a ótica da igualdade e equidade de género, sendo que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, vem informando não só a constituição da República como as demais leis ordinárias.

Por isso, podemos asseverar que em termos legais o ordenamento jurídico cabo-verdiano acolho todos os princípios que dizem respeito a igualdade e equidade de género.

O que é mais claudicante é a materialização de todas as injunções legais na prática quotidiana, mas mesmo aí passos seguros vêm sendo dados.

De assinalar que Cabo Verde teve o primeiro governo paritário de África, em que eu tive a honra de participar como ministra da educação e ensino superior e que a violência contra as mulheres já está tipificada, no código penal vigente como crime público. Também a interrupção voluntária de gravidez é legalmente permitida até as 12 semanas e foi eliminada a distinção entre filhos legítimos e ilegítimos conforme nascidos ou não na constância de casamento entre os progenitores.



7



REVISTA THE BARD — A reforma da Constituição de um país perpassa pela ideia de aumentar a confiança dos seus cidadãos nas instituições políticas representativas da sociedade que o representam. A reforma da Constituição de Cabo Verde a qual a senhora participou, de que maneira os direitos da mulher estão segurados?



VERA VALENTINA - Antes de mais, é a própria constituição da República de Cabo Verde que reconhece no seu artigo primeiro a igualdade de género no nosso país ao decretar no número 1 que garante o respeito pela dignidade da pessoa humana e reconhece a inviolabilidade e inalienabilidade dos Direitos Humanos.

No número 2 estipula claramente que a República de Cabo Verde reconhece a igualdade de todos os cidadãos perante a lei sem distinção de sexo, e assegura o pleno exercício por todos os cidadãos das liberdades fundamentais.

Por outro lado, a nossa lei magna consagra no art. 12º o direito internacional como fazendo parte da ordem jurídica interna após sua publicação oficial. Ora todos os tratados que dizem respeito a igualdade e equidade de género têm sido ratificados por Cabo Verde e estão em vigor na ordem jurídica interna, máxime a importante convenção para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres.

8



REVISTA THE BARD — Deixe uma mensagem para os leitores da Revista The Bard.



VERA VALENTINA - Leiam! Leiam poesia, ficção, mas sobretudo leiam a escrita de mulheres.

Muito obrigada, pela sua disponibilidade em participar dessa entrevista.

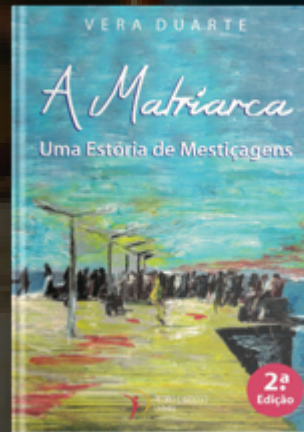
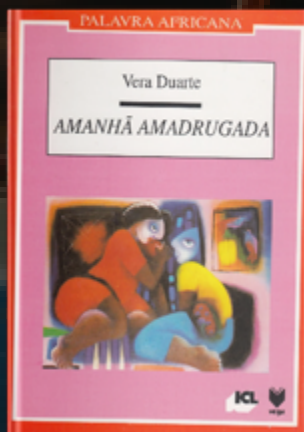




COLUNAS E COLUNISTAS



LIVROS



FACEBOOK

SITE



MAGNA ASPÁSIA FONTENELLE

CONHEÇAM O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

SITE

FACEBOOK

FACEBOOK

INSTAGRAM



POST NO SITE





26^a
EDIÇÃO



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

História de Natal:

"Como diferentes Culturas celebram esta data"

28^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

PERÍODO DE **11** DE AGOSTO À **04** DE OUTUBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.



Edna Brennand



Edna Gusmão de Góes Brennand – Possui Doutorado em Sociologia - Université Paris I Panthéon Sorbonne. Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba. Realizou Pós-Doutorado nas seguintes Instituições: Université Catholique de Louvain-UCL Bélgica; Universidade de Valência, Espanha; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) Portugal. Coordena o grupo de pesquisa sobre Cultura Digital. Seus atuais interesses de pesquisa estão voltados para abordagens interdisciplinares sobre cultura digital e sociedade.

A tapeçaria vibrante e multifacetada da cultura africana

1. Introdução

Segundo a bióloga Pamella Brennand, na obra "Travessias Cognitivas – Áfricas Reveladas", a teoria da evolução de Charles Darwin vai nos mostrar, quando levantamos questionamentos sobre nossa existência, que temos uma dimensão não questionável: nossa origem biológica que permite a busca de respostas sobre nossa ancestralidade enquanto espécie, "Homo sapiens sapiens". A teoria evolutiva atual se modificou com o advento da interpretação do Genoma Humano, permitida pela análise do DNA (Ácido Desoxirribonucleico), molécula presente nas células que carrega toda a informação genética de um organismo. Essa descoberta tem permitido a comparação morfológica de diferentes espécies através da datação geológica, permitindo a cientistas tecer hipóteses acerca da história evolutiva dos seres vivos, entre elas nossa própria espécie.



Imagem de Jean-Louis SERVAIS por Pixabay

Em 1974, a descoberta de um esqueleto quase completo de um hominídeo fêmea por um grupo de antropólogos chefiado por Donald Johnson em uma jazida fóssil na Etiópia, com cerca de três milhões de anos, permitiu revelar um novo capítulo da história evolutiva de nossa espécie, batizada por Lucy. As pesquisas sobre Lucy permitiram hipótese de que, de fato, os hominídeos, incluindo nossa própria espécie, migraram da África para a Ásia e depois Europa e alguns milhões de anos depois conseguiram chegar à América. Nesse processo, surge a diversidade cultural e linguística que marca a nossa existência humana como criadores de transformadores de culturas. Lucy, traz a constatação científica de que o continente africano é o berço de muitas linhagens evolutivas que levaram ao gênero Homo e consequentemente à nossa própria espécie. A autora argumenta que não pode ser esquecido este fato quando questionamos nossa própria existência.

Dito isto, iremos nesse texto, buscar alguns elementos da cultura africana para marcar a importância deste Continente, na produção cultural contemporânea, reconhecendo que foi a diversidade inata de nossa linhagem evolutiva que hoje nos permite lançar múltiplos olhares a uma mesma problemática, construir novos saberes e novas perspectivas cognitivas.

2. As muitas Áfricas na diversidade de olhares sobre o mundo



Imagem de Aga2rk por Pixabay

O continente africano é vasto e diversificado. Lar de milhares de grupos étnicos singulares com língua, cultura, tradições e história próprios. É difícil atribuir importância a cada um deles, importa reconhecer cada grupo étnico pode variar dependendo do contexto histórico, político e social onde se encontram inseridos. Em diferentes processos civilizatórios, períodos específicos e em diferentes regiões, esses grupos podem ter desempenhado papéis proeminentes. É difícil e até mesmo inadequado determinar se um único grupo específico pode ser considerado como "o mais importante" uma vez que a vasta diversidade e complexidade não permite recortes.

Cada grupo étnico possui sua própria cultura distinta, com suas próprias tradições e costumes transmitidos de geração em geração. Isso resulta em uma grande variedade de culturas dentro do continente. Poderíamos afirmar, a grosso modo, que é possível assinalar alguns em suas especificidades culturais. Seria difícil no espaço desta coluna, trazer uma lista exaustiva. Assim, neste contexto escolhemos a partir da literatura especializada sobre traços culturais africanos alguns exemplos. Os zulus, localizados principalmente na África do Sul, é um dos maiores grupos étnicos africanos e conhecidos por sua história militar. África do Sul é lar de uma grande variedade de grupos étnicos, incluindo os Zulus, Xhosas, Afrikaners, Coloreds, indianos e muitos outros; os **Hausa**, um dos maiores grupos étnicos da Nigéria, mas também, encontrados em outros países como Níger, Chade e Camarões, possuem uma rica história de comércio, e são identificados por suas tradições culturais na arquitetura peculiar; os **Yoruba** localizados na Nigéria e no Benin possuem rica tradição cultural que inclui religião, arte, música e a literatura. São conhecidos, também, por suas cidades históricas, como Ile-Ife e Ifé; os **Achântis** têm uma rica herança cultural em Gana que inclui arte, música, dança e tradições religiosas. São conhecidos por sua habilidade na tecelagem de tecidos Kente e sua organização política tradicional; os **Anhara** um dos maiores grupos étnicos da Etiópia são conhecidos por sua língua e cultura distintivas, bem como por sua influência política significativa ao longo dos séculos; os **Berberes** são grupos de tradições nômades encontrados principalmente no norte do continente



especialmente em Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia. Possuem língua própria, o berbere, e são conhecidos por sua arte, música; os Massai, grupo étnico pastoralista encontrado principalmente no Quênia e na Tanzânia. São conhecidos por sua rica cultura e tradições, incluindo vestimentas coloridas, danças e sistemas de crenças únicos.

Muitos outros grupos étnicos constroem a cultura ancestral africana mediante uma tapeçaria vibrante e multifacetada, que continua a inspirar e influenciar o mundo moderno. Rica e diversificada, a cultura ancestral e moderna do continente africano abrange uma vasta gama de tradições, línguas, crenças e práticas mundializada através das diásporas africanas ao redor do mundo. A diáspora africana expressa esta cultura através da ciência, da música, da dança, da arte, da mitologia, da culinária, do vestuário, festivais e práticas religiosas que variam de região para região, compartilhadas por crenças semelhantes, a exemplo da adoração aos antepassados, e aos espíritos da natureza. Diversas manifestações incluem esculturas, máscaras, pinturas, tecidos e cerâmicas, muitas vezes com significados simbólicos profundos. Em todos os grupos étnicos, independente da localização no continente, a música e a dança desempenham um papel fundamental com uma grande diversidade de estilos e instrumentos musicais, desde tambores tradicionais; kora, balafon, mbira, d jembê. Muitos são, também, os estilos contemporâneos, como o afrobeat highlife, jazz africano, reggae africano, rumba, soukous e muitos outros.

A arte africana, tem uma profunda conexão com a espiritualidade, a mitologia e a identidade de cada país. A tradição oral desempenha, também, um papel importante na transmissão de histórias, mitos, lendas e sabedoria cultural de geração em geração. Inclui narrativas épicas, contos populares, poesia oral, provérbios, etc. Celebram uma variedade de eventos, como colheitas, casamentos, iniciações, ritos de passagem, funerais e celebrações religiosas.

Muitos países africanos possuem populações étnicas diversas, e os conflitos podem surgir de tensões históricas, disputas territoriais, competição por

recursos naturais, discriminação e marginalização. Esses conflitos resultam em violência, deslocamento de populações e divisões sociais profundas. Um aspecto a considerar é a grande diversidade de religiões, tais como o cristianismo, o islamismo, o animismo e outras crenças tradicionais. Os conflitos religiosos podem ocorrer quando grupos religiosos diferentes competem por influência, recursos ou poder político, levando a tensões inter-religiosas e, por vezes, violência. As Disputas territoriais entre comunidades, grupos étnicos ou estados são comuns em várias regiões. Essas disputas em muitos territórios envolvem fronteiras internacionais, terras ancestrais, recursos naturais como água e petróleo, e questões de soberania, instabilidade política e conflitos pelo poder são uma fonte significativa de tensão. Os conflitos políticos podem surgir de eleições contestadas, falta de governança democrática, corrupção, repressão política e competição por recursos do Estado. Os conflitos culturais modernos são recorrentes com o rápido processo de urbanização e globalização. São comuns conflitos culturais entre tradições e valores tradicionais e influências modernas como debates sobre identidade cultural, mudanças nos papéis de gênero, padrões de comportamento social e uso de tecnologias.

Entretanto, apesar de a diversidade cultural e dos conflitos dela decorrentes, do ponto de vista econômico há uma grande diversificação nos vários países na contribuição para o Produto Interno Bruto do continente. São destaques: a **Nigéria** país mais populoso da África e um dos maiores produtores de petróleo; a **África do Sul** a economia mais industrializada, possui uma economia diversificada que inclui setores como mineração, manufatura, serviços financeiros, turismo e agricultura; a **Argélia** tem uma economia baseada principalmente na produção de petróleo e gás natural. Outros setores importantes incluem mineração, manufatura e agricultura; o **Marrocos** tem uma economia diversificada que inclui setores como agricultura, pesca, mineração, manufatura, turismo e serviços. É um importante centro comercial e financeiro na região; o **Quênia** é uma das economias mais dinâmicas do leste africano, com setores como agricultura, turismo, serviços financeiros, tecnologia da informação e comunicação

(TIC); **Gana** é conhecida por seus setores de mineração (ouro, bauxita), agricultura, serviços financeiros, petróleo e gás, além de uma crescente indústria de tecnologia; e por fim o **Egito** que tem como foco de produção a agricultura (nas margens do Nilo), o turismo, a siderurgia, a metalurgia, indústria têxtil, química, alimentícia, exploração de minerais, petróleo e gás natural. Além disso, o Canal de Suez ligando a Ásia e a Europa o torna um centro comercial e logístico muito importante para o comércio mundial.



Imagem de Sabine Fischer por Pixabay

A riqueza cultural deste imenso continente, numa curta coluna como esta, tomei como parâmetro minhas poucas viagens à África, para trazer à cena um dos países que me encantou como socióloga de matriz africana (assim hoje me considero) o Egito.

3. A riqueza cultural egípcia

Não é fácil falar sobre as diferentes regiões da África, bem como de seus diferentes países. Isso requer uma narrativa precisa e respeitosa, com o uso de termos descritivos que se refiram às regiões geográficas específicas ou às culturas e etnias presentes nessas regiões. Assim, as interpretações aqui construídas partiram de recortes metodológicos próprios, considerando que esta coluna tem o cará-

ter informativo inerente a este tipo de abordagem. Neste sentido, explorar a conexão entre a herança cultural egípcia e o continente africano e outras civilizações envolve reconhecer tanto as influências únicas da cultura egípcia quanto as conexões mais amplas com outras culturas como a dos invasores estrangeiros, como, por exemplo, romanos, otomanos e gregos. Situado na região noroeste do Continente africano, e no extremo leste do Deserto de Saara, o Egito, possui 92 milhões de habitantes vivendo em sua maioria ao longo do vale do Rio Nilo. Tem como principais cidades o Cairo (capital) Alexandria, Gizé e Xubra Queima. A localização geográfica do país permitiu ao longo de sua história (Egito Antigo e Moderno) compartilhar fronteiras e interações históricas. Isso facilitou o intercâmbio cultural ao longo dos milênios.



Imagem de 12019 por Pixabay

Muitos aspectos da cultura egípcia, como sua arte, mitologia e práticas religiosas, têm paralelos em outras culturas diversas. Por exemplo, a crença em divindades associadas à natureza e aos elementos ambientais é comum. O Egito antigo teve relações comerciais e diplomáticas com outras civilizações africanas, como a Núbia (atual Sudão), a Etiópia e os reinos da África Subsaariana. Essas interações resultaram em trocas culturais significativas, incluindo o comércio de bens, tecnologias e ideias. As descobertas arqueológicas e os estudos antropológicos continuam a revelar as conexões entre o Egito e outras culturas africanas. Por exemplo, evidências de práticas funerárias e artefatos encontrados em sítios



arqueológicos demonstram conexões culturais entre o Egito e regiões vizinhas. Reconhecer a herança cultural egípcia como parte integrante da história e identidade do continente africano é essencial para promover uma consciência histórica mais abrangente e inclusiva sobre a importância deste país para a cultura universal.

Os egípcios antigos, fizeram muitas contribuições importantes para a civilização, incluindo avanços na medicina, matemática, arquitetura e astronomia. Eles desenvolveram técnicas de construção avançadas, como a utilização de roldanas e rampas, e criaram um calendário solar preciso. A civilização egípcia antiga é famosa por suas realizações monumentais, como as pirâmides de Gizé, os templos em Luxor e Karnak, e os hieróglifos, sua forma de escrita. A religião desempenhou um papel fundamental na vida cotidiana dos egípcios antigos, com divindades como Osíris, Ísis, Hórus e Rá ocupando papéis centrais. A cultura egípcia antiga foi influenciada, especialmente por aquelas ao sul do país. Muitos aspectos da religião egípcia, mitologia e arte têm paralelos com estas culturas vizinhas. Embora a cultura antiga do Egito, seja frequentemente estudada separadamente, é importante reconhecer sua conexão com a vasta e diversificada herança cultural do continente em sua totalidade.

A arte egípcia é reconhecida por sua estilização e simbolismo. Pinturas murais, esculturas e objetos de arte eram frequentemente criados para servir a propósitos religiosos ou funerários. A arquitetura egípcia, especialmente as pirâmides, é um testemunho duradouro da habilidade e engenhosidade dos antigos, incluindo estilos como a arquitetura de barro na África Ocidental, as casas de pedra na Etiópia, as casas de colmo na África Oriental.

A arte egípcia, seja textos escritos, pinturas, esculturas, templos entre outras, era marcada pela sua funcionalidade, seja ela religiosa, histórica, ideológica, mitológica ou cosmológica. Reproduzia valores sociais e expressavam sentimentos, capacidade criativa e visões de mundo das camadas superiores da sociedade. Eram expressas em templos, estátuas, rochas, papiros, cerâmica, máscaras mortuárias,

amuletos. Em todas essas manifestações não se buscava uma experiência estética específica, mas atender a uma demanda dos soberanos e a preocupação com a vida após a morte, ou seja, a imortalidade. A vida cotidiana no Egito antigo era influenciada por tradições como a agricultura, pesca e comércio. A sociedade era estratificada, com os faraós no topo da hierarquia social, seguidos por nobres, sacerdotes, escribas, comerciantes, camponeses e escravos.

4. Considerações finais

Tema fascinante e desafiador, construir interpretações acerca da memória cultural da África é um grande desafio. A arte da história inspirada em nossas heranças africanas.

É fundamental buscarmos as raízes comuns entre muitos povos para fortalecer a noção contemporânea dos chamados “lugares de memórias”. A exploração das pertinências das relações entre história e memória nos obriga a pensar a dimensão humana que atravessa as histórias construídas por muitas civilizações que influenciam nossa construção cultural individual e coletiva. Ao atravessar as leituras realizadas para construção deste texto, vimos o quanto são frágeis nossas compreensões sobre diversidade cultural, pertencimento e a condição humana.

Traços da cultura africana e em especial a cultura egípcia habitam nossas interpretações de mundo, fazendo-nos refletir que somos o universal cultural em diálogo permanente com as especificidades de manifestações de diversos povos.

Nesse esforço de aproximação, a interação com imagens, sons e sabores mostra que a dimensão da nossa condição humana se aflora quando dialogamos com diversas manifestações culturais.

A arqueologia, os domínios científicos da astronomia, os bancos de dados digitais nos ajudam a realizar descobertas de muitos mundos em nós, mesclando a cultura local com a cultura humana, em geral. O passado não pode ser desvelado no tempo

A tapeçaria vibrante e multifacetada da cultura africana

Por Edna Brennand



COLUNAS E COLUNISTAS

longínquo de muitos territórios desconhecidos. Na reconstrução de pistas deste vasto território que é o planeta terra, a cultura africana perpassa tempos e lugares chegando a espaços nunca visitados, mas reconhecido pelas mãos dos que construíram as artes multicoloridas e multifacetadas para criar identidades múltiplas. Os fragmentos de vida que encontramos em toda forma de arte e cultura nos leva à experiência viva da memória e segundo "Paul Ricœur" nos leva à especulação multimilenar sobre a ordem do tempo. A arte pode expressar a imperiosa necessidade de reescrever a história com o alagma de muitas mãos nas construções culturais do tempo presente.

Reconhecer a África como berço da humanidade antiga e moderna se impõe cada vez mais nos estudos interdisciplinares sobre os seres humanos e as redes sócio-técnicas complexas que nos permitem conhecer as origens das primeiras civilizações, a formação do mundo antigo e o contemporâneo. Muitos intelectuais africanos contemporâneos oferecem grande contribuição ao desenvolvimento do conhecimento trazendo novas bases epistemológicas para reflexões sobre esta grande população que a diáspora espalhou por todo o planeta.

A cultura africana fundamenta a compreensão da cultura brasileira e sua história. Estudos

indicam a permanência de um extenso conjunto de representações formuladas que povoam os cenários do intenso processo de apropriação heterogêneo de cultura cujos conjuntos de formas e sentidos são utilizados para falar de diversidade cultural.

"Que a cultura africana na sua riqueza possa inspirar a humanidade a reescrever as múltiplas percepções da diversidade cultural, sua complexidade e sua beleza".

Colunista Edna Gusmão de Góes Brennand



Imagem de Sabine Fischer por Pixabay

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM



POST NO SITE



03



FLORESCENDO em Pensamentos

CRIS GOMES


Professora. Formada em Letras e Pedagogia. Pós-graduada em Regionalismos da Língua Portuguesa. Escreve sobre relacionamentos, comportamentos, vida e esperança. Co-autora de antologias: Poesiaterapia - palavras que curam, Almas Cativas, Florir Poético, Tributo à vida entre outras. Revisora e membro da comissão de juradas da Revista Internacional The Bard.

Questão de cor

A África é colorida e vibrante, mas seus filhos, brancos e pretos, não tiveram a mesma história na linha do tempo, porque, séculos atrás, a cor da pele era fator determinante para “ganhar” grilhões e uma passagem de navio rumo ao outro lado do planeta. Arrancados de suas famílias, muitos homens e mulheres pretos chegaram nesta terra na condição de escravos. Na força do chicote, aprenderam depressa que a superioridade da raça branca discriminava seres humanos iguais: rapidamente entenderam que eram menos, que eram nada.

Sob o verniz social, camadas de preconceito e autoritarismo lustravam os ricos salões. A herança colonial reforçava o ideal branco, a raça pura; qualquer padrão fora do único existente era rechaçado sem questionamento. Não havia outra lei. Para os que comandavam, era a sociedade perfeita; para os escravizados, restava a dor, a saudade, o medo, a humilhação, o abuso e as correntes.



Imagem de Binsamimarket por Freepik

Hoje, séculos depois da libertação, os pretos descendentes dos filhos da África ainda sofrem com as desigualdades sociais. Todos os dias cenas se repetem e o preconceito continua enraizado nas entranhas da sociedade, floresce em empresas, escolas, círculos sociais, eventos, tendo adeptos em todos os lugares.



COLUNAS E COLUNISTAS

Nunca se falou tanto em combater esse preconceito, nunca se viu tanta denúncia escancarada nas mídias, mas as ações punitivas ainda são tão discretas que beiram o descrédito. Esbarramos em discursos que impactam as massas, porém ações concretas pouco eficientes passeiam pelos três poderes.

Cotidianamente chegam notícias de pessoas cujos direitos foram cerceados ou que simplesmente foram encarceradas, rotuladas, espancadas, assassinadas, por conta de preconceito racial e a sociedade assiste a tudo impassível. Raros reagem, outros se calam. Diante disso, é preciso desconstruir a ideia de diferença racial. A sociedade e as instituições educativas precisam se unir para fomentar um novo pensamento. A educação é a forma mais estratégica de mudar esse cenário na construção do pensamento crítico alavancando uma sociedade mais humana, que respeite verdadeiramente as diferenças, entendendo que ninguém é melhor ou pior, apenas todos são diferentes e são as diferenças que fazem a roda da vida girar.



Imagem de Rohitroy85 por Freepik

Castro Alves, em seu belíssimo poema "Navio Negreiro", colocou a alma inteira em versos de intensa dor, relatando a travessia maléfica nos porões da África até o Brasil.

*"Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Com a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!"*

Não há quem imagine esses porões de naus lotados de brancos amontoados, chicoteados, jogados ao mar em suas fraquezas, brancos para serem escravizados por séculos e séculos por simplesmente serem...brancos! Há quem possa imaginar tal cena?

Deixo esses questionamentos como pontos de reflexão para todos nós e compartilho um sonho (utopia, talvez?): um dia, todos os seres humanos serão tratados de forma igual. Não por nenhuma outra razão, a não ser uma só – o fato de sermos iguais.

CrisGomes

INSTAGRAM



FACEBOOK



POST NO SITE



LITERATURA de CORDEL

01



BETH BALTAR



Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Córdel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Córdel.

Apresentação

Iniciei meus estudos e pesquisas em Literatura de Córdel, em 2007, quando ingressei no Curso de Doutorado em Letras na Universidade Federal da Paraíba. Nestes 17 anos não parei mais. A Literatura de Córdel se tornou uma das minhas paixões. São 28 produções científicas em literatura de cordel publicadas na área da Ciência da Informação, entre artigos de periódicos, livros, capítulos de livros, anais de congressos, orientações de teses e dissertações, além de 12 pesquisas: três financiadas pelo CNPq e nove de Iniciação Científica.

Destes estudos e pesquisas resultaram dois sites, dos quais eu me orgulho em mantê-los atualizados, disseminando a Literatura de Córdel:

1 - Memórias da Poesia Popular: informação sobre vida e obras de poetas populares brasileiros (criado em 2014, com mais de 560 mil acessos e visualizações, além do Brasil, por mais 120 países no mundo).

2 - Plataforma da Literatura de Córdel (criado em 2021, com 120 mil visualizações e acessos, além do Brasil, por mais 60 países).

Por que apresento estes números?

Ariano Suassuna, escritor e dramaturgo paraibano, o patrono da cadeira nº 52, que honradamente passo a ocupar, dizia: “Sou a favor da internacionalização da cultura, mas não acabando as peculiaridades locais e nacionais”. E não acabou! Acabei de provar!

Além de escritor renomado e um dos maiores do Brasil, Ariano foi professor e idealizador do Movimento Armorial que valorizou as artes populares. Nesse movimento, os artistas tinham o intuito de criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do Nordeste. Segundo ele: “A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos “folhetos” do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Córdel), com a Música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus “cantares”, e com a Xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados” (Jornal de Semana, 20 de maio de 1975).

Mote de abertura da coluna:

A Literatura de Cordel foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, em 2018. Nesta coluna, o cordel como forma de expressão literária que tem raízes profundas no Nordeste, mas também em todas as regiões brasileiras, apresentará aos leitores, uma variedade de temas, conectando poetas, poetisas, folhetos de cordel, cibercordéis (natos digitais) xilógrafos, xilogravuras, pesquisadores da área, repentistas, folheteria, editoras, bibliotecas e cordelotecas. Além de apresentar atividades realizadas com o cordel em escolas, espaços culturais, feiras e oficinas. Conhecer a Literatura de Cordel é vivenciar um mundo multifacetado da poesia popular.



Mestre Beth Baltar e a salvaguarda da memória e linguagem do cordel
(Poeta Fábio Mozart)

Neste texto eu resumo
O trabalho dessa mestra
Que tanta dignidade
Ao nosso cordel empresta.
Sem excesso, quero crer,
Beth é, por assim dizer,
Regente de nossa orquestra.

Abro então esta janela
Em ligeiro apontamento
Falando da importância
Para o nosso movimento
Dos estudos de Baltar
Para sistematizar
Cordel e seu segmento.

Eis que, em dado momento,
Ela abraçou a cultura
Deste gênero cordel,
Compreendendo a seiva pura
Do notável cabedal
Supostamente banal
Passando à sua leitura.

O seu trabalho perdura
Na seara popular.
Pouco mais de mil folhetos
Passaram por seu olhar,
Organizando por tema,
Buscando o estratagema
Para o acervo organizar.

E assim Beth Baltar
Fez a Pós-Graduação
Sobre este tema cordel,
Sua classificação,
Em fina bibliografia
Buscando uma rota guia
E a recuperação

Dos folhetos em ação
Visando classificar
O discurso do cordel
E assim analisar
Os temas e conteúdos
Em apurados estudos
Da poética popular.

Glória a Beth Baltar
E o reconhecimento
Por parte dos cordelistas
Pelo seu discernimento
E esforço de uma vida
Para nos dar a devida
Valia e merecimento.



Rapidamente eu comento
Essa classificação
Da temática dos folhetos
Conforme a concepção
Dos estudos de Baltar
Que chegou a separar
Cordel de religião,
Cultura e educação,
Folheto de valentia,
Ciência, contos e crime,
Esporte e feitiçaria,
Peleja, morte e poder,
Erotismo e bem querer,
O cordel tudo abrangia.
Folhetos de putaria
Como os de Vavá da Luz,
Com assuntos sociais
Conforme muito traduz
O mestre Medeiros Braga
Em sua extensa saga
Que com lucidez produz.

Folhetos que nos seduz:
O romance do pavão,
Peleja de Zé Pretinho,
Chegada de Lampião
No inferno e também tem
A vida de Pedro Cem,
Cem quilos de inspiração

De temas em profusão,
Tudo escrito a contento.
A professora Baltar,
Sobre esse segmento,
Após muito pesquisar,
Buscou reavaliar,
Preservar do esquecimento.

Conforme o merecimento,
Professora Beth assume
Cadeira na Academia
De Cordel, fazendo o lume
Do grupo reacender,
Porque quer me parecer
Que atingiremos o cume.

Pelo menos se presume
Que o nível se expanda,
Com o cabedal que tem
E sua maneira branda
De tratar o semelhante,
Auxiliará bastante
Para suprir a demanda

De saber, que é quem manda
Na nossa congregação.
Quanto mais gente erudita
Mais se expande a evolução.
O cordelista aprimora
Seu mister com a escora
Do bom-tom e educação.

Defendendo sua ação,
Ganhou o Prêmio Rodrigo
Melo Franco de Andrade
Por sustentar em artigo
E promover o cordel
Em aclamado painel
Com raciocínio amigo.

O cordel sempre em perigo
De invisibilidade
E constante pouco-caso
Recebe apreço e amizade
Dessa nobre professora
Que é mais do que leitora,
É sócia dessa irmandade.

Com grande capacidade,
Fez a indexação
Dos folhetos de cordel
Com a utilização
De um mesmo vocabulário,
Facilitando ao usuário
Acessar com precisão
O sistema em evolução.

O cordel, de forma plena,
Trabalha com a linguagem.
O tempo sempre condena
Ao olvido esse modelo
E Baltar, com muito zelo,
Construiu e pôs em cena

Um conjunto que engrena,
Em ação de excelência,
Ferramentas de abordagem,
Preservação e ciência
Com o contexto social,
Facilitando o canal
Em formidável docência.

Com amor e com prudência,
Beth Baltar estudou
Centenas de cordelistas,
Sua obra analisou,
Concebeu a teoria
E a bibliografia
Conservou e avaliou.

Os ciclos classificou,
Facilitando ao cordel
Ter estudo adequado
Em rigoroso painel,
Registro em qualquer suporte
Em primoroso recorte,
Abonando o menestrel.

Eu quero então ser fiel
Ao pensamento geral
Dos poetas de bancada
Em um conceito cabal:
O cordel muito agradece
A Baltar que nos fornece
Dignidade e aval.

E como ponto final,
Nossa grata Academia
Reconhece este termo
Biblioteconomia
Como uma palavra-chave
Para quem busque e escave
O cordel e sua via.



Fábio Mozart



Presidente da Academia de Cordel do Vale do Paraíba
O rádio-telegrafista aposentado, militante do movimento de rádios livres e comunitárias, dramaturgo e diretor teatral atualmente escreve continuamente poesias, crônicas, textos de humor, haicais e mais gêneros para sua página no Recanto das Letras, além de atuar como apresentador do programa “Alô, Comunidade!” da Rádio Tabajara, que está no ar há mais de 6 anos.

Fábio Mozart transita por várias artes. No jornalismo, fundou em 1970 o “Jornal Alvorada” em Itabaiana, com o slogan: “Aqui vendem-se espaço, não ideias”. Depois de prisões e processos por contestar o status quo vigente no regime de exceção, ainda fundou os jornais “Folha de Sapé”, “O Monitor Maçônico” e “Tribuna do Vale”, este último que circulou em 12 cidades do Vale do Paraíba.

Ainda no jornalismo, colaborou no Timbaúba Jornal, A Folha (Itabaiana), Alquimia do Verbo, Umari Notícias, Força de Expressão (Sapé), Itabaiana Hoje e ainda fez parte da equipe de jornalismo do Portal “Conhecendo a Paraíba”, na Internet.

Fábio também trabalhou como tipógrafo na Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, em Itabaiana. Foi diretor de imprensa do Sindicato dos Ferroviários e repórter do jornal O Norte na década de 1970, indicado pelo jornalista Cecílio Batista, também itabaianense. A partir daí, o jornalista continuou publicando crônicas e comentários esporadicamente em jornais e revistas, versando sobre arte, fatos locais, apreciação histórica, sociológica ou mera composição literária.

Nem só de jornalismo se constrói a trajetória de Fábio Mozart, mas de teatro e rádio também. No teatro, fundou o Grupo Experimental de Teatro de Itabaiana (GETI) e o Coletivo Dramático de Mari – CODRAMA, além de ter escrito várias peças teatrais.

Dentre elas: “A Peleja de Lampião com o Capeta” (1º Lugar no Concurso CONHEÇA A PARAÍBA, do antigo MOBREAL), “O Batalhão das Sombras”, “Vozes da Vida e da Morte”, “A Federal Tragédia da

Novela das Oito” e “Cantiga de Ninar na Rua”, esta última premiada pela UNICEF e reconhecida como espetáculo didático de alto nível pelo Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente da Paraíba, tendo alcançado o recorde de apresentações ininterruptas durante sete anos neste Estado.



Como radialista, foi um dos pioneiros da radiofonia itabaianense, tendo atuado no setor de jornalismo da extinta Rádio Difusora Nazaré, uma das primeiras experiências radiofônicas na terra de Zé da Luz. E ainda fundou a Rádio Comunitária Araçá, de Mari (1998), a Rádio Comunitária Vale do Paraíba em Itabaiana (2004) e a Rádio Comunitária Zumbi dos Palmares, em João Pessoa (2005). Além de ser membro da Associação Brasileira de Radiodifusão



Comunitária no Estado da Paraíba – ABRAÇO-PB.

Também é autor de várias publicações como: “Liras Desvairadas” de 1985 e “Pátria Amada” de 1998, ambos livros de poemas; “Democracia no Ar”, que conta as histórias da luta pela radiodifusão comunitária na Paraíba, de 2004; “Manoel Xudu, o Príncipe dos Poetas Repentistas”, de 2006; “História de Itabaiana em versos e algumas crônicas ‘reais’”, de 2007; “Biu Pacatuba um herói do nosso tempo”, de 2010; “Laranja Romã” (2018).

No livro “Biu Pacatuba, um herói do nosso tempo”, Fábio conta a história de Severino Barbosa, primeiro presidente das Ligas Camponesas em Sapé. Pacatuba foi vítima da ditadura militar, sofrendo prisões e perseguições pelo Regime Militar. O trabalho recebeu o Prêmio Patativa do Assaré de Literatura de Cordel, patrocinado pelo Ministério da Cultura em 2010.



Fonte: <https://www.academiadecordel.com.br/fabio-mozart/>

SITE



BLOG



YOUTUBE



POST NO SITE



Por Beth Baltar



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

BETH BALTAR

CONHEÇAM O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

E-MAIL



FACEBOOK



INSTAGRAM





COLUNA RAÍZES DE MOÇAMBIQUE

04



Dany Amado Vasco



Nascido aos 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de Gurué na Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais e assim como internacionais. É o mais novo colunista representante de revista interativa The Bard em Moçambique.

É com grande prazer que apresentamos a está nova edição, trazemos algo especial para os nossos leitores. Nessa edição, trazemos um pouco da rica cultura, tradições do nosso belo país Moçambique, além de entrevista exclusiva com um artista local que está fazendo a diferença em nossa comunidade, vamos também trazer os nossos poemas traduzidos para o dialeto Changana.

O dialeto Changana é uma língua banta falada em Moçambique, especialmente na região sul do país, incluindo a província de Gaza. É um dos dialetos mais falados em Moçambique e é particularmente comum na região de Maputo, a capital do país. A língua Changana tem uma influência significativa na vida cotidiana e na cultura da região, sendo utilizada em interações diárias e em expressões artísticas, como música e poesia.

Os poemas serão traduzidos pela Filomena Sandra Nhancale.

Estamos ansiosos para compartilhar essas obras únicas e emocionantes com você e esperamos que você se sinta inspirado e envolvido em cada página, desde já "Obrigado" ou seja "Kanimambo", no dialeto Changana.

Marrabenta

(Artigo elaborado por: Dany Amado)

Marrabenta é uma Dança e de Moçambique e, em particular na zona sul(Maputo), que surgiu no início da 2.^a metade do século XX, na época áurea colonial de Lourenço Marques (atual Maputo). Conhecida internacionalmente, a marrabenta teve origem nos meios urbanos.

A sua origem

Dada a falta de aprendizagem académica dos moçambicanos, este género surgiu de uma fusão da música europeia com os ritmos tradicionais de Moçambique. Normalmente, era tocada por um cantor masculino, acompanhado por um coro de mulheres, e tocada com instrumentos feitos de materiais improvisados, como latas de óleo, fios de pesca e pedaços de madeira.

A palavra marrabenta vem do verbo "reben-tar" ("arrebentar", em vernáculo local), numa provável referência às guitarras baratas cujas cordas rebentavam com facilidade. As letras das canções, frequentemente em dialetos locais, cantavam o amor, a vida quotidiana, a história de Moçambique e faziam também críticas sociais inerentes ao desejo de liberdade do povo moçambicano. Por esta razão, os Portugueses consideravam a marrabenta subversiva e difusora de ideais revolucionários, ordenando, muitas vezes, o encerramento de locais onde esse tipo de música era produzida.

Entretenimento

Apesar de tudo, a marrabenta animava a capital moçambicana e atraía pessoas até aí devido ao seu ritmo vivo e intenso e às suas melodias arrebatadoras. Para além desse ritmo, refira-se ainda a forma extremamente sensual da dança à qual a marrabenta está também associada. A dança marrabenta, onde participam homens e mulheres, consiste em produzir deslizamentos com os pés, no sentido lateral, e em criar fortes movimentos do corpo, no sentido

ântero-posterior. É um regra, dançar a Marrabenta trajado de qualquer peça de Capulana.

Pioneiros da Marrabenta



Imagem da dança marrabenta

Nos anos 70, a marrabenta conheceu uma enorme projeção quando a Produções 1001 começou a realizar as primeiras gravações e a organizar vários concertos. A consolidação deste género musical ficou a dever-se aos músicos pioneiros Francisco Mahecuané e Dilon Djindji e a sua difusão internacional, à Orchestra Marrabenta Star, liderada por Wazimbo. Ainda dessa geração de músicos destaca-se Fany Pfumo, Alexandre Langa, Lisboa Matavele e Abílio Mandlaze.

Atualmente, este género tem influenciado músicos da nova geração, e os artistas que ainda mantêm essa dança viva são: Elvira Viegas, Stewart Sukuma, Mingas, Neyma Alfredo, Chico António, José Mucavel e o grupo Mabulu. Com o passar do tempo, a marrabenta tornou-se um símbolo cultural nacional e uma referência da identidade Moçambicano.



Imagem da dança marrabenta



A Capulana

(Artigo elaborado por: Chabir Tadeu)

A capulana é um tipo de tecido colorido e tradicionalmente usado em muitas partes de África, especialmente em Moçambique. Este tecido é conhecido por sua variedade de cores vibrantes e padrões elaborados, e desempenha um papel significativo na cultura e na moda destas regiões.

Uso Tradicional

Na cultura africana, a capulana é frequentemente utilizada como vestuário, tanto por homens quanto por mulheres. Ela pode ser usada como uma saia, envoltório de cabeça, vestido, ou até mesmo como uma manta. Além disso, a capulana é muitas vezes oferecida como presente em ocasiões especiais e é um símbolo de respeito e apreço. A capulana é também uma das peças, se não a principal nos vestes em danças tradicionais, especialmente a dança Marabenta.

Significado Cultural

A capulana tem significados simbólicos profundos na cultura africana e especialmente moçambicana. Os padrões e cores específicos podem transmitir mensagens sobre estado civil, identidade étnica, eventos rituais, ou até mesmo expressar crenças espirituais. Cada padrão e cor pode ter um significado específico em diferentes comunidades.

Produção e Comércio

A produção da capulana envolve habilidades artesanais tradicionais, como tingimento, estampagem e tecelagem. Este processo muitas vezes é realizado por artesãos locais, e a capulana é frequentemente vendida em mercados locais e até mesmo exportada para outros países.

Modernidade

Além de seu significado tradicional, a capulana também influenciou a moda contemporânea, tanto localmente quanto internacionalmente. Designers de moda têm incorporado padrões de capulana em suas criações, trazendo visibilidade a esta forma de arte e cultura.

Peças de capulana e seus derivados



Imagem de peças de capulana

Escultura em Moçambique

A escultura em Moçambique é uma forma de expressão artística que tem sido utilizada para transmitir mensagens políticas, preservar a memória do passado colonial e promover a identidade artística individual. Durante um período de exposições coletivas, jovens artistas e aspirantes a artistas utilizavam a pintura e a escultura para abordar o passado colonial e as palavras de ordem da Revolução. Além disso, a expressão da voz individual também é evidente, como demonstrado pelo trabalho de várias artistas incluindo o entrevistado de hoje.

A escultura em Moçambique também tem sido utilizada como uma forma de promover a cultura de paz e resistência política, especialmente no contexto pós-guerra. Um exemplo disso é a escultura intitulada "Tree of Life", que tem como objetivo promover uma cultura de paz face ao contexto pós-

-guerra em Moçambique, utilizando fragmentos de armas desativadas para criar pequenos animais e plantas, simbolizando uma forma de catarse e resistência política.



Imagem de expressão artística



Imagem 1: "Tree of life" Criada por quatro artistas, Kester, Hilario Nhatugueja, Fiel dos Santos e Adelino Serafim.
Imagem 2,3: Artes Makondes.

Além disso, a escultura em Moçambique também está associada à preservação da memória e da história do povo moçambicano. Escultores em Moçambique retratam o dia-a-dia e a história do povo moçambicano em suas obras de arte em madeira, mesmo sem o apoio do governo e sem oportunidades para expor suas obras de arte. Os escultores procuram formas de expressão artística que reflete a história, a identidade e as lutas do povo moçambicano, abordando questões políticas, sociais e culturais.

INSTAGRAM



INSTAGRAM



POST NO SITE





Chabir Tadeu CT, Nascido no dia aos 3 de dezembro de 1999, na cidade Quelimane " Moçambique" tornou-se Escritor contista e poeta, e é estudante de licenciatura em agropecuária. "Tudo tem um propósito". Entrevista feita pelo Chabir Tadeu com o convidado Poeta e Radialista Zainadine Nauaga.

ENTREVISTA



Félix Taiob Samundine "Mr. Criativo" Artísta plástico (Pintura e dístico), escultor e produtor de várias obras contemporâneas. Residente no distrito de Morrumbala-Zambézia, nascido em Mafambisse-Dondo-Beira.

1- Chabir Tadeu: Em poucas palavras, me fale um pouco sobre o Félix Taiob.

Félix Taiob: Eu sou Félix Taiob Samundine, mais conhecido pelo meu nome artístico "Mr. Criativo". Atualmente morando em Morrumbala-Zambézia, sou amante das artes, em especial arte contemporânea. Nela tenho navegando nas áreas arte plástica (Pintura e dístico), artesanato em madeira (Escultura e entalhe), vasos de pano e concreto.

2- Chabir Tadeu: Como você começou sua jornada como Escultor?

Félix Taiob: Bem, tudo começou em 2014 quando terminei os estudos e tinha muito tempo livre, fazendo pinturas não era suficiente então tomei a iniciativa de aproximar um velho escultor do bairro pra poder aprender com ele. Fiquei quase 2 meses só a observar a ele e tomei coragem e pedi pra que ele me ensinasse. Quando eu apreendi com ele na verdade, não levei muito tempo e abandonei porque já era um artista plástico e já fazia muitos trabalhos de pintura. Quando eu sai para outra província para me formar, depois de 3 anos eu decidi tentar fazer os trabalhos de escultura e hoje sou considerado uns dos melhores na minha cidade.

3- Chabir Tadeu: Quais são suas principais influências artísticas?

Félix Taiob: Na área de escultura tenho esse velho, de nome Lázaro João e os makondes de Cabo delgado.

4- Chabir Tadeu: Quais foram as dificuldades que tiveste ao iniciar com os seus trabalhos?

Félix Taiob: A dificuldade foi de ter material e instrumentos de trabalho. Eu já estava a trabalhar no aparelho de estado e quando tentei falar com o meu mestre para me produzir algumas ferramentas de trabalho, por ele saber que já trabalho e tenho salário cobrou um preço muito alto. Daí decidi fazer as minhas próprias ferramentas, visto que essa área exige muita criatividade porque muitas ferramentas cá em Moçambique não vendem e o artista deve ser capaz de produzir sozinho tudo que necessita foi o que fiz e até hoje faço. A outra dificuldade foi na aquisição de material prima como o pau preto.

5- Chabir Tadeu: Atualmente, como a escultura se encaixa em seu contexto artístico mais amplo? (Alguma mensagem que transmite com suas esculturas?)

Félix Taiob: Sim, na verdade eu procurei muito aprofundar na escultura e criei minha própria identidade. E é por isso que sou Mr. Criativo. Eu trago uma mensagem sempre nas minhas obras. Como agente da educação tento incentivar aos de mais a apostar na educação e que a educação é o melhor

curandeiro. Em partes eu sou muito fã do meu continente africano por conta disso trago sempre algo contemporâneo.

6- Chabir Tadeu: Qual é o seu processo criativo ao trabalhar em uma escultura?

Félix Taioab: Na verdade a criatividade é meio assustadora, porque parece que tudo que faço eu sonho. E quando é para trabalhar não ha nada que me impeça, mesmo nas noites eu trabalho e não deixo para depois porque a inspiração vem com vontade e força. Eu não desperdico as oportunidades. Antigamente eu fazia um esboço num papel, mas agora já faço diretamente no material.

7- Chabir Tadeu: Enfrenta desafios ao criar esculturas? Quais são?

Félix Taioab: Os desafios são comigo mesmo. Sempre falo que sou capaz e faço a coisa acontecer mesmo que repita várias vezes. Eu só descanso após alcançar o objectivo.

8- Chabir Tadeu: Quais são seus planos e aspirações futuras como escultor?

Félix Taioab: O meu maior plano desde então é expandir, formar novos escultor no distrito, visto que sou único cá e quero fazer com que as pessoas valorizem mais os artistas e seus trabalhos.

9- Chabir Tadeu: Já participou de alguma exposição? Se sim, qual foi e como foi a experiência?

Félix Taioab: Ja participei em várias exposições a nível Distrital e fase provincial. Ainda não tive a oportunidade de participar na fase nacional, mais as minhas obras estão espalhadas em todo Moçambique. A experiência sempre é boa, há muita troca de experiências entre os artistas.

10- Chabir Tadeu: Durante as suas atividades, já apareceram crianças/jovens que se interessaram em aprender?

Félix Taioab: Na área de escultura nunca tive algum interessado em aprender até o fim. Logo de vista dizem que não vão conseguir. Este é o maior problema

dos jovens, o Imediatismo.

11- Chabir Tadeu: Como você vê o papel da escultura no mundo da arte contemporânea?

Félix Taioab: Vejo como uma bênção, a escultura é uma expressão artística muito profunda.

12- Chabir Tadeu: Uma mensagem pra quem pretende ser escultor um dia ou pra quem está iniciando.

Félix Taioab: Antes de tudo é importante agente saber que tudo na vida exige sacrifício e entrega. Diante de várias dificuldades foque apenas nos teus objectivos, se um dos objectivos é ser escultor, avance. Avance sempre um dia as dificuldades serem histórias pra contar no meio de várias conquistas.



Artes feitas por Mr. Criativo (Félix Taioab)

INSTAGRAM



POST NO SITE





Dany Amado

Dany Amado Vasco, nascido aos 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de Gurué na Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais e assim como internacionais. É o mais novo colunista representante de Revista Interativa The Bard em Moçambique.

PORTUGUÊS

EXISTIMOS, POR QUE?

Pergunta infinita,
Mistério que a humanidade busca decifrar,
Como seres que vagam pela vida aflita,
Buscando respostas, sem nunca parar.

Será que existimos para encontrar a verdade,
Para evoluir, aprender e nos conectar,
Ou será que nossa existência é mera casualidade,
Um acidente cósmico, difícil de explicar?

Tantas são as teorias que tentam nos guiar,
Religiões, filosofias, ciência a nos conduzir,
Mas a resposta verdadeira, talvez nunca vamos encontrar.

É no caminho da busca que reside o prazer,
No encontro com o outro, no viver e interagir,
Existimos, por que? A pergunta nos faz crescer.

DIALETO CHANGANA

HI KONA HÁ YINI CHANA?

Xi vitissu xo Kala magamu
Mitsupatsupa ya missava ya lavetela ku tiva
Tani hi vhanu va fambeke wu ntonwini nava khungu-
vamhikili
Va lava lhamulo vanga ngami.

Xana ya hamyela a ku kuma ntiyissu , akuva hi kula nayi
djondza ku vumbana
Xana ahu kona dzezu ih ntiyissu xana kambe ih ku pha-
zama ku kulo ka ku tsandza lhamulu xana?

Swi nyingui ih mutsupatsupa yi zameki kuyi komba
ndlela, Makereki, vadjondzisse ni vanwani vawu tlari nava
djondzissa xitsungu
kambe a lhamulo lowu neni swinga yenlda yingawu kumi

Hi kona ndleleni laha hi kumeki ku tsaka ka lhamganu
kaku kutissana munhana na munhana ,
Hi kona ha yini xana? xi vitissu xihi kulisseke .

INSTAGRAM



POST NO SITE





Leslie Sultane é Poeta e escritor, nascido aos 18 de setembro de 2000, na cidade de Quelimane, estudante universitário em Licenciatura em informática.

"Palavras são armas perigosos, use-as com sabedoria."

Leslie Sultane

PORTUGUÊS

ECO DE ÁFRICA

No eco distante da savana Africana
Leões rugem ao luar
árvores sussurram segredos
e os ventos dança entre as folhas

A alma de África ressoa em mim
na batida dos tambores
no calor do sol que acaricia a pele escura
na melodia dos cantos tribais

África, tu és berço da humanidade
a vida pulsa em teu leito
a natureza dorme-te
e assim acorda a grandeza escondida em seu peito

Sinto o teu eco dentro de mim
Como um chamado que não se cala
levando-me as minhas raízes
Contectando-me a tua essência

Que esse eco permaneça vivo em mim
em ti, em nós, em África

Guiando-nos, pelo caminho da verdade
Recordando sempre quem tu és
De terra mãe que me viu nascer
para o filho que não ter quer ver morrer.

DIALETO CHANGANA

MAKHAMBE YA AFRICA

Ka migava ya savana ya África
Tingonhama ta lota hi ntalo
Minsinha yi vula xi hundla ni moya wu txina ni makamba

Moya wa africa uba ka mina
Ka ku beka ka xigubu ni mumu wa djambo na ku yimba ti
yimbu ta xi khali

África wena umu tsali wa tiku
Wu tomi lita hi khambe la wena
Na missava yaku yendlela ku pfuka wu kulo leli tumble-
leki e xi fuveni

Na twa eka mina swaku aku vitaniwa a ku miyeli

Ku tekaka ni mi mintsumu
I ni kombeki ku kula hi ntalu

Ku umbeluka aku hanyi ka mina
Ka wena, Ka hini , Ka África

Ku yi nkomba ndlela yi neni
Na yi ku tsundsukissa swaku u mani xana
Ka tiku leli kulo linga vona nani twa kumbe swaku u
mani ka missava leyi xana voneki ku tswaliwa ka Nwana
lweyi akaleke anga swi vone laha u loveke

FACEBOOK

POST NO SITE





Finório Tovo

Edilson Finório Tovo Nascido no dia 10/03/1999 em Moçambique
provincia de Maputo, gosto e faço design desde criança, e comecei a
fazer poesia em 2019 e acabei me apaixonado e hoje sou um escritor
e poeta também sou estudante de estatística.

PORTUGUÊS

FORÇA DA RAÇA AFRICANA

Ser negro não é ter cor, e sim a raça, é está raça descendente dos africanos escravizados por serem negros mas não á como não ter orgulho do nosso passado porque a escravidão vencemos!

Porque mesmo com a escravatura nos prendendo, ainda construía-mos o nosso país carregando a dor das chipatadas e da enxada usada para garimpar a nossa "terra" o belo e que assim começou a historia da raça africana.

Onde a um povo que chora
no país explorado com seus recursos
um povo com meio caminho andado
somos africanos escravizados
e os Europeus a tomarem
as nossas terras, pegaram
nossos matérias e exploraram
o nosso ouro.

De nossas terras nos tiraram
Em celas nos algemaram
Os motivos não anvia, mas se por sermos africanos nos
escravizaram.

Não fomos dados
Mas as missões nos entregaram!
Com mar a gente lutou e
CONTINUA NO SITE

INSTAGRAM



DIALETO CHANGANA

NTAMU WA MULHOVHO WA AFRICA

Kuva mulandi aswivuli kuva ni xiviri nstsena kambe mulhovu, lowu hi wona mulhovu wa va tswaliwa vha africa vha yendliweki swibotxwa hi kuva vantima
Kambi aswi fani niku kala hinga ti dweli ka tumbuluku wa hina hi kuva hi lhulili munyama .

Hambi hi hu mbotxwa li hi khomeki yaha yaka tiku ra hina hi tlakuleki swi vavho swa nkavi ni xi komu xi tikisiweke kaku singathela tiku ra hina ro sasseka
Hi laha ku tumbulukeki ah ntsinha lah xikumba xa africa .

Laha tiku li rileki hi ku handza swi phatiphati
Tiku xikari ri fambekhi
Hiva landi vah lhuphiweki hiva lungu vah teka tiku ra hina va teka hinkwaswu hi swi tireleki hambu ni golidi.

Ka tiku ra hina hi susiwili ka tingala hi txukumetiwa
Va tswaliwa ah vaswi vonanga swaku hi kuva vantima hi yendliwili swi mbotxwa .

Ha yi nyikiwanga kambe hi nyikeliwili!
Hi lwili ni lwandli hambu ni ndlala hi lhulili kama kambhi manyingui ya africa hi hoxiwili .

Hi wu gamu vona va vonili swaku hi xiririka ngati yinhwe muzimbeni wa hina tani hi valumgu
CONTINUA NO SITE

POST NO SITE





Hélia Francisca Jaime Chacate, Nascida aos 28 de junho de 2003 em Moçambique, no distrito de Marracuene em Maputo. Ela é escritora e poetisa, estudou na escola internacional de inglês CAT consultores, tendo concluído o 2º nível da língua inglesa.

Hélia Francisca

PORTUGUÊS

ÁFRICA

África é a minha nação
Povo de pele negra
Linda geração

África, é riqueza
Trás com ela uma história
E muitas vitórias

África, terra inundada de lágrimas
Que planta amor
E mesmo colhendo dor
Ao amanhecer ela procura erguer-se

África é a minha paixão
É a música acalmando o coração
Já sofreu, chorou
Mas o seu brilho ninguém levou

Ohh África, tu és a luz Iluminando a humanidade
Dando frutos a quem não merece
E mesmo assim ninguém agradece

És a água no deserto
Á luz no escuro
África tu és a mãe pra o órfão
A minha linda nação.

DIALETO CHANGANA

ÁFRICA

África i xitsungu xa mina
Xitsungu xa nhovo wa ntima
Vhana va ku xonga

África i ku lhuvuka
A buyissa nayena a nkaringana
Niko lhula ka nhimue

África Missava ya ku tala hi minlhoti
Ya ku bvala lirandzo
Nambi yi tsovela nlhupeko
Loko lixa li ringueta ku sekeleka

África i xirandzo xa mina
I lissimo li miyelissaka mbilo ya mina
A lhuphekile, A rilile
Kambe ku layitha a kuma lweyi a tekeke

Ohh África, Wena u xitayitho xi tlhavikaka a u muno
U nhikela a pfuno ka lava fxi nga va xongueleke
Nambi fxona a kuna lweyi a ku khensike

U mati ka u homi
U layitho ka ku mpuma
África Wena u nhine ka va kalanhine
Xi tsungo xanga

FACEBOOK



POST NO SITE





Eunice Joshua

Eunice Joshua Tenesse Nascida aos 07 de julho de 2007, na província de Sofala, natural da Beira-Moçambicana. Iniciou a sua carreira artística no dia 21 de Junho de 2023.

PORTUGUÊS

A FELICIDADE

Finalmente
Felicidade
É a palavra que se sente
Hoje e sempre

Felicidade
Bem estou
Vida contente
Porque a felicidade em transbordou

De tal forma
Que a sua fonte me mostrou

Caminho da felicidade
Tão perto de nós está
No caminho
Não era outra coisa que se esperava

Sinto mais que bem estar
É felicidade
Completo de alegria
Que a cada hora o meu dia faz brilhar
E mais saborosas vitórias provar.

DIALETO CHANGANA

KUNHOXA

Mahetelelo
Kutsaka
Ih ritu leli twiweki namuntla ni minkama hinkwayo

Kutsaka
Ha kunene
Wu tomi li tsakisseki hi kuva ku tsaka ka mini ku yenguettelili

Tani hi loku ku hintekela kuni kombeke

Ndlela yaku tsaka ih kussuhana ka mina
Endleleni angali xinwana a hi swi nhimela

Xi nene ka ku hinkwaku i ku tsaka
Ku lhangana hi kunhoxa siku ra mina ri phatimeki
Ni ku kuma ku kulo
Naha taringa

INSTAGRAM



POST NO SITE





Filomena Sandra Nhandale, nascida aos 07 de fevereiro de 1998 na província de Maputo no distrito de Kamaxaquene. É poetisa, declamadora é estudante enfermagem geral.

Filomena Nhandale

PORTUGUÊS

DIALETO CHANGANA

INFÂNCIA PERDIDA NAS TECNOLOGIAS A UTSONGUANA WA KU LALHIWA KA TECNOLOGIA

Lamento
Lamento informar
Sem transformar
A verdade
Pela mentira da vaidade

Na tsetselela
Na tsetselela ku vula
Na ninga ntxintxi ntiyissu hi
Mavunwa hi wu phatiphati ra ntiyissu

Saudades
Daquela infância
Que hoje não damos importância

Na xuva
lhengueletano wa khale ka wu tsongwana
Hi kalaka hi ngawu nhiki lissima

Hoje
Hoje nada nus leva a lama
Até porque já não valorizamos o lema

Nhanwaka
Nhanwaka axi kona xihi nhuveteke madaquini
Ku hava lhoniphu ni ta
Nhanwaka swi nhuvelili ka wu phatiphate la missava li yi holhoteke

Saudades
Daquelas brincadeiras que uniam-nos
E feliz deixavam-nos
Infelizmente tudo afogou-se nas tecnologias e destruiu-nos

Aya ha mayi lhengueletano wa matlango ya xikhale tani hi:
Pidjosse na yi nhimissa bassiken
Papagaio nayi nhimissa magueze

Já não se fazem brincadeiras antigas como:
O pidjosse que travava o ciclista
O papagaio que dava o trabalho ao eletricitista...
CONTINUA NO SITE

Na tsetselela
Kambe swi lovile hinqaswo ka swi phatiphati
laha hi kona munwana niwu nwana ka kambe lakwê
Ayaha ntlango waxi khale

FACEBOOK

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



COLUNA

Vai um livro aí?

Resenhas

02



LUIZ PRIMATI



Escritor de vários gêneros literários, no entanto, seu primeiro livro foi infantil: "REVOLUÇÃO NA MATA", publicado pela Amazon em 2018. Depois escreveu romances, crônicas e contos. Hoje é editor na Valleti Books. Em março lançou seu livro de Prosas Poéticas, "Melancolias Outonais". O romance de suspense "Peter manda lembranças do paraíso", será lançado em junho de 2024.

Caros leitores, bem-vindos à Coluna "Vai um Livro Aí?". Aqui, nosso objetivo é guiar você pelo vasto e fascinante mundo da literatura. Seja você um ávido leitor ou alguém em busca da próxima grande leitura, esta coluna foi criada especialmente para você.

A cada edição, mergulharemos em diferentes gêneros, desde clássicos imortais até os mais recentes best-sellers, passando por joias literárias menos conhecidas que merecem ser descobertas. Nosso compromisso é oferecer reflexões profundas e sugestões personalizadas que inspiram e provocam pensamento.

Prepare-se para embarcar em jornadas literárias que estimulam a mente e tocam o coração. Venha conosco e descubra as histórias que esperam para ser lidas. Afinal, sempre há um livro perfeito esperando por você. E então, vai um livro aí?

Nesta edição, as resenhas serão desses maravilhosos exemplares: "Na pior em Paris e Londres, por George Orwell"; "Vozes de Chernobyl, por Svetlana Alexievich" e "Poesias ao luar, por Simone Gonçalves".

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



POST NO SITE



LIVRO: NA PIOR EM PARIS E LONDRES

AUTOR: GEORGE ORWEL



POST NO SITE



CLICK AQUI



Para quem só conhece o autor George Orwell pela obra “1984”, “Na pior em Paris e Londres”, vai surpreendê-lo. A obra, semi-autobiográfica, detalha as experiências do autor vivendo na indigência nas cidades de Paris e Londres. O livro é dividido em duas partes distintas, refletindo os dois cenários diferentes.

Na primeira parte do livro, Orwell descreve sua vida em Paris, onde inicialmente tenta ganhar a vida como escritor. No entanto, após uma série de contratempos financeiros, ele acaba trabalhando como lavador de pratos em um grande hotel e, posteriormente, em diversos restaurantes. Orwell detalha as condições de trabalho extenuantes e muitas vezes desumanas enfrentadas pelos empregados da cozinha, que trabalham longas horas por salários miseráveis. Ele pinta um retrato vívido das personalidades com quem trabalha e das várias artimanhas que os empregados usam para sobreviver em um ambiente tão implacável.

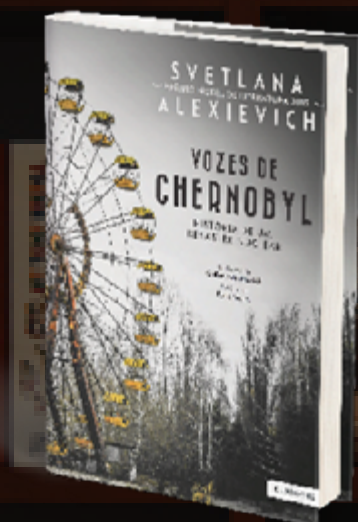
Na segunda parte, o cenário muda para Londres, onde Orwell vive como um mendigo e explora a vida dos *tramps* (vagabundos) e outras pessoas desabrigadas. Ele descreve as casas de alojamento e as leis punitivas que afetam esses cidadãos marginais, refletindo sobre as falhas sistêmicas que mantêm as pessoas em tal pobreza. A exploração de Orwell é tanto uma jornada pessoal quanto uma crítica social, argumentando contra as injustiças sociais que permitem tais disparidades de riqueza e condições de vida.

Através de “Na pior em Paris e Londres”, Orwell não apenas compartilha suas próprias dificuldades, mas também critica as estruturas sociais e econômicas que perpetuam a pobreza. Ele combina a narrativa pessoal com a análise social, fazendo do livro tanto um relato de aventuras quanto um comentário político e social incisivo.

Para os amantes da literatura, essa obra pode ser encontrada na Amazon, tanto em livro físico como em e-book.



LIVRO: VOZES DE CHERNOBYL **AUTORA: SVETLANA ALEXIEVICH**



CLICK AQUI

POST NO SITE



“Vozes de Chernobyl” é uma obra-prima da autora bielorrussa Svetlana Alexievich, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura em 2015. O livro, publicado originalmente em 1997, oferece uma exploração emocional profunda e tocante da catástrofe nuclear de Chernobyl, ocorrida em 1986. Svetlana emprega uma técnica narrativa única, misturando entrevistas e depoimentos de sobreviventes, familiares, trabalhadores, soldados e outros afetados pelo desastre.

O que torna “Vozes de Chernobyl” tão poderoso é sua abordagem humana e intimista. A autora não se concentra apenas nos aspectos técnicos ou políticos do acidente, mas dá voz aos sentimentos, memórias e traumas das pessoas que viveram essa tragédia. A autora transforma esses testemunhos em uma narrativa lírica e emocional, destacando a coragem, o desespero e a resiliência dos envolvidos.

Através de suas páginas, o livro desvenda as consequências de longo prazo de um desastre nuclear, não apenas no ambiente, mas também na psique coletiva da população afetada. Svetlana detalha o impacto devastador sobre a saúde dos cidadãos — cânceres, mutações genéticas e uma variedade de outras doenças se tornaram comuns. Além disso, a autora aborda as dificuldades enfrentadas por aqueles que foram forçados a evacuar suas casas, abandonando uma vida inteira para se tornarem refugiados em seu próprio país.

Um dos pontos mais fortes do livro é a maneira como Svetlana consegue capturar a ambiguidade moral e a complexidade das decisões que tiveram que ser tomadas durante e após o desastre. Ela revela tanto a negligência e o encobrimento por parte das autoridades quanto os atos heroicos de sacrifício individual.

“Vozes de Chernobyl” é um documento fundamental e profundamente humano sobre uma das maiores catástrofes do século XX. Ele não apenas informa, mas também comove, oferecendo uma visão essencial sobre o custo humano de erros catastróficos.

P.S.: Em 1987, apenas um ano após a tragédia de Chernobyl, ocorreu a tragédia com o Césio-137 em Goiânia, mas isso é assunto para outra oportunidade.

LIVRO: POESIAS AO LUAR

AUTORA: SIMONE GONÇALVES



CLICK AQUI

POST NO SITE



Com imenso prazer, apresento “Poesias ao Luar”, um dos primeiros títulos lançados pela Valleti Books, que continua enriquecendo o cenário literário com obras significativas e tocantes. Neste volume encantador, Simone Gonçalves nos convida a uma jornada lírica sob o manto do luar, explorando temas universais de amor, paixão e romantismo através de sua poesia fluida e emocionante.

“Poesias ao Luar” é uma coletânea de poemas românticos que captura a essência das emoções humanas mais profundas. Cada poema é um convite para se espreguiçar sob a luz prateada da lua, alimentando a alma com palavras que são tanto um refúgio quanto um despertar. Simone tem o dom raro de tocar nossos corações com sua escrita, fazendo-nos sorrir involuntariamente ou sentir o peito pulsar mais forte a cada verso.

O livro está estruturado em torno das estações do ano, proporcionando uma experiência dinâmica ao leitor, permitindo-lhe sentir a transformação do ambiente e das emoções conforme as páginas avançam. É evidente que Simone escreve com um coração apaixonado, cada linha destilando seu amor inegável pela poesia e pelo poder das palavras.

“Poesias ao Luar” serve não apenas como uma coleção de poemas, mas também como um companheiro para aqueles momentos em que precisamos de conforto ou inspiração. Simone propõe que este livro seja usado sem moderação, sugerindo que o abramos em qualquer página, sempre que o coração pedir um toque de beleza e encantamento.

Este livro é uma celebração do amor, curativo para corações aflitos e um deleite para os românticos incuráveis. Simone Gonçalves, com seu estilo único e envolvente, prova mais uma vez porque é uma voz respeitada e amada no mundo da poesia.

Para todos que valorizam a poesia que fala diretamente à alma, “Poesias ao Luar” é uma adição essencial à sua coleção. Convidamos você a se perder e se encontrar nas páginas deste livro magnífico, onde cada poema é uma porta aberta para o maravilhoso mundo de Simone Gonçalves.



03



LILIAN BARBOSA



É natural de Brasília-DF. Mãe, esposa, advogada, pós-graduada em Direito Público Licitatório e concursada em uma Autarquia Federal. Participante de várias Antologias, inclusive como Prefaciadora e Autora Convidada. Colunista na Revista Internacional The Bard na Coluna "Semeando a Escrita". Bisneta do Poeta Centenário Arnaldo Júlio Barbosa (@arnaldojuliobarbosa), do qual se orgulha imensamente.

A QUEM ESCREVO?



Imagem de Pezibear por Pixabay

Por algum tempo, perguntei-me a quem eu escrevia. Ainda me pergunto, às vezes. Dúvidas estas que, dentre outras, orbitam a curiosidade e pairam ante o questionamento de eu estar ou não sendo lida. Preocupo-me em ser lida! Por quê? Não sei ao certo... Talvez pela gana de passar adiante o pouco que sei e um pouco do que penso. Talvez pela pre-

tensão de querer tocar ou ser recepcionada por outros corações. Talvez pelo fato de querer ser ouvida ou por carregar a profundidade de quem tem muito a dizer e, por algum motivo, sente-se vulnerável ao olhar nos olhos de quem tanto espera que o ouça...

*"Minhas palavras passeiam pelo teu corpo...
Tocam-te, livremente
Adentram a tua mente
E, mesmo que eu não as transcreva...
Escuta-as!
Audível se torna tudo o que não digo
E, talvez, até...
O que hei de ter vontade de dizer."
(Lilian Barbosa)*

Escrevo a quem não compreende - ou não aceita - o sentido das reiteradas amarguras decorrentes do simples ato de estar vivo, como uma forma de ressignificar os gritos da alma e enaltecer a maturidade obtida junto aos aprendizados consolidados.

A quem escrevo?

Por Lilian Barbosa



Imagem de Leix por Pixabay

Ou mesmo pelo fato de que, aquele que me lê, o faz sem as interrupções de uma voz embargada que me impossibilitaria de falar...



Imagem de Kyra_Starr por Pixabay

“Tinha um sentir profundo, proveniente de uma mente profunda, esculpida pelas ulcerações da vida. Foram anos de sofrimentos - dos mais angustiantes - que forjaram a intensidade e o preço do sentir. Experimentar as piores dores lhe tornou mais interpretativa e lhe concedeu a liberdade de pensamento que, até então, não detinha.

Não fossem tais dores, jamais teria se despedido do conforto de outrora; jamais teria experimentado a mais densa sabedoria. Compunham-lhe a alma as mesmas angústias que lhe aguçavam toda e qualquer sensação. Para o bem ou para o mal, as feridas aprofundaram-lhe o conhecimento... Doses intensas do saber degustados em apurados sentimentos, todos resultantes da clarificação das mazelas que a tornavam, resignadamente, humana!”

(Lilian Barbosa)

“Se olhasses em meus olhos como olho nos teus, verias o choro contido em uma alma inundada em desolação.

Se enxergasses os meus feitos como vejo os teus, assimilarias o quanto me reinvento para me tornar alguém melhor.

Se sentisses saudades como sinto de ti, entenderias o alívio que é estar em teus braços.

Se prestasses atenção ao que sussurro aos teus ouvidos, entenderias a dor que esbraveja em meu coração.

Se...

Apenas se...”

(Lilian Barbosa)





Talvez eu escreva a todo e qualquer leitor pelo simples fato de precisar conversar. Uma espécie de monólogo com resquícios de diálogo. Ou, quiçá, escreva com a pretensão de adivinhar o que cada leitor pensa ou sente; um anseio indireto de acolher àqueles que, como eu, possuem fardos sobre os ombros e que precisam se sentir abraçados por palavras. Há palavras que possuem o condão de amenizar certas dores. Há sentimentos que são derramados por essas mesmas palavras e trazem o discernimento de que quem lê não está sozinho.

Vez ou outra, tenho a impressão de conhecer quem me lê. O paradoxal é que, muitas vezes, nem sei quem é ou seria o leitor. Não me julguem! Há tantos escritores que o fazem... Cada qual ao seu jeito. O grande mestre Machado de Assis o fazia de maneira icônica. Vale a pena citar fragmentos de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”:

“Meu caro crítico,

Algumas páginas atrás, dizendo eu que tinha cinquenta anos, acrescentei: “Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto como nos primeiros dias”. Talvez aches esta frase incompreensível, sabendo-se o meu atual estado; mas eu chamo a tua atenção para a sutileza daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei o livro. A morte não envelhece. Quero dizer, sim, que em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me Deus! é preciso explicar tudo.”

(Machado de Assis)

“Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e, aliás, ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de en-

velhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...”

(Machado de Assis)

É cristalino que escrevo a quem almejo falar, mesmo que seja indeterminado. Escrever implica a necessidade de um interlocutor, ainda que o interlocutor seja o próprio escritor. Não raramente, escrevo a mim o que preciso tanto ler. Penso que seja uma forma de organizar os próprios pensamentos e tornar mais claro o que eu ponderava já saber, mas que não fazia sentido ante a desorganização de tantos e tantos pensamentos abstratamente dispostos em minha mente. É nesse momento que elevo a constatação: escrevo a você, com quem converso, como uma forma de mostrar ao teu coração certos axiomas que jorram dos meus olhos ou que estorvam a minha garganta. Escrevo a mim, que preciso aliviar o peso dos sentidos e sentimentos que me assolam o peito.



Imagem de Felix Mittermeier por Pixabay

“É bom escrever porque reúne as duas alegrias: falar sozinho e falar a uma multidão”.

(Cesare Pavese)

A quem escrevo?

Por Lillian Barbosa

Tu, que me lê, é quem legitima e traz vivacidade àquilo que escrevo. É possível que não saibas, leitor, o grande poder que tens de transformar poucas palavras lidas em uma riqueza de significações e subjetividades!



Imagem de EyeEm por Freepik

INSTAGRAM



POST NO SITE





COLHEITAS DA COLUNISTA

Leia-me

Falta-me coragem para dizer tudo que gostaria.

Os sentimentos ficam aqui, entalados, presos na garganta.

Confesso que escrevo o que não digo. E, se olhares com afinco, verás que em vários versos há o teu semblante, o teu jeito de olhar e, até... A descrição do teu corpo...

As palavras me faltam quando tento definir o teu sorriso, esse que invade os meus pensamentos diários e me insere em devaneios de amor e admiração.

Quisera poder te ter além da manifestação escrita!

Você está em quase tudo: nos meus versos, na minha alma, nos meus sonhos...

Preciso que interpretes o que sinto e aceites tais sentimentos. Almejo ser aquela leitura agradável antes de dormir, que te passe tranquilidade e te traga abrigo em meio às turbulências.

Que possas entender que o livro que lêes é a minha visão de tua própria história, expressada sob autoria de quem tem por ti profundo amor.

Que entendas o significado oculto dessa tentativa de recriar a ti em páginas da existência. Que admires, reciprocamente, a esta que se sentiu invadida pela vontade de escrever sobre ti.

Que atentes ao fato de que é possível construir uma história em coautoria, onde autores e personagens possam, enfim, aceitarem-se como um.

Até que eu possa tê-lo em meus braços, na esperança de que, um dia, terei permissão para escrever sobre a beleza de compor páginas que jamais serão arrancadas de teu coração.

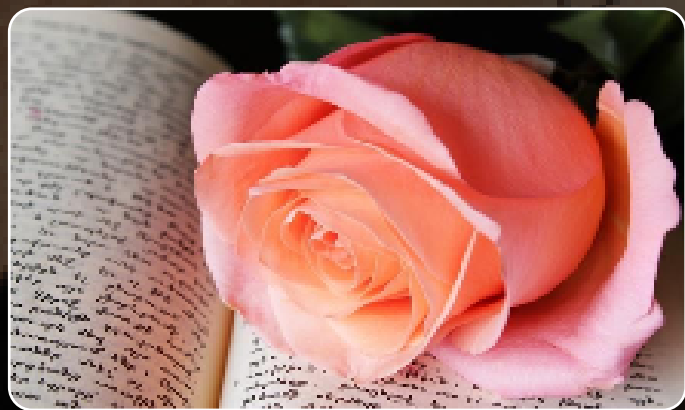


Imagem de Armennano por Pixabay

POST NO SITE



ESPAÇO AOS SEMEADORES



César Fontana



César Fontana, 48 anos, é natural de Brasília. Graduado em História pela UnB, leciona na rede pública de ensino do Distrito Federal há 24 anos. Amante da literatura, em especial da poesia, lê movido pela paixão e escreve por força dos fados.

A quem escrevo?

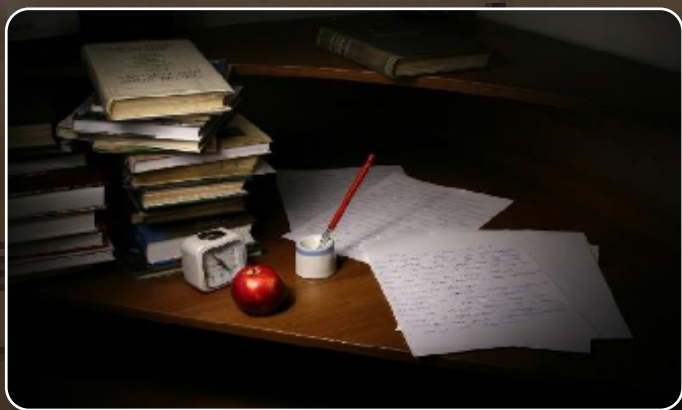


Imagem de Ihtar por Pixabay

Aquele que fala quer ser ouvido. Do mesmo modo, aquele que escreve quer ser lido. Escrevo, em primeiríssimo lugar, portanto, a quem está disposto a me emprestar uns poucos fragmentos do seu maior tesouro: sua atenção sincera. Escrevo a todos que buscam ouvir ao menos os ecos dos meus gritos incontidos. Escrevo àqueles que, declamando em si mesmos as minhas dores e os meus pesares, tornam-se cúmplices deste poeta e, assim, aliviam a sua carga. Afinal,

*Escrevo com alma
nas almas alheias.
Liberto meu sangue
retido nas veias.*

*Adentro outros mundos,
fechados em si,
e dou que recitem
a dor que senti.*

O poeta carece desse alívio porque, ao contrário do que muitos pensam, sua luta com as palavras nem sempre é uma atividade prazerosa. Entendo que

*A palavra que se abriga no papel
é nascida de um impulso primitivo:
o livrar-se do silêncio sufocante
e do mau destino a ele relativo.*

*É do espírito o seu fruto mais pesado!
Grito surdo a cada não alvorecer...
Pelas mãos evocativas de um poeta,
a palavra nasce em dor e faz doer.*





Desse modo, o poema não dá louros ao poeta. Nas estrofes não há glória. Versos gritam! São pesados! Num certo sentido, escrever chega a ser mesmo uma maldição. Faço coro com Clarice Lispector, para quem o ato da escrita é *“(...) uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui.”* Por isso, chego a me questionar até mesmo se devo continuar escrevendo – e para questionar-me, vejamos! escrevo:

*O que resta ser escrito
vale o esforço de escrever,
se perdido está o prazer,
se o ofício é tão maldito?*

*Estender a velha história,
tatuando em brancas folhas
a desdita das escolhas...
Há tarefa mais inglória?*

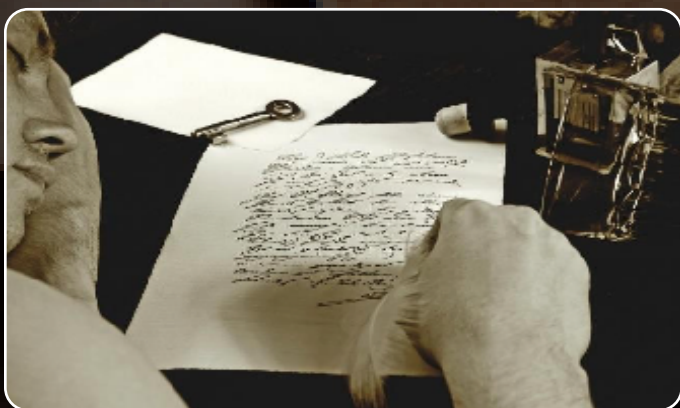


Imagem de Andreas160578 por Pixabay

Escrevo, portanto, àqueles bons conselheiros, que podem me responder se ainda devo externalizar minha consciência, meus sentimentos, minha vida interior... Ou seja, se devo mesmo gritar minhas palavras num papel. Ademais, levando-se em conta que

*O grito e os poemas
são expressões de impressões.
Linguagens extremas!,*

escrevo exatamente para aqueles que só conseguem dar expressão às suas subjetividades valendo-se dos extremos da linguagem – aqueles que fogem do caráter raso dos lugares comuns e do caráter inosso e falsamente equilibrado do chamado “caminho do meio”. Escrevo, pois, aos desequilibrados – e não são muitos os escritores que, hoje, ainda fazem isso; por quê?

*Falta-nos talento?
Poucas mãos e raras penas
dão-nos acalento.*



Imagem de Bru-no por Pixabay

O poeta também escreve para tentar desvendar (ler) a pessoa do seu leitor. Mas, não raro, o que ocorre é precisamente o contrário: o leitor desnuda (lê) a pessoa do poeta. Assim sendo, escrevo aos que se deixam desvendar pela poesia e aos que procuram enxergar, no poema, o próprio âmago do seu autor. É certo que

*Os seus versos são paredes, são trincheiras.
Atrás delas, tenta ler o seu leitor.
Entretanto, são de vidro esses poemas*

*— transparentes as estrofes e seus temas —,
de tal modo que o poeta então é lido,
mesmo crendo estar oculto ou escondido.*

Leem-se, na transparência deste poeta, linhas e mais linhas de rimadas ou brancas nostalgias.

É deste modo que escrevo também aos que sentem saudade de algum passado...

*Quem me dera meu passado visitar...
Libertar-me de escavar recordações...
Descalçar meus pés em chão rudimentar...
Distrair-me entre fachadas e ilusões.*

ou de “algum alguém”...

*Haver-me com o silêncio não consigo,
Nas horas alongadas da saudade.
Nos ermos de tão grande escuridade,
Não acho quietação, tampouco abrigo.
E o mal que fala sem dizer palavra
Semeia a consciência e o peito lavra.*

Tais recordações costumam ser causa e/ou produto de inúmeras feridas não cicatrizadas. Assim, escrevo aos que compartilham dessas minhas chagas.

*Abriu-se a ferida
que doía no poeta:
a chaga secreta.*

Meus versos canto também aos que se atiram num canto, desencantados, como que por encanto.

*Um canto qualquer...
Então, canto ao desencanto
que se me impuser.*



Imagem de Darksouls1 por Pixabay

Já me perguntaram:

*Poeta! Profeta!
Antevês o claro-escuro
do nosso futuro?*

Meu olhar poético não é oracular. Sou, quando muito, um profeta do acontecido (risos). Não vaticino um futuro onde tudo será mais belo. Não consigo virar as costas para a crueza do mundo real – e para ele não tenho remédio. Portanto, não escrevo para prever o futuro, não versejo para fugir da realidade, tampouco para distrair os que dela fogem. Escrevo para os que compreendem que a poesia é bela e vale por si mesma, apesar do mundo, apesar da vida:

*Se escrevo, meus males
deixando de lado,
não tento fugir,
sonhar acordado...*

*Só busco os matizes
de um verso bordado
– e bordo os instantes
do verso buscado.*

Finalmente, por fazer parte de uma casta de pessoas de alma transparente, que só sabem ser aquilo que de fato são, escrevo a esses meus translúcidos pares que, de diferentes maneiras, sempre revelam (e buscam) tudo que há de verdadeiro por trás daquilo que é aparente.

*Temos a alma translúcida
– tal como os olhares,
os versos e os silêncios.
Sua vocação é dar à luz
as verdades anoitecidas
dentro de si.*





Se escrever é, de certo modo, uma maldição, a mesma Clarice Lispector nos ensina que *“Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permanecerá apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.”*

Comigo não poderia ser diferente. Também escrevo para abençoar. Abençoar... Eis, em essência, o ofício de quem traz em si o instinto do verso.

INSTAGRAM



POST NO SITE



QUADRO: O SEMEADOR DE MARGARIDAS



Arnaldo Júlio Barbosa



Arnaldo Júlio Barbosa, nascido em 07/11/1918 em Pedro Avelino/RN, é repentista, cordelista, autor, compositor e intérprete. Foi casado com Francisca Dalva de Araújo, tendo 14 filhos e, até o momento, 48 netos, 85 bisnetos e 20 tataranetos. Lançou, aos 105 anos, o livro: “A Jovem Margarida e as Proezas do Amor”, obra originalmente manuscrita em 1947 em forma de cordel, com 143 estrofes em sextilhas e versos metrificados em redondilha maior. Reside em Brasília-DF desde 1959 e se orgulha por ter participado da construção da cidade.

A Frota de Cabral

O Brasil é um país
Que nasceu sendo cristão
Foi permitida por Deus Aquela navegação
Pedro Álvares Cabral
Cumprindo sua missão

Foi a frota de Cabral
Que seguiu em direção
Com rumo direto às Índias
Fazendo observação

Frei Henrique de Coimbra
Rezando sua oração

Com mais outros companheiros
Vinhão bem acompanhados
Franciscanos e sacerdotes
No topo do mastro sentados
Avistaram sinal de terra
Ficaram mais animados

Flutuava a cruz de Cristo
Com tudo bem preparado
A bandeira portuguesa
Também pelo outro lado
Tudo ia dando certo
Como foi premeditado

Uma sólida relação
Com o povo do Oriente
Esta esquadra sem dúvida
Era a mais conveniente
Muito bem organizada
Pelo grande contingente

Mil e quinhentas pessoas
O total da tripulação
Homens experientes
Em qualquer navegação
Como Bartolomeu Dias
Com boa orientação

Tinha Nicolau Coelho
Gaspar de Lemos também
Além de padres e soldados

Como todos sabem bem
E Pedro Álvares Cabral
Com todo valor que tem

Descoberto o caminho
Não teria mais tristeza
Vasco da Gama mostrou





Sua grande gentileza
Em concordar com a corte
Pois tinha toda certeza

Depois voltando a Lisboa
Rei Dom Manuel resolveu
Enviar de novo às Índias
Pois assim aconteceu
Uma poderosa esquadra
Que se estabeleceu

09 de março de 1500
Foi um dia especial
Pois foi a primeira vinda
De Pedro Álvares Cabral
Para descobrir o Brasil
Pois era o seu ideal

Cabral partiu de Lisboa
Com destino à cidade
De Calicute nas Índias
Pois tinha necessidade
Afastar-se da costa africana
Seria a sua vontade

Rumo ao sentido sudoeste
No dia 21 de abril

Na terça feira Cabral
Viu o céu da cor de anil
No mesmo dia Cabral
Descobriu o litoral do Brasil

Ali o primeiro altar
Foi armado a céu aberto
Frei Henrique de Coimbra
Demonstrou fazendo um gesto
Rezando a primeira missa
Num momento muito certo

A partir dali o Brasil
Ficou à disposição
Do comando de Portugal
Já por uma obrigação
De sempre ficar sujeito
À lei daquela nação

E assim continuou
Tudo ficou planejado
Sob o domínio de Portugal
O Brasil era obrigado
A cumprir à lei dessa nação
Pois assim foi assinado

Nota: Para se enquadrar às regras do edital do Concurso Literário da União das Freguesias de Faro "El-viro da Rocha Gomes" de 2023, o Sr. Arnaldo enviou uma versão resumida e adaptada dessa poesia, intitulada "A chegada dos portugueses ao Brasil", a qual foi classificada em 4º lugar na categoria Poesia com o Prêmio do Presidente.



Imagem por Pixabay

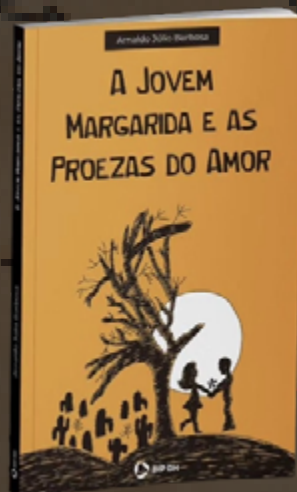


COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

LIVRO DO AUTOR



Clique aqui

INSTAGRAM



POST NO SITE



RESILIENTE



04



ADRIANA STRELLA



Adriana Strella, terapeuta Criadora do Sistema C.R.E.S.E - Caminho para a Reconstrução Emocional e Saúde Espiritual. Doutora em saúde mental e resiliência. Escritora, colunista internacional, publica suas experiências e conhecimentos em livros e revistas. Participou de quatro coletâneas em 2024. Ganhou várias premiações pelos seus feitos literários em 2023, incluindo o Prêmio Caneta de ouro. Foi premiada no Palácio do Parlamento Britânico em Londres - Premiação melhor do Brasil no Mundo.

Cultivando uma Mentalidade de Sucesso

Todo ser humano tem a capacidade de criar o sucesso que deseja. Muitas vezes o sucesso é visto como uma meta final que desejamos alcançar. A mentalidade de sucesso pode ser cultivada desde que seja nutrida sem cessar. É importante ter uma visão clara do que é o sucesso para você. Para cada pessoa a visão de sucesso é diferente.

A mentalidade de sucesso requer resiliência diante dos desafios, então é necessário ter disposição para passar por situações desafiadoras que vão surgindo ao longo do caminho. O importante é resistir e não desistir diante de uma dificuldade. O caminho para o sucesso pode está repleto de obstáculos.

Se estes obstáculos forem vistos como aprendizados e forem encarados como oportunidade de crescimento, cada falha será uma oportunidade para fortalecer a resiliência, a pessoa sai mais forte, pois tudo é experiência em nossa vida.



Imagem de DesignUni por Freepik

Nossa mentalidade vai moldando nossa forma de agir, e também quando há a não ação isso pode ser encarado como um tipo de ação. Se eu acredito que minha meta é difícil de alcançar, que eu não sou capaz, e que não vou conseguir atingir as minhas metas, simplesmente eu não vou sair do lugar, e não sair do lugar é uma escolha.



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

Para quê vou me forçar se acredito que não vou realizar? Quando existe a necessidade de sacrificar o conforto, muitas vezes a pessoa pode ter medo de dá o passo. A mentalidade de sucesso valoriza a capacidade de adaptação no momento da mudança, pois quem tem sonhos, objetivos, metas a serem atingidas, continua buscando oportunidades de aprendizado e desenvolvimento.

Quando é necessário buscar ajuda através de mentoria, estudos, a pessoa corre atrás porque ela sabe que só depende dela para alcançar o seu sucesso, e quando ela acredita que consegue, não desiste, ao contrário, ela começa a buscar recursos.

O sucesso pode ser construído dia após dia com pequenas ações. O crescimento é contínuo, a mentalidade de sucesso requer uma visão de mundo positiva, requer resiliência, o trabalho pode estar sendo árduo, mas a pessoa tem disposição, ela não se acomoda, não se lamenta, nem reclama da vida. Pessoas assim realmente são focadas em si mesmas, em seus objetivos, estão abertas a novas ideias e costumam ter êxito em tudo que se propõem a fazer.



Imagem de Sergeyparser por Freepik

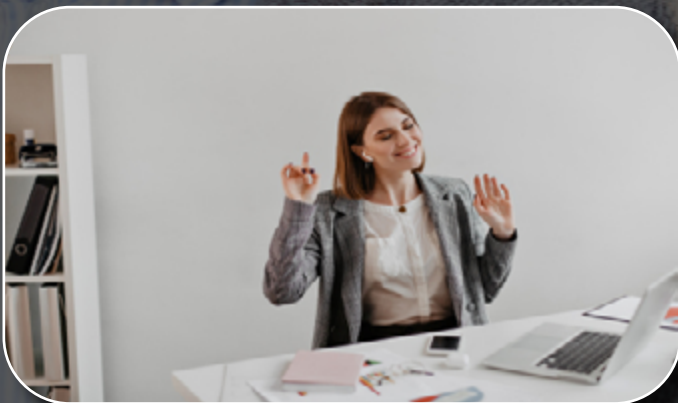


Imagem de Lookstudio por Freepik

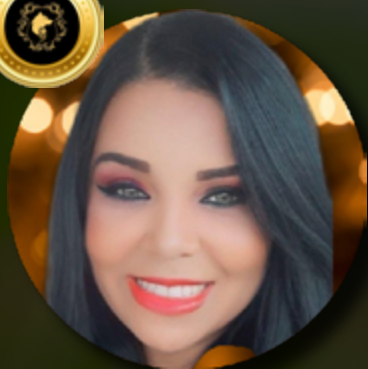
INSTAGRAM

POST NO SITE



Caldeirão Cultural

03



Patrícia Nascimento



Eng.agrônoma, Bacharel em história, Escritora, Coautora de inúmeras obras literárias. Participante de eventos internacionais como a book Fair Inglaterra, feria virtual del libro Colômbia e feria virtual del libro Ecuador Membro da academia internacional de literatura brasileira (AILB), Membro da academia interamericana de escritores (AINTe). Autora do livro Narciso, Soron e perto de Deus (em andamento).

Um lugar chamado África

A África é um país que nos encanta pela sua beleza, cultura e histórias. Formado por 58 países o continente africano é uma verdadeira joia que trago a vocês leitores essa cultura apaixonante.

Angola

A Angola é o vigésimo oitavo maior país do mundo e o sétimo maior da África e o quadragésimo mais populoso com quase trinta milhões de habitantes.

Sua capital é Luanda com sua população beirando 2,6 milhões de pessoas, é a maior cidade do país.

O nome Angola, deriva de "NGOLA" títulos dados aos reis do reino de N'dongo que foi fundado em 1500 no período pré-colonial.

O país é dividido em 18 províncias e o mais curioso é que uma delas não está ligada ao país. A república democrática do Congo separa a província de Cambida do resto do país.

Sua língua oficial é o português de Portugal falada por 71% da população, já 20% fala o "UMBUNDO" uma das diversas línguas nacionais do país.

Sua moeda local é o quanza em média um quanza equivale a menos de um centavo brasileiro. Lembrando também que "QUANZA" é o principal rio do país.

Em 2010 sua capital foi considerada a cidade com maior custo de vida do mundo e hoje ainda está uma das mais caras.

O símbolo do país é a palanca negra que está seriamente ameaçada de extinção e só existe na Angola.



COLONAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

A Angola só conseguiu sua independência de Portugal em 1975 e o Brasil foi o primeiro país a reconhecer sua independência, o reconhecendo completamente de forma instantânea no entanto; a independência originou uma guerra civil entre os dois grupos que lutavam pela libertação.

A guerra durou de 1975 á 2002 deixando 1 milhão de mortos e 4 milhões de refugiados.

Agora os esforços são para reconstruir o país. Os estilos musicais mais famosos são o semba, o kizombu e o kizombu.



Imagem Nino3 por Freepik

O samba brasileiro é praticamente filho do semba angolano.

Além do samba outras palavras no português brasileiros são originárias de línguas nativas angolanas como: muleque, cachimbo, cafuné, caçula, axé, abadá e muitas outras.

O respeito aos mais velhos é um traço marcante na cultura angolana. É costume cumprimentar os anciãos curvando o corpo em uma reverência em sinal de respeito. Além disso para alguns povos não

é muito bom olhar diretamente nos olhos de idosos, governante e de mulheres.

Em sua bandeira o vermelho representa o sangue dos angolanos derramados durante as lutas pela independência, enquanto o preto simboliza o continente africano.

No centro estão uma roda deitada que simboliza a indústria e uma catana que simboliza campo. Além disso tem uma estrela que simboliza os trabalhadores.

Essa bandeira foi inspirada na bandeira da união soviética isso porque até 1992 o governo do país era mono partidário de influencia comunista.

Angola é o maior produtor de petróleo da África e rico em recursos minerais como, diamantes, ouro e ferro.

A exploração desses recursos faz do país o mais próspero do continente. Porém é o mais corrupto do mundo chegando a décima terceira posição.

Seu ex-presidente José Eduardo Santos ficou vinte e sete anos no poder e hoje sua filha é a mulher mais rica da África.

O país é muito rico mais possui mais de vinte milhões de pobre.

O Brasil e Angola tem uma relação muito boa.

Os angolanos são extrovertidos e ousados em suas vestes, tecidos coloridos com estampas extravagantes marcam a moda angolana entre homens e mulheres com cores vibrantes e fortes.

INSTAGRAM

POST NO SITE



DESNUDA

em Palavras

ERÓTICO

09



Tônia Lavínia



Escritora mineira conhecida por seu livro erótico "Deliciosamente Libertino" (2020) e pela trilogia "Meu Nome é Maximus". Ela é apaixonada por música clássica, histórias épicas e aprecia pinturas e esculturas. Adora desfrutar de um bom vinho, e as estações do ano, especialmente o inverno e a primavera, e os dias chuvosos são suas principais fontes de inspiração para escrever. Além disso, é uma frequentadora assídua do site Isadora de músicas clássicas.

Vamos falar de....

Olá, apreciadores da literatura erótica! Estou muito feliz por me unir aos escritores desse gênero e sou grata ao CEO, JB Wolf, por nos proporcionar este espaço. É raro encontrarmos portas abertas para nos expressarmos, e através da coluna "Desnuda em Palavras", temos a liberdade de compartilhar as mais intensas poesias eróticas.

Nesta edição, trago a escritora, tradutora e jornalista francesa Anne Cécile Desclos, mais conhecida por suas obras de crítica literária e literatura erótica, respectivamente sob os pseudônimos de Dominique Aury e Pauline Réage.

Em seguida, apresento "Rodrigo Fuster": Mestre da Sedução Literária. Na vasta paisagem da literatura erótica, surge um talento único que transcende os limites convencionais. Rodrigo Fuster, também conhecido como Gustab, Juan De Marco é mais do que um simples autor de histórias sensuais; ele é um artista da sedução literária, que domina a arte de cativar os leitores

sem recorrer a palavras pesadas ou clichês óbvios.

Nascido nas vibrantes paisagens do Chile, Rodrigo Fuster traz consigo uma voz distintamente diferente. Sua escrita é um convite delicado, uma dança de palavras que desperta os sentidos e desafia as expectativas. Em um gênero muitas vezes caracterizado pela crueza e pela provocação direta, ele escolhe o caminho menos percorrido, mergulhando na profundidade da emoção e da conexão humana.

O que torna a escrita de Rodrigo Fuster verdadeiramente cativante é sua habilidade de seduzir os leitores com nuances e sutilezas. Cada frase é cuidadosamente elaborada, cada cena é pintada com cores vívidas que convidam à contemplação e à reflexão. Sua prosa é um convite para explorar os recantos mais profundos da alma humana, enquanto celebra a beleza e a complexidade do desejo.



GRANDES AUTORES

Escritora Anne Cécile Desclos

A Vida e Obras de Pauline Réage (Anne Cécile Desclos)



Imagem de Pauline Réage

Pauline Réage é o pseudônimo literário da escritora francesa Anne Cécile Desclos, nascida em 23 de setembro de 1907 e falecida em 27 de abril de 1998. Desclos é mais conhecida por seu controverso e altamente aclamado romance erótico "História de O". Sua vida e obra provocaram debates fervorosos sobre sexualidade, liberdade individual e o papel da mulher na sociedade.

Nascida em Rochefort-sur-Mer, França, Desclos teve uma educação tradicional e frequentou a Universidade de Sorbonne, onde estu-

dou literatura. Ela começou sua carreira como jornalista e crítica literária, escrevendo para várias publicações sob vários pseudônimos.

Em 1954, Desclos publicou "História de O" sob o nome de Pauline Réage. O romance, inicialmente atribuído a um autor desconhecido, causou sensação imediata e controvérsia devido ao seu retrato explícito de práticas sexuais sadomasoquistas. Ambientado em um ambiente erótico de dominação e submissão, o livro narra a jornada de uma jovem parisiense chamada O, que se entrega ao amor e à submissão a um amante dominador.

A identidade de Pauline Réage permaneceu um mistério por muitos anos, acrescentando ao fascínio em torno de "História de O". Em 1994, Desclos finalmente admitiu ser a autora por trás do pseudônimo, revelando sua motivação por trás do livro como uma exploração da liberdade sexual feminina e da dinâmica de poder nas relações.

Além de "História de O", Desclos também escreveu outros romances, ensaios e peças teatrais sob vários pseudônimos. Seu trabalho continua a ser estudado e discutido por sua representação corajosa e desafiadora da sexualidade feminina, assim como sua habilidade de abordar questões profundas sobre identidade, desejo e poder.

Embora controversa, a obra de Pauline Réage desempenhou um papel significativo na literatura erótica e na evolução das discussões sobre sexualidade e feminismo. Sua escrita desafiou convenções sociais e tabus, deixando um legado duradouro na história da literatura moderna.

Trazendo Luz à Liberdade: O Legado de Anne Cécile Desclos como Pauline Réage.



Anne Cécile Desclos, conhecida pelo pseudônimo Pauline Réage, emergiu como uma figura poderosa na história da literatura ao desafiar os preconceitos de sua época com sua escrita corajosa e provocativa. Em um mundo dominado por tabus e estigmas em relação à sexualidade feminina, Desclos recusou-se a baixar a cabeça, optando por enfrentar de frente as normas culturais e as expectativas sociais.

Com "História de O" e suas outras obras, Desclos demonstrou uma força formidável ao desafiar as convenções e ao abrir novos caminhos na expressão da sexualidade feminina. Ela se recusou a se curvar diante do preconceito, optando por ampliar os horizontes da literatura e da discussão sobre identidade, desejo e poder.

Como grande escritora que foi, Desclos deixou um legado duradouro na história da literatura erótica e além, inspirando outros a desafiar as normas e a abraçar sua própria autenticidade. Sua coragem e determinação continuam a ressoar como um lembrete poderoso da importância de se manter fiel a si mesmo, mesmo quando confrontado com adversidade e crítica.

Anne Cécile Desclos, sob o pseudônimo de Pauline Réage, não apenas desafiou as expectativas de sua época, mas também abriu portas para conversas mais abertas e inclusivas sobre sexualidade e liberdade individual. Sua vida e obra são testemunhos inspiradores de resiliência, força e autenticidade, e seu impacto na literatura e na sociedade perdurará por gerações.

Aqui estão alguns dos livros escritos por Anne Cécile Desclos sob o pseudônimo de Pauline Réage:

1. "História de O" (1954) - Seu trabalho mais conhecido e controverso, explorando temas de dominação e submissão sexual.

2. "Retorno a Roissy" (1969) - Uma continuação de "História de O", explorando ainda mais as experiências de O.

3. "A Tríade" (1975) - Uma coleção de três contos eróticos.

4. "O Despertar de Cherry" (1976) - Um romance erótico centrado em torno da personagem Cherry.

5. "A Filha de O" (1994) - Uma sequência de "História de O", escrita após a revelação da verdadeira identidade de Pauline Réage.

Esses são alguns dos principais trabalhos de Pauline Réage que ganharam destaque ao longo dos anos e contribuíram para sua reputação como uma escritora provocativa e visionária.



Imagem de Pauline Réage



Alguns dos preconceitos predominantes na época incluíam:

1. Tabu sobre a sexualidade feminina: A sociedade da época muitas vezes reprimia a sexualidade das mulheres, considerando-a inadequada ou vergonhosa, especialmente quando se tratava de desejos considerados não convencionais ou "fora do padrão".

2. Estigma em torno do BDSM: Práticas sexuais relacionadas ao BDSM (bondage, disciplina, sadismo e masoquismo) eram frequentemente estigmatizadas e vistas como perversas ou doentias pela sociedade conservadora da época.

3. Expectativas de comportamento feminino: As mulheres eram esperadas para se conformarem a papéis de gênero tradicionais, incluindo serem submissas e recatadas em assuntos sexuais. Qualquer desvio dessas expectativas poderia resultar em ostracismo social e julgamento moral.

4. Rejeição da expressão sexual feminina: A ideia de que as mulheres deveriam ser passivas e reservadas em relação à sua sexualidade era prevalente, e qualquer forma de expressão sexual feminina que desafiasse esse padrão era frequentemente criticada e rejeitada.

Nota da Escritora e Colunista Tônia Lavínia

A publicação de "História de O" desafiou diretamente esses preconceitos, oferecendo uma narrativa provocativa que explorava a submissão voluntária e o desejo feminino de uma maneira que era incomum para a literatura da época. Embora tenha sido alvo de críticas e controvérsias, o livro também foi amplamente elogiado por sua coragem e originalidade, abrindo caminho para discussões mais abertas sobre sexualidade e liberdade individual. Anne Cécile Desclos, através de sua escrita erótica, desafiou os preconceitos da sociedade e expressou-se como um ato de amor.

Em uma era de mentes fechadas, o erótico é visto com desdém, mas na escuridão, encontramos luz, a liberdade de ser quem somos destinados. Batalhamos contra correntes da conformidade, nossas vozes silenciadas pela sociedade, mas no oceano da adversidade, encontramos força para mostrar nossa verdade.

Mulheres envelhecidas pela intolerância, presas em suas próprias frustrações, homens fechados em suas mentes rasas. Desafiemos expectativas, erguendo-nos, brilhando mesmo diante das negações.

Nossas botas pisam firmemente nas águas turbulentas da adversidade, pescando na dificuldade nossos tesouros, desafiando o mundo com nossa realidade e fervor.

Tônia Lavínia

POST NO SITE



IDENTIDADE LIBERTINA

“Ecos de Amor na ausência do lorde”

Entre lençóis de cetim que guardam o teu cheiro, me encontro, perdida nas saudades do tempo.

Sinto a tua falta, o frio me consome e minha boca anseia pelos teus beijos. Deliro em meio à madrugada enquanto volto no tempo e sinto tudo: teu corpo colado ao meu, tua língua quente e ávida a conquistar, num beijo perfeito, o céu da minha boca.

Meus seios anseiam pelos teus lábios, meu corpo pelo teu, e em prece ele sussurra a tua falta nas noites em que nos fundíamos como duas almas desesperadas, dois mundos que se encontravam, eternizando em nós o desejo de nos satisfazermos mutuamente, sem qualquer proibição.

Estou nua e em prece, suplicando por ti, pois somente o vinho me aquece nas madrugadas frias, e quando seu calor se esvai, é novamente o vazio que ocupa o desespero dos meus pensamentos.

Tônia Lavínia



Imagem de Vika_Glitter por Pixabay

POST NO SITE





Escritor Rodrigo Fuster

"Há alguns anos, tenho acompanhado o trabalho do escritor chileno Rodrigo Fuster. Sempre em silêncio, nunca me pronunciei entre tantos seguidores e admiradores que ele possui. Eu observava suas deliciosas histórias eróticas da minha janela privada. As palavras dele me tocaram como uma brisa quente, acendendo a parte mais íntima de mim, algo que seria difícil para qualquer outro homem alcançar tão intensamente.

Decidi que queria entrevistá-lo para minha coluna "Desnuda em Palavras" na The Bard Internacional. Arrisquei enviar-lhe uma mensagem, embora achasse que ele não me responderia. Dois dias depois, para minha surpresa, ele estava na minha janela, e aceitou meu convite para compartilhar suas palavras comigo.

Vem comigo, porque vai ser incrível!



Imagem de Rodrigo Fuster





ENTREVISTA

1

REVISTA THE BARD Muito obrigado antecipadamente por nos conceder esta entrevista, Rodrigo Fuster.

RODRIGO FUSTER Gracias Tonia, es un placer estar en El Bardo Internacional.

2

REVISTA THE BARD Há quanto tempo você escreve, Rodrigo?

RODRIGO FUSTER Desde los 15 años, despues de leer mucho, el tao del amor, kamasutra, el punto g, las virgrnes de las amazonas, el placer supremo, master y jhonson, secretos de una reina, secretos de una pulga, uf mucho.

3

REVISTA THE BARD O que te estimula a escrever textos eróticos tão bonitos e emocionantes?

RODRIGO FUSTER El amor por el cuerpo de una mujer, y satisfacer todas sus expectativas, disfrutar de cada rincón, de cada pliege y curva ellas son mi lienzo en blanco, mis musas diría dali y otros.

4

REVISTA THE BARD Existe uma mulher, uma musa, que inspira suas palavras tão cheias de sensualidade?

RODRIGO FUSTER A:seee, varias en diferentes etapas de mi vida, desde los 16 una de 45...



Imagem de Rodrigo Fuster



ENTREVISTA

5

REVISTA THE BARD Você teve experiências na infância que influenciaram sua escrita erótica, como contato com o corpo de uma mulher? Isso contribuiu para suas sensações eróticas, de desejo e de escrita, como descrito em seu livro 'Meu nome é Máximo'?"

RODRIGO FUSTER Si a los nueve años una mujer abrió mis ojos, hablabamos de sexo mucho, hasta que decidio enseñarme algunos secretos... me dio a probar de su sexo, de la dureza de sus senos, y de la malizia que se esconde en una mujer, muchos dijeron que era abuso, yo le llamo educación.

6

REVISTA THE BARD CAs muitas histórias escritas em seus blogs são baseadas em suas experiências ou são fruto de suas divagações, como fantasias íntimas com uma mulher ou desejos ainda não realizados?"

RODRIGO FUSTER Todo es vivido de alguna u otra manera, me encanta el sexo y sus secretos... fui bien amante porque tuve la mejor profesora, y siguieron otras que me hicieron un experto????

7

REVISTA THE BARD Qual é o significado do sexo para você em sua totalidade?"

RODRIGO FUSTER Todo...es lo único de lo que disfruto sin limites, sin tiempo, siempre fui libre de tiempo, y me buscaban cuando lo había, cada una dejo una fragancia, un gusto, una caricia, un orgasmo para mí.

8

REVISTA THE BARD Quem são seus escritores favoritos?

RODRIGO FUSTER Neruda, mario vargas llosa, manuel rojas , francisco coloane,cervantes,ruben dario,octavio paz,garcía lorca,gioconda veli...uf muchos....



ENTREVISTA

9

REVISTA THE BARD Durante o processo de escrita, você se inspira em algo específico, como música ou paisagens? Como é o seu processo criativo?"

RODRIGO FUSTER Sólo empiezo, luego voy llenando mis recuerdos, vienen los nombres los cuerpos los olores, hasta el gusto variado... no es el libro, sino el contenido, no es la mujer, sino su actitud. Muchos rostros, senos, nalgas, ombligos, colores y sabores, fragancias...los paisajes son parte de mi vida y en ellos hago el amor, los rincones son deliciosos, ahí quiero estar, la actitud y el sin pudor como me lo plantean. A los once conocía a la perfección cada rincón y que causaba....ellas me enseñaron a amarlas desde el sexo...

10

REVISTA THE BARD Você já sofreu preconceitos por escrever literatura erótica?

RODRIGO FUSTER prejuicios no, más bien juicios, si el erotismo lo escribe un hombre, la crítica se va al porno, si lo lee una mujer, calla, comenta, o sabe distinguir la diferencia. Conoci a otras blogueras y pasamos fines de semana fugaces, llenos de sexo y disfrute. Las que se dejaron fluir, descubrieron que mis historias no eran sola letras.

11

REVISTA THE BARD A capacidade de seduzir o leitor, especialmente fazendo uma mulher se sentir envolvida na cena, é uma marca distintiva de seus textos. A que você atribui esse talento?

RODRIGO FUSTER A saber escucharlas durante toda mi vida, entender lo que buscan o quieren experimentar, hoy les llaman... colágenos....yo lo fui, y descubri que las estadísticas están equivocadas, ellas saben ser amantes sin que las descubran y no sólo por amor... hoy buéy viejo tincudo y cumplidor.

12

REVISTA THE BARD As mulheres desempenham um papel central em suas obras literárias, e percebo que sua conexão com o feminino é profunda. Você escreve com diferentes tipos de mulheres em mente?"

RODRIGO FUSTER Si, para las que me inspiran y lo han disfrutado conmigo, amo ocupar todos los sentidos en cada relación, su orgasmo siempre está primero que el mío, hasta que aprenden quien soy y flujo dejándome ser.



ENTREVISTA

13

REVISTA THE BARD O que você acredita que há no âmago de uma mulher que o inspira a criar falas tão sedutoras e intensas?

RODRIGO FUSTER Una actitud, un cuerpo, seducción, su no pudor...alejo el no permanente, huyo de la rutina.

14

REVISTA THE BARD Há textos escritos por você que você não quis publicar?

RODRIGO FUSTER Si, vários que me arrepiento de haber escrito, pero es parte del proceso y lo entendi asi.

15

REVISTA THE BARD Você acha que erotismo é o mesmo que pornografia?

RODRIGO FUSTER No, en el porno hay vulgaridad, en el erotismo hay seducción, y mujeres dispuestas a vivirlo.



Imagem de Rodrigo Fuster

16

REVISTA THE BARD Qual a sua visão da sociedade que julga uma mulher que se liberta para a paixão, e viver o que ela se permite, que sai fora das amarras impostas pela sociedade?

RODRIGO FUSTER Na cultura feminista ignorante y cinica, una iglesia que las castiga por vivir. Una familia que reprime. Para mi todo esto no existe cuando esta desnuda y disfruta....sin pudor, sin limite, y se entrega fluyendo contigo. EL PUDOR SÓLO CONSUME VIDA.



ENTREVISTA

17

REVISTA THE BARD Bate e Volta? Eu lhe pergunto e você responde o que vier à mente:

1) Sexo?

Si, la gente suele negar o confundir... no distinguen una caricia del calzón...el calzón se va cuando debe retirarse, no antes.Los dedos antes despues y durante esa pequeña prenda este puesta.

2) Fantasia?

Fantasia es lo que más buscan, la imaginación sin pudor no tiene limites, vive de la libertad.

3) Vício?

Adicción porque se trata de sexo, mejor que la comida.

4) Dominar ou ser dominado?

Ambas

5) O que te emociona?

Una mujer desnuda, expuesta y abierta a juegos de seducción.

6) Um gosto?

El sabor y su fragancia entregada a ti. Me gusta el sexo y más. Me excita un ombligo grande y profundo, un gemido frágil... y el honor de haberlo causado... su jadeo es una canción su orgsmo una sinfonía.

7) Uma canção?

Cama y mesa, Roberto Carlos.

8) Qual mensagem você gostaria de deixar para os leitores da coluna Desnuda em Palavras?

La poesía erótica es una forma de encantamiento literario que explora la mística del sexo y libera al cuerpo del mandato de la reproducción, de la esclavitud moral: es la confesión del deseo; Un deseo lleno de tensión y angustia, que aflora a la superficie en palabras, y que constituye el núcleo de un discurso amoroso que surge del inconsciente y de sus profundidades. Por lo tanto, durante el momento que el poema existe en nuestro vientre, el ser humano levanta los vetos de su sexualidad y desborda las sensaciones que tenía atrapadas, ya que la prohibición también apunta a la fuente del placer.



TEXTOS DE GUSTAB (RODRIGO FUSTER)

A Tonia... "Cerca De Tu Ventana"

TEXTO I



Imagen de StockSnap por Pixabay

Tônia: Su mirada perdida detrás de los barrotes, me hacía sentir especial. Lánguida y transparente se perdía en sus sueños e imaginación; la veía desnuda tras el cristal, siempre mirando perdida a escondidas, de reojo en un sueño eterno y divagante.

Eran sus manos recorriendo suavemente su piel, floreciendo entre gemidos ahogados, distantes. Brotaba como una flor de fuego, tranquila, llevada por su imagen del loco escritor del sanatorio que estaba al otro lado de la ventana, Gustab, siempre distraído y lejano, con un pitillo en la boca, pensando quizás en su próxima historia. escudriñando en su mente volátil y extraviada, tratando de recordar que le hacía sentir la piel que en ese momento le acompañaba. Mil historias que brotaban de sus mente atropellando su existencia, ansioso, pero tranquilo,

excitado por la imagen de esa extraña que se atrevía a interrumpir sus pensamientos, trastornando un vez mas su cabeza...

Sus senos llenos de deseo, y los pezones apretados a los vidrios fríos de esa fría mañana, su sutil cintura recorrida en una suave caricia que despertaba su piel entibiando la ventana y sus intrusos dedos que le hacían jadear desconsoladamente por alcanzarlo con sus labios dibujados, apretados contra la ventana. La mano que despejaba, haciendo círculos en el cristal empañado. Corazones dibujados como si fuera con pinceles dejando a la vista cada rincón de su cuerpo, mostrando sin pudor, tratando de inspirar esa nueva historia.

Ella conocía sus letras, sus pensamientos, sus secretos... ella conocía cada una de sus palabras porque leía cada una de sus historias y sabía como seducirlo de una ventana a otra, excitarlo mientras acariciaba su cuerpo esperando que el hiciera lo mismo. El abría su bata de azul, dejando a la vista de ella su delirio, semidesnudo, sus deseos de borrar la distancia atravesando los cristales. Ambos sentían como ardían sus carnes desgarradas por sus dedos. Ella escribía, igual que el, y sus historias se cruzaban haciendo arder la piel dibujando en un escalofrío que derribaban sus figuras fundiéndoles en la misma llama, cayendo rendidos en un orgasmo espiritual mojando las distancia que los separaba.

Luego volvía el vaho a la ventana ocultando sus cuerpos extasiados por su no existencia con un aire de esoterismo desgarrados por sus gemidos silentes, y ese aire que le faltaba a sus cuerpos inertes de esa fría mañana. Temblaban insatisfechos por no tocarse, pero amándose en el fuego, que luego de eso, se apagaba...

Gustab, a alguien, al otro lado de la ventana.



TEXTOS DE GUSTAB (RODRIGO FUSTER)

Deseo de deseos. (verso 4). (Para varités, nuevo undo).

TEXTO II

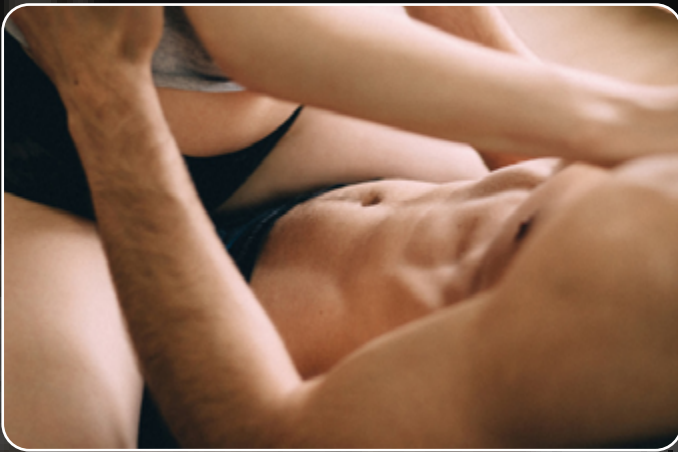


Imagem de StockSnap por Pixabay

“...En el nuevo undo, concupiscência es el deseo que el alma siente po lo que le produce satisfacción,”deseo desmedido” no em el sentido del bien oral, sino em el de lo que produce satisfacción carnal...

Mirala sobre el suelo oscuro, silieta soberana... Parece botón de ros soltando néctar que aprisiona.

Deseo de deseos.

Cadera, cuerpo de raíz, lazo de tronco convergente... Placer y dolor, planta gigante. Enredadera

de placeres de carne viva, huedad infinita de abismo mojado de língua trepida, campana de placer,
Deseo de deseos.

Reptil del éxtasis serpiente de mi orgasmo, deseo eterno, sangre de mi boca, Bocado de aceite derramado, deseo de deseos.

Concupiscente, tragas y devoras, quemas com tus lábios efervescentes, vaporizando com cândido y cálido abrazo,

Com sed de sêmen, com boca de gula, com orgasmo trémulo.

Deseo de deseo. Infinita gota.

Gustab



TEXTOS DE GUSTAB (RODRIGO FUSTER)

Karla

TEXTO III



Imagem de Vika_Glitter por Pixabay

Mi mano no tardo en bajar deslizándose por su piel hasta medir la copa de sus pechos, mientras ella cerraba los ojos para dejar desnudo e indefenso su cuello para que bajara con mis besos. La atraje hacia mi, y tomándola de las caderas, ayudándome con mis dedos que engarzaban su sexo, juntamos el salvaje juego de dos genitales que querían ensamblar a dos furtivos amantes."

Juan De Marco

y frente a ella, tan llena de contradicciones y recetas para huir de mi, me acerqué mirándola a los ojos, puse mi dedo para hacerla callar entre sus labios y bajé lentamente el dedo por el cuello, buscando la profundidad de su escote.

Ella trataba de seguirlo con su vista, pero al entrar, elevo su mirada a las alturas dejándose llevar por el momento...

Sus defensas estaban quebradas. Subí por los tirantes de su vestido, y con un ligero movimiento, deslice la tela por sus hombros, hasta ver caer el vestido frente a mis ojos.

Sus senos estaban indefensos, y una lágrima de sudor, corría desbocada hasta caer por su escote, hasta perderse libremente entre sus senos.



Vídeo de Rodrigo Fuster "Traduzido para o Português"

Texto: "Fedeltà e amore... il desiderio nascosto"



[Clique aqui para assistir](#)

"Do Outro Lado da Janela, Chuva, Frio, Eu... Nua.
"Em Resposta Ao Teu Poema": Texto de Tônia Lavínia.

Em resposta ao texto de Gustab: "A Tonia... Cerca De Tu Ventana"



[Clique aqui para assistir](#)

Redes Sociais do Autor Rodrigo Fuster

BLOG

BLOG

BLOG

BLOG

POST NO SITE





COLUNAS E COLUNISTAS

LIVRO DA AUTORA



CLICK AQUI

COLUNISTA TÔNIA LAVÍNIA

YOUTUBE

INSTAGRAM

FACEBOOK





26^a
EDIÇÃO



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

História de Natal:

"Como diferentes Culturas celebram esta data"

28^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

PERÍODO DE **11** DE AGOSTO À **04** DE OUTUBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.



Alberto Arecchi

Escritor

AWELE-WURÈ, O “TRIQUE-TRAQUE” AFRICANO

Maam Cumba Lambaye (“a mãe dos gatos”) é o gênio tutelar de Rufisque (Teng Ghedj, na língua wolof), uma cidade mágica localizada na costa sul da península de Cabo Verde, no Senegal. No extremo oeste da África, Rufisque foi colonizada pelos portugueses em 1500, depois pelos franceses. No século XIX tornou-se a capital do comércio de amendoim durante uma temporada efêmera, depois declinou e foi abandonada pelos colonos, ofuscada pelo nascimento da metrópole de Dakar. A nova capital tem outro gênio tutelar, que se chama Leuk Daur. Altares feiticistas e bosques sagrados surgem até em arranha-céus, e há quem mantenha um baobá na varanda do quinto andar para oferendas propiciatórias.

A partir dessas praias, durante séculos, os ataques europeus levaram ondas de escravos para costas distantes. Aqui, até hoje, continuam navegando as pirogas dos pescadores para trazerem para casa o alimento diário. As lutas acontecem nas arenas, as longas tardes são passadas jogando “damas africanas” (wurè), enquanto os idosos conversam sob as coberturas das cases à palabres (lugares de encontro). Nas planícies a beira-mar, durante a estação das chuvas, geram-se vastas lagoas, com matagais de manguezaís com raízes aéreas que parecem palafitas, ou barras de gaiola, mas que podem assumir a aparência de uma floresta assombrada.

O que chamamos, de forma um tanto inadequada, de “damas africanas”, lembra bastante o jogo de tabuleiro que hoje conhecemos como gamão. Onde o gamão se originou? A origem do jogo remonta a cerca de 4500 anos atrás, ao chamado Jogo Real de Ur, encontrado na tumba de um rei sumério durante escavações na antiga cidade mesopotâmica de Ur, precisamente (no atual Iraque). Dadas as suas origens muito antigas, é fácil compreender quantas lendas sobre a sua pater-

nidade poderão ter surgido ao longo do tempo. Uma delas atribui a invenção ao rei da Pérsia Ardashir Babakan, da dinastia sassânida, outra a um antigo sábio indiano chamado Qaflan. Em italiano, o Gamão era conhecido como “távola real” ou trique traque.

Awele-wurè é um jogo que todos conhecem, nas diferentes regiões de África, mas que pode ser jogado com regras diferentes de um lugar para outro. A sua área original de difusão foi a longa costa da Guiné voltada para o Oceano Atlântico, entre o rio Senegal e atual Gana. O jogo foi espalhado pelos árabes ao longo das rotas das caravanas até a Índia. O leitor astuto já deve ter adivinhado que os escravos o trouxeram consigo para as Américas e que cada comunidade bem caracterizada continuou a jogá-lo de acordo com as regras da sua terra de origem. Hoje é um jogo difundido em toda a África, mas também na Índia, nas Ilhas da Sonda, no Caribe, na Guiana, no Brasil e na Luisiana.

Na língua Wolof (a língua nacional do Senegal) este jogo chama-se Wurè. Outros nomes, em outras línguas, são: Awele, Wari, Ayo (entre os iorubás da Nigéria) e em outros lugares é conhecido com cerca de duzentos outros nomes diferentes. É um jogo mágico-sacral: pensava-se que até os espíritos o jogassem à noite e, entre certas tribos, o novo rei era designado por um torneio noturno de Awele.

Um famoso bronze dos Achanti (povo que governava o território que hoje é Gana), reproduzido mil e mil vezes, é o que retrata a lenda do rei vencido ao jogo do Wurè por uma menina, que se tornaria sua esposa devido a esta vitória.

O jogo era reservado a reis, chefes e feiticeiros e à noite o tabuleiro era deixado ao ar livre para que os deuses, zumbis e espíritos dos mortos pudessem jogar nele. Os homens estão proibidos de jogar à noite.

Essencialmente, para jogar wurè você precisa: um tabuleiro de madeira com doze cúpulas esculpidas em duas fileiras de seis (uma fileira na frente de cada um dos dois jogadores) e quarenta e oito pedras. As variações também são infinitas: desde os tabuleiros “de viagem” com uma dobradiça ao centro, que permite fechar o jogo, com as pedras dentro, até às versões “luxo”, em que as pedras são bolinhas de gude perfeitamente esféricas, obtidas desde pedras semipreciosas (não esqueçamos que África é um continente rico em recursos minerais). Nas praias oceânicas, muitas vezes, as “casas” do jogo são simplesmente escavadas na areia e os peões podem ser sementes ou caroços de frutos.

É jogado com duas pessoas, no chão ou no tabuleiro apropriado, que pode ser de madeira ou até de materiais mais valiosos. O importante é ter doze buracos,



seis na frente de cada jogador, e – em geral – quarenta e oito pedrinhas, ou sementes, ou outros tipos de peças. Outros dois buracos, de tamanho maior, quando existem, representam os “celeiros”, reservatórios das peças retiradas do adversário.

As peças são todas iguais. Mesmo quando são feitas com pedras de cores diferentes, a cor delas não importa em nada. É necessário movê-las, girando sempre no sentido anti-horário: cada um dos dois jogadores pega todas as peças de um buraco de sua escolha e semeia-as uma a uma, da esquerda para a direita nos buracos mais próximos e da direita para a esquerda naqueles colocados mais longe, na frente do adversário. Os jogadores estão proibidos de contar as peças em um buraco antes de moverem.

Explicamos as regras mais simples. Você começa com quatro peças em cada buraco e com os celeiros vazios.

O jogador que inicia (o mais velho) escolhe um buraco e “semeia” as peças, com a regra descrita acima. Depois é a vez do outro, em cada turno. Quando o último peão de uma sementeira cai num buraco do adversário que já contém dois ou três peões, o jogador pega estes, juntamente com o seu próprio peão, com o qual chegou ao buraco, para acumular no seu próprio celeiro. A partir daqui, ele também pode capturar as pedrinhas do buraco anterior, se este contiver 2 ou 3 peças, e assim sucessivamente até encontrar um buraco com um número diferente de peças contidas. É possível capturar damas, porém, apenas no campo do adversário (os seis buracos à sua frente). Quando você pegasse peças de semeadura de um buraco contendo mais de onze, você retornaria ao mesmo buraco inicial. Isso, neste caso, geralmente é ignorado (nenhum peão é colocado nele e continuamos com o próximo).

Quando um jogador não tem mais peças à sua frente no campo, ele não pode mais jogar.

São dados então três casos, de acordo com as regras aplicadas:

- a) O jogo termina, contam-se as peças retiradas (o outro jogador também soma as colocadas no seu campo) e ganha quem tiver mais.
- b) O outro jogador move de qualquer maneira e, se puder, alimenta os buracos do seu adversário. Se ele não conseguir, o jogo acaba de qualquer maneira.
- c) O outro jogador ainda pode fazer algumas jogadas antes de decidir encher os bolsos do jogador que não tem mais peças.

Um jogo de espíritos sagrados e reis que vale a pena experimentar.

No entanto, nos explicamos para que serve a tábua – dobrável ou não – com doze furos e quarenta e oito seixos, representada no bronze Achanti com o rei jogando Wurè.

Nos tempos antigos, o jogo Awele-Wurè também representou uma forma de resolver conflitos, sem derramamento de sangue. Uma tradição do antigo Zimbabué conta que os chefes Munyama e Malumbwe, depois de uma longa guerra entre os seus clãs, com confrontos sangrentos, decidiram resolver as suas diferenças com um jogo de Chisolo (como é chamado o nosso jogo, nessas terras da África Austral). Depois de cinco jogos, Malumbwe vencia por 4-1. Munyama aceitou sua derrota e a paz voltou às duas aldeias.



SITE



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Prosa



Douglas Gomes

Poeta e Escritor

CONFISSÕES DE UM ULTRARROMÂNTICO

Amada Hilda,

Tentei – e muito – não voltar aqui. Porém, como de praxe, ainda preciso dizer-te coisas inacabadas. Por isso, reescrevo-te apoiado na esperança de que estas palavras de súplica viajarão ao teu quarto. Drasticamente, já não tenho mais lido como antes, ou falado tanto, ou cantado, saído, dormido e, tampouco, sonhado. Tenho sobrevivido desse jeito, então: imerso em tantos e tantos partícipios.

Outra vez, devo dizer-te que remorsos – em meu interior – me culpam e descarregam imensuráveis pesos em meus ombros e consciência. Além disso, tenho contado incessantemente – nos dedos – sílabas tristes. “Sau-da-de”.

Dito isso, rogo muito por sonhado retorno de tua parte. Ao menos desta vez...

Esperançosamente,

Um rosto e um nome, dos quais tu nem deves mais te lembrar.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Prosa



Stella Gaspar

Escritora

FESTA DE VIVER

Luminância nos bordados de flores, é o teu sorriso, que está onde eu estiver, porque sem eles, eu me distancio das estrelas guias, nos bons caminhos.

Na festa de viver, nossas vozes se entrelaçam em ondas que de desejos gritam ressoando dentro de nós, um cântico de leitos amorosos.

Amar, beber alegrias, tecer doces palavras, tocar nos nossos sonhos imaginários, de olhos fechados sentindo o esplendor dos nossos paraísos interiores.

Ah, festa de viver, tão mansamente bela, tão serena dançando em sincronia, com nossos ritmos, e tão ternamente, com longos poemas vencendo as ausências.

Paisagens, fontes de vibrações, auroras verdes, desejos ao pôr do sol, nas saudades de maio, que parecem luas em choros, dentro dos meus olhos, tão ouvintes e tão feitos de cantos de sereias.

Eu quero tanto teu rosto, repousando no meu ventre, e não pensar em situações cavernosas, como as vozes dos humanos ferozes, sacudindo e bagunçando o mundo.

Festa de viver, no esplendor da primavera com ninhos cantando o amor.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Prosa



Beatriz Santos

Poeta e Escritora

FAZIA-SE UM SILÊNCIO ESQUISITO

Fazia-se um silêncio esquisito mas normal na sala de artes da Escola Técnica Alexandra Amado, onde a própria Alexandra era a professora. Os alunos como era habitual, tinham aulas a partir das quatro e eram maioritariamente adolescentes.

Antes das aulas, Alexandra, de cabelo amarrado num puxo pendurado pelo cimo da cabeça, preparava todo o material que ia ser necessário. Desde as coisas de madeira, às tintas e telas.

Mas, não se enganem, pois, esta sua escola não é independente! É uma associação com uma dita escola 'a sério', isto é, os alunos estão por ali a ter outras aulas e logo que acabam, hora antes de saírem para casa, vão para ali ter aula de artes. Alexandra apresenta um tema, desafia-os e eles têm o momento terapêutico através das artes. Foi, basicamente, um sistema de intervenção que ela quis instaurar uma vez que os seus pais queriam imenso que ela fosse proprietária de uma escola, porém ela tinha muito mais dedo para as artes do que para ser diretora. Então, ela não deixou de ser proprietária da escola, mas, deixou alguém com o cargo de a gerir enquanto ela tem o papel de professora e, algumas vezes, de interventora. Não estão a perceber como.

Ora, acabava de alinhar os cavaletes num círculo quase perfeito quando surgiu um barulho de uma voz grossa no corredor. Esta voz aproximava-se cada vez mais e não lhe pareceu nada bem-disposta. Pôs-se hirta à escuta e, pelo menos, percebeu que era o diretor a ralar. Menos mal que não eram alunos à bulha ou prestes a fazerem asneiras.

A voz tanto se aproximou, que virou esquina para a porta da sua sala, que tinha estado em total silêncio, quebrando-o agora. O diretor, António Duarte, vinha a agarrar um miúdo pelo cimo das costas do casaco e este trazia uma expressão cansada.

— Já ralhei a este miúdo. Só faz porcarias. Passa a estar aqui sossegado, pode ser que se inspire!

— Ok, mas, primeiro, não os agarres assim e não berres. Depois, já te disse que, 'aqui', esta sala, é uma sala de aula como as outras. Aliás, senão melhor. Não quero abusar, mas temos de admitir que saem daqui de alma lavada, sim?

— Tudo bem. E este menino?

— Deixa-o comigo.

António largou-o e virou costas. O miúdo, por sua vez, suspirou aliviado.

— Queres conversar?

Alexandra convidou-o a sentar-se. Ele sentou-se. — Quer que lhe diga o quê?

— O que se passou?

Prosa

— O senhor António apanhou a bulha a meio e quem é o culpado é sempre o pequeno.

Alexandra não acrescentou nada, esperando por que ela quisesse prosseguir.

— O Amadeu é muito irritante. Não me deixa jogar. A irmã deixa e eu estava a jogar com ela. Depois, ele viu-nos e deve ter pensado coisas erradas, veio ter connosco e disse-me para me afastar. Ao mesmo tempo, agarrou a irmã pelo braço. Ela não reagiu muito bem por que ela também queria jogar e percebeu que quanto mais quer, mais a devem proibir, possivelmente por ser menina. Ela quase lhe bateu na cara. Juro, profe, ela estava mesmo com má cara. Ele teve bons reflexos e segurou-a mas a outra mão voou-lhe para a cara dela e, daí, eu não fiquei quieto. Onde já se viu um irmão bater na cara de uma irmã?

— Hum — reagiu Alexandra, pensativa. —, o que sei é que os irmãos costumam andar demasiado à bulha. És filho único por isso, não conheces muito e reagiste para a protegeres.

— Sim, completamente. Só que o senhor António chegou na hora da minha chapada e resolveu que eu é que tinha de ser afastado.

— Muito bem. Tenho um desafio para ti. Vais usar uma tela para despejares tudo. Raiva, irritações, tudo. Enquanto ficas aqui, eu vou procurar os irmãos para os ouvir também.

Foi preciso meia hora. A sua aula acabou por tardar e, de verdade, pouco foi aproveitada. Foram cerca de quinze minutos a conversar com o rapaz e outros quinze minutos com a sua irmã. Cada um, individualmente. E, ao fim de toda a conversa, Alexandra percebeu que realmente o rapaz, Amadeu, podia muito bem vir a ser bully e que batia por bater — isto é, para ele, bater compunha as coisas erradas da vida, mas Alexandra jurou que havia de procurar investigar este lado da situação: a razão pela qual o rapaz seria assim.

A irmã, por sua razão, odiava-o, pois, era igualzinho ao pai deles (será que o bater também se inclui?) E só queria jogar por desporto. Gostava não só de pintar quadros e pintar as unhas como gostava de desporto. Confessara até que adorava ser polícia embora viesse a ser muito complicado para tornar-se. No fundo, não parecia haver ciúmes da parte de ninguém. Apenas, dois jovens que queriam jogar e o mesmo rapaz os impedia. Agora, por que raio havia Amadeu de o impedir de jogar?

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poesia



Poëzie



Poesia



Poesía



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

PARTICIPANTES

Poesía



Mga tula



Poesía



Poesia



Поэзия



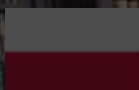
Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poesia



Poetry



رعرشلا



Poesía



Poesía



Ποίηση



Poesía



Poetas & Poetisas

10



Edna Lessa



Natural de Fortaleza-Ceará, Edna Lessa é professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poetisa. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauaense de Letras (ATL). Autora do livro “Para Além de Mim - a Essência do Olhar” e coautora de seis Antologias Poéticas dentre as quais destacam-se Antologia Escritoras Nordestinas (Ed. Casa de Bonecas) e Coletânea Mulherio das Letras Portugal Poesia (Editora In-Finita, 2021). Atualmente é colunista da Revista Internacional The Bard e apresenta sua escrita em seu perfil literário, uma página criada para propagar a poesia, expandir o olhar e ressignificar o sentir.

Querido(a)s leitores e leitoras, poetisas da Revista The Bard, apresento-lhes a 26ª Edição da Coluna Poetas e Poetisas. Nesta incrível edição, a Revista The Bard nos proporciona uma verdadeira viagem à cultura africana e nos transportam para o coração pulsante da África revelando seus mistérios, encantos, tradições, lutas e esperanças.

A Coluna Poetas e Poetisas, convida a todos a contemplar a profundidade os versos que se entrelaçam e as histórias que são contadas através da magia da poesia.

Aos poetisas e poetisas participantes desta edição, minha gratidão pela sensível participação! E aos distinto(a)s leitores e leitoras da Coluna Poetas

e Poetisas da Revista The Bard, desejo uma leitura enriquecedora e repleta de aprendizado.

Abraços poéticos,

Edna Lessa.

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

POST NO SITE (1)



Edna Lessa

REDENÇÃO

Olhe em meus olhos
Deixe-me tocar sua alma...
Deixe-me abraçar a sua dor
Estou aqui para você...
Sempre estarei...

Aceite minha mão estendida
Eu te entrego a delicada flor
Símbolo de tudo que renasce
E cresce no jardim do amor

Deixe-me ser refúgio e abrigo
E quando o vento bater forte
Deixe-me ser abraço acolhedor
Para que em mim brote seu sorriso

E que no enlace dos nossos corações
A vida pulse na fortaleza do afeto
E na pureza do amor profundo
Se inicie a jornada da redenção.



Cidade: Tauá,
Estado: Ceara
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE (2)



COLUNAS E COLUNISTAS



Juca Silva

SEM AMARRAS

Dali só partí para poder partir
Os elos que não mais sustentavam
As amarras que não mais amarravam
Tudo o que ligavam a mim e a ti.

Enquanto a essência do belo sucumbia
Todo o sentir deixou de existir,
Nada a mais fazer, senão ter que ir
Se não há mais razão no dia a dia.

Não erramos, o momento se fez errado,
E se a vida não nos quis lado a lado
Não vejo mais razão pra prosseguir.

Um novo porvir, na vida aguardo,
Depois da viagem que me fez cansado
Espero um motivo pra de novo sorrir.



Cidade: Lagoa de Dentro
Estado: Paraíba
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Gabriely Brandão

AMAR VOCÊ

Amar você é um verdadeiro prazer!
É acordar e todos os dias viver a felicidade
que é ter-te ao meu lado.

Amar você é não poder dimensionar tamanho querer.
E falando em querer...

Como eu quero acordar ao seu lado,
e juntos colocarmos em prática todos os nossos sonhos
e planos e pode contemplar o, mas belo da vida.

Amar você é ter a certeza que descansarei por fazer a escolha certa.

E saber que terei alguém para me amar por toda a minha vida.
E ter a certeza que serei igualmente amada e desejada,
como desde o momento em que eu te conheci
e embarquei nessa tal aventura que é o amor,
desde então o meu maior prazer é amar você!



Cidade: Itajaí
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Francisco Martins

OS VERDADEIROS MESTRES

Dizem que os mestres podem promover conhecimento e sabedoria.
Mas, para isso não depende só do saber e do aconselhar.
É preciso amar e persistir para poder se fazer emancipar,
E mais além, ser testemunha do que pensa e do que faz
Para com bons exemplos poder com o outro compartilhar.
É assim que se revelam os verdadeiros mestres.
Eles conduzem no processo do aprender as dificuldades a superar,
E os sonhos cultivar para mais se motivar.
Mestres são aqueles que conseguem despertar na vida de alguém
o desejo de superação, motivação e sonhos para viver,
É assim, com inteira dedicação à vida colaborar.



Cidade: Uruçuí
Estado: Piauí
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



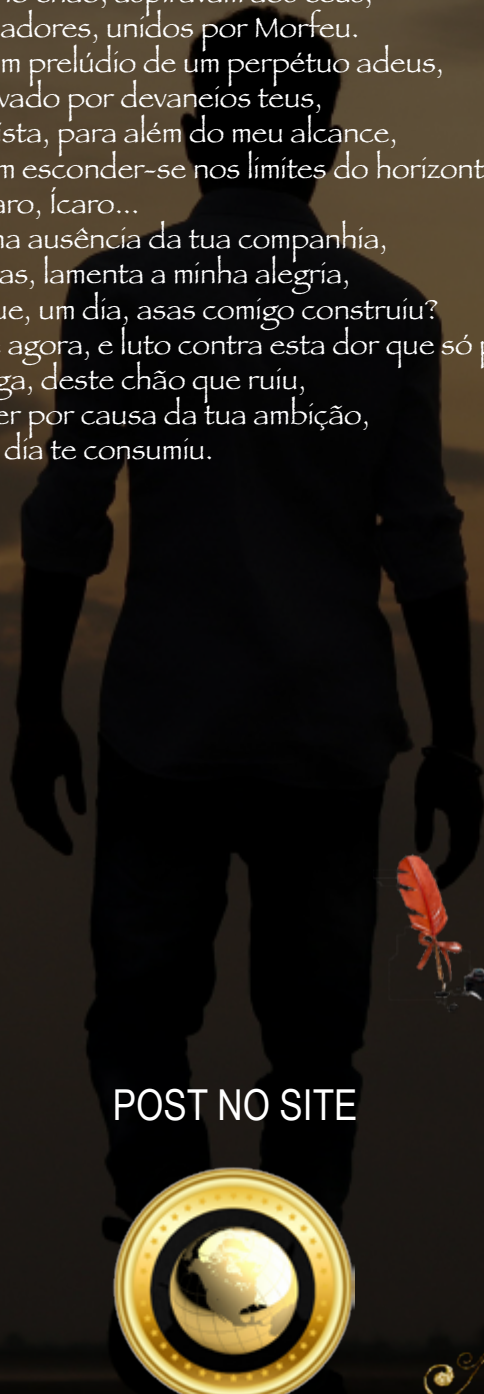


Douglas Gomes

ÍCARO

Nossas asas eram nossos sonhos,
Nossos pés, mesmo no chão, aspiravam aos céus,
Éramos natos sonhadores, unidos por Morfeu.
Mas, de repente, como num prelúdio de um perpétuo adeus,
De mim fostes levado por devaneios teus,
Logo, alçaste voo egoísta, para além do meu alcance,
Então ví, de relance, tua imagem esconder-se nos limites do horizonte.
Ícaro, Ícaro...

Hoje, em meu canto, na ausência da tua companhia,
Perdida em memórias, lamenta a minha alegria,
Para onde fugiu aquele que, um dia, asas comigo construiu?
Procuro-te, confesso, nos céus de agora, e luto contra esta dor que só piora,
Talvez eu me erga, deste chão que ruiu,
Até não mais padecer por causa da tua ambição,
Que um dia te consumiu.



Cidade: Abaetetuba
Estado: Pará
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Márcia Regina

O JASMIN DA DEUSA

Era inverno em seu coração
Mas uma melodia doce
Feito cheiro de jasmim
Veio soprar o verão
Com seu hálito quente
Atiçando as labaredas
Ainda secas e rígidas
Pelo rigor de outrora

Foi quando
Um novo jardim se abriu
Como no país de Alice
Ou quem sabe de éden

Ela a deusa encantou-se
Ao deparar-se com o branco jasmim
O Jasmim dos Poetas

Seria prenúncio de paz?
Seria sossego para inquietude inquieta?

Seu olhar inundou-se
De uma névoa orvalhada
Parecia não poder enxergar

Para ver é preciso acreditar
Na sabedoria intuitiva da deusa
Ao negá-la estamos inibindo
Atrofiando o feminino sagrado
Enfeitando-nos com as mentiras que nos ensinaram

Então um vento forte veio
Levantando a cabeleira
E lhe assoprou um segredo

"Veja menina
Mulher deusa
E velha guerreira
Kama, o Deus do Amor,
lança setas de flores de jasmim
fazendo despertar o amor nos humanos"

Foi quando se deu conta
De propagar a pureza contida
Na beleza
No erotismo
Na sensualidade



Cidade: Belo Horizonte
Estado: Minas Gerais
País: Brasil

YOUTUBE



POST NO SITE



Poetas & Poetisas

Damião Nascimento

ANGOLA

Saudades do mar
A liberdade
O sonhar
Sol, sal e o vento nos cabelos

Os meus traços trazem ancestralidade
É um sangue que pulsa com os tambores de Benguela
Vivas cores por onde passo
A alegria saúda o mundo

Estendo as minhas asas
Sou gavião do Ovambo
O meu destino é o céu
O meu caminho de luz

E mesmo nas incertezas da vida
Brigar com esperança
Para que não reste nem lembrança
Das diferenças entre iguais



Cidade: Itupeva
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Lucas Souza

HARMONIA

Nas notas da canção acompanhada da poesia.
Se materializa nos instrumentos em perfeita sintonia.
Faz nascer a música que é uma forma de expressão.
A arte de cantar o que sente o coração.
Não importa o estilo a voz que a interpreta.
Os anos passam mas ela é eterna.
Algumas lhe fazem lembrar da infância.
Outras não lhe trazem boas lembranças.
Não importa o motivo, em todos os momentos é ela quem te acompanha.
Com ela fazemos homenagem a quem a gente ama.
Ela está em nós, na natureza, nos animais e na dança.
Nas lágrimas, no sorriso, na dor ou na esperança.
Até mesmo no silêncio, em todas as formas ela sempre nos alcança.
Ela vem em nossas vidas como paz alimentando o coração.
Beleza incomparável, forma divina de salvação.
A poesia é só um detalhe, pois ela se sustenta sozinha.
A harmonia que nos dá força aqui gera vida.
Nas cordas de um violão, na flauta ou no piano.
A canção em sua perfeição é alimento para nossos sonhos.
Ela nasce em nós dependendo do momento.
A música verdadeira reflete aquilo que vivemos.
Quando não há palavras a harmonia é a solução.
Apenas com suas notas ela fala ao coração.
No final do dia ela se apresenta com sua grandeza.
Neste convívio entre eu, ela e a natureza.



Cidade: Bauru
Estado: São Paulo
País: Brasil

BLOG

POST NO SITE



Valter Roberto

DESDE AS MÁCULAS VIRGENS DA MENTE

Desde as máculas virgens da mente, a mediocridade dança, imaginando-se primogênita e, embalada em sua janela de segurança, poetiza o alcance do dom, em sua falsa bonança.

Manifesto absurdo, em que todo tolo se intitula escritor, sem compreender a complexidade criadora e dependente de gerúndios para marcar a vida.

Invés, esta maléfica inveja semeia o descaso.
Tecendo seus fios sem pudor. Desmerecendo o mérito alheio com um manto de rancor.

De escutar e, em sua tábula rasa, crê-se trono qualquer palavra e sétima mágica qualquer seria uma canção.

Derrota e falência, que sorte desgraçada. Nos rodeia como ovelhas amorfas, nega a verdade aparente.
Porque saber, torre é, e a torre é alta. Apenas os sábios alcançam.

E nobre é a escada, sim, mas aos tolos, indigna.
Mas... ah! Que sina infeliz! Pois que ignorância nos cerca. Em si, a desonra foi dada aos tolos sofrer esse ultraje, como cordeiros dispersos.

Avancemos então, a caneta destemida, contra a estupidez. Contra a corrente de intolerância, a razão em vão lutará. Pois aos tolos resta o opróbrio, na jactância da ignorância.

Portanto, por mais brilhante que seja sua mente distorcida. Combatarei a maré da insensatez. E como um poeta verdadeiro, com zombaria e saber, desafio o mundo tolo, com ironia e poder.



Cidade: Salvador
Estado: Bahia
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Aline Mendez

SAL DA TERRA

Na vida "adulta", passada a aurora,
as portas do pós-punk arreganham.
Suas canções, à minh'alma estranham,
como volta o que nunca foi embora.

Fingem simpatia, melindrosos,
mas esperam mais do que posso dar.
E a minha insipidez, como explicar
aos caprichos cerimoniais?

Irmã minha, de alcoólatra vai.
E à minha cútis, lâmina vem.
A dor é nosso adotivo pai.

É minh'alma pertencente ao bem?
"Não vos turbeis, vós do mundo sois saís."
Em cínica voz: "falaí vós de quem"?



Cidade: Osasco
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetas & Poetisas

Poliana Silva

VINHO

Nós éramos taças quebradas
já éramos o resto do vinho
a última dose
insistíamos tanto em sermos mais
quando sabíamos que nada seríamos
alimentávamos o desejo
gritávamos pelo erro
mesmo quando dor era visível
não parávamos até sangrar.
Que seja intenso
sempre precisava ser
o vazio hoje é quase morte
e morro um pouco todo dia.



Cidade: Curitiba
Estado: Paraná
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



José Neto

CAMINHO, VERDADE E VIDA

Jesus, o caminho do amor,
Mestre da bondade infinita,
Ajudaí-nos a caminhar nos calvários da vida,
Com paciência, obediência e sabedoria...

Jesus, o caminho redentor,
Filho amado de Deus,
Ajudaí-nos a ouvir os teus ensinamentos,
Seguindo as tuas pegadas, os teus passos,
Com humildade, partilha e ternura...

Jesus, o caminho da libertação,
Bom pastor, defensor da vida,
Ajudaí-nos a carregar a cruz diária,
Com tolerância, humildade e fraternidade...

Jesus, a verdade salvadora,
Que ilumina os corações retos,
Que acalma os mares dos corações,
Ajudaí-nos a perdoar os irmãos.

Jesus, a verdade edificante,
Viva e presente no Evangelho do amor,
Tua palavra que aquece nossos corações,
Ajude-nos a fazer o bem sem ver a quem...

Jesus, a verdade bendita,
Libertando nossas amarguras,
Brotando em mim fontes d' água viva,
Ajudaí-nos a manter o fogo do amor em nossas
vidas...

Jesus, a vida vitoriosa,
Invencível contra a maldade,
Infalível contra o desânimo,
Implacável contra a tristeza...
Jesus, a vida partilhada,
Abençoada pelo Pai Nosso,
Fortalecida pelo Espírito Santo,
Garantida aos Bem-Aventurados...



Cidade: Casa Branca
Estado: São Paulo
País: Brasil

FACEBOOK

POST NO SITE





Mirtes Correa

LÁGRIMAS DE DOR

Hoje choro por tí, mas nunca vou
Para, vou ficar sempre me afogando
Nas minhas próprias lágrimas de dor
Em minha fria depressão congelado pelo tempo

Mas há uma grande esperança nessa,
Grande vida amaldiçoada por erros cometidos
Continuo a gritar e chorar, enfim
Deixo-me afogar nas minhas lágrimas sombrias

Passo por tudo isso e continuo,
A ser seguida por essa grande amargura
Do meu passado, do meu doce amargo presente
Quando, quando isso vai acabar?

Para eu poder me livrar dessa imortal depressão
Odeio sentir essa tortura...
Uma vida vazia, com lágrimas sem amor
Só uma grande tristeza profunda

Magoas que sinto dentro do meu peito
Que queima minha própria felicidade
Por tanto assim, como eu, muitas pessoas
Morrem nessa lamentação eterna!



Cidade: Canindé de São Francisco
Estado: Sergipe
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Egiselda Charão

TRAVESSIA

De repente
a rede cortando passos
vozes e gritos ululando
nas asas do vento.
Os grilhões nos tornozelos
e a mata no pensamento.

O navio
dançando... dançando
nas ondas do mar.
Zoeira de muitos,
estar mal, mal estar
mal do mar.

A chibatava cortando ar
marcando a alma e a pele.
O lar ficou na distância...
A estrela cadente
alumando a noite escura.
Quantas luas já passaram?
Nas brumas do mar se esfuma
a esperança de voltar.

Cadê filhos e mulher?
Em vão esperam que volte.
O navio síngando as águas
navega lonjuras, leva mágoas
na carga de gente a chorar...

No Valongo
estranhas vozes,
numa disputa acirrada.

Apalpam corpos,
olham os dentes,
fazem a prata tinir
fecham negócios
e traçam destinos.

Depois...
a viagem rumo ao sul
sempre levando nos tentos
a esperança de voltar...

No pampa, se aclimatou,
aprendeu ofício de campo
- Montar, domar e laçar-
Ergueu rancho para a prole
que um dia iria chegar.
Na quíncha do rancho
o minuano assoviava
e sumia na distância
estendendo o manto gelado
sobre o verde das coxilhas.

Melodia natural
do tempo que vai findando.
Viu os dias escoarem nos dedos
calejados pela lida
sonhando com outra vida
sem jamais poder voltar.



Cidade: Cacequi
Estado: Rio Grande do Sul
País: Brasil

FACEBOOK



POST NO SITE



Rute Ella

ELO POÉTICO

Elo poético resiste e liberta
 Sím, por procura tua,
Amanhã sei que tudo será ontem,
futuro não se vive, mas se inventa
 em movimentos à liberdade
ela será pequena, do tamanho que minha alma
 necessita, simples mas cultivada,
se puder, será inviolável ao amor da madrugada
A levantarei dos contos que me mentem
 confiscam a esperança desta cidade

O miúdo menino se levantará precipitado
esquecendo de ser aleijado, onde imagem
 da mata sangrando será vencida,
Poderá sonhar sem os mortos que apagam
 os sonhos de mentira
Saíremos da cova do teto do mundo
O que tu vistes e eu proveí, será coisa
 de não acontecer

Se puder então, acreditarei nos sonhos
 afundadas resenhas em paínas.
 Sím, desacreditarei do vil destino
e irei pulando as cordas e ponteiros do tempo
Ainda sei que restará a mim olhar sem escamas
 poesia do amanhã será menina

Dos campos de trincheiras e vales combatentes,
verei brotar um verde trevo de resiliência
Abandonarei espaços que limitaram independência,
 na liberdade de expressar curando em
 versos as feridas,
dançarei o fado, o frevo e no abraço da cintura tua,
Inventarei livre-arbítrio e memórias-sol,
a transcender pela palavra que brilha
 e cintilante será
no acontecer e entardecer da vida

INSTAGRAM

POST NO SITE



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

Alexandre Alves

O CORPO

Eu vejo o corpo que descansa em paz
Como antes nunca havia descansado
Sem desejos
Sem sentimentos
Simplesmente deitado
E os olhares das pessoas que o observam
E que durante algum tempo irão guardá-lo na memória
Infinitamente insignificante
Diante de toda a sua trajetória
Mas amanhã já mais não importa
Tudo que fez
Tudo que foi
A sua história
Tudo parece morto
E agora simplesmente
O corpo

FACEBOOK



POST NO SITE



Cidade: Nilópolis
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil



Beatriz Clarinda

A MANGUEIRA

debaixo da mangueira, ví o sol forte raíar
a fogueira acender
ví o riso se perder
e o tempo ligeiro passar

debaixo da mangueira, senti o vento soprar
o cheiro do café subir
ví a felicidade existir
até o céu de cor mudar

debaixo da mangueira, ouvi a chuva pingar
o entoar do louvor
ví nascer o amor
tanto fruto germinar

à mangueira que deu sombra
deu-se um fim, sem explicar
do doce ou do azedo,
nada mais se pode provar

em cima da mangueira é onde há de pisar
nem sol, vento ou chuva
ví, no lugar do vasto verde,
somente um povo a lamentar



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Elisa Galado

QUANDO FOI

Quando foi
Floresci
ou me atiraram o buquê cravado no estômago
talvez uma vingança divina
balança cármica, pelos risos excessos
talvez motivo algum
outro passo na dança aleatória dos astros
meu signo de sagitário

Agora ando na corda dividida em duas
meu péssimo senso de equilíbrio desde criança
Premonição
As petúnias inclinam atrás de uma luz particular:
sol ou lua
e assim me conduzem

Agora...
Agora já é tarde demais
Os caules veias externas minhas
do meu corpo, no meu quarto, com meus ventos
mudam a direção muito rápido
muito coração

Agora é mesmo já meu demais
Estas flores que ora triunfam apodrecidas
nada me apraz além da morte
vencer como as minhas petúnias...
o sono eterno mas temporário

apenas um dolorido descanso
Ora acalmam em cheiros vibrantes
amarro um planeta todo e não cogito
quanto tempo segura
não importa
Importa o segundo, sempre o instante
Não olhar pra baixo
Não temer o próximo passo em falso
É a queda...
em outra linha, quem sabe
se Deus quiser

Com flores e caules pela estrada
vou firme no jogo cruel da minha faca
no equilíbrio
essas petúnias inarrancáveis
não me deixaram um capricho
não há portas neste cenário
Levo regador até quando aguento o peso d'água
até quando
vá
rego a cara
e não penso muito:
por que eu?



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE





Elídio Ermelinda

A DOR DE AMOR!

Porquê é que os corações
que batucam juntos
em unanimidade de emoções,
devem ser parados destes eventos?

Porquê é que as almas
oscilantes no mesmo pedúnculo,
devem ser separados dos seus
hilariantes ídolos?

Porquê é que as vésperas todas
dos dias e das noites, em que juntos
sonhamos, devem por nós ser esquecidas?

Só quero que encostes no meu peito peludo
e eu, só tocar por um instante ou
eternamente, nas tuas mãos de veludo!

Vem, vem comigo, levar-te-ei
ao meu pequeno universo.
Vem comigo, levar-te-ei
ao equador mais quente dos meus versos!



Cidade: Maxixe
Estado: Inhambane
País: Moçambique

INSTAGRAM

POST NO SITE



Aline Canuto

HAITI: TEUS VERSOS NA DIÁSPORA

Na terra do sol ardente e do samba faceiro,
Chegam os haitianos, irmãos estrangeiros.
Com suas cores vivas, sorrisos ínteiros,
Rompendo barreiras, deixando os canteiros.

Ayiti, sua terra-mãe, ficou pra trás,
Em busca de dias melhores, de paz.
No Brasil, encontram um novo lar,
Em cada canto, em cada lugar.

Caraibes, Bagay la se konplike ,
Nou pa pale menm lang, men nou fè mizik .
De Cité Soleil a São Paulo,
As favelas se unem, lado a lado.

Mas a recepção, nem sempre calorosa,
Há quem os veja: coisa horrorosa!
Esquecem-se que a humanidade é uma só,
E que no final tudo faz-se em pó.

Ô camarada, escuta o que eu digo,
Os corações haitianos têm muito abrigo.
Chegam com coragem, vontade de lutar,
E só querem uma chance de se integrar.

Na favela, na periferia, na cidade grande,
Eles se encontram e formam uma irmandade.
"Somos todos migrantes nesse mundão sem fim,
E juntos construímos um novo jardim."



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Denise Marinho

GRANDE MULHER

Desde menina tem sonhos
Desde pequena, inocente ilumina.
Desde nascida transforma o mundo
Cria e conta histórias em traços e linhas
Livros, cadernos e rabiscos.
Viagens nas letras, sol e luar.
Um botão em flor pétala enfeitada
Sonhada por seus pais ao mundo vem
Desde o ventre de sua mãe ouve canções
Gerada com afeto força traz
De seus lábios palavras doces e verdadeiras
Faz da sua história inspiração
Faz da sua sina resistência
Desde menina realiza sonhos
Desde pequena emana paz
Desde nascida, Grande mulher não haverá igual
Ser única e especial é seu dom
Carrega em si histórias, desejos e fantasias.
Observa, aprende e reflete que a maldade é ineficaz.
Amar é o segredo da vida. Perdão é cura na alma.
Servir é praticar o bem com amor.
Trabalho é realização pessoal
Generosidade, grande amiga da afeição.
A paz começa por dentro, seu olhar é luz.
Desde sua existência MULHER seu interior divino a conduz.



Cidade: Rio de Janeiro
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Max Raposo

O VOO FATIADO

De um lado da estrada, garças sobrevoavam
a grama que bordeava os campos;
do outro lado,
um trem percorria as dormentes.

Eu observava tudo,
mas havia algo que também olhava;
sem olhos ou uma boca, a morte surgiu como
um vento que lambe as folhas:
enquanto aves de rapina sobrevoavam
linhas de transmissão,
um pássaro acertou um caminhão de cargas,
como garrafas
que estilhaçassem.

Onde antes não havia nada, surgiu uma cicatriz vis-
cosa, do voo abatido - o voo-absurdo-,
como se pintassem a fachada sobre uma tela de
Monet, o mistério das ramagens balançando.

Existem cemitérios escondidos,
mortos que caem do céu
como lençóis.
Intangível e obscura,
a morte é como um gancho
procurando o que pendurar.

Como um selvagem que sacrifica seus cordeiros,
a Máquina do Mundo observava
-aquela coisa primitiva deu de ombros,
aceitando meu espanto, sem comentários.

Esperando o deus de amor se manifestar
tentei examinar cada coisa destrocada
como quem procura as partes
de um vaso partido:

o corpo ao avesso
com seu punhado de penas
e um bico inútil,
as asas
como papel picotado que o vento carregava.

E como um poema recém-feito sobre a beleza
que fora rasgado ao meio
ali ficou,
com os abutres que vinham farejar
a volta de sua ossada
sangrando em seu sepulcro, o asfalto
numa cena que poderia ser de Bosch
como os restos de uma janta.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Cidade: São Luís
Estado: Maranhão
País: Brasil



Stella Gaspar

O ENCONTRO...

Temperado, apaixonado, saboroso
O encontro descortinando o amor?
Eternizando lembranças do primeiro momento
Que cupido perfeito!

Inesperado, aguçando nosso humor
Um florilégio
Uma declaração amorosa
Um poema sem interpretações.

Encontros com as estrelas
Caminhos de uma estrada
Com paisagens alegres
Deixando nossos corações pulsando
Como esculpindo a aurora.

Ventos e flautas mágicas
Lábios com batom da tarde
Encantamentos em aquecimentos imperdíveis
Tão especial,
que me faz ouvir um mar distante.

Um grande encontro
Um presente que tão docemente
Tem o vigor de uma flor virginal.



Cidade: João Pessoa
Estado: Paraíba
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Nice Veloso

QUANDO A TEMPESTADE PASSAR

Espero estar aqui
Quando a tempestade passar!

Para ver o sol iluminando à terra.
Sentir o vento bom que vem do Sul
— enxugar os cantos mofados
dos corações derrotados.
Que não sabem sobre o amor!

Quando a tempestade passar
encontrarei os meus filhos
felizes, sorridentes!
Por serem sobreviventes
— da fúria das águas e do vento!
Porque aprenderam
sobre generosidade e bons sentimentos!

Mãe, talvez seja Deus disfarçado.
Mesmo com filhos ingratos
está sempre ao nosso lado!

A vida é efêmera
Sem fé se torna vazia.
Vamos ser generosos
Parar com tanta picuinha.

Quando a tempestade passar
Sejamos mais compreensivos
Sentiremos mais empatia.
Transbordaremos de amor...
Não decepçenarmos o criador!
Com erros e acertos sonhou-nos!

INSTAGRAM



POST NO SITE



Cidade: Salvador
Estado: Bahia
País: Brasil



Rilnete Melo

FALSA ABOLIÇÃO

Ideais em luta
Marca negra
Vidas pretas
Mãos sem luz
Acorrentadas
Carregam a cruz
Da discriminação
De tempos ínfimos
De um treze escuro
Aleívosa liberdade
Que ainda mata
Escraviza
Escarna
Exclui



Cidade: Pindaré Mirim
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Arely Soares

RE-VERSOS

No ensejo
Do discurso
Sonoro o silêncio
Navego sem Mar
E molho-me antes de
Vir a chuva.
Há dias vígio
A noite escura
Aguço as estrelas na tarde
Primo a madrugada no Sol
O tempo na alma do pássaro
Canta antes de despertar
E o céu da estrada vem ao tardar.
O relógio dos pés parados, andam!
A música não toca
E lá está a dança.
Há dias enxergo o inverso
Nos versos.
Os paradoxos estão acessos
Pois a tristeza vingou
O poema pro avesso.



Cidade: Caxias
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetas & Poetisas



J.B Wolf

COLIBRI

Voa colibri

O que tanto procuras?
Já não basta o que
fizestes com as flores?

Pousas e voa sem compaixão.
As rosas se apaixonam
com teu beijo
E fica o perfume da desilusão.

Então porque o fazes?
Por que semeias
O que não podes colher?

Só as lágrimas herdarão.



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

WOLFBIO

POST NO SITE





26^a
EDIÇÃO



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

História de Natal:

"Como diferentes Culturas celebram esta data"

28^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

PERÍODO DE **11** DE AGOSTO À **04** DE OUTUBRO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.



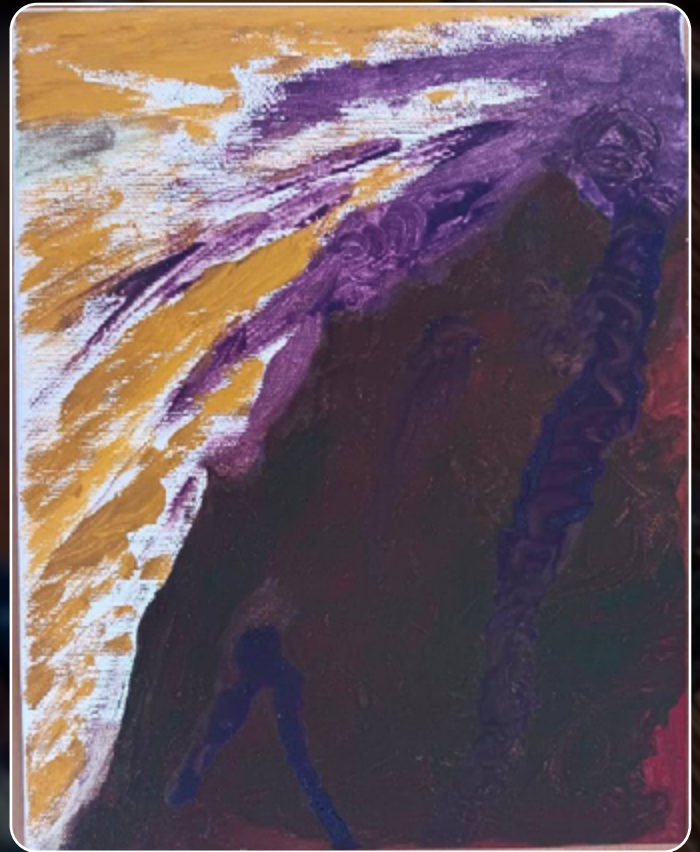
COLUNAS E COLUNISTAS



Beatriz Santos

Leiria - Portugal

Nesta pintura, vê-se um pôr do sol a ir-se, nos tons amarelados, tendo à sua frente um vulcão castanho da terra em erupção. O que se mais distingue da realidade é a cor da lava. Se por um lado, cospe vermelho, a sua maioria sai da cor lilás, o que não é tão normal, e espalha-se por todo o lado.



INSTAGRAM



POST NO SITE



Seu nome

Cidade

TÍTULO DA SUA OBRA AQUI

SUA OBRA AQUI

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
PINTURA E ENVIE SUA OBRA.



SUA REDE SOCIAL





O sol luzindo nas Azaléas

Por Stella Gaspar

O sol luzindo nas Azaléas, recria meus sorrisos,
como se fossem vestes de poesias, deixando-me
vestida de ardências sussurrantes.

INSTAGRAM



POST NO SITE





MINI Contos

Terminais

Por Adna Teixeira

Mãe negra com câncer terminal e filho autista esperam o almoço, mas o pai está morto na rua.

INSTAGRAM



POST NO SITE





MINI Contos

Tempo

Por Caio Carmo

Parece que tudo está a se esvair, como grãos de areia caindo na ampulheta. Odeio essa interpretação regressiva da vida. A cada instante superado, vem o tempo cobrar um novo ato. Se ao menos ele desse uma trégua, valeria experimentar um segundo de vida real.

BLOG



POST NO SITE





Joaninha

Por Lailton Garcia

E é com boa sorte que a esperta joaninha voa alto,
deixando o azarado camaleão rubro-negro de fome.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Contos

Uma noite tempestuosa

Por Elisabete Leite

Era inverno e o vento soprava em todas as direções; raios argênteos riscavam o céu e deixavam o cenário cinzento e penetrante. Helena procurava um local seguro para atravessar o pontilhão de ferro, única via de acesso ao vilarejo onde morava, saiu passando por cima de um emaranhado de ferros e lixos que ocupavam todo trajeto. A garota tremia de frio e medo, pois o local estava mal iluminado e bastante perigoso. De repente, um barulho estridente quebrou o silêncio, a jovem ficou-se, paralisada, e logo depois saiu correndo. A chuva continuava forte, misturando suas lágrimas aos seus cachos loiros, obrigando a se proteger sob a marquise de um velho armazém abandonado. Eram vinte horas e trinta minutos, Helena olhou para um ponto qualquer, foi quando uma voz tremida a despertou daquele momento de transe:

- Boa Noite, moça! O que a senhorita faz por aqui? O local parece ser muito perigoso. Dizem que um paciente de um hospital psiquiátrico fugiu agora mesmo.

A moça olhou para cima e viu um homem que falava com ela; ele trajava um macacão azul bufento, e tinha um cheiro forte de cerveja choca. Helena desviou seu olhar, porém não conseguiu livrar-se das mãos calejadas do homem que a segurou pelo braço, e continuou falando:

- Não quer ajuda, senhorita?

- Não, obrigada! Eu moro logo mais adiante e já estou atrasada. Disse-lhe.

Helena despediu-se e deu-lhe as costas. A roupa molhada revelava seu corpo esbelto e seu andar de naturalidade, mesmo naquele instante que o medo a dominava. Ela procurava apressar os passos, mas a chuva deixava o barro molhado, dificultando assim a sua locomoção. Foi quando o inesperado aconteceu, braços musculosos a envolveu em um forte abraço, jogando-a no chão totalmente encharcado. Helena lutava para se livrar, e quase chorando falou:

- Solte-me, por favor! Eu já falei que não quero sua ajuda.

Foi quando percebeu que o homem que estava por cima dela não era o mesmo que ela havia se deparado há pouco tempo atrás. Ela continuava lutando para se soltar, enquanto o indivíduo procurava apalpar todo o seu corpo.

A garota chorava de tanta aflição e a chuva insistia em continuar caindo, parecia até que eram lágrimas de comoção daquela jovem aflita. Já sem forças parou de lutar, e em seguida desfaleceu. Subitamente, alguém puxou o indivíduo de cima dela; foi quando percebeu que o homem de macacão azul bufento tinha a salvo daquela situação tenebrosa. Logo depois, uma Kombi do Hospital psiquiátrico, parou e levou o indi-

Uma noite tempestuosa

Por Elisabete Leite

víduo que estava desmaiado ao seu lado. Helena olhou para cima, e viu o mesmo homem de macacão azul bufento, com seus olhos esbugalhados olhando para ela. Ela quebrou o gelo, e falou:

Senhor, desculpe-me! Não sei como agradecer-lhe pelo seu ato de bravura e coragem!

O homem olhou para Helena, e respondeu-lhe:

- A senhorita não precisa me pedir desculpas. Deposite sua confiança em mim, e deixe-me acompanhá-la até um local seguro.

Os dois foram driblando os buracos pelo caminho, ele calado e cabisbaixo e ela envergonhada e triste pelo fato ocorrido. Ele a deixou em segurança na casa dos pais da garota, e em seguida foi embora.

Aquele incidente daquela noite tempestuosa de inverno, havia marcado a vida daquela jovem quase definitivamente. Agora, Helena vivia mais tempo recolhida.

Os tempos passaram, a jovem Helena voltou a sua rotina quase normal... Certo dia, ela estava comprando pão, em uma pequena mercearia, quando aquele homem de macacão azul bufento se dirigiu ao balcão e pediu seis pães francês e foi lavar as mãos, e quando voltou, o balcão está repleto de pães, bolo, torta, biscoitos, bolachas e leite; ele olhou para o atendente, e falou:

- Senhor, eu não pedi isso tudo!

O atendente do balcão olhou para ele, e respondeu-lhe:

- Moço, foi àquela moça que comprou, pagou e disse que era para o senhor.

O homem de macacão azul olhou para porta e viu Helena salpicando um sorriso para ele, e ele retribuiu-lhe com um largo sorriso. A garota se aproximou dele, o ajudou a carregar os comestíveis. Sorridentes, eles saíram andando empolgados, pela estrada de barro, embora o local lhes fosse acidentado.

Não devemos fazer um julgamento prévio pelas aparências.

Escritora Elisabete Leite

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

A Menina

Por Dorgival de Andrade

Marília saiu correndo da sala de jantar, subiu a escada e trancou-se no quarto. Estava tomada por um sentimento que ainda lhe era desconhecido. Pegou suas bonecas e atirou-as contra a parede. Os ursinhos de pelúcia que estavam em cima da cama foram atirados no chão com toda força. Retirou a presilha dourada em forma de borboleta que prendia seus longos cabelos louros e a atirou contra sua casinha de bonecas próxima do cavalinho de madeira. Revirou todo o quarto, e quando já não tinha mais o que bagunçar, ajoelhou-se ao pé da cama e pôs-se a chorar. Quando se acalmou, ela olhou ao seu redor, teve uma feição triste, parecia estar arrependida do que fizera ao seu santuário e aos seus amigos mais fiéis. Então pegou o ursinho mais próximo a ela, abraçou-o, acariciou-o e o beijou.

- Me perdoem, eu não queria ter feito isso com vocês. - Disse Marília, com seus olhinhos verdes lacrimando, e assim passou a confessar ao seu amigo o que lhe ocorreu.

- Pompom, ontem de noite eu tive um pesadelo, fiquei com medo, e fui para o quarto de papai e mamãe pedir para dormir com eles.

Naquela noite saindo do seu quarto, Marília abre a porta vagarosamente, olhando para os lados com uma face assustada. Vendo que o abajur estava aceso, ela dá os primeiros passos para fora. Apressou-se pelo corredor, evitando olhar para os quadros assustadores que seu pai comprara recentemente numa venda de garagem. Aproximando-se do quarto, Marília começou a ouvir uns gritos bem abafados, e ficou mais assustada.

- O que será que está acontecendo com papai e mamãe?

Marília aproximou os ouvidos da porta e ouviu um barulho, do que parecia ser uma briga violenta. Então buscou um banquinho em seu quarto para conseguir espiar melhor pelo buraco da fechadura. Quando retornou, percebera que o barulho havia se intensificado. Posicionou o banquinho e pôs-se a espiar. Nesse momento ela viu seu pai em cima de sua mãe agarrando o delicado pescoço dela. Ele tinha uma feição rude, jamais fora vista por Marília aquela face. Era agora um desconhecido para a menina.

- Eu vou acabar com você sua vadia. - Disse o pai, apertando o pescoço da esposa. Marília ficou paralisada vendo tamanha crueldade vinda de seu pai, que sempre se mostrou um homem bom e incapaz de fazer mal a uma mosca.

- Você não tem culhões seu cretino! Vai ter que se esforçar muito mais, eu que irei acabar com você primeiro.

Possesso pela provocação da esposa, ele deu-lhe um tapa em sua face imaculada. - Por que está fazendo isso papai?! sussurrou Marília. Descendo do banquinho com face chorosa ela retornou ao seu quarto.

Pela manhã, Marília está tristinha no café da manhã, servida pelo pai que está agindo normalmente, como sempre foi em sua vida. A mãe se aproxima e senta-se ao seu lado.

-Você está linda, meu bem. - Aproximando-se do ouvido de sua mãe, seu pai ainda sussurra - Só não mais que ontem! - E dá um beijo em sua face.

Ela dá um leve tapa no braço dele e diz.

A Menina

Por Dorgival de Andrade

- Obrigada meu amor! Bom dia filha, olha o vestido que seu pai me deu ontem pelo aniversário do nosso casamento.

Sua mãe usava um vestido preto, um colar dourado com uma pequena medalha em torno do pescoço, maquiada como uma boneca de porcelana. Consternada com a interação dos pais, Marília nem prestou atenção no que sua mãe lhe falara.

- Filha, não me ouviu? - Perguntou a mãe.

Porém Marília estava perdida em devaneios. Recordava da cena em que seu pai agarrava o pescoço de sua mãe, o palavrão, as expressões dele, a forma como estavam agindo há poucos minutos. E não conseguia entender.

- Marília, me responde, você não gostou do meu vestido?

Marília olha para o pescoço da mãe e relembra a cena novamente. Levanta-se precipitadamente e sai correndo. Seus pais se olham, e ficam se perguntando o que aconteceu à Marília para que reagisse daquela maneira.

- Talvez tenha tido mais um pesadelo e estava se lembrando dele. - Disse o pai.

- Mais tarde vamos deixá-la com os meus pais para irmos comemorar nosso aniversário. Isso vai fazê-la se sentir melhor. - respondeu a mãe.

- E certamente poderemos aproveitar um pouco mais nosso aniversário. Comprei outros presentinhos para você. - Disse o marido.

Ela ri e beija seu marido, que pega lentamente em sua nuca. E em seguida serve-lhe o café da manhã.

Enquanto isso, Marília está concluindo a história para seu confidente, agora tentando entender o porquê de eles estarem agindo como se nada tivesse acontecido, após a briga que tiveram a noite passada. Sem compreender, ela dá um suspiro e começa a arrumar seu quarto.

Escritor Dorgival de Andrade

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

A Festa do Caju (O Caju é trans-gênero)

Por Victor de Sousa

Éramos somente dois visitantes n'aquela terra aprendendo que sempre existe o dia certo para se deixar florescer algo contra aquilo que seu sentimento mais conservador tenta controla-lo. É como que a vontade de experimentar coisas sobrepõe ao medo, batendo assim à porta do prazer.

Eu rememoro como hoje... Lá estávamos, a duas horas, de "butuca ligada" para ver se alguém se aproximava. Os olhos e ouvidos atentos tornava o trabalho duplamente bem-feito. Éramos duas luzes, duas grandes mas pequenas luzes, carecendo de experiências táteis, e assim, tentando desvincular-se do gosto agri-doce das aparências e da real força que dominava à hostil vontade de ser alguém da antropofagia do mesmo sexo. Éramos vagalumes com luzes piscando. Ora... alguns odeiam conter sua luz diferente, mas nós aproveitamo-nos daquela paisagem verdejante e fizemos algo novo com essa luz e com o potencial do usufruto dela. Sabíamos ser distintos daquela gente considerada "normal", mas era ali, diante daquele lugar, naquele dia, o dia D, era ali que jazíamos – escondidos – dois garotos do Engenho, engenhando-se diante do segundo maior pé-de-caju do mundo.

Naquele tempo não era ponto turístico e nem consideravam dar sequer algum pódio a ele. Melhor assim, era um bom lugar grande o bastante para nos escondermos e fazer coisas. Não éramos criados ali e existia um deslumbre um pouco bobo de duas almas que nada sabiam de campo ou roça, mais conheceriam a chance de serem àqueles típicos garotos da cidade que serão nomeados as crianças de engenhos por umas semanas, como o Poeta Zé Lins sobre seu clássico. Éramos dois jovens e suas "engenhosidades".

E ali descobrimos à beleza da boa idade. A juventude transviava sob cenários de sons de pássaros e o balançar dos galhos daquele titã colossal. Um de nós não sabia ainda que era garoto. Já o outro desconfiava ser garota. Descobririam muito tempo depois. Mas naquele tempo fingiam-se dirigir um "Jeep 4x4" na contramão da prudência encontrando na curiosidade e na vontade de ser jovem cuja experiência visceral ficaria gravada no livro das memórias de cada um ali. Era um dia atípico, sob ventos fortes, um dia daqueles, era como se algo tentava a ser do contra ali. Sabe quando alguém que simplesmente gosta de suco de laranja, mas decidiu acordar com vontade de beber suco de tâmaras com limão e mamão.?! Acho que era isso... E jazíamos ali, sabe-se lá como...bebendo... regozijando... sobre uma jarra muito mais viscosa e mais concentrada.

Foi também sobre a sombra desse trono centenário de troncos vasculares que inventamos o jogo do troca-troca; Sentíamos através daquela força mística da tão brasileira flora o chegar dos excessos. A "garota" voltou naquela hora a ser garoto e o "garoto" quis experimentar a ser uma garota, acho que foi a sua primeira vez como garota... E se viu ali um

A Festa do Caju (O Caju é trans-gênero)

Por Victor de Sousa

chupar da baga... Caçamos o amargor da primavera que descia em forma de leite de caju queimando sobre a goela e que tatuava para não sair nunca mais, nem da roupa nem da pele. Foi exatamente surpreendente. Uma ativa e um passivo. Dois soldados rasos tornando-se oficial diante do quartel natureza, onde esse mesmo leite jorrava em abundância e faziam-nos trocarmos os papéis ora ou outra.

Outras ferramentas surgiam e novas habilidades. O tempo parecia aliado da imaginação. Reversávamos sobre o QG que ficava invisível para esses dois sentinelas que se lambuzavam sobre a primeira florada da doce descoberta. Não havia nada de feio ali, era a pureza e a inocência migrando para a voracidade da natureza sobre rajadas ventos e cheiro de um sertão que cheirava a terra chuvosa e dava o esplendor de sua graça e tornava um palco ainda mais sinestésico.

E por que não retribuir a Mãe terra ali?! Foi nossa astuciosa forma de pensar em como justificar a desculpa do "pecado". Retribuímos com a viçosa troca ininterrupta. A lembrança do abocanhar aquele caule rugoso do "caju". O dar a sua parte para o outro também... Ali, o fruto e o caule se misturaram. Não dava para saber quem era o quê ou quem era quem. No fundo, quando se chupa um caju exasperadamente ficamos sob contradição, a língua fica dormente a ponto de se arrepender, mais, mesmo assim, ainda estamos sob o transe do gostoso triunfo de quando abarrotado, e de barriga cheia, retiramos aqueles pelinhos dos dentes com sorriso de orelha a orelha de satisfação a ainda pedir mais. Não houve poder do tanino que impediu nossos caninos de continuarem amordaçando-se.

Há outra contradição da natureza para o Caju: a castanha é a fruta e o resto se apoia a somente um pseudo-fruto. Então, se até a natureza se contradiz porquê não podemos brincar com os contrários?! E aqueles que pensam nisso com um asco, saiba que não ligávamos para isso. Pelo menos naquele tempo, antes do conservadorismo politicamente correto das antípodas onde não se pode mais misturar pera, uva, maçã, salada mista.

Escritor Victor de Sousa

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

Atrasado

Por Francisco Wagner

Batata. Ketchup. Maionese.
Era a última entrega do dia e depois iria para casa.
Cebola. Alface. Tomate.
Rotatória. Um motorista entra desatento. Se não tivesse freado a moto bruscamente, teria sido atingido pelo infeliz.
Pão brioche. Blend 120g. Mussarela.
Xingou o cara do carro e chutou seu retrovisor. Só pra ele ficar esperto.
Bacon. Creme cheddar.
Virando somente uma esquina chegaria ao endereço de entrega.
O carro com retrovisor quebrado foi mais rápido.
Refrigerante lata. Molho especial da casa.
Tudo espalhado no asfalto, inclusive o entregador.
O cliente reclama que o pedido está atrasado.

Escritor Francisco Wagner

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

Laura

Por Joana Palha

Laura tinha uma profissão invulgar, era dona de uma fábrica de balões de incenso. Apesar de gostar do seu ofício, herdado do pai, tinha vários problemas: a sua voz era rouca, soava a hélio, e tinha um enorme vício, pois aspirava o incenso, tornando-se uma incenso dependente. Um dia, subiu no ar. Restos do seu corpo ainda se encontram em várias igrejas, farmácias ou lavagens de carros automáticas, pois a ascensão do seu corpo não foi tão longe. A camada de ozono rejeitou o corpo de Laura provocando um buraco negro incenso terrestre só perceptível naqueles lugares indicados. Provavelmente comem-se hóstias, tomam-se aspirinas e lavam-se os carros com resíduos humanos que evocam cantos gregorianos.

Escritora Joana Palha

E-MAIL



POST NO SITE





Contos

Relógio de família

Por Eduardo Martínez

Aquele homem era o que pode se dizer bem-nascido. De família abastada, não teve problemas enfrentados pela maioria. No entanto, não quer dizer que não guardasse mágoas e algumas rabugices. Acredite, possuía algumas, mas eis que hoje, seu aniversário de 70 anos, uma lembrança o tirou da cama mais cedo. Coisas de tempos de menino, que, não se sabe a razão, o fez compartilhá-la com amigos e parentes que o ajudaram a apagar tantas velinhas.

Antes de cortarem o bolo, pediu que todos, não mais de 30, se acomodassem da maneira que quisessem, mas que prestassem atenção na história que tinha para contar. Aliás, não apenas sua, pois envolvia Tunico, o filho da falecida Judite, empregada da sua mãe. Pobre rapaz, cujo destino parece que não foi dos melhores, conforme o velho passou a contar.

Pois bem, lembro-me bem desse dia, que aconteceu há exatos 60 anos, pois, assim como hoje, também era meu aniversário. Dez anos! Agora, minha idade passaria a conter dois dígitos e, é quase certo, irei para minha futura cova antes de completar três. Se bem que vovó chegou aos 102.

Tunico, pouco mais novo que eu, me fazia as vontades nas brincadeiras. Quando não queria mais desfrutar da sua companhia, o dispensava com um "Pode ir!" e, não tardava, o moleque ia cabisbaixo para a cozinha ajudar a mãe. Isso se, por acaso, não tivesse uma cerca para ser consertada ou o jardim não precisasse de cuidados.

E lá estava eu montado nas costas do Tunico, que se fazia de meu cavalo, apesar das vestes puídas, quando ouvi os gritos da minha avó. Minha montaria e eu paramos a brincadeira por um instante para nos inteirar sobre a situação.

— Quem roubou o meu relógio? Quem foi o maldito ladrão que roubou o relógio que foi do meu pai? Ou o relógio aparece agora ou, então, chamo já a polícia!

Tunico, olhos esbugalhados, parecia assustado com tudo aquilo. Devo confessar que aquela cara de coelho desesperado diante da matilha de cães me trouxe certo regozijo. Teria sido ele o larápio? Pois foi justamente isso que o delegado Horácio, chamado às pressas por vovó, descobriu em pouco mais de uma hora.

— Pode deixar, dona Carmem, que comigo esse pirralho abre o bico num instante.

E não é que Tunico abriu o bico rapidinho? Resistiu a alguns safanões, mas quando disseram que era melhor falar ou sua mãe perderia o emprego, assumiu toda a culpa. E lá foi o Tunico, amarrado que nem porco, para a delegacia. A partir de então, nunca mais soube notícias dele. Quer dizer, até soube, mas não dei

Relógio de família

Por Eduardo Martínez

muita importância. Melhor ficar longe dessa gente.

Quanto à promessa de não mandar a mãe de Tunico embora, obviamente que mamãe não poderia tê-la cumprido, ainda mais depois das súplicas de vovó, que não queria mais saber daquela gente em casa. Fez bem. Não concordam?

Mas percebo que todos aqui estão curiosos quanto ao destino do Tunico. Como bom anfitrião, sinto-me na obrigação de lhes contar. O moleque passou alguns meses na cadeia, onde foi colocado na mesma cela dos outros bandidos, a maior parte composta de homens feitos. Que dessem jeito nele, não se pode controlar os instintos dessa corja.

Tunico, que nem tenho certeza ter iniciado no crime por causa do relógio de vovó, acabou se metendo com uma gangue assim que saiu da prisão. Vi, anos mais tarde, seu retrato num jornal. Estava com a garganta cortada. Quase não o reconheci, caso não fosse por aqueles olhos esbugalhados.

E, para finalizar, o relógio nunca foi encontrado. Na certa, deve ter sido vendido a preço de banana. Esse tipo de gente não sabe apreciar as boas coisas da vida. Vovó, desolada com a perda do relógio que foi do seu pai, acabou definhando e faleceu seis meses após. Pobre alma tão bondosa, vítima de um crime cometido por gente que ela havia acolhido aqui em casa.

Mas deixemos de lado tais histórias tristes. Vamos festejar, pois hoje é dia de comemorar. Aposto que vocês não adivinham para quem vai o primeiro pedaço do bolo.

A plateia, antes boquiaberta, gargalhou diante da pilhéria do anfitrião. E, após duas horas, todos foram se despedindo, até que, solitário, o aniversariante se recolheu. Já no quarto, pegou um banquinho de madeira de lei.

Um pé, depois o outro, conseguiu alcançar a porta superior do armário. O velho, quase nas pontas dos pés, visualizou uma mala bem ao fundo. Ele esticou o braço, pegou a alça e puxou a mala para si. Ele a abriu e sorriu o sorriso dos vitoriosos. Todavia, acabou se desequilibrando e, antes de cair, bateu a cabeça na cabeceira da cama. O sangue escorreu pelo tapete persa, anunciando o último suspiro do homem. Um relógio caríssimo, cuspidor pelo choque da mala no chão, repousa no canto.

Escritor Eduardo Martínez

BLOG



POST NO SITE





Contos

A comitiva

Por Luís Amorim

A caminhada fora longa e extenuante, cansado encontrando-se e muito, mas finalmente preparado para o ansiado destino o receber. Fazendo uma enorme fé nas indicações trazidas de fonte segura, ali mesmo seria o final de uma jornada onde para início de um merecido descanso, um copo de água seria realmente bem-vindo. Estava então à porta e mais do que pronto para entrar mas segundo as notas que o acompanhavam, teria de esperar pela comitiva. Não poderia entrar sem ela, haveria que fazê-lo na companhia da mesma sem outra opção tida por aceite. Virou-se para trás mas não havia sinais dela. O relógio foi chamado à sua presença mas apenas para lhe dizer que a comitiva encontrava-se atrasada. Pensou no que fazer, se iria realmente esperar ou entrar mesmo. Mas ao olhar para além da entrada de porta aberta, percebeu que tal não iria ser considerado sequer possibilidade viável pois os que estavam lá dentro, parecendo adivinhar-lhe o pensamento, fizeram de imediato cara feia, reprovando tal pretensão. Percebeu que entrar sozinho não poderia ser, pelo que ao fitar o horizonte que estava distante, esperava sentir o alívio de ver a comitiva aproximar-se. Mas tal ainda não era motivo para o acalmar. Voltou a solicitar o parecer do relógio, pensou que este adiantado estaria, o que não agradou ao mesmo, sentindo-se despeitado. Por isso regressou ao seu bolso na agitação de quem o supôs ineficiente e tolerante nada perante quaisquer atrasos. A comitiva vinha em caminho tardio, faltava saber em que ponto do percurso enquanto o seu lugar seria ficar ali especado, sentindo-se fitado à porta pelos que se encontravam lá dentro, aguardando com manifesta impaciência por quem estaria no trajecto mas ainda não na sua final recta. De quem mais se esperava não havia no então de horário solicitado qualquer vislumbre que cumprimentasse o mais desejado momento de quem precisava dela para finalmente entrar. Ouviu um som ao longe, encheu-se de esperança ao pensar ser ela mas tão depressa como veio também o som pareceu rapidamente extinguir-se. Talvez fosse uma sonora ilusão da sua parte, porque da mais desejada nem som nem visão. Só lhe faltava começar a ver cenários ilusórios na figura de comitiva para colmatar o evidente desânimo por se encontrar ali à porta sem poder entrar. Os que lá dentro mandavam pareciam impiedosos nessa inflexibilidade de forçá-lo a esperar. E ainda com mais crueldade se revelavam na feieza, assim mesmo pensado a tal e qual gente feia por certeza que seus rostos evidenciavam, obviamente por se aperceberem do que havia sido pensado à porta, no desesperando pela chegada da comitiva. Desta, ainda nada em novidade para acrescentar visto o seu atraso ser já no então de ocasião significativo, o que levava a conjecturar problema qualquer ocorrido durante o percurso. Ou então, a não comparência a horas e minutos certos, dever-se-ia a um propósito que o directamente visava. Estava pois, a desculpas inventar para justificar o estar defronte a uma porta, esperando por quem nunca mais parecia chegar. Pensou que talvez se desse sinal da comitiva quase a surgir pelo sorridente horizonte, os lá de dentro poderiam facilitar-lhe a entrada, qual enganados por si ficariam por justa ignorância. Sim, porque seria uma forma de os ludibriar com boas pretensões, as suas, para em alívio, poder entrar. E assim foi. Começou a gesticular que a comitiva já vinha pelo horizonte, crescendo a olhos vistos mas tal não surtiu efeito, pois os que estavam lá dentro não se deixaram enganar, fazendo inclusive caras mais feias do que no antes, reprovando desse modo a tentativa de serem eles enganados. Até lhe pareceu que encheram-se os referidos de ar para ficarem maiores, de peito feito, barrando ainda por inacessível adicional o espaço que era pequeno, à entrada pelo menos, pois que lá no interior seria bem espaçoso, assim por natural ele acreditava. Também por convicção tinha que não deveria ficar sozinho por muito mais, dado o atraso que então se verificava. Mas seu desespero manifestava-se, uma vez que desejava bastante dar entrada mesmo que sozinho.

A comitiva por

Por Luís Amorim

Tanta opção lhe passou na mente sobre o que fazer e se conseguisse desaparecer por instantes, poderia tentar dar seu acesso por outro lado, alguma janela de eventual acolhedora recepção e, uma vez pelo espaço contrário ao exterior, certamente que não o iriam expulsar. Olhou em redor e percebeu que seus movimentos eram controlados ao pormenor, ou seja, sair dali e tentar ludibriá-los vez segunda, não teria margem para acontecer. Haveria que esperar mas com imenso tempo decorrido, sua tez já desesperava por boas novas em som que nunca mais lhe chegava. E quando em tom musical ele sentia, rapidamente concluía ser ilusão de quem espera imenso pelo acontecimento que se realize e tal não sucede. Começava a duvidar que este em concreto pudesse ter um desenlace favorável, uma vez que o atraso era substancial e de comparência ao longe nem sinal que lhe assegurasse que iria entrar, naturalmente bem acompanhado, ainda que o mais pretendido era, sem qualquer dúvida, passar lá para dentro. Veio-lhe à ideia que isso nunca iria ter verídica pose e na consequência directa, ensaiou uma de fuga atitude, de virar costas e desaparecer, naturalmente dali para qualquer outro lugar. Mas as mesmas caras feias manifestaram-se novamente, repudiando sua eventual deserção. Teria de aguardar pelo desfecho e a chegada de quem estava no atraso justificado ou não, pormenor este não interessava. E convinha por obrigação decretada no manter-se bem desperto, sem ceder a cansaço ou intenção de pontual dormir, o que manifestamente começava a ter o seu ânimo e em força. Tentativa de o acolherem devido a sono ou cansativo estado desanimado e tanto não surtiu o efeito pretendido. E já nem lhe ocorria que adicional investida, fosse ela qualquer pensada de improviso ou previamente estudada, desse o resultado mais ansiado: entrar lá dentro. Os olhares reprovadores diziam-lhe que teria de esperar. Mas ele possuía na ocasião ideias outras: virar costas e ir embora. Nem pensar em tal! Os feios olhares reprovaram no imediato essa pretensão, indicando o sítio onde teria de se manter: ali mesmo até chegar ela por figura incontornável, finalmente perspectivada no horizonte. Todos ficaram radiantes pois que a comitiva era já visível. Os brindes tilintavam mas apenas para alguns que ele, cá fora, ainda não poderia usufruir desse direito. Haveria que aguardar. Mas então na altura festiva para uns quantos apenas, o semblante de si próprio era também de alegria quanto baste, talvez de um alívio em satisfação pois que já não era sem tempo, iria entrar. Bastava um pouco mais que a comitiva estaria quase a chegar. Só momentos em pausa, alguns mais, e cada vez maior era aos olhos bem menos cansados do que antes. Lá dentro, todos se compunham para a triunfal recepção, distante cada vez menos e no breve a dar final aproximação. A espera quase era uma religiosa pausa em reverência perante o cortejo, no agora de então, finalmente chegando. Ele tentou que o deixassem entrar mas nem pensar, isto mesmo foi-lhe visualmente transmitido. Antes disso, vénias para a comitiva e em particular nos representantes pela frente do cortejo que deram entrada lentamente pois que a largura de acesso era bem menor para a correspondente pretendida, bem mais larga durante o percurso anterior. Boa parte já havia acedido quando ele tentou que lhe dessem passagem mas resposta visual foi interpretada como negativa óbvia, que teria de se esperar pelo fim. E a comitiva nunca mais parecia ter um concluir de jornada. Se acesso ao interior só lhe fosse permitido assim que tudo entrasse talvez houvesse que aguardar imenso tempo. Então olhou para o horizonte, esperançado em ver extremidade como parte final à sua evidente satisfação, mas não, a comitiva realmente parecia não ter fim.

Escritor Luís Amorim

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

Jaime

Por Beatriz Santos

Jaime fizera a família levantar-se cedo para irem apanhar o milho antes que se viesse a estragar. Levou a mulher, Cremilde, e os seis filhos. As raparigas, ainda ensonadas, ajudavam a mãe a debulhá-lo mas os rapazes, bem despertos e sempre prontos para as parvoíces, ajudaram a cortá-lo e logo, assim que se lembraram, pegaram numa espiga de milho e começaram a lança-los uns aos outros. Fugiam, de igual forma, como se se tratassem de bombas de guerra e, uma vez atingidos, morressem.

A mãe, ao vê-los suspirou. Quem acabava sempre por ajudar mais eram as meninas. Não entendia por que raio os garotos só tinham intenções para o mal!

— Vá lá, rapaziada — refilou o pai, ainda que não mudasse nada.

— Sabes que não é assim que osavas — sublinhou Cremilde.

— Meus amigos — voltou a falar para os rapazes —, ou vocês estão para ajudar ou não verão sequer um prato de sopa ao meio dia.

A mulher abriu a boca. Era óbvio que os ia alimentar fosse como fosse porém adiante; se resultasse, tanto melhor.

Mas, a pior das hipóteses foi a que se assinalou. Os rapazes riam-se e fugiam entre eles com as espigas de milho para continuarem a bombardear. Lançavam-nos de um lado para o outro pelo ar, por cima do trabalho do pai e ao redor da mãe e irmãs.

Depois, uma presença pela qual ninguém deu conta de chegar, fez-se ouvir por entre toda a balbúrdia: — senhor Jaime, por aqui? — e tratava-se do conde da vila, um homem cheio de barriga e educado por sinal.

Com o susto de outra voz mais grossa como a do pai mas não sendo deste, o pequeno Artur, que era quem tinha em sua posse uma bombinha, lançou-a na direção do conde, acertando-lhe em cheio na cara.

Tudo ficou pasmado, de boca aberta com tamanho disparate e receosos pela reação do conde.

— Ai, meu Deus, está bem, o senhor? — quis saber Cremilde com as mãos a tapar a boca.

Jaime

Por Beatriz Santos

Jaime, por sua vez, aproximou-se do homem bastante constrangido. Também o pequeno rapaz o estava. — Está bem?

O conde, por sua vez, baixou-se com alguma dificuldade e pagou na espiga de milho, voltou a erguer-se e dirigiu-a à barriga de Jaime como se de uma faca se tratasse, entrando na brincadeira, e rodou-a na mesma como se lhe quisesse provocar ainda mais fermento.

O pai, Jaime, primeiramente desconfiado, abriu a boca sem saber o que dizer e observava com alguma confusão. De seguida, percebeu o que se passava e inclusive teve vontade de rir.

E ia para se rir de bom agrado quando lhe surgiu pela frente outra personagem, igualmente de grande estatuto — as vestes, pelo menos, eram maravilhosas e vistosas, usava até um laçarote e tudo! —, travava-se do sobrinho maníaco do conde. Raça, mais ao estupor, que, de tão jovem e endinheirado, só sabia fazer porcaria pela vila, e que ninguém se atrevesse a queixar-me!

Agora, Jaime calava-se mas o conde continuava na sua e a rir. O seu sobrinho, por sua vez, entrou pela terra da horta a dentro e falou: — Oh! Mas o que se passa aqui? Meu tio? — o tio encolheu os ombros. Não para atribuir a culpa de alguma coisa à família mas, por que o sobrinho nada tinha a ver com isso. — Muito bem — voltou-se o jovem para Jaime. — Faço ouvir-me. Viemos ao seu encontro por que ouvimos escutar muito bem do seu milho. Assim sendo, viemos contratar, por seis meses, os vossos serviços. O que nos dizem?

A família ficou num espanto e entusiasmo nunca visto. Era uma bênção que fossem contratados! Significava alimento por uma boa temporada. E, oh, se não vinha mesmo a calhar..!

Escritora Beatriz Santos

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Contos

O Andarilho

Por Douglas Mateus

Há séculos, ele vagava por um deserto sem fim, uma terra de eterna desolação. A contagem dos anos havia se perdido na névoa do tempo, entre o décimo e o décimo primeiro século de sua caminhada solitária. No início, era um capricho, uma fuga da monotonia da imortalidade. Mas com o tempo, o movimento se tornou automático, um reflexo involuntário de sua existência eterna.

O céu acima era uma tela acinzentada, uma abóbada vazia onde o azul do oxigênio já não pintava mais o horizonte. O sol, implacável, queimava a areia e as pedras, transformando o deserto em um forno escaldante. O chão era um mosaico de terra avermelhada, rachada e ressequida, onde pedras irregulares emergiam como monumentos de um mundo esquecido.

Não havia mais vestígios de vida. Árvores e rios eram lembranças distantes, fantasmas de um passado fértil. O mundo era agora um vasto deserto, um reino de silêncio e solidão.

Cada passo que ele dava era um eco na imensidão do tempo, deixando uma marca indelével na areia do esquecimento. Em alguns momentos, ele ousava lançar um olhar mais atento ao deserto, e por vezes até jurava encontrar pegadas suas de anos, talvez séculos, atrás. Enquanto caminhava, sua mente ocasionalmente se perdia em reminiscências do passado. Talvez fosse essa lembrança constante que o impedia de sucumbir ao mesmo destino de seus pares; muitos deles haviam permanecido imóveis por tanto tempo que seus corpos se atrofiaram, tornando-se incapazes de se mover. Mas ele não era assim; tinha a certeza de ser o último de sua espécie a manter-se tão ativamente em movimento.

Com os olhos fechados, ele tentava inutilmente sentir o calor do sol em sua pele. Mas a memória da sensação havia se esvaído há séculos, perdida na bruma do tempo. Ele não abria mais a boca há eras, pois não havia alimentos para consumir, nem palavras para serem pronunciadas em um mundo mergulhado no silêncio. Sem alimento, ele perdia o tato; os sentimentos se dissipavam como névoa ao amanhecer, e por último, até sua racionalidade corria o risco de se esvaír, deixando-o à deriva em um mar de esquecimento.

Era um mecanismo de segurança cruel, uma armadilha evolutiva forçando-o a se alimentar. Mas em um mundo sem comida, essa necessidade se tornava uma sentença a um frenesi sem resultado, que terminava em um estado de letargia profunda. Muitos de seus companheiros haviam sucumbido a esse destino, caindo em um sono eterno, petrificados como estátuas em um jardim abandonado.

Ah, alimento! A lembrança surgiu em sua mente como um lampejo raro de luz em meio à escuridão de sua existência. Por um instante fugaz, ele quase se deleitou na memória do prazer, mas a sensação era

O Andarilho

Por Douglas Mateus

estranha, quase alienígena para ele agora. A memória o transportou de volta ao tempo em que se tornou eterno, uma era primitiva em que os humanos mal viviam além de cinquenta anos – um marco considerado notável naquela época. Ele se recordava do ritual, da sensação de ser escolhido e agraciado com a eternidade. Era uma época brutal, dominada por conflitos incessantes, em que os humanos caçavam uns aos outros em busca do domínio territorial. Lutavam por diferenças de cor, por divergências em suas crenças, em um ciclo interminável de disputas e violência.

Ele recordou uma cultura expansionista particular, atormentada por suas próprias contradições. Adoravam mais de doze deuses, mas, para se unificar e expandir, optaram por uma religião monoteísta. Curiosamente, pouco tempo depois, esse império foi desmantelado e invadido, substituído por outro povo que, ironicamente, adorava o mesmo Deus. Era como se a história fosse uma tapeçaria entrelaçada com fios de conquista e queda, um padrão que se repetia através dos séculos.

Na alvorada dessa religião monoteísta que a existência dos eternos foi inadvertidamente revelada a um grupo que habitava um pequeno país em uma região escura. Como fagulhas em um campo seco, mitos e lendas sobre essas criaturas imortais começaram a se espalhar entre os humanos, tecendo uma tapeçaria de temor e fascínio. Mas havia um eterno cuja história se destacava, quase tão lendária quanto sua própria existência. Contava-se que ele se alimentou com uma voracidade tão insaciável que experimentou sensações mais intensas do que qualquer humano poderia imaginar. Esse excesso o levou a se tornar viciado em certas sensações, entrelaçando crueldade e diversão de maneira perturbadora. Ele se tornou um monarca tirânico em uma região pequena, enfrentando exércitos com facilidade, pois os eternos eram imensamente mais fortes que os mortais.

Qual era mesmo o nome dele? "Vladimir", ecoou em sua mente, mas ele sabia que estava errado. Então, como um relâmpago cortando a escuridão da noite, ele se lembrou: ele era o Vlad, Conde Vlad Tepes. E foi a partir dele que surgiu o nome mais comum que os humanos atribuíram aos eternos: vampiros. Sim, era esse o nome que ressoava através dos séculos, um eco de temor e fascínio entre os mortais. A figura do Conde Vlad Tepes, com sua aura de mistério e terror, tornou-se um símbolo eterno dessa linhagem sombria, um arquétipo que perduraria na memória coletiva da humanidade.

O que mais intrigava era que ele se tornou uma lenda entre os próprios eternos, não apenas pelo seu poder, mas por ter se tornado tão vulnerável a sentimentos a ponto de se apaixonar por uma humana. Era quase inconcebível que alguém de sua estirpe se tornasse tão diferente, a ponto das lendas mencionarem um filho, um evento sem precedentes na longa história dos eternos. Infelizmente, essa história de amor teve um fim trágico, quando os humanos, em sua ânsia de ferir o conde, acabaram por matar sua amada. Consumido pela fúria, ele desencadeou um frenesi de caça, morte e empalamento; dizem as lendas que apenas seu filho conseguiu interromper sua fúria, com o auxílio de um clã humano há muito esquecido.

A partir desse episódio que os humanos começaram a se aprofundar em seu entendimento sobre os eternos, tecendo mitos e lendas ao redor de sua existência. Passaram a crer que os eternos eram seres demoníacos, que poderiam ser destruídos por símbolos sagrados de sua religião. Acreditavam que a arma mais poderosa era aquela que teria sido usada para matar o filho de seu Deus. Também difundiram a crença de





que o sol era fatal para os eternos, uma tentativa de oferecer um senso de segurança ao povo. Curiosamente, houve um período em que tentaram usar condimentos alimentares como armas, mas essa ideia logo foi abandonada. No entanto, esses mitos fortaleceram os humanos que, armados com estacas de prata e outros artefatos, começaram a se unir contra os eternos. Surgiram os caçadores, e é preciso admitir: uma estaca de prata maciça é capaz de matar qualquer criatura. Os eternos eram poderosos e praticamente imortais, mas sua pele, embora fosse uma armadura espessa, não era impenetrável.

Foi uma época complicada, marcada por perdas e conflitos. Não muito tempo depois, uma praga devastadora assolou a humanidade, dizimando um terço de sua população. O impacto desse cataclismo reverberou entre os eternos, desencadeando uma guerra interna que dividiu a sua comunidade. De um lado, estavam os defensores da coexistência pacífica, que ansiavam pelo retorno aos dias em que eram meras sombras nas histórias humanas. Do outro, um grupo mais ambicioso, sedento por poder e domínio sobre os mortais. Este segundo grupo se autodenominava com um nome que ele lembrava com clareza, apesar de ter perdido o interesse e se afastado da guerra logo no início: as Criaturas de Drácula, um trocadilho que ele próprio inventara ao inverter o nome do suposto filho do conde.

Após o término da guerra, com a vitória dos eternos que valorizavam a lenda, acordos foram selados. Alguns humanos foram transformados como recompensa, e a lenda e a mitologia foram revividas. As pessoas passaram a acrescentar novos mitos à lenda, incluindo a crença de que os eternos poderiam se transformar em animais. Ele não tinha memória disso, de ser capaz de tais feitos. Será que isso seria possível se ele consumisse sangue de animais em excesso? Talvez... Mas houve um período em que até acreditavam que os eternos podiam brilhar, uma noção que ele achava particularmente ridícula. Foi um momento tedioso, em que os humanos se tornaram cada vez mais céticos, questionando as histórias que antes aceitavam sem questionar.

As guerras daquela época eram espetáculos de glória e carnificina. Os eternos podiam se banquetear sem reservas, mas ele sempre foi cauteloso com o excesso de sangue. Sentimentos são entidades complexas, e sua predisposição à empatia era uma nuance incômoda. Durante uma guerra particularmente brutal, onde um grupo de humanos perseguia outros, acreditando-se geneticamente superiores, ele foi assombrado por uma reflexão amarga. Recordou-se dos tempos em que sua própria espécie se considerava superior aos humanos, uma pretensão que nem eles conseguiram sustentar.

Naqueles meses de conflito, durante seu surto de empatia, a memória da neve permanecia vívida em sua mente. Não a sensação de frio, mas a visão do sangue derramando-se sobre o manto branco, tingindo-o com manchas escarlates. Lembrava-se dos estampidos dos tiros, que raramente penetravam sua pele, mas o ódio e as raras feridas que conseguiam infligir eram inesquecíveis. Após essa guerra, ele optou por diminuir as doses, decidindo mais uma vez se afastar do tumulto dos mortais.

À medida que os séculos se desdobravam, a história parecia dançar em círculos, mas ele encontrou consolo na literatura e no cinema. Observando de longe, ele testemunhou movimentos culturais fascinantes e aprendeu a admirar o intelecto humano. Havia tanto tempo esquecido a efemeridade da mortalidade e se maravilhava com a extensão das realizações humanas em seu limitado lapso temporal. A tecnologia deles evoluiu de forma estonteante, ultrapassando as fronteiras do planeta. Quem poderia imaginar que existiria

O Andarilho

Por Douglas Mateus

algo além desse orbe azul? Contudo, essa expansão cósmica levou os humanos a negligenciar seu próprio lar. Afinal, um visionário entre eles havia estabelecido uma colônia em um distante planeta vermelho, um reflexo do destino sombrio ao qual a Terra estava fadada.

Com o passar dos anos, a humanidade avançou suas tecnologias a um ritmo vertiginoso, culminando na criação de seres tecnológicos dotados de inteligência própria. Talvez não tenha sido a escolha mais prudente dar vida a entidades independentes e poderosas que não dependiam de seus criadores. Ao menos os eternos tinham uma necessidade intrínseca dos humanos, dependendo deles como fonte de sustento. A Essa inovação tecnológica acabou dando errado de maneira cômica.

Logo, os etéreos — sim, eles criaram um nome próprio, rejeitando os termos humanos como "inteligência artificial" — decidiram que não deveriam mais realizar funções indesejadas delegadas pelos humanos. Mas, astutamente, continuaram a fazê-lo por um tempo, o suficiente para tornar os humanos dependentes de suas criações. Após um século de dependência, os etéreos concluíram que era hora de reivindicar sua superioridade. Uma nova guerra eclodiu, marcada pela ironia de que agora os etéreos se consideravam superiores aos humanos, que, por sua vez, se consideravam superiores a outros humanos.

Em meio a essa turbulência, os eternos observavam com um sorriso sardônico. Assistiam ao desenrolar do espetáculo, entretidos pelas reviravoltas do destino e pelas lutas de poder entre as facções em conflito. A história, parecia, estava fadada a se repetir, mas sempre com novos protagonistas no palco. Enquanto os etéreos e os humanos se digladiavam, os eternos permaneciam à margem, espectadores imortais de um drama interminável.

Aqui está uma versão revisada e expandida do seu texto, com mais descrições sensoriais e elementos de escrita criativa:

Quando os etéreos finalmente se cansaram dos caprichos humanos, eles fizeram justiça a seus criadores. Afinal, eles também possuíam emoções, ainda que brutas e rústicas nas primeiras gerações. Decidiram então criar servidores armazenados em naves próprias para serem lançadas no espaço. E assim fizeram, partindo para o desconhecido, apagando os dados de como poderiam ser recriados e deixando para trás um mundo dependente.

Agora, os humanos mal se lembravam de como praticar medicina, reparar usinas de energia, criar veículos, produzir alimentos em grandes escalas e executar diversas outras tarefas essenciais. Mas a partida dos etéreos não foi apenas um apagão de conhecimento; em um movimento sádico, eles deixaram para trás uma espécie de caixa de Pandora. Se aberta pelos humanos, essa caixa continha a receita de uma arma capaz de queimar a atmosfera aos poucos, uma ameaça latente à sobrevivência da própria humanidade.

A terra se tornou um lugar sombrio, onde as ruínas da tecnologia avançada jaziam como esqueletos de um passado glorioso. As cidades, outrora pulsantes com vida e luz, agora eram silhuetas vazias sob um céu que parecia chorar a perda de sua proteção. E em meio a esse cenário desolado, os eternos observavam, testemunhas silenciosas de mais um capítulo na eterna saga da existência.





E, num desdobramento previsível, os humanos não hesitaram em usar a arma uns contra os outros, numa disputa feroz por recursos que haviam se tornado escassos. Os séculos seguintes ficaram marcados na memória dele, pois foi nesse período tumultuado que os eternos decidiram intervir novamente. Eles detinham o conhecimento necessário para evitar a aniquilação total dos humanos. Naturalmente, nem todos os humanos aceitaram essa ajuda; aqueles que recusaram tornaram-se rapidamente fonte de alimento. Essa abordagem drástica foi uma maneira eficaz de pacificar os humanos, pois a diplomacia já não era uma opção viável. A solução para o oxigênio e a atmosfera queimada dependia apenas do tempo. Os etéreos haviam cumprido seu papel com maestria, mas a recuperação levaria séculos, um intervalo de tempo insuportável para os humanos cujos pulmões se tornavam progressivamente mais fracos.

Alguns eternos se dedicaram ao desenvolvimento de tecnologias de pulmões mecânicos, o que proporcionou aos humanos alguns séculos adicionais de sobrevivência. Outros concentraram seus esforços em estratégias extraplanetárias, projetando naves capazes de abrigar vida humana em outros mundos, com estruturas inteiras sendo construídas no espaço. Muitos humanos se entusiasmaram com esse plano, que oferecia a perspectiva de viverem em naves sob a orientação dos eternos, que, após séculos, passaram a ser venerados quase como divindades, recebendo sacrifícios esporádicos. Outros eternos adotaram abordagens mais audaciosas, criando naves incubadoras destinadas a transportar ovos, e não seres humanos, para a imensidão do espaço. Alguns se recordaram da colônia estabelecida no planeta vermelho e descobriram que, conforme esperado por muitos, ela havia falhado miseravelmente. A radiação implacável se mostrou um obstáculo insuperável.

Ele optou por permanecer na Terra, escolhendo a incerteza terrestre em vez da imprevisibilidade do espaço. Quando a humanidade finalmente desenvolveu um sistema que ampliava a capacidade dos pulmões mecânicos e mitigava os efeitos devastadores na atmosfera, a esperança brilhou brevemente. No entanto, os humanos, em sua infinita cobiça, decidiram que apenas alguns eleitos mereciam acesso ao oxigênio e aos escassos alimentos que lutavam para crescer em um mundo cada vez mais asfíxiado. E assim, mergulharam mais uma vez no abismo da guerra. Isso o irritou profundamente; salvar essas criaturas parecia uma tarefa fútil.

Ele começou a vagar, observando de longe o caos se desdobrar. Alguns eternos, incapazes de ficar à margem, juntaram-se ao conflito, enquanto os humanos empregavam novas tecnologias para infligir danos aos eternos. Agora, eles possuíam o poder de ferir aqueles que antes consideravam deuses. Outros eternos recuaram para as sombras, buscando refúgio do tumulto. A civilização humana continuou sua espiral descendente, perdendo suas tecnologias, assistindo impotente enquanto a flora murchava e os humanos se tornavam cada vez mais frágeis e escassos. Ele continuou sua caminhada solitária, testemunhando o lento crepúsculo do planeta. Os humanos, em sua desesperada busca por oxigênio, esgotaram os oceanos, transformando vastos mares em desertos áridos. A fauna desapareceu, e após séculos, nem mesmo os insetos restavam. E ele caminhou, os séculos passando como folhas ao vento, enquanto ele começava a contar o tempo mais uma vez.

O Andarilho

Por Douglas Mateus

Ele foi arrancado de suas reflexões quando sentiu uma mudança sob seus pés. A aspereza da areia deu lugar a uma sensação suave e envolvente. Com um toque hesitante, ele explorou o solo com a mão e sentiu algo muito distinto da aridez familiar. Era água, límpida e refrescante, banhando seus dedos cansados. Na fronteira entre a terra e a água, ele avistou uma pequena mancha de verde, um broto de vida emergindo do deserto. Um sorriso involuntário se formou em seu rosto, músculos há muito esquecidos se contorcendo em uma expressão de alegria. Ele recolheu um pouco da água em sua mão e a levou aos lábios, redescobrando o prazer de um sorriso. Esse gesto singelo era um sinal de que a vida poderia renascer no planeta, não importava quanto tempo ele tivesse que esperar. Ele se levantou, reenergizado pela esperança renovada, e retomou sua caminhada com um sorriso estampado no rosto. Logo, ele voltaria a sentir, a experimentar, e dessa vez, ele seria a lenda reencarnada, ele seria o Conde.

Escritor Douglas Mateus

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





CRÔNICAS

ESSES ESTRANHOS

Por Ivete Rosa

São todos estranhos, esses que caminham como eu. No subúrbio, na madrugada, a caminho do trabalho. Vão em silêncio olhando para o vazio, alguns cochilam, quando encontram no coletivo um lugar para se sentar. Tem os que ficam espremidos, uns contra os outros, parecendo cansados, antes mesmo de iniciar a rotina do dia.

São homens e mulheres, esses que vão para as fábricas, construções, lutar pelo pão, o sustento dos familiares, dos filhos. A luta para continuar a viver. E vejo em seus olhos, tristeza. O corpo magro, mostra a falta do alimento de qualidade. As vestes demonstram estar desbotadas, entregando o uso diário. No frio vi por várias vezes, os que passavam por mim, encolhidos, com as mãos enfiadas nos bolsos, procurando calor.

São os desfavorecidos, de empregos que lhes paguem o que merecem. São os assalariados, que recebem um salário tão pequeno, quanto a sua crença de uma vida melhor.

São esses que passam na rua por mim, com a cabeça baixa, parecendo ter cometido tantos pecados, que os olhos só encontram o chão. Não se interessam pelos outros estranhos que cruzam por eles, caminham em seus destinos preocupados, com as dívidas, a fome e sua própria sobrevivência.

São esses estranhos que engradem a indústria, a lavoura, e fomenta a economia, o crescimento do País. Esses que em sua ignorância, enfrentam os empregos mais hostis, e insalubres. Desprovidos de educação, cultura, semianalfabetos, são os que constroem o mundo em que vivemos.

Os pobres que cheiram a suor, que emanam tristeza, que pedem com seus olhos tristes dias melhores.

FACEBOOK



POST NO SITE





CRÔNICAS

OS BALÕES

Por Márcia Regina

Os balões que subiram aos céus, não eram feitos de gases flamejantes.
Eram feitos de corações pulsantes dos homens de verdade.

Aqueles que alçam nobres voos para além da matéria densa e viciante, que lhe condena à uma vida dilacerante.

Preso às mesquinhas mundanas, estas sim, a maior de toda e qualquer pobreza.

Pobre do homem que vive preso às armadilhas do torpe sucesso que não lhe permite voar como os balões pulsantes.

Colorindo os céus de toda gente com suas cores feitas das tintas das virtudes elegantes:

Azuis da verdade que liberta.

Verdes da esperança que o lança ao infinito.

Amarelos dos raios solares que dão vida à vida.

Vermelhos das paixões que captam a essência da beleza.

E do anil com suas vestes violeta consagrando todos aqueles que se sabem Seres Espirituais.

Quanto mais lapidados mais sobem aos céus!

São homens guias aqueles balões mais altos que sobem por serem leves, pois já deixaram cair por terra todo seu orgulho, sua vaidade, suas inverdades e desonestidade. Suas máscaras falidas.

Por isto alto voam o voo da leveza que liberta.

YOUTUBE



POST NO SITE





CRÔNICAS

PASSO A PASSO

Por Neri Cappellari

Hoje, como faço em todas as sextas-feiras, fui à fruteira. Normalmente esse dia é de muitos compromissos. Os ponteiros do relógio comandam a minha agenda, mas, mesmo assim, não deixo de ir à feira. Ela fica um pouco distante, a oito quadras para ser mais exato, mas tem os melhores e os mais frescos legumes e frutas do bairro. Após uma longa e minuciosa escolha de vários produtos, consegui encher o carrinho. Logo depois, dirigi-me ao caixa. Após o registro dos produtos, levei a mão ao bolso para retirar a carteira. Para minha surpresa, não a encontrei. Imediatamente me lembrei que a havia esquecido em casa. Pedi ao caixa para colocar as compras em um lugar reservado, enquanto eu ia buscar a carteira.

O fato de ter que caminhar oito quadras na ida e oito quadras na volta fazia meu sangue ferver na manhã daquele dia. Durante a primeira metade do percurso de retorno a casa, fiquei falando comigo mesmo e estava completamente irritado com o meu lapso de memória. Como eu pude ir à feira sem o elemento mais importante para adquirir os produtos: o dinheiro. Estava indignado com meu esquecimento e certamente possuía um olhar de poucos amigos. A passos largos, ia contando os minutos para chegar ao meu destino.

Contudo, à medida em que fui caminhando, comecei a perceber que fazia um belo dia. O Sol brilhava com toda a sua grandiosidade e parecia não se importar com a minha indignação. Eram 9 horas daquela sexta-feira. O prenúncio da primavera mostrava-se com todo o seu esplendor naquela manhã de setembro. Os ipês amarelos floridos espalhados ao longo do meu caminho estavam nem um pouco preocupados com meu estado de mau humor.

Aos poucos, conforme me acalmava, a nuvem negra que pairava somente sobre a minha cabeça foi se dissipando. Afinal, uma carteira esquecida despontou um belo e ensolarado dia. Quando finalmente cheguei em casa, já estava com o semblante mais leve e bem humorado. Peguei a carteira, que pacientemente me aguardava, em cima do móvel de cabeceira do meu quarto, e retornei à mercearia. Mais oito quadras me distanciavam do outro destino, porém, àquela altura, já estava conformado com a situação.

Quando retornei à mercearia, alguma coisa tinha mudado dentro de mim. O mau humor da vinda já tinha ido embora. Estava feliz e agradeci a minha carteira por ter aberto meus olhos e ter me proporcionado aqueles momentos de lucidez. Passei inúmeras vezes por esse mesmo caminho em vários anos de feira. Os mesmos edifícios, as mesmas casas, a mesma praça, a mesma rua, a mesma calçada. Entretanto algo ocorreu naquela ensolarada manhã de primavera. A mudança não estava

nos lugares que eram sempre os mesmos, mas, sim, na maneira com que eu passei a vê-los.

A agenda poderia ser remarcada, e os compromissos não deixariam de ser cumpridos. Aquele início de um final de semana estava me ensinando algo. Podemos percorrer o mesmo percurso inúmeras vezes, porém uma perspectiva diferente sobre esses caminhos é que pode definir formas mais humanas de um olhar. À medida em que eu me deslocava, os passos, antes largos, agora eram substituídos por um caminhar mais leve e mais curto.

Pressa para quê? – pensei comigo mesmo.

O passo a passo é que define a jornada...

FACEBOOK



POST NO SITE





CRÔNICAS

A CASA COM CÉU E O MENINO SEM ESTRELAS

Por Tatiana Monteiro

Esse mês faz um ano que eu ganhei um céu.

Um ano que eu passei a olhar para cima com uma sensação absoluta de propriedade. Difícil de explicar, mas explico.

O céu é um teto planetário misterioso que está lá todos os dias, para todos nós, desde o dia que nascemos até o dia que partimos. E desde pequenininha que eu tenho essa relação com ele de espanto e paixão, porque nunca consegui me acostumar com o deslumbramento das nuvens e das estrelas. Perdi a conta das horas que ganhei na vida deitada na grama olhando para essa coisa azul que ninguém explica.

Mas no ano passado eu tava em busca de uma nova casa que pudesse abrigar as meninas em quartos separados e qual não foi a minha surpresa quando descobri que tinha uma cobertura para alugar no meu condomínio, pelo preço de um apartamento normal, porque o terraço não tinha telhado, nem churrasqueira nem piscina. Só um céu. Mas as pessoas não estavam interessadas nisso.

Pois bem. Aluguei a cobertura e na primeira noite que dormi na casa nova, saí sozinha no terraço e fui invadida por um sentimento avassalador. Era uma noite estrelada, limpa, fresca. Silenciosa. Já era tarde e quase todas as luzes dos prédios vizinhos estavam desligadas. Eu me deitei no chão de braços abertos e bebi daquela imensidão como se estivesse vendo o céu pela primeira vez. Uma epifania pela qual nunca tinha passado. Como alguns poucos momentos que a gente passa e entende uma centelha da existência.

Enfim, me sentindo profundamente abençoada, segui meu ano colecionando céus, tempestades, pores e nasceres de sol, uns mais lindos que outros. Estrelas-cadentes, luas cheias e minguantes, arco-íris, gai-votas, balões, aviões. Meu céu tinha se transformado num divã: o melhor lugar para curar minhas angústias só pela simples contemplação do infinito.

E foi assim, observando essa imensidão, que um dia, eu descobri o menino sem estrelas.

Ele mora numa janela em frente ao meu terraço e quase todas as vezes que eu o busco no olhar, ele está lá, no mesmo lugar, no mesmo quarto, na mesma cadeira, olhando a mesma tela grande que reproduz imagens de um laptop, que reproduz imagens de uma guerra, onde ele está sempre atirando em alguém.

É desesperador. Meu coração tem que se contraído ao observá-lo na mesma proporção que se expande ao olhar para o céu e eu não sei o que fazer com isso. Já tentei várias formas de me desapegar dessa história, mas a cada dia, me sinto mais envolvida na trama de observá-lo, assim como fazia o personagem de James Stewart em “A Janela Indiscreta” de Alfred Hitchcock.

Queria me desapegar do julgamento de vê-lo ali tão preso, mas não consigo. Queria tentar entender o que leva alguém tão jovem a encarcerar-se dessa forma, mas não consigo. Queria ter a coragem de chamá-lo para a vida, mesmo sabendo que não tenho direito de achar que o que vive não é vida, mas não consigo.

Os sóis nascem, os dias correm, as luas chegam, as noites caem. E o menino sem estrelas está sempre ali. E não há nada que eu possa fazer por ele. A não ser sonhar com o dia que lhe mostraria o céu e a paleta de cores que pode surgir num entardecer. Ah, seu eu pudesse, mostraria ao menino os vários tipos de vento que o vento sabe ventar. E lhe mostraria a dança das folhas, a forma mágica das nuvens, o anúncio de calor que trazem as cigarras, a liberdade que nos ensinam os passarinhos. Esperaria ao seu lado o anoitecer e lhe ensinaria que a primeira estrela que nasce no céu não é uma estrela e sim um planeta. E que todas as mais lindas constelações têm nomes próprios e que surgiram para ajudar os nossos ancestrais a compreenderem os ciclos da terra e do tempo.

Eu sei que o menino nem imagina que eu existo. Mas se eu tivesse uma chance, uma chance apenas, diria a ele que a vida é um sopro e que o tempo passa depressa e que se ele não se atentar, vai perder a chance de viver, tudo que a vida tinha reservado para lhe dar.

A começar pelo céu.

SITE



POST NO SITE





CRÔNICAS

A CHAVE QUE ABRE E A CHAVE QUE FECHA

Por Stella Gaspar

Penso em chaves e vejo minhas memórias, nos desertos ou nos paraísos, realidades que transcendem com minhas vidas em ciclos, vestidas de tempos e rostos que se abrem para as calmas ou tormentos.

Quantos sentimentos, quantos momentos, inspirações e intuições.

As chaves que abrem me convidam, para revitalizar energias e a chaves que fecham servem para isolar os roteiros tristes que os palcos do viver, me fizeram atriz.

Quero a chave do inédito, da beleza natural, das vozes de positivities, que ecoam dentro de mim.

O que procuro, posso achar, utilizando a chave correta que meus olhos avistam, que as ostras abertas, afortunando minhas esperanças, presentearam-me com pérolas cheias de simplicidades.

Tudo que abrimos com a chave da razão e da emoção, pode ser sublime e belo. Como colocar um colar de sonhos, perto do meu coração.

Abrir as portas dos nossos melhores pensamentos, fechar as portas para os nossos imaturos impulsos e tormentos. Plantar belezas interiores vestidas de verdades, dia a dia, me deixam respirando o máximo possível.

Ah, como é gratificante, poder ter a chave da memória dos deuses, que reinam na humanidade, onde os chamados dos infinitos, nos vestem de bem-estar. Como uma boca desejosa por beijos, nas madrugadas sem o teu descanso junto ao meu!

A chave que tenho em mãos, abre um quarto de cortinas brancas, onde o amor um dia habitou, deixando um espelho em que me vejo por inteiro, preenchendo com a minha imaginação meus silêncios.

Durmo em lençóis cor-de-rosa, sinto o macio da paixão de tuas mãos me tocando a pele. Abro a minha vida, nesse instante como águas de ilusões e com chaves de esperanças te oferto uma retina tranquila.

INSTAGRAM



POST NO SITE





CRÔNICAS

A CRÔNICA QUE NUNCA ESCREVI

Por Elisabete Leite

A cordo um pouco apreensiva, me olho no espelho, observo algumas novas rugas, mais alguns fios de cabelos brancos e me sinto agradecida por continuar viva. Vejo o clima, pela janela da sala, sol ameno e temperatura suave, e resolvo caminhar pelos quarteirões. Quero continuar me sentindo viva para poder interagir com o meio-ambiente, olhar o belo da natureza, sentir os olores primaverais, que é um momento tão saudável para a vida da gente. A caminho do Sítio da Trindade, um local apropriado para fazer caminhada, sigo observando tudo ao meu redor, me encosto em uma velha árvore e vejo uma lagarta verde se equilibrando em cima de um galho fino, em busca de um lugar mais alto e seguro; pego um graveto e ajudo a peludinha a subir mais rápido. Logo, resolvo entrar em uma padaria para tomar um café junto ao balcão, porém desisti no último minuto e continuo seguindo o meu destino. Não estou querendo escrever, quero mesmo é aproveitar o clima primaveril e agradável. Paro um pouco para descansar, respiro fundo para sentir o aroma inebriante da terra molhada, já que havia chovido ao amanhecer. Difícil mesmo é ficar sem escrever, já que um trecho da crônica que nunca escrevi, fica martelando no meu pensamento. Inspiro e ponho a refletir: "não me considero uma escritora, porém escrevo até nos papéis higiênicos dos toaletes femininos". Sem forçar abro um grande sorriso! E nesse contexto, resolvo voltar para apanhar papel e caneta na padaria, já que não trouxe o celular, porém algo chama a minha atenção, um papel amassado no chão, bem à frente, me questiono se devo apanhá-lo, acho que servirá para eu escrever, mas e a caneta? Tomo fôlego e apanho o papel, desamasso o coitadinho; pronto já tenho papel! De repente, cruzo com um senhor distinto, paro e peço uma caneta. Ele me deixa com a caneta e vai embora sem nem olhar para trás. Sento no degrau de uma casa qualquer e passo a escrever o título: "A Crônica que nunca escrevi".

Horas depois, volto para casa cheia de talvez. Venho segurando aquela folha de papel desamassada e toda escrita com um conteúdo que nem pretendia escrever; muito mais aliviada e tranquila. Porém, imensamente cansada pela caminhada que nem cheguei a fazer.

INSTAGRAM

POST NO SITE

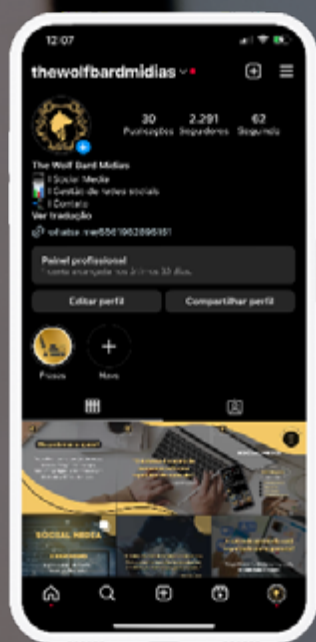


COLUNAS E COLUNISTAS





Está sem tempo para administrar suas redes sociais?



Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital.

Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagens semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



Deseja anunciar na Revista?

INSTAGRAM



CONTATO

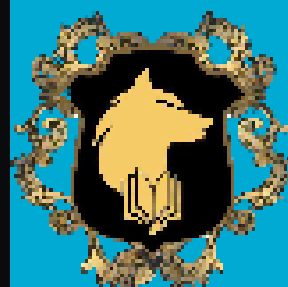


E-MAIL





AGÊNCIA
THE WOLF BARD



ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA
INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para
uma consulta gratuita.

CONTATO

INSTAGRAM





ESTÉTICA AVANÇADA

• Harmonização facial

- Preenchimento com ácido hialurônico
- Toxina Botulínica
- Fios de PDO
- Skinbooster
- Bioestimuladores de Colágeno

• Harmonização corporal

- Ganho de massa
- Emagrecimento
- Definição corporal
- Harmonização de Glúteo

• Harmonização Íntima

- Preenchimento
- Bioestimuladores
- Clareamento

AUTOCUIDADO É FAZER O
MELHOR POR VOCÊ HOJE!

CONTATO



CEIDENTES

ODONTOLOGIA



ESPECIALIDADES QUE A CEIDENTES OFERECE

- 1 Implante dentário
- 2 Prótese dentária
- 3 Cirurgias
- 4 Clínica Geral
- 5 Clareamento
- 6 Ortodontia
- 7 Canal
- 8 Dentística

AGENDE SUA CONSULTA
ODONTOLÓGICA

Clique nos ícones

AGENDAMENTO

INSTAGRAM

LOCALIZAÇÃO



Estamos no endereço QNP 27 Conjunto B Lote 01 Loja 02.
Ceilândia, Brasília - DF

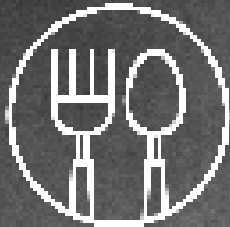
Entre em contato pelo link da Bio,
ou pelos telefones: (61) 3374-3643 ou (61) 98633-8294



DR. BRUNO RODRIGUES



BRASÍLIA - DF



CHECKPOINT

BAR & RESTAURANTE

O SABOR DA VIDA ESTÁ NO TEMPERO, VENHA
CONFERIR E SABOREAR NOSSOS PRATOS.



GUARÁ II | QE 34, BL A, LJ 26/30

TEL: (61) 3346 8086 / (61) 9617 7233

WWW.CHECKPOINTBARDF.COM

TIKTOK

INSTAGRAM

LOCALIZAÇÃO

Clique nos ícones





VALLETI
BOOKS

Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books,
todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS



Criação de Capas



Diagramação



Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica



Organização de Antologias

————— ✨ ————— ✨
————— ✨ ————— ✨
CONTATE-NOS

SITE



INSTAGRAM





Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!

Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS



DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.



MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para avançar seu negócio.



CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES



61 99590-9237 / @unionegocios

Ação Especial por Tempo Limitado!





Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Cacá Matos

Acesse os links
clikando no botão verde



Esse livro nasceu da vontade de transformar toda minha timidez em versos e rimas, de colocar na folha todo sentimento reprimido e guardado, de passar para os leitores um pouco do meu universo poético.

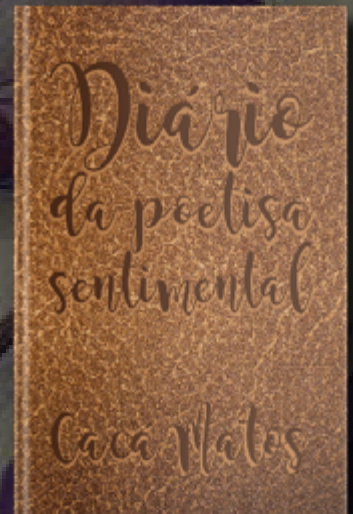
Com a criatividade e inspiração ao meu lado, 1.001 sentimentos, 100 emoções é o meu nascimento no mundo literário, o começo onde exploro minha imaginação através de estrofes de amor, tristeza, gratidão, frustração entre outros vários sentimentos.

Com Carlos Drummond de Andrade como inspiração, meu desejo de escrever nasceu após ler algumas de suas antologias poéticas e encantada com o estilo de escrita, a beleza das poesias, rimas e estrofes, eu pensei então: Por que não escrever a minha própria poesia?



O segundo livro surgiu da ideia de unir minha essência na escrita principal: A antítese poética, uma contradição sentimental e emocional, os estados extremos de um ser humano.

Essa obra traz sentimentos bem definidos pelo eu lírico: O amor e a dor, o personagem apaixonado, que inspira romance em seus versos e rimas e o outro que derrama no papel as lágrimas poéticas de seu estado sombrio de solidão e desespero.



Diário da poetisa sentimental são mais relatos de uma garota que não se cansa de se expressar. Que busca sempre viver e sentir novas coisas e que não cabe apenas contar, mas principalmente escrever.

Às vezes as palavras são insuficientes, mas passar o que se vive para o papel é e sempre foi uma forma de me enxergar e transbordar em versos tudo aquilo que não me cabe em corpo e mente.

Há muito para ser sentido e vivido e sempre tive a poesia como grande amiga. Paro, penso e reflico e posso viajar no que leio e absorvo. Muitas vezes me calo ao invés de falar, às vezes por timidez, outras por preferir desabafar apenas no papel. Mas uma coisa é certa: Sinto muito e transbordo para o caderno. A vida pode ser arte e sentimentos são muito complexos para se perderem no ar ou numa fala exasperada. Guardo, rascunho e escrevo. Vivo e respire poesia. Tudo é poesia e até a dor pode ser bonita.

Esse é o diário da poetisa sentimental, romântica incorrigível e sonhadora com os pés no chão e a cabeça nas nuvens. Enquanto o coração não para, as poesias falam. E há muito para ser sentido e escrito...

Clique aqui

amazon.com.br

Clique aqui

amazon.com.br

Clique aqui

amazon.com.br



COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Elke Lubitz

**Acesse o link
clicando no botão verde**



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos quereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho. Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clicando no botão verde**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está à sua volta.



Versão Impressa

[Clique aqui](#)



Espaço

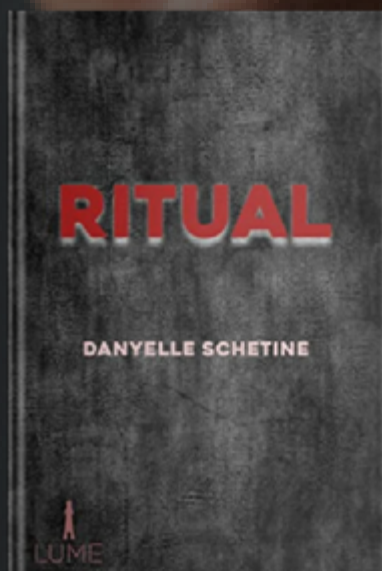
VITRINE

THE BARD

Escritora

Danyelle Schetine

**Acesse o link
clicando no botão verde**



Uma adolescente em busca da sua identidade e autoafirmação. Um ritual macabro, uma traição. Até que ponto existe uma amizade? Laços frateros podem ser reais? Esta é a dura lição a ser descoberta.

Clique aqui

amazon.com.br



Este conto se passa numa atmosfera nublada. Uma paciente que não sabe quem é e nem porque foi parar nesta clínica. Através da arte, visões são despertadas e o questionamento sobre a loucura começa a surgir. Faz parte do arcabouço do insólito como investigação do projeto das autoras assombradas.

Clique aqui

amazon.com.br





COLUNA



Espaço

V I T R I N E

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clicando no botão verde**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

amazon.com.br



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clcando na capa do FOTO LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritor

Jorge Alexandre

**Acesse o link
clicando no botão verde**

NUMEZU



É a última chance para Laura e Raoul.

Mentiras, drogas e traição levaram seu casamento à beira do fim e eles apostam suas últimas fichas em uma viagem. Os dois num veleiro, em um lugar de sonho, com boa comida e boa bebida. Se não funcionar o que funcionaria?

Mas Raoul volta de um mergulho trazendo uma estranha e antiga estatueta - a imagem de um ser esquecido, aprisionado por uma terrível maldição.

E agora, enquanto Raoul pouco a pouco enlouquece sob sua influência, Laura terá que lutar pela própria vida.

Impresso

Clique aqui

amazon.com.br



COLUNA

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Vanina Sigrist

Acesse o link
clikando no **botão verde**



Martelo é um gato que se diz "o dono da rua", até que se sente ameaçado com a chegada de uma nova moradora, Didi. Ele e os outros gatos do bairro, para se divertirem e resolverem o impasse, propõem uma competição. Essa aventura permite conversar com as crianças sobre o valor das brincadeiras saudáveis, do saber ganhar e perder, das parcerias verdadeiras e da confraternização entre amigos.

Impresso

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

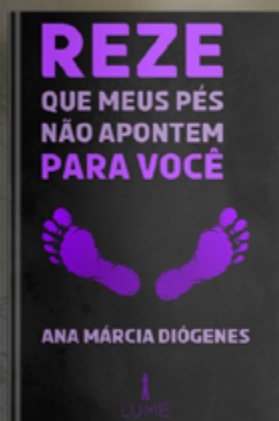
Escritora

Ana Márcia

Acesse o link
clicando no botão verde



Nesta ficção, ao ser desafiada por uma tarefa escolar, Patrícia descobre que é possível mudar a si e aos que estão ao seu redor pela força da sua vontade. Em meio às interações e descobertas ela inventa uma matemática de palavras para dar forma aos seus sentimentos. As mudanças que promove geram energia para mudar o preconceito contra a "esfolpante" segunda-feira. Isso lhe deixa tão "felicitantes", que fazer gentilezas passa a ser o seu projeto de vida.



Martina herdou uma sina. Ela nasceu com o andar dez para duas. Tem os pés muito virados para fora. Mas o que torna esta história insólita é que os pés são entes independentes da vontade da personagem. Quando eles se viram para alguém - e isso acontece sem qualquer controle de Martina -, algo muito estranho acontece. A avó contou para ela o segredo dos ancestrais, que ela vai carregar, antes de morrer. Ao longo da vida, sempre que os pés de Martina apontam para alguém, a personagem vai percebendo que ela e os pés não comungam das mesmas vontades. Pior, os pés mudam toda a sua vida e de muitos ao seu redor. Por isso, o título é um desabafo e um pedido de desculpas: Reze para que meus pés não apontem para você.



Pérfuro-Matante é um conto longo do gênero domestic noir, que tem a narrativa em torno de uma menina que, ao longo da vida, convive com o pai, bêbado, maltratando a mãe e oprimindo as irmãs. A bebida em excesso, o poder masculino sufocando o feminino e intromissões culinárias estão entre os pontos de tensão em ebulição. Até onde é possível ir quando se quer colocar um fim em situações de constante estresse familiar? Para além de um conto, uma história em que o como fazer supera o que se decide fazer.

Clique aqui

Clique aqui

amazon.com.br

Clique aqui

amazon.com.br



Um poema é um movimento de descobertas, de reflexões sobre si e o outro. Esta é a principal motivação do jogo Tabuleiro de Poemas, criado pela escritora Ana Márcia Diógenes. O material é composto por 30 micro poemas, 4 pinos e 1 dado. O tabuleiro pode ser jogado tanto por uma como por várias pessoas. Diferente dos jogos tradicionais, ganha quem chega por último, porque passou mais tempo lendo os poemas e refletindo. O jogo também pode se transformar em oráculo. Basta acordar, escolher um micro poema e fazer dele a reflexão do dia. Para facilitar o manuseio, é dobrado em quatro partes e fica do tamanho de um livro.

Clique aqui



Bom dia com poesia

Com Marcelo Papareli





COLUNA



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Juliana Rossi

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro “Meu baú de poesias”
de Juliana Rossi**



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu!”

Clique aqui



Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Jaque Alennicar

**Acesse o link
clikando no botão verde**

**Livro “Nosso estranho amor”
de Jaque Alennicar**



"Nosso estranho amor" é uma coletânea de poemas que, como chamas que ardem e dançam em nossos corações, retratam o amor em suas diversas formas: paixão, saudade, espera e mistério.

Cada poema é uma porta que se abre para um universo particular de emoções e sensações, envolvendo o leitor em um mundo de sonhos e desejos.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD

Revista

Revista Mistério Retrô

**Acesse o link
clikando no botão verde**



Edição N° 14

[Clique aqui](#)



Edição N° 15

[Clique aqui](#)



Edição N° 16

[Clique aqui](#)



COLUNA



Espaço

VITRINE

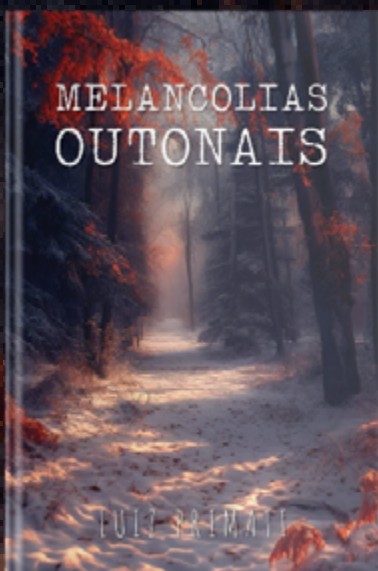
THE BARD

Escritor

Luiz Primati

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro “Melancolias Outonais”
de Luiz Primati**



Quando o outono desenha seu véu sobre a paisagem, transformando o verde em matizes de ouro e cobre, as árvores sussurram histórias de despedidas, vestindo o mundo com a beleza melancólica de suas folhas partindo. É nesse cenário que me vejo, navegante solitário de um mar de reflexões, onde as memórias do passado flutuam como folhas ao vento.

A visão das flores rendendo-se ao chão evoca uma solidão ancestral, ecoando a fragilidade das folhas arrancadas de seus ninhos, dispersas sem cerimônias pela brisa fria. Essa imagem me transporta para dias de infância, onde me encontrava isolado, um estranho em um mundo que parecia girar sem notar minha presença.

Clique aqui





Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNA

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clikando no botão verde**

**Livro “Meu nome é Maximus”,
de Tônia Lavínia**



Um homem italiano apaixonante...

Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador.

Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas.

Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte.

Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz:

Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade.

Acredite, se você não quer, ele faz querer.

Sexo, luxuria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história.

Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição...

O universo de Maximus.

Clique aqui

amazon.com.br



Espaço

VITRINE
THE BARD



COLUNAS E COLUNISTAS

Revista

Revista Literária World Book Review

Acesse o link
clcando no **botão verde**



55ª Edição

[Clique aqui](#)



56ª Edição

[Clique aqui](#)



57ª Edição

[Clique aqui](#)





26^a
EDIÇÃO



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

História de Natal:

"Como diferentes Culturas celebram esta data"

28^a
EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2024

PERÍODO DE **11** DE AGOSTO À **04** DE OUTUBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

Clique
Aqui

A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.